H.G WELLS

# O ALIMENTO DOS DEUSES

LiteraMundo

# LIVRO UM

# A AURORA DO ALIMENTO

## A DESCOBERTA DO ALIMENTO

Em meados do século dezenove, tornou-se abundante, pela pri- meira vez nesta nossa terra, uma classe de homens, em sua maioria já tendendo para a velhice, conhecidos como "cientistas", embora eles detestem extremamente essa classificação. Detestam t anto a palavra que ela foi cuidadosamente excluída das colunas de Natureza, publicação particular e representativa da classe desde o início, como se fosse... aquela outra pa lavra que serve de base a toda linguagem realmente indecente deste país. Mas o grande público e a imprensa sabem o que fazem, e "cientistas" ficou, e quando eles recebem qualquer tipo de publicidade, o mínimo que os chamamos é de "distintos cientistas", "eminentes cientistas" e "conhecidos cientistas". Sem dúvida, tanto o Sr. Bensington quanto o Professor Redwood já eram bastante me recedores de quaisquer dessas classificações antes de chegarem à maravilhosa descoberta de que trata esta história. O Sr. Bensington era membro da Real Sociedade e ex-p residente da Sociedade de Química, e o Professor Redwood ensinava Fisiologia na Faculdade de Bond Street da Universidade de Londres e já fora rudemente atacado, repetidas vezes, pelos antivivisseccionistas. Ambos viviam uma vida de distinção acadêmica desde a juventude. Eram, decerto, pessoas de aparência nada imponente, como de fato o são todos os verdadeiros cientistas. Há mais imponência pessoal no ator de maneiras mais contidas do

que em toda a Real Sociedade. O Sr. Bensington, baixo e muitíssimo calvo, andava ligeiramente encurvado; usava óculos de aros de ouro e botas de feltro cheias de furos, devido aos seus numerosos calos, e o Professor Redwood tinha uma aparência absolutamente comum. Até descobrirem o Alimento dos Deuses (como devo insistir em chamá-lo), levavam vidas de tão eminente e estudiosa obscuridade que é difícil encontrar alguma cois a para contar aos leitores. O Sr. Bensington ganhara su as esporas (se se pode empregar tal expressão para um cavalheiro que usava botas de feltro esburacadas) pelas es plêndidas

pesquisas sobre os Alcalóides Mais Tóxicos, e o Professor Redwood ascendera à eminência... não me lembro exatamente como ascendera à eminência. Só sei que era muito emi nente, só isso. Mas imagino que se tratava de um volumoso trabalho sobre Tempos de Reação, com numerosas lâminas de gráficos esfigmográficos (submeto-me a co rrecões) e uma admirável ter- minologia nova que fez o trabalho por ele. O público em geral pouco ou nada via de qualquer desses dois cavalheiros. Às vezes, em lugares como o Real Instituto e a Sociedade das Artes, via-se algo do Sr. Bensignton, ou pelo menos de sua rosada calvície e uma ponta do colarinho e do casaco, e ouviam-se fragmentos de uma conferência ou relatório que ele imaginava ler audivelmente; e lembro-me de uma vez — um meio-dia no irrecuperável passado — quando a Associação Britânica estava em Dover, em que fui à seção C. ou D., ou qualquer outra letra, que instalara sua s ede num bar, e acompanhei por mera curiosidade duas s enhoras de aparência muito séria e com embrulhos, que entraram por uma porta marcada "Bilhar" e "Sinuca" para uma chocante escuridão, quebrada apenas pelo círculo de uma lanterna mágica com os gráficos de Redwood.

Eu via as transparências da lanterna irem e virem, e ouvia uma voz (esqueci o que dizia), que julgo fosse a do Professor Redwood, o chiado da lanterna e outro som, que me

mantiveram ali, ainda por pura curiosidade, até que as luzes se acenderam inesperadamente. E então percebi que o tal som era o mastigar de pãezinhos,, sanduíches e outras coisas que os Associados Britânicos reunidos ti nham ido comer ali, ocultos pela escuridão da lanterna mágica. E Redwood, lembro-me, continuou falando depois que as luzes se acenderam, e indicando o lugar onde seu diagrama devia estar visível na tela — e lá estava mesmo, assim que se restaurou a escuridão. Lembro- me dele como do homem moreno mais comum, parecendo ligeiramente nervoso, com um ar de quem está preocupado com outra coisa e fazendo aquilo naquele momento apenas por um inexplicável senso de dever.

Também ouvi Bensington certa vez — nos velhos tempos — numa conferência educacional em Bloomsbury. Como os químicos e botânicos mais eminentes, era muito autoritário em relação ao ensino — embora eu

ache que ele perderia o juízo, de medo, diante de uma classe de internato comum, em meia hora — e até onde posso me lembrar hoje, propu nha um aperfeiçoamento do método heurístico do Professor Armstrong, pelo qual, ao custo de trezentas ou quatrocentas libras de aparelhos, total abandono de outros estudos e atenção integral de um professor de talento excepcional, uma criança média poderia, co m uma forçada e completa dedicação, aprender em dez ou doze anos quase tanta química quanto se pode aprender num desses duvidosos livrinhos didáticos de alguns xelins, tão comuns na época... Pessoas bastante comuns, como vêem, os dois, fora de suas ciências. Ou, quando muito, do lado imprático do comum. E vocês descobrirão que assim são os "cientistas", como classe, em todo o mundo. O que é grande neles constitui uma dor de cabeça para seus colegas cientistas e um mistério para o grande público; e o que não é, é evidente. Não há dúvida quanto ao que não é grande neles, pois nenhuma raça humana tem tão óbvia pequenez. No que se

refere às relações humanas, vivem num mundo tacanho; suas pesquisas implicam infinita atenção e uma reclusão quase monástica; e o que sobra não é muito. Ver algum descobridorzinho de grandes coisas, estranho, tímido, deformado, grisalho e cheio de importância, ridiculamente enfeitado com a larga fita de uma ordem de Cavalheiros e oferecendo uma recepção a seus irmãos humanos; ler o desespero de Natureza diante da "negligência para com a ciência" quando o anjo das home nagens natalícias esquece a Real Sociedade; ouvir um incansável liquenologista comentar o trabalho de outro incansável liquenologista — essas coisas obrigam-nos a compreender a invariável pequenez dos homens.

E além disso o recife de ciênc ia que esses "cientistazinhos" construíram e estão construindo é tão maravilhoso, tão portentoso, tão cheio de misteriosas promessas apenas entrevistas para o poderoso futuro da humanidade! Eles não parecem compreender o que estão fazendo. Mesmo o Sr. Bensington, quando escolheu há muito tempo sua vocação, quando consagrou sua vida aos al calóides e compostos afins, teve sem dúvida algum sinal da visão—- mais que um sinal. Sem uma grande inspiração, em busca de glórias e posições que só um cientista pode esperar, que jovem daria sua vida a essa obra, como os jovens dão? Não, eles devem ter visto a glória, devem ter tido a visão, mas tão de perto, que os cegou. O esplendor cegou-os piedosam ente, e pelo resto de suas vidas

eles podem segurar a lu z do saber confortavelmente — para que possamos ver.

Talvez isso explique o toque de preocupação de Redwood, e o fato de ele ser — disso não pode mais haver dúvida hoje — diferente entre seus colegas; e essa diferença era que ainda guardava algo da visão.

O Alimento dos Deuses é o nome que dou à substância que o Sr. Bensington e o Professor Redwood criaram juntos; e, levando-se em conta o que ele já fez, e tudo que certamente ainda fará, não há dúvida de que não exagero. Mas o Sr. Bensington não gostaria mais de chamá-lo por esse nome, calmamente, do que de sair de seu apartamento na Sloane Street vestindo escarlate real e com uma coroa de louros. A expressão foi apenas um primeiro brado de entusiasmo dele. Chamou-o de Alimento dos De uses em seu entusiasmo, e durante mais ou menos uma hora, no máximo. Depois disso, concluiu que estava sendo absurdo. Quando pensou pela primeira vez naquilo que via, percebeu, por assim dizer, um panorama de enormes poss ibilidades —- possibilidades literalmente enormes — mas diante de tal visão deslumbrante, após um olhar de pasmo, fechou decididamente os olhos, como cabia a um "cientista" consciencioso. Depois disso, Alimento dos Deuses pareceu-lhe um nome tão berrante que chegava à indecência. Surpreendeu-se por ter usado a expressão. Mas apesar de tudo isso permanecia nele algo daquele momento de descortino, qu e brotava de vez em quando — Realmente, sabe — disse, esfregando as mãos e rindo nervoso — isso tem um interesse mais que teórico. Por exemplo — confiou, aproximando o rosto do professor, e baixando muito a voz — talvez, se adequadamente tratado, vendesse... Precisamente — disse, afastando-se — como Alimento. Ou pelo menos como um ingrediente alimentar. Supondo-se, é claro, que seja palatável. Algo que não podemos saber enquanto não o prepararmos.

Voltou-se no tapete diante da lareira e estudou cuidadosamente os buracos em seus sapatos de pano.

— O nome? — disse, erguendo o olhar em resposta a uma

pergunta. — De minha parte, incl ino-me à boa e velha alusão clássica. Torna... torna a res científica... Dá-lhe um toque de velha dignidade.

Estive pensando... não sei se você achará um absurdo meu... De vez em q uando pode-se usar sem dúvida um pouco de fantasia... Herakleoforbia. Hem? O Alimento de um possível Hércules? Sabe que poderia. . . É claro que, se acha que não...

Redwood refletia, fitando o fogo, e não fez objeção. — Acha que serviria?

Redwood balançou a cabeça gravemente.

— Podia ser Titanoforbia, sabe. Alimento de Titãs... Prefere o primeiro? Tem mesmo certeza de que não acha um pouco... — Não.

— Ah! Isso me agrada.

E assim, deram-lhe o nome de Herakleoforbia durante toda a pesquisa e no relatório — o relatório, que jamais foi publicado, devido aos inesperados acontecimentos que perturbaram todos os seus arranjos — está invariavelmente escrito assim. Preparam substâncias afins, antes de darem com aquela que suas especulações haviam previsto, e referiram-se a elas como Herakleoforbia I, Herakleoforbia II e Herakleoforbia III. É à Herakleoforbia IV que eu — insist indo no nome original dado por Bensington — chamo aqui de Alimento dos Deuses. A idéia fora do Sr. Bensington, mas como havia sido sugerida por uma das contribuições do Professor Redwood à publicação Transações Filosóficas, ele muito corretamente consultara esse cavalheiro antes de levá-la adiante. Além disso, tratava-se, como pesquisa, de um trabalho tanto fisiológico quanto químico.

O Professor Redwood era um dess es cientistas viciados em gráficos e curvas. Vocês sabem — se são da espécie de leitor que eu gosto — o tipo de documento científico a que me refiro. É um trabalho no qu al não se pode ver pé nem cabeça, e no fim vêm cinco ou seis longos diagramas dobrados, que se abrem e apresentam traços peculiares em ziguezague, raios

exagerados ou coisas sinuosas inexplicáveis chamadas "curvas suavizadas", traçadas sobre ordenadas e partindo de abcissas — coisas assim. A gente fica in trigado olhando aq uilo um longo tempo, e termina

desconfiado de que não apenas não entende, mas de que o próprio autor tampouco entende. Mas na verdade, sabem, muitos desses cientistas compreendem muito bem o significado de seus relatórios, e é simplesmente um defeito de expressão que cr ia o obstáculo entre nós. Inclino-me a achar que o pen samento de Redwood se processava em traços e curvas. E após seu monumental trabalho sobre Tempos de Reaç ão (pede-se ao leitor não científico que aguente um pouco mais, pois tudo ficará claro como a luz do dia) e ele começou a produzir curvas suavizadas e esfigmografias sobre o Cres cimento, e foi na verdade um de seus relatórios sobre isso que deu a idéia ao Sr. Bensington.

Redwood, como sabem, estivera medindo todo tipo de coisas que crescem: gatinhos, cachorrinhos, girassóis, cogumelos, feijoeiros e (enquanto a esposa não pôs um fim à coisa) o seu bebê, e demonstrara que o crescimento se desenvolvia não num ritmo regular, ou, nos termos dele, assim:

_____

mas com impulsos e intervalos desse tipo:

_____ -------- ---------- _____ e que ao que parecia nada cresci a regular e constantemente; mais ainda: até onde podia perceber, nada podia crescer assim: era como se primeiro toda coisa viva precisasse acumular força, crescesse com vigor apenas por um determinado tempo, e depois tivesse de esperar um período para poder tornar a crescer. Na linguagem obscura e

altamente técnica do "cientis ta" deveras minucioso, Redwood sugeria que o processo do crescimento provavelmente exigia a presença no sangue de considerável quantidade de alguma substância necessária que se formava muito devagar, e quando essa substância era consumida pelo crescimento, só se renovava com muita lentidão; enquanto isso, o organismo tinha de marcar passo. Comparara e ssa substância desconhecida ao óleo nas máquinas. Um animal em crescimento é mais ou menos como uma máquina, dizia ele, que pode mover-se por um certo tempo, e tem de ser reabastecido para poder tornar a funcionar. ("Mas por que não se pode abastecer a máquina de fora?" dissera o Sr. Bensingt on, quando lera o relatório.) E talvez se descobrisse que t udo isso, dissera

Redwood, com a deliciosa e nervosa falta de sequência de sua classe, muito provavelmente lançava alguma lu z sobre o mistério de certas glândulas desprovidas de duetos. Como se elas tivessem alguma coisa a ver com aquilo!

Num comunicado posterior, Redwood fora mais adiante. Fornecera uma abundância de di agramas — exatamente como trajetórias de foguetes — e a essência — até onde havia alguma — era que o sangue dos cachorrinhos e gatinhos, a seiva dos girassóis e o suco dos cogumelos, no que ele chamava de a "fase de crescimento", diferiam na proporção de certos elementos de seu sangue e seiva quando não estavam crescendo.

Quando o Sr. Bensington, após virar os diagramas de lado e de cabeça para baixo, começara a perceber qual era a diferença, fora tomado de grande espanto. Porque, sabem, era provável que a diferença se devesse à presença da mesmíssima substância que ele tentara isolar recentemente, em suas pesquisas sobre os al calóides mais estimulantes para o sistema nervoso. Depusera o comunicado de Redwood na prancheta de leitura, que oscilava inconvenientemente no braço da poltrona, tirara os óculos de aros de ouro, bafejara-os e limpara-os com muito cuidado.

— Por Júpiter! — dissera.

Depois, recolocando os óculos, voltara-se para a prancheta de leitura, que no mesmo instante, ao tocar o seu braço o braço da poltrona, emitira um rangido canalha e jogara o comunicado, com todos os seus diagramas misturados e amassados, no chão.

— Por Júpiter! — dissera o Sr. Bensington, comprimindo a barriga contra o braço da poltrona, com paciente indiferença aos seus hábitos de conforto, e depois, estando o panfleto ainda fora de seu alcance, pusera-se de quatro para pegá-lo. E fora no chão que lhe ocorrera a idéia de chamá-lo Alimento dos Deuses...

Pois, sabem, se ele estivesse certo e Redwood também, então, injetando-se ou administrando-se aquela sua nova substância no alimento, acabar-se-ia com a "fase de repouso", e em vez de o crescimento processar-se assim:

_____----------_____

continuaria sempre (se estão me acompanhando) assim:

_____

Na noite que se seguiu à sua conversa com Redwood, o Sr. Bensington mal pôde pregar o olho. Pareceu mergulhar numa espécie de modorra, mas foi apenas um momento; depois sonhou que cavava um enorme buraco na terra e despejava toneladas e toneladas de Alimento dos Deuses, e a terra inchava e inchava, e todas as fronteiras dos países explodiam, e toda a Real Soci edade de G eografia trabalhava, como uma poderosa corporação de alfaiates, afrouxando o equador.

Foi sem dúvida um sonho ridículo; mas mostra o estado de

excitação mental em que ent rara o Sr. Bensington — e o verdadeiro valor que dava à sua idéia — muito melhor que qualquer das coisas que disse ou fez quando desperto e em guarda. Senão, eu não o teria mencionado, porque em geral não acho nenhum interesse em as pessoas contarem seus sonhos umas às outras.

Por uma singular coincidência, Redwood também tivera um sonho naquela noite, e se u sonho fora assim:

| | | | |

Era um diagrama traçado em f ogo sobre o longo pergaminho de um abismo. E ele (Redwood) ac hava-se de pé num planeta, diante de uma negra platafor ma, fazendo uma conferência sobre o novo crescimento agora po ssível, para o Mais que Real Instituto de Forças Primordiais, forças que anteriormente, mesmo no crescimento das raças, impérios, sistemas planetários e mundos, tinham sido assim:

____----------_____ E mesmo, em alguns casos, assim: _____----------\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\ E explicava-lhes muito lúcida e convincentemente que tais métodos lentos, retrógrados, sairiam de moda muito rapidamente, com sua descoberta.

Ridículo, sem dúvida! Mas também isso mostra... Não sugiro nem por um momento que os sonhos devem ser encarados como significativos ou proféticos de qualquer modo, a não ser como já afirmei categoricamente.

## A FAZENDA EXPERIMENTAL

O Sr. Bensington propôs originalmente experimentar o material, assim que pudesse prepará-lo de fato, em girinos. Para começar, sempre se experimenta esse tipo de coisa em girinos; pois para isso é que os girinos existem. E combinou-se que seria ele quem realizaria as experiências, e não Redwood, porque o laboratório deste estava ocupado com o apa rato balístico e animais necessários para uma pesquisa sobre a Variação Diurna na Frequência das Marradas dos Bezerros Machos, um estudo que proporcionava curvas de um tipo anormal e desnorteante, e a presença de aquários com girinos era extremamente indesejável enquanto essa pesquisa estivesse em andamento. Mas quando o Sr. Bensington co municou à sua prima Jane algo que tinha em mente, ela impôs um imediato veto à entrada de qualquer número considerável de girinos, ou de quaisquer dessas cobaias, no apartamento deles. Não fazia qualquer objeção ao uso, por ele, de um dos quartos do apartamento para experiências químicas não expl osivas, que no que lhe dizia respeito não davam em nada; e deixara-o ter um fogão a gás, uma pia e um armário hermeticamente trancado, a salvo da tempestade semanal de limpeza da qual ela não abria mão. Tendo conhecido pessoas viciadas em bebida, encarava a preocupação dele em obter distinção nas sociedades eruditas como um excelente substituto pa ra a outra forma mais vulgar de depravação. Mas qualquer tipo de coisas vivas em quantidade, "coleantes" quando vivas, e malcheirosas quando mortas, ela não podia e não iria suportar. Disse que essas coisas certamente

seriam insalubres, e Bensington era notoriamente um homem frágil — bobagem dizer que não. E quando Bensington tentara explicar a enorme importância da possível descoberta, ela dissera que estava tudo muito bem, mas se consentisse em deixá-lo bagunçar a casa, tornando-a desconfortável (e tudo se resumia a isso), tinha certeza de que ele seria o primeiro a queixar-se. O Sr. Bensington pôs-se a andar de um lado para outro da sala, indiferente aos calos, e falou-lhe com muita firmeza e raiva,

sem o menor efeito. Disse que nada dev ia obstruir o Progresso da Ciência, ao que ela respondeu que o Progresso da Ciência era uma coisa, e ter um monte de gi rinos no apartamento, outra; ele disse que na Alemanha era fato indiscutível que um homem com uma idéia daquelas teria imediatamente à disposição vinte mil pés cúbicos de laboratório perfeitamente equipado, ao que ela respondeu que se sentia e sempre se sentiria feliz por não ser alemã; ele disse que aquilo o tornaria famoso para sempre, ao que ela respondeu que o mais provável era que adoecesse, tendo um monte de girinos num apartamento como o deles; ele disse que era o senhor em sua casa , ao que ela respondeu que, a cuidar de um monte de girinos, preferia ir ser zeladora numa escola; e então ele lhe pediu que fosse razoável, ao que ela pediu que ele fosse razoável, e desistisse daquela bobagem de girinos; ele disse que ela devia respeitar suas ideias, ao que ela respondeu que, se fossem malcheirosas, não as respeitaria; e então ele perdeu todo controle e disse — apesar das observações clássicas de Huxley sobre o assu nto — um palavrão. Não muito feio, mas o suficiente.

E depois disso ela ficou muitíssi mo ofendida e exigiu desculpas, e a perspectiva de algum dia experimentar-se o Alimento dos Deuses em girinos, no apartamento deles, desapareceu completamente no pedido de desculpas.

Portanto, o Sr. Bensington teve de pensar numa outra forma de realizar as experiências sobr e alimentação necessárias para demonstrar sua descoberta, assim que isolasse e preparasse a substância. Por alguns dias , meditou na possibilidade de

hospedar os girinos com alguma pessoa digna de confiança, mas depois, vendo casualmente uma frase num jornal, desviou os pensamentos para uma Fazenda Experimental. E frangos. Assim que pensou na coisa, idealizou-a como uma granja de aves. Teve uma súbita visão de frangos crescendo desenfreadamente. Imaginou um cenário de gigos e galinheiros, gigos cada vez mais desmesurados e galinheiros cada vez maiores. Os frangos são tão acessíveis, tão facilmente alimentados e observados, tão mais enxutos para segurar e medir, que para esse fim os girinos lhe pareciam agora, em comparação, animais muito selvagens e descontrolados. Ficou muito intrigado tentando comp reender porque não

pensara em frangos, em vez de girinos, de sde o início. Entre outras coisas, isso teria poupado toda aquela encrenca com a prima Jane. E quando sugeriu isso a Redwood, o outro concordou inteiramente com ele.

Redwood disse estar convencido de que os fisiologistas experimentais cometiam um grande erro trabalhando tanto com animaizinhos imprestáveis. Era exatamente como fazer experimentos em química com uma quantidade insuficiente de material; os erros de observação e manipulação tornavam-se desproporcionalmente grandes. Era extremamente importante agora que os homens de ciência afirmassem seu direito a ter material grande. Por isso é que ele fazia sua atual série de experiências com Bezerros Machos na Faculdade de Bond Street, apesar de certas inconv eniências para os estudantes e professores de outras matérias, causadas por sua incidental imprudência nos corredores. Mas as curvas que estava obtendo eram excepcionalmente interessantes, e quando publicadas justificariam sobejamente sua escolha. De sua parte, não fosse pela inadequada verba destinada à ciência no país, jamais trabalharia, se pudesse, com algo menor que uma baleia. Mas receava que um Viveiro Público em escala suficiente para tornar isso possível fosse no momento, pelo menos no país, uma exigência utópica. Na Alemanha ... Etc.

Como os bezerros de Redwood exigiam sua atenção diária, a escolha e preparação da Fazenda Experimental couberam em grande parte a Bensington. Todas as despesas também, ficou subentendido, correriam por sua conta, pelo menos enquanto não se conseguisse uma verb a. Conseqüentemente, ele alternava seu trabalho no laborat ório do apartamento com a procura da fazenda, subindo e descendo as linhas férreas que partem de Londres para o sul, e seus óculos, sua simples calvície e suas botas de felt ro laceradas encheram de vãs esperanças muitos donos de inúmeras propriedades indesejáveis. Ele punha anúncios em vários jornais diários e em Natureza, procurando um casal re sponsável (casado), pontual, ativo e acostumado com aves para administrar inteiramente uma Fazenda Experimental de três acres. Encontrou o lugar que parecia precisar em Hickleybrow, perto de Urshot, em Kent. Era um lugarzinho isolado e estranho, num vale cercado por velhos bo sques de pinheiros, negros e intimidantes à noite. Um montinho bossudo isolava-o do crepúsculo, e um sombrio poço com um telheiro

caindo aos pedaços apequenava a casa . A pequena habitação não tinha trepadeiras, várias janelas estavam quebradas e o galpão da carroça lançava uma mancha negra ao meio-dia. A casa ficava a dois quilómetros e meio da aldeia, e sua solidão era muito duvidosamente aliviada por uma ambígua família de ecos.

O lugar impressionou Bensington como eminentemente adequado às exigências da pesqui sa científica. Ele percorreu as instalações desenhando gigos e galinheiros com o braço estendido, e achou que a cozi nha podia acomodar uma série de incubadeiras e chocadeiras com um mínimo de alterações. Ficou com o lugar na hora; no caminho de volta a Londres, parou em Dunton Green e cont ratou um casal aceitável que atendera aos anúncios, e naquela mesma noite conseguiu isolar uma quantidade suficiente de Herakleoforbia I que mais que justificava tais compromissos.

O casal aceitável que se destinava a ser, sob a supervisão do Sr. Bensington, os primeiro s distribuidores na terra do Alimento dos Deuses, era não apenas visivelmente muito idoso, mas também extremamente sujo. O Sr. Bensington não notou esse último ponto, porque nada destrói tanto os poderes de observação geral quanto a vida da ciência experimental. Chamavam-se Skinner, Sr. e Sra. Skinner, e o Sr. Bensington entrevistou-os numa salinha de janelas hermeticamente fechadas, com um espelho de consolo de lareira manchado e algumas raquíticas calceolárias. A Sra. Skinner era uma mulherzinha bem velha, sem touca, com os cabelos brancos, sujos, muito puxados para trás, esticando um rosto que começara sendo principalmente — e agora, com a perda dos dentes e do queixo, e o engelhamento de tudo mais, terminara sendo quase exclusivamente — nariz. Vestia-se de cor de ardósia (até onde seu vestido tinha alguma cor), remendado num lugar com fl anela vermelha. Recebera-o e falara com ele reservadamente, olhando-o pelos lados e por cima do nariz, enquanto o Sr. Skinner fazia, segundo ela, alguma alteração em sua aparência. A velha tinha um dente que lhe atrapalhava a fala, e juntava nervosamente as duas engelhadas mãos compridas. Disse ao Sr . Bensing-ton que cuidara de galinhas durante anos, e sabia tudo sobre incubadeiras; na verdade, eles próprios haviam dirigido uma granja de aves em certa época, e a empresa só fracassara no final por falta de alunos.

— É os aluno que paga — disse a Sra. Skinner. O Sr. Skinner, quando apareceu, revelou ser um homem de cara larga, com um cicio e uma ves guice que o obrigava a olhar por cima da cabeça dos outros, chinelos esburacados que despertaram a simpatia do Sr. B ensington, e uma manifesta falta de botões. Fechava o casaco e a camisa com uma das mãos e riscava desenhos na toalha preta e dourada da mesa com o indicador da outra, enquanto o olho livre observava a espada de Dâmocles, por assim dizer, com uma expressão de triste

distanciamento.

— Não quer etha fathenda pra ganhar dinheiro. Não, thenhor. Dá no methmo, thenhor. Ethperiênthia. Prethithamente. Disse que podiam ir par a a fazenda imediatamente. Não faziam nada em Dunton Green, a não ser um pouco de costura. — Não é o bom lugar que eu ac hava que era, e o que eu ganho mal vale a pena — disse. — Athim, the for conveniente pro thenhor que a gente vá...

E dentro de uma semana o Sr. e a Sra. Skinner achavam-se instalados na fazenda, e o carpinteiro de Hickleybrow diversificava o trabalho de constr uir gigos e galinheiros com uma sistemática discussão sobre o Sr. Bensington. — Ainda não vi muito ele — disse o Sr. Skinner. — Math até onde pude ver, me parethe meio maluco. — Eu achei ele um pouco doido — disse o carpinteiro de Hickleybrow.

— Pegou a mania de galinha — disse o Sr. Skinner. — Ó meu Deuth! É como the ninguém maith thoubethe nada de galinha, thó ele.

— Ele parece com uma galinha — disse o carpinteiro de Hickleybrow. — Com aqueles óculo dele.

O Sr. Skinner aproximou-se do carpinteiro de Hickleybrow e falou de um modo confidencial , um olho triste olhando a aldeia distante, enquanto o outro reluzia de maldade. — Elath tem de ther medida todo thanto dia... todo thatito dia, ele dithe. Pra ve rthe t ão cretendo direito. Ora, theu... hem? Todo thanto dia... t odo thanto dia.

E o Sr. Skinner erguia a mão para rir por trás dela de uni modo refinado e contagioso, e sacudia muito os ombros — e só o outro olho não

participava da risada. Então, duvidando que o carpinteiro houvesse pegado a essência da coisa, repetiu num murmúrio penetrante: — Medida.

— É pior que nosso antigo governador; macacos me morda se não é — disse o carp inteiro de Hickleybrow.

O trabalho experimental é a coisa mais tediosa do mundo (a não ser os relatórios sobre ele nas Transações Filosóficas), e pareceu ao Sr. Bensington que um longo tempo havia decorrido até que seu primeiro sonho de enormes possibilidades foi substituído por uma migalha de realização. Instituíra a Fazenda Experimental em outubro, e só em maio começaram os primeiros sinais de sucesso. Experimentara a Herakleoforbia I, II e III, e falhara; havia problemas de ratos na Fazenda Experimental, e havia problemas com os Skinner. A única maneira de conseguir que o homem fizesse alguma coisa que lhe mandavam era despedi-lo. Então, esfregava o queixo não barbeado — andava sempre não barbeado, mas, milagrosamente, nunca barbado — com a mão espalmada, e olhava o Sr. Bensington com um olho, enquanto o outro passava por cima dele, e dizia: — Ooohh! Therto, thenhor... the ethtá falando thério... Mas afinal o sucesso despontou . E seu anúncio foi uma carta na comprida e fina letra do Sr. Skinner.

"A nova Raça saiu" — escrevia ele — "e não me agrada muito o jeito deles. Estão crescendo muito demais, diferentes da ninhada igual antes das ordens do senhor. Os últimos, antes que a gata papasse eles, eram un s pintos muito bonitos, mas esses estão crescendo que nem cardo. Nunca vi. Eles bicam com tanta força nas botas da gente que não consigo tirar as medidas certas que nem o senhor pediu. Uns verdadeiros gigantes, e comendo que nem gigantes também. Vamos precisar de milho muito em breve, pois o senhor nunca viu esses pintos comer. Maiores que garnisés. Se for nesse passo, vão se tomar ave de exposição, enormes como são. Passei um susto essa noite, pensando que a gata estava

dando em cima deles, e quando olhei pela janela, juro que vi ela entrando por baixo do arame. Os pintos estavam do lado de fora e bicando tudo, famintos, quando saí, mas não vi nem sinal da gata. Por isso, dei milho para eles, e fechei tudo em segurança. Fico muito agradecido se me

informar se a alimentação deve continuar segundo as ordens. A comida que o senhor preparou já quase se acabou, e eu não gosto de preparar mais por causa do acidente com o pudim. Com os melhores votos de nós dois, e solicitando a continuação dos estimados favores, Respeitosamente seu,

**ALFRED NEWTON SKINNER."**

A alusão final referia-se a um pudim de leite ao qual se misturara um pouco de Herakleoforbia II, com resultados dolorosos e quase fatais para os Skinner.

Mas o Sr. Bensington, lendo nas entrelinhas, viu naquele excesso de crescimento o alc ance de sua meta havia muito buscada. Na manhã seguinte, desembarcou na estação de Urshot, trazendo na mala que tinha na mão um suprimento do Alimento dos Deuses suficiente para todos os pintos de Kent. Era uma manhã luminosa e linda, em fins de maio, e os calos estavam tão melhores que ele decidiu cruzar Hickleybrow a pé até a fazenda. No todo, eram uns cinco quilômetros, atravessando o parque e a aldeia, e depois perlongando as verdes veredas das reservas de caça de Hickleybrow. As árvores mostravam-se todas sa lpicadas com as verdes lantejoulas da primavera avançada, as sebes cheias de alsinas e candelárias, as matas de jacintos azuis e or quídeas púrpura, e por toda parte ouvia-se um grande alarido de pássaros, tordos, melros, papos-roxos, tentilhões e muitos outros; num canto ensolarado do parque, pendiam samambaias, e viam-se gamos saltando. Essas coisas levaram o Sr. Bensington de volta ao seu primeiro e esquecido prazer na vida; diante dele, a promessa de descoberta tornava-se luminosa e alegre, e parecia-lhe que na verdade devia

ter chegado ao dia mais feli z de sua vida. E quando viu no ensolarado galinheiro, no barranco arenoso à sombra dos pinheiros, os pintos alimentados com a comida que preparara para eles, gigantescos e desajeitados, já maiores que muitas galinhas casadas e assentadas, e continuando a crescer, ainda com a primeira plumagem amarela e macia (apenas com uma leve risca marrom nas costas), teve certeza de que chegara o seu dia mais feliz.

Por insistência do Sr. Skinner, entrou no galinheiro; mas depois de ser bicado uma ou duas vezes nos buracos das botas tornou a sair, e ficou olhando os monstros por trás da tela de arame. Colava o rosto na tela, e acompanhava os movimentos dos bichos como se nunca tivesse visto um pinto antes em sua vida. — O que eleth vai ther quando crether, não the pode nem penthar — disse o Sr. Skinner.

— Do tamanho de um cavalo — disse o Sr. Bensington. — Bem perto — disse o Sr. Skinner.

— Várias pessoas poderiam almoçar só com uma asa! — disse o Sr. Bensington. — Cortariam nas juntas como carne de açougue. — Math eleth não vai continuar crethendo dethe jeito — disse o Sr. Skinner.

— Não?

— Não — disse o Sr. Skinner. — Eu conhetho ethe tipo. Eleth cometha grande, math não continua athim, gratha ath Deuth: Não!

Fez-se uma pausa.

— É oth cuidado — disse o Sr. Skinner modestamente. O Sr. Bensington voltou subita mente os óculos para ele. — A gente tinha unth quathe tão grande como ethss aí no outro lugar — disse o Sr. Skinner, com o olho melhor devotamente voltado para cima e soltando-se um pouco. — Eu e a patroa. O Sr. Bensington fez a insp eção geral de hábito nas instalações, mas apressou-se a voltar ao novo galinheiro. Sabem, era tão mais do que ele ousara esperar, na verdade. O curso da ciência é tão tortuoso e lento; após as claras

promessas e antes da realização prática há sempre anos e anos de manobras intricadas, e ali — ali estava o Alimento dos Deuses funcionando, antes de um ano de teste! Parecia bom demais — bom demais. Não mais teria aquela esperança adiada, que é o pão de cada dia da imaginação científica! Pelo menos, era o que lhe parecia então. Voltou e olhou os estupendos pintos repetidas vezes.

— Deixe-me ver — disse. —- Têm dez dias. E comparados com um pinto comum, eu diria... cerca de seis ou sete vezes maiores...

— É hora de apertar oth parafutho — disse o Sr. Skinner à sua mulher. —- Ele tá alegre que nem uma criantha com o jeito que a gente tratou aquelet h pinto no galinheiro de lá... alegre que nem uma criantha.

Curvou-se confidencialmente para ela.

— Acho que é aquela comida velha dele —- disse por trás da mão, e emitiu um ruído de ri so abafado na cavidade faríngea. O Sr. Bensington era realmente um homem feliz nesse dia. Não estava com disposição para encontrar defeito em detalhes administrativos. A luz do sol certamente destacava mais vividamente o acumulado deslei xo do casal Skinner do que ele jamais notara antes. Mas seus comentários eram os mais delicados possíveis. O cercado de muitos galinheiros estavam quebrados, mas ele pareceu achá-los muito satisfatórios quando o Sr. Skinner explicou que fora uma raposa, ou cachorro, ou alguma coisa que fizera aquilo. O Sr. Bensington mostrou que a incubadeira não fora limpa.

— Isso não foi mesmo, não, senhor — disse a Sra. Skinner com os braços cruzados, sorr indo astutamente por trás do nariz. — Nós não teve tempo de limpar ela desde que chegou aqui...

Ele subiu para ver os buracos de ratos que segundo Skinner içariam a aquisição de uma ratoeira — certamente eram enormes — e descobriu que o quarto onde se guardava o Alimento dos Deuses misturado com farinha e farelo se achava em vergonhosa

desarrumação. Os Skinner eram do tipo de gente que encontra utilidade para pires rachados, latas velhas, jarras de conservas e caixas de mostarda, e o lugar estava cheio dessas coisas. Num canto, um grande monte de maçãs que Skinner guardara apodrecia, e de um pr ego na parte inclinada do teto pendiam várias peles de coelhos, nas quais ele pretendia experimentar seu talento de peleteiro. ("Não tem mu ita coitha thobre pele e outrath coitha que eu não thaiba", dissera Skinner.) O Sr. Bensington sem dúvida franziu o nariz criticamente diante daquela bagunça, mas não criou nenhum caso desnecessário, e mesmo quando encontrou uma ve spa regalando-se num boião pela metade de Herakleoforbi a IV limitou-se a observar brandamente que sua substância ficaria melhor vedada do que exposta ao ar daquele jeito.

E desviou-se dessas coisas imediatamente, para observar — algo que estivera em sua mente por algum tempo: — Sabe, Skinner, creio que vou matar um desses pintos... como um espécimen. Creio que o mataremos esta tarde, e o levarei para Londres comigo.

Fingiu olhar dentro de outro bo ião e tirou os óculos para limpá- los.

— Eu gostaria — disse — eu gostaria muito de ter uma relíquia... um momento... dessa raça particular, neste dia parti- cular. A propósito, você nã o dá carne a esses pintos? —Oh, não, thenhor — disse Skinner. — Garanto ao thenhor: noth thabe muito bem cuidar de ave de todo tipo pra father uma coitha detha.

—Tem certeza de que não joga fora o resto de sua comida... acho que vi os ossos de um c oelho espalhados na outra ponta do galinheiro ...

Mas quando foram examiná-los, des cobriram que se tratava dos ossos bem maiores de um gato, roídos e deixados muito limpos e secos.

— Isso aí não é nenhum pinto — disse Jane, a prima do Sr. Bensington. — Ora, eu acho que conheço um pinto quando vejo um — acrescentou esquentada. — Para começar, é grande demais para um pinto, e depois, você vê perfeitamente que não é um pinto. Parece mais uma abetarda que um pinto. — De minha parte — disse Redwood, deixando relutantemente que Bensington o arrastasse à discussão — devo confessar que, consider ando todos os indícios... — Oh! Se o senhor faz isso — disse Jane, a prima do Sr. Bensington — em vez de usar os próprios olhos como qualquer pessoa sensata...

— Bem, mas realmente, Srta. Bensington...

— Oh! Vamos! — disse a prima Jane. — Vocês homens são todos iguais.

— Considerando todos os indíci os, ele sem dúvida se encaixa na definição... não há dúvida de que é anormal e hipertrofiado, mas ainda assim... especialmente quando se sabe que foi gerado do ovo de uma galinha normal... Sim, creio, Srta. Bensington, tenho de admitir... isso, até onde se pode chamá-lo de alguma coisa, é uma espécie de pinto. — Quer dizer que é um pinto? — perguntou a prima Jane. — Eu creio que é um pinto — disse Redwood. — Que BESTEIRA! — disse Jane, a prima do

Sr. Bensington, e soltou um "Oh!" dirigido a Redwood. — Não tenho paciência com você. — E voltou-se subitamente e deixou a sala batendo a porta.

— E é um alívio muito grande para mim vê-lo, também, Bensington — disse Redwood , quando a repercussão da batida da porta morreu. — Apesar de ser tão grande. Sem qualquer estímulo do Sr . Bensington, sentou-se na poltrona baixa diante da lareira e confessou atos que mesmo num homem não científico seriam indiscretos. — Vai achar isso um tanto ru de de minha parte, Bensington,

eu sei — disse — mas a verdade é que pus um pouco... não muito... mas um pouco dessa coisa na mamadeira do meu bebê há quase uma semana!

— Mas e se...! — exclam ou o Sr. Bensington. — Eu sei — disse Redwood, e lançou uma olhada ao pinto gigante no prato em cima da mesa. — Deu tudo certo, graças a Deus. — E apalpou os bo lsos em busca de cigarros. Forneceu detalhes fragmentár ios. — O pobrezinho não ganhava peso... desesperadam ente ansioso. Winkles, um paspalho pavoroso... ex-aluno meu... inútil... A Sra. Redwood... confiança irrestrita em Winkles... Você sabe, um homem que parece uma rocha... lá em cima ... Nenhuma confiança em mim, claro... En sinei a Winkles ... Eu mal era admitido no berçário... Tinha-se de fazer alguma coisa... Esgueirei-me quando a ba bá tomava o desjejum... cheguei à mamadeira.

— Mas ele vai crescer — disse o Sr. Bensington. — Está crescendo. Quase um quilo na semana passada... Você devia ouvir Winkle s. Cuidados, disse. — Deus do céu! É o que Skinner diz!

Redwood tornou a olhar o pinto.

— O problema é o acompan hamento — disse. — Não me deixam entrar no berçário, por que tentei estabelecer uma curva do crescimento de Georgi na Phyllis... sabe... e como vou fazer para dar-lhe uma segunda dose... — E precisa?

— Está chorando há dois dias... não se acostuma mais com a comida comum. Precisa de mais um pouco agora. — Fale com Winkles.

— Ao diabo com Winkles! — disse Redwood.

— Você podia chegar a Wink les e dar-lhe uns pós para a criança...

— É mais ou menos isso que vou ter de fazer — disse Redwood, apoiando o queixo no punho e fitando o fogo. Bensington ficou parado algum tempo, alisando o peito do

pinto gigante.

— Vão ser frangos monstruosos.

— Vão — disse Redwood, ainda com os olhos no fulgor da lareira, — Grandes como cavalos — disse Bensington. — Maiores — disse Redwood. — É exatamente isso! Bensington desviou os olhos do espécimen.

— Redwood — disse — esses frangos vão causar uma sensação.

Redwood acenou com a cabeça para o fogo.

— E por Júpiter! — disse Bensington, voltando-se de repente com um reluzir dos óculos. — O seu menino também! — É exatamente nisso que estou pensando — disse Redwood .

Reclinou-se para trás, suspirou, jogou o cigarro quase inteiro no fogo e enfiou as mãos nos bolsos das calças. — É precisamente nisso que estou pensando. Essa Herakleoforbia vai ser uma cois a estranha para controlar. O ritmo em que esse pint o deve ter crescido... — Um menino crescendo nesse ritmo — disse o Sr. Bensington, lentamente, e olhava o pinto enqu anto falava. — Ora! Vai ficar grande!

— Vou lhe dar doses decrescentes — disse Redwood. — Ou, pelo menos, Winkles vai dar.

— É uma experiência um tanto exagerada demais. — Demais.

— Contudo, sabe, devo confessar... algum bebê vai ter de experimentá-la mais cedo ou mais tarde.

— Oh, nós a experimentaremos em algum bebê... sem dúvida.

— Exato —- disse Bensington, e veio postar-se sobre o tapete, tirando os óculos para limpá-los. — Até ver esses pintos, Redwood, não creio que tenha sequer começado a compreender... coisa alguma ... das possibilidades do que estamos fazendo. Mal começo a perc eber... as possíveis

consequências...

E mesmo então, sabem, o Sr. Bensington estava muito longe de ter qualquer idéia da mina que aquele trenzinho detonaria.

Isso aconteceu em princípios de junho. Durante algumas semanas, Bensington ficou impedido de revisitar a Fazenda Experimental, devido a uma severa bronquite, e Redwood fez uma rápida visita necessária. Voltou com a aparência ainda mais ansiosa do que quando partira. No todo, havia sete semanas de crescimento constante e ininterrupto... E então as vespas iniciaram sua carreira.

Só em fins de julho, e quase um a semana antes de as galinhas fugirem para Hickleybrow, foi que se matou a primeira vespa. A notícia saiu em vários jornai s, mas não sei se chegou ao Sr. Bensington, e muito menos se ele a relacionou com a generalizada lassidão de método que predominava na Fazenda Experimental.

Pouca dúvida pode haver hoje de que, enquanto o Sr. Skinner alimentava os pintos do Sr. Bensington com Herakleoforbia IV, várias vespas transportavam com a mesma industriosidade — talvez mesmo mais — quantidades da mesma pasta para seus rebentos de início do verão nos bancos de areia além dos bosques de pinheiros vizinhos. E não pode haver discussão alguma sobre o fato de que esses primeiros rebentos encontraram na substância o mesmo crescimento e favor que as galinhas do Sr. Bensington. É da natureza da ves pa atingir a maturidade efetiva antes da ave doméstica, e de todas as criaturas que, graças à generosa negligência dos Skinner, partilhavam dos benefícios com que o Sr. Bensington cumu lava suas galinhas, foram as vespas as primeiras a fazer uma certa figura no mundo. Foi um caseiro chamado Godfrey, na propriedade do Tenente- Coronel Rupert Hick, perto de Maidstone, que encontrou e teve a sorte de matar o primeiro desses monstros dos quais a história

guarda algum registro. Ele atravessava, afundado até os joelhos em samambaias, uma cl areira no bosque de faias que diversifica o parque do Tenente- Coronel Hick, e levava sua espingarda — muito afortunadamente para ele uma espingarda de dois canos — no ombro, quando avistou a coisa. Disse que a viu descendo contra a luz, e não pôde vê-la claramente, mas que, ao se aproximar, fazia um zumbido "como o de um carro a motor". Admite que ficou assustado. A coisa era, evidentemente, do tamanho de uma coruja de celeir o, ou maior, e para seu olho experiente o vôo e particularmente o nebuloso bater das asas devem ter parecido estranhamente diferentes dos de um pássaro. O instinto de autodefesa, imagin o, misturou-se ao longo hábito quando, como ele diz, "passou fogo no mesmo instante". O desusado da experiência provavelmente afetou-lhe a mira; de qualquer forma, perdeu a maior parte da descarga, e a coisa apenas caiu por um momento, com um irado "Uzzzz" que denunciou imediatamente a vespa, e depois tornou a voar com todas as suas listas reluzindo contra a luz. O caseiro diz que ela se voltou contra ele. De qualquer forma, disparou o segundo cano a menos de vinte metros, largou a espingarda, correu um ou dois passos e abaixou-se, para evitá-la.

A vespa chegou, está convencido, a um metro dele; caiu no chão, tornou a voar e a cair uns trinta metros adiante, talvez, e rolou estrebuchando, o ferrão entrando e saindo na última agonia. Ele tornou a disparar os do is canos contra ela, antes de aventurar-se a chegar perto.

Quando mediu a coisa, descobriu que tinha sessenta centímetros com as asas abertas, e o ferrão sete centímetros. O abdômen fora arrancado, mas ele calculou o comprimento da criatura da cabeça ao ferrão em trinta e nove centímetros — o que está muito perto do correto. Os olhos mult ifacetados eram do tamanho da moeda de um pêni.

Esse foi o primeiro aparecimento confirmado das vespas gigantes. No dia seguinte, um ci clista que descia o morro entre Sevenoaks e Tornbridge por pou co não passou por cima de um

desses gigantes, que se arrastava pela estrada. A passagem dele pareceu assustá-lo, e o bicho levantou vôo com o barulho de uma serraria. A bicicleta saiu da estrada, no impulso da hora, e quando ele conseguiu

olhar para trás a vespa afastava-se voando acima das matas em direção a Westerham. Após pedalar inseguro por algum tempo, ele freou, desmontou —- tremia de modo tão violento que caiu sobre o veículo ao fazer isso — e sentou-se na beira do caminho para recuperar-se. Pretendia ir até Ashford, mas não foi além de Tornbridge nesse dia...

Depois disso, muito curiosamente, não há registro de qualquer vespa gigante avistada durante três dias. Descobri, consultando as condições do tempo desse período, que foram dias nublados e frios, com chuvas esparsas, o que talvez explique esse intervalo. No quarto dia, porém, houve um céu azul e um sol brilhante, e uma explosão de vespas como o mundo certamente jamais vira antes.

Quantas vespas enormes surgiram nesse dia, é impossível calcular. Existem pelo menos cinquenta histórias de suas aparições. Uma vítima, um merceeiro, descobriu um desses monstros numa barrica de açúcar e atacou-o violentamente com uma pá. Jogou-o no chão por um momento, mas a vespa o ferroou através da sola da bota, an tes de ele tornar a golpeá-la e dividir-lhe o corpo em duas metades. Ele morreu primeiro. A mais sensacional das cinquentas aparições foi sem dúvida a da vespa que visitou o Museu Brit ânico por volta do meio-dia, descendo do azul sereno sobre um dos inúmeros pombos que se alimentam no pátio daquele prédio e voando para a cornija, a fim de devorar sua vítima à vontade. Depois disso, arrastou-se uma vez mais pelo telhado do museu, entrou na cúpula do salão de leitura por uma clarabóia, zumbiu lá dentro por algum tempo — houve um estouro entre os leit ores — e afinal encontrou outra janela e tornou a desaparecer com um súbito silêncio da observação humana.

A maioria das outras histórias é sobre simples passagens ou

descidas. Um piquenique foi dispersado em Aldington Knoll, e todo os seus doces e geléias consumidos, e um cachorrinho foi morto e despedaçado perto de Wh itstable, diante das vistas de sua dona...

As ruas, nessa noite, ressoavam com o clamor, os cartazes dos jornais foram dedicados exclusivamente, em letras gigantescas, à "Vespa Gigante de Kent". Editores e subeditores agitados subiam e desciam escadas tortuos as, berrando coisas sobre as vespas. E o Professor

Redwood, saindo da faculdade em Bond Street às cinco, acalorado devido a uma acirrada discussão com seu comitê sobre o preço dos bezerros, comprou um jornal vespertino, abriu-o, mudou de cor, esqueceu inteiramente os bezerros e o comitê, e tomou um cabriole direto para o apartamento de Bensington.

Pareceu-lhe que o apartamento estava ocupado, com total exclusão de qualquer outro objet o concreto, pelo Sr. Skinner e sua voz, se na verdade se pode chamá-lo ou à sua voz de objetos concretos!

A voz era muito aguda, desc aindo nas notas de angústia. — Nóth não pode ficar, thenhor. Já ficamoth ethperando que ath coitha melhorathe, e thó the torn ou pior, thenor. Não é thó ath vethpa, não thenhor, tem também ath lacrainha grande thenhor... dethe tamanho, thonhor. (Indicou todo o comprimento da mão, e mais uns seis centímetros do punho gordo e sujo.) Elath quathe cautha um ataque na Thra. Thkinner, thenhor. E eth ath coitha tão aninhada perto doth galinheiro, thenor, e crethendo. E a trepadeira, thenhor, que a gente plantou perto da pia, thenhor... the meteu pela janela e agarrou ath perna da Thra. Thkinner, thenhor, É aquela comida do thenhor. Em toda parte que ethpalhamo ela, thenhor, thó um pouquinho, tudo crethe maith, thenhor, dó que um dia penthei que qualquer coitha podia crether. Nóth não pode ficar nem maith um mêth, thenhor. Ath vida da gente vale maith, thsnhor. Methmo que ath vethpa não pique a gente, vamo ther thufocado pela trepadeira, thenhor. Não pode imaginar, thenhor... thó indo lá pra ver, thenhor... — Volveu

o olho superior para a cornija acima da cabeça de Redwood. — Como vamo thaber, thenhor, the oth rato não comeu também! É o que eu maith pentho, thenhor, não vi nenhum rato grande, thenhor, math como vamoth t haber! Nóth ficou athunthtado muitoth diath por cautha dath lacrainha que vimo... parethia até lagothta... duath dela, thenhor, e o modo athuthtador como a trepadeira tá crethendo. E athim que eu trioube dath vethpa... athim que thoube delat o, thenhor, eu compr eendi. Thó ethperei cothturar um botão que tinha tholtado, e vim l ogo pra cá. Methmo agora, thenhor, tou morto de preocupa-thão, thenhor. Como vou thaber o que tá ac ontethendo com a Thra. Thkinner, thenhor! A trepadeira tá the et htentendo pra todo lado, que nem uma cobra, thenhor... De uth me livre, math pr ethitho vigiar ela, thenhor, e thaltar pra fora do caminho dela!... e

ath lacrainha cada veth maior, e ath vethpa... ela não tem uma caixa de primeiroth thocorro, thenhor... the alguma coitha acontether... — Mas as galinhas — disse o Sr. Bensington. — Como estão as galinhas?

— Nóth deu de comer a elath at é ontem, Deuth me livre — disse o Sr. Skinner. — Math hoje de manhã nóth não teve coragem, thenhor. O barulho dath vethpa era uma coitha terrível, thenhor. Elath tava thaindo... dethenath dela. Dethe tamanho. Eu dithe pra ela: é thó pregar um ou doith botão, que não potho ir pra Londres athim, e vou ver o Thr. Benthington e ethplicar tudo pra ele. E vothê fique netha thala até eu voltar, eu dithe, e fique com ath janela fechada o mais que puder, eu dithe.

— Você foi tão malditamente desleixado... — disse Redwood.

— Oh! Não diga uma coitha det ha, thenhor — disse Skinner. — Agora, não, thenhor. Não comigo athim tão dethethperado, thenhor, pela Thra. Thkinner, thenhor. Oh, não diga! Não tenho ânimo pra dithcutir com o thenhor. Deuth me ajude, thenhor, não te nho, não. Fico thó penthando noth rato... Como vou thaber the eleth não pegou a Thra. Thkinner enquanto eu tou aqui!

— E você não fez uma medição de todas essas belas curvas de crescimento! — disse Redwood.

— Eu tava muito perturbado, th enhor — disse o Sr. Skinner. — The thoubethe o que a gente pathou... eu e a patroa! Tudo nethe último mêth. A gente não thabia o que penthar, thenhor. Com ath galinha crethen do demaith, e at h lacrainha, e a trepadeira. Não thei the falei pro thenhor... a trepadeira... — Já nos disse isso — disse Redwood. — O problema, Bensington, é saber o que nós vamos fazer. — O que nós vamos fazer? — perguntou o Sr. Skinner. — Você precisa voltar para a Sra. Skinner — disse Redwood. — Não pode deixá-la sozinha lá a noite toda. — Thothinha, não, thenhor, eu, não. Nem que tivethe deth Thra. Thkinner lá. É o Thr. Benthington... —- Bobagem — disse Redwood. — As vespas ficarão quietas de noite.

— Mas e oth rato?

— Não há rato nenhum — disse Redwood.

O Sr. Skinner podia ter esquecido sua principal ansiedade, A Sra. Skinner não perdera seu tempo.

Por volta das onze horas, a trepadeira, que estivera discretamente ativa o dia todo, começou a subir para a janela e tapá-la, e quanto mais escuro ficava dentro de casa, mais claramente a Sra. Skinner via que sua posição logo se tornaria insustentável. E também que vi vera séculos desde que Skinner partira. Espiou algum tempo pela janela, por entre os agitados tentáculos da trepadeira, e depois, muito cautelosamente, foi abrir a porta do quarto de dormir e escutar... Tudo parecia quieto; e assim, segurando as saias bem alto, a Sra. Skinner saltou para dentro do quarto, e, tendo primeiro dado uma olhada debaixo da cama, trancou-se lá e agiu com a metódica rapidez de uma mulher experiente que faz as malas

para partir. A cama não fora feita, e o quarto estava juncado de pedaços de trepadeira que Skinner serrara para poder fechar a janela à noite, mas essa desarrumação não tinha importância. Ela enrolou suas coisas num lençol decente. Pôs todo o seu guarda- roupa e uma jaqueta de belbutina que Skinner usava nos momentos de mais cerimônia, e também uma jarra de picles que não fora aberta, e até aí tudo bem. Mas também juntou duas das latas hermeticamente fechadas de Hsrakleoforbia IV que o Sr. Bensington trouxera em sua última visita. (Era uma mulher boa e honesta — mas também era avó, e ficara com o coração ardendo ao ver tão bom crescimento desperdiçado num bando de pintos.)

Tendo embalado tudo isso, pôs a touca, tirou o avental, amarrou a sombrinha com um novo cadarço de sapato, e após ficar à escuta, por um longo tempo, junto à porta e à janela, abriu a porta e aventurou-se no perigoso mundo. Trazia a sombrinha debaixo do braço e agarrava a trouxa com mãos ásperas e decididas. Usava sua melhor touca domingueira, e as duas papoulas que brotavam entre os es plendores de fitas e contas da touca pareciam instiladas com a mesma coragem trêmula que a possuía.

As feições em volta da base do nariz da Sra. Skinuer franziam-se com determinação. Ela estava cheia daquilo tudo. Sozinha ali! Skinner que voltasse, se quissesse.

Saiu pela porta da frente, nã o porque desejasse ir para Hickleybrow (dirigia-se para Cheasing Eyebright, onde morava sua filha casada), mas porque a de trás estava obstruída pela trepadeira, que vinha crescendo tã o furiosamente desde que ela virara a lata do alimento perto de suas raízes. Ficou à escuta algum tempo e fechou a porta da frente com muito cuidado atrás de si. Na esquina da casa, parou e fez um reconhecimento... Uma extensa cicatriz na encosta do morro além do bosque de pinheiros assinalava o ninho das vespas gigantes, e ela a estudou com muita atenção. As idas e vindas matinais haviam acabado, não se via vespa alguma, e a não ser por um som

dificilmente mais audível que uma serra a vapor em funcionamento entre os pinhos, t udo estava em silêncio. Quanto às lacrainhas, não via nenhuma, Lá embaixo, no meio dos repolhos, alguma coisa se movia, de fato, mas provavelmente seria um gato à caça de passarinhos. Ficou olhando naquela direção por algum tempo.

Adiantou-se uns poucos passos além da esquina, avistou o galinheiro dos pintos gigantes e tornou a parar. — Ah! — disse, e balançou lentamente a cabeça ao vê-los. A essa altura, eles estavam da altura de emas, mas evidentemente com corpos muito mais grossos — algo inteiramente maior. Eram todas galinhas, cinco ao todo, agora que dois frangos se haviam matado um ao outro. Ela hesitou ao ver a atitude abatida das aves. — Pobrezinhas! — disse, e depôs a trouxa. — Elas precisa de água. As bichinha não comeu nada nessas vinte e quatro horas! E com um apetite daqueles, ainda por cima! — Levou o fino dedo à boca e meditou. E então, aquela mulher suja fez o que me parece um ato bastante heróico de piedade. Deixou a trouxa e a sombrinha no meio do caminho de tijolos, foi ao poço, levou nada menos que três baldes de água para o cocho vazio das galinhas, e enquanto elas se amontoavam em volta da água, abriu muit o de mansinho a porta do galinheiro. Após isso, tornou-se extremamente ativa: tornou a pegar a trouxa, passou por cima da sebe no fundo do pomar, atravessou os campos (a fim de evitar o ninho das vespas) e subiu a tortuosa estrada em direção a Cheasing Eyebright.

Subia arquejando a encosta; e à medida que prosseguia, parava de vez em quando para descansar a trouxa, recuperar o fôlego e olhar a pequena cabana ao lado do bosque de pinheiros lá embaixo. E quando, afinal, ao

aproximar-se do topo do morro, viu à distância várias vespas baixando maciçamente em direção ao oeste, isso a ajudou muito a seguir em frente. Logo deixou a clareira e entrou na aléia de altos barrancos além (que lhe parecia um lugar mais seguro), e assim subiu por

Hickleybrow até chegar à chapada. Ao pé da chapada, onde uma grande árvore dava um ar de proteção, descansou por algum tempo num pontilhão.

E depois prosseguiu, com muita determinação... Espero que possam imaginá-la com sua trouxa branca, uma espécie de formiga negra er eta, andando apressada pela estradinha branca que atravessava as encostas, sob o tórrido sol de uma tarde de verão. Adiante seguia, atrás do resoluto e incansável nariz, as papoulas da touca oscilando perpetuamente, as botas de primavera tornando-se cada vez mais brancas com o pó dos baixios, Flip, flap, flip, fl ap — faziam suas passadas no silencioso calor do dia, e per sistentemente, incuravelmente, a sombrinha buscava escapar do cotovelo que a retinha. A ruga da boca, embaixo do nariz, franzia-se em extrema resolução, e de vez em quando ela dizia à sombrinha que subisse ou dava na trouxa, que agarrava firmemente, um puxão vingativo. E às vezes seus lábios murmuravam fragmentos de uma projetada discussão com Skinner.

E distante, quilômetros e quilômetros distante, um campanário e uma encosta coberta de mata de sfrutavam insensivelmente do vago azul, assinalando de modo cada vez mais distinto o recanto onde Cheasing Eyebright abrigava-se do tumulto do mundo, pouco ou nada se impor tando com a Herakleoforbia escondida naquela trouxa branca, que avançava tão persistentemente para seu ordeiro retiro.

Até onde posso presumir, as frangas chegaram a Hickleybrow cerca de três horas da tarde. A chegada delas deve ter sido um caso sério, embora não houvesse ninguém na rua para ver. O berro violento do pequeno Skelmersdale parece ter sido o primeiro anúncio de que havia alguma co isa fora do comum. A Srta. Durgan, do Correio, estava na janela como sempre, e viu a galinha que pegara a infeliz criança em r ápida fuga rua acima, com sua

vítima, perseguida de perto por outras duas. Vocês conhecem o passo gingado das atléticas e emancipadas frangas de hoje! Conhecem a aguda insistência da ga linha faminta! Aquelas aves tinham Plymouth Rock, disseram-me, e mesmo sem a Herakleoforbia isso já dá uma raça vistosa e de passo largo. Provavelmente a Srta. Durgan não foi tão tomada de surpresa. Apesar da insistência do Sr. Be nsington em manter tudo em segredo, rumores sobre o grande frango que o Sr. Skinner estava produzindo circulavam pela aldeia havia já algumas semanas. — Senhor! — ela gritou. — Era o que eu pensava. Parece ter agido com grande pr esença de espírito. Agarrou a sacola lacrada de cartas que aguardava para seguir para Urshot e precipitou-se pela porta afora imediatamente. Quase ao mesmo tempo, o Sr. Skelmersdale apar ecia lá embaixo, brandindo um regador pelo bico e com o rosto muito pálido. E é claro que em poucos momentos todo mundo na aldeia corria para a porta ou a janela.

O espetáculo que era a Srta. Durgan correndo de um lado para outro da estrada, com a correspondência do dia todo de Hickleybrow na mão, fez parar a galinha que se apoderara do pequeno Skelmersdale. Ela parou, num momento de indecisão, e depois voltou-se para os portõe s abertos do quintal de Fulcher. Esse instante foi fatal. A segunda franga pulou rápida, capturou a criança com o bico certeiro e saltou o muro do jardim do vicariato.

— Charoc, choc, choc, choc, ch oc! — berrou a galinha de trás, atingida em cheio pelo regador que o Sr. Skelmersdale atirara, e bateu asas enlouquecida por sobre a cabana da Sra. Glue, indo cair no campo do médico, enquanto o resto das gargantuescas aves perseguiam a galinha que se apoderara da criança pelo gramado do vicariato.

— Bom Deus! — gritou o vigário, ou (segundo alguns) alguma coisa muito mais viril, e correu, brandindo o taco de croque e gritando, para deter a caçada.

— Pare, sua desgraçada! — gritou o vigário, como se frangas gigantes fossem a coisa mais banal do mundo.

E depois, ao constatar que não p odia interceptá-la, jogou o taco com toda força e pontaria, faze ndo-o descrever uma graciosa curva que passou a mais ou me nos um palmo da cabeça do pequeno Skelmersdale e atingiu a

lanterna de vidro da estufa. Ouviu-se um barulho de estilhaços. A estufa nova! A linda estufa nova da mulher do vigário!

Aquilo assustou a galinha. Te ria assustado a qualquer um. Ela largou sua vítima num loureiro português (do qual o menino acabou sendo extraído, amarrotado, mas, a não ser pelas roupas menos delicadas, ileso), deu um salto batende as asas por sobre o telhado dos estábulos de Fulcher, enfiou a pata num lugar onde as telhas estavam podres e caiu, por assim dizer, do infinito sobre a calma contemplativa do Sr. Bumps, o paralítico — que, hoje está provado além de qualquer dúvida, desceu correndo, nessa ocasião única de sua vida, toda a extensão do pomar e entrou em casa sem qualquer ajuda, fe chou a porta atrás de si e imediatamente retornou à sua resignação cristã e à desvalida dependência da esposa...

O resto das frangas foi desviad o pelos jogadores de croque, e atravessaram o pomar do vigá rio até o campo do médico, e a quinta também terminou indo ao encontro delas cacarejando desconsolada após uma tentativa malsucedida de entrar nos canteiros de pepinos do Sr. Witherspoon.

Parece que ficaram por algu m tempo ali, como quaisquer galinhas, ciscando e cacarejando rneditativamente, e então uma deu uma bicada e logo outra numa colméia das abelhas do médico, após o que partiram num trote galináceo atravessando os campos em direção a Urshot, e a rua de Hickleybrow não as viu mais. Perto de Urshot, elas realmente encontraram comida em quantidade adequada num campo de couves-nabo, e ficaram bicando por algum tempo com grande deleite, até que sua fama as alcançou.

A principal reação imediata àquela espantosa irrupção de galinhas gigantes na mente humana foi provocar uma extraordinária e apaixonada vontade de berrar, gritar e jogar

coisas, e em muito pouco tempo quase todos os homens disponíveis de Hickleybrow, e várias mulheres também, saíam com uma notável variedade de arti gos de açoitar e bater nas mãos — para dar início à ca çada às galinhas gigantes. Enxotaram-nas para Urshot, onde havia uma festa rural, e Urshot recebeu-as como a glória que coroava um dia feliz. Começaram a atirar nelas perto de Findon Beeches, mas a princípio

apenas com espingardas de chumbo. É cl aro que aves daquele tamanho podiam absorver uma quantidade ilimitada de grãos de chumbo sem inconveniência. Dispersaram -se em algum ponto perto de Sevenoaks, e perto de Tornbridge uma delas correu cacarejando por algum tempo, muito excitada, um pouco à frente e paralela ao barco expresso da tarde — para grande pasmo dos que viajavam nele.

E por volta das cinco e meia duas delas foram apanhadas com muita habilidade por um dono de circo em Turnbridge Wells, que as atraiu para dentro de uma jaul a, deixada vazia pela morte de um dromedário viúvo, espalhando bolos e pães...

Quando o infeliz Skinner dese mbarcou do trem do sudeste em Urshot naquela tarde, já quase caíra a noite. O trem estava atrasado, mas não demasiado — e foi o que ele disse ao chefe da estação. Talvez notasse um a certa expansão nos olhos do homem. Após a mais mínima hesitação, e com um movimento de mão confidencial do lado da beca, perguntou se acontecera "alguma coitha" naquele dia.

— Que quer dizer? — perguntou o chefe da estação, um homem de voz dura e enfática.

— Vethpath e coithas athim.

— Nós não tem muito tempo pra pensar em vespa — disse o chefe de estação conciliado ramente. — Todo mundo teve muito trabalho com suas galinha danada. — E informou-o sobre

as galinhas, como se poderia qu ebrar a janela de um político adversário.

— Não teve notíthia da Thra. Thkinner? — perguntou Skinner, em meio àquela chuva de incisivas informações e comentários. —- Graças a Deus! — disse o chefe de estação, como se mesmo ele estabelecesse um limite em algum ponto em questão de conhecimento.

— Vou ter de thair por aí perg untando por ela — disse o Sr. Skinner, esgueirando-se para fora do alcance das generalizações com que o chefe de estação concluía seus comentários sobre a responsa bilidade ligada à alimentação exagerada das galinhas.

Ao cruzar Urshot, o Sr. Skinner foi saudado por um queimador de cal dos poços de Hankey, que lhe perguntou se procurava suas galinhas.

— Não thoube da Thra. Thki nner? — ele perguntou. O queimador de cal — cujas frases exatas não devem interessar- nos — manifestou seu superior interesse em galinhas... Já estava escuro — tão escuro, pelo menos, quanto pode ser uma límpida noite de junho inglês — quando Skinner — ou sua cabeça, de qualquer modo — surgiu no bar dos Jolly Drovers e disse: — Olá! Vothês thoube alguma coitha detha hithtória dath minha galinha, não thoube?

— Oh, se soube! — disse o Sr. Fulcher. — Ora, parte dessa história desabou no telhado de meu estábulo e outra fez um buraco na estufa da mulher do vigário...

Skinner entrou, — Eu queria uma coitha um pouco reconfortante — disse. — Gim quente com água é o que eu prefiro. —- E todos começaram a falar-lhe sobre as frangas. — Deuth do théu! — disse Skinner. — Vothês não thoube nada da Thra. Thkinner, thoube? — Isso a gente não soube, não! — disse o Sr. Witherspoon. — Não pensamos nela. Não pensamos nada em nenhum de vocês dois.

— Você não tava em casa hoje? — perguntou Fulcher, acima de uma caneca.

—- Se uma daquelas maldita galinha bicou ela — começou o Sr. Whitherspoon, e deixou todo o horror às imaginações dos outros...

Pareceu ao grupo, no momento, que seria um fi m interessante para o movimentado dia, ir com Skinner e ver se alguma coisa tinha acontecido à Sra. Skinner. Nunca se sabe a sorte que se pode ter quando ocorrem acidente s. Mas Skinner, de pé no balcão, bebendo seu gim quente com água, um olho vagando por cima das coisas no fundo do bar e o outro fixado no Absoluto, não captou a psicologia do momento.

—- Therá que não teve nenhu m problema com nenhuma dath vethpa grande hoje em algum lugar? — perguntou, com uma maneira elaboradamente distanciada.

— A gente tava muito ocupado com suas galinhas — disse Fulcher.

— De qualquer forma, acho que todath já the recolheu agora — disse Skinner.

— Quê? As galinhas?

— Eu tava penthando maith era nath vethpa —- disse Skinner. E então, com um ar de circunspecção, que teria despertado desconfiança num bebê de uma semana, e acentuando pesadamente a maioria das palavras que escolhia, perguntou: — Eu acho que ninguém thoube de qualquer outra coitha grande, thoube? Cachorroth ou gatoth grande, ou qualquer coitha athim? Parethe que the tá aparecendo galinha e vethpa grande...

Riu com uma bela pretensão de estar falando por falar. Mas uma expressão preocupada surgiu nos rostos dos homens de Hickleybrow. Fulcher foi o primeiro a dar ao pensamento condescendente deles a forma concreta das palavras. — Um gato que nem as galinhas... — disse.

— Sim! — disse Witherspoon. — Um gato que nem as galinha...

— Era o mesmo que um tigre — disse Fulcher. — Mais que um tigre — disse Witherspoon.

Quando afinal Skinner tomou a solitária vereda pelos campos ondulantes que separavam Hickleybrow do sombrio baixio coberto de pinheiros, em cujas sombras a gigantesca trepadeira envolvia silenciosamente a Fazenda Experimental, percorreu-a sozinho.

Viram-no assomar distintamente sobre a linha do horizonte, contra a cálida e límpida imensidão do céu do norte — pois até então o interesse público ai nda o acompanhava — e tornar a mergulhar na noite, na escuridão da qual aparentemente jamais emergiria. Desapareceu — um mi stério. Ninguém sabe até hoje o que lhe aconteceu depois que transpôs o morro. Quando, mais tarde, os dois Fulcher e Witherspoon, movidos por suas imaginações, subiram o morro e o procuraram, a noite já o engolira inteiramente.

Os três homens ficaram parado s juntos. Da mata escura que escondia a Fazenda de suas vistas, não vinha som algum. — Tá tudo bem — disse o jovem Fulcher, pondo um fim ao silêncio.

— Não tou vendo luz nenhuma — disse Witherspoon. — Não se pode ver daqui.

— Tá nublado — disse o Fulcher mais velho. Meditaram por algum tempo.

— Se alguma coisa desse errado, ele já tinha voltado — disse o jovem Fulcher, e isso pareceu tão óbvio que afinal o velho Fulcher disse "Bem", e os três foram para casa, para a cama — pensativos, admito...

Um pastor de ovelhas perto da fa zenda de Huckster ouviu um guincho no meio da noite, ma s pensou que fossem raposas, e pela manhã um de seus cordeiros estava morto e fora arrastado até a metade do caminho de Hickleybrow e parcialmente devorado...

A parte inexplicável disso tu do é a ausência de qualquer resto indiscutível de Skinner!

Muitas semanas depois, entre as ruínas carbonizadas da Fazenda Experimental, descobriu-se uma coisa que pode ou não ser um omoplata humano, e em out ra parte das ruínas achou-se um osso comprido muito roído, e igualmente duvidoso. Perto do passadiço que subia em direção a Eyebright encontrou-se um olho de vidro, e muita gente ficou sabendo assim que Skinner devia muito de seu encanto pesso al àquele bem. O olho fixava o mundo com o mesmo e inevitável distanciamento, a mesma e severa melancolia que era a redenção de um rosto fora isso mundano.

E nas ruínas uma pesquisa indus triosa descobriu os anéis metálicos e as coberturas carbonizadas de dois botões de roupa de baixo, três botões soltos inte iros, e um daquele tipo metálico que se usa nas aberturas menos conspícuas da economia humana. Esses restos foram acei tos por pessoas em cargos de autoridade como conclusivos de que Skinner fora destruído e espalhado, mas para minha própria convicção, e em vista de sua característica idiossincrasia , devo confessar que preferiria menos botões e mais ossos.

O olho de vidro, decerto, tem um ar de extrema convicção, mas se é realmente de Skinner — e nem a Sra. Skinner sabia ao certo se aquele olho imóvel dele era de vidro — alguma coisa o mudou de um castanho

líquido para um confiante azul. O omoplata é extremamente duvidoso, e eu gostaria de compará-lo com os scapulae de alguns dos animais domésticos mais comuns antes de admitir que seja humano.

E onde estão as botas de Ski nner, por exemplo? Por mais perverso e estranho que seja o apetite de um rato, será concebível que as mesmas criaturas que só comeram a metade de um cordeiro iriam devorar Sk inner todo, cabelos, ossos, dentes e botas?

Interroguei minuciosamente tant os quantos pude daqueles que conheceram bem Skinner, e todos concordam em que não podem imaginar qualquer coisa comendo-o. Era o tipo de pessoa — segundo me disse um homem do mar aposentado, que mora numa das cabanas do Sr. W. W. Jacobs, em Dunton Green, e de

maneiras significativamente reservadas, o que não é incomum naquela região — que seria "rej eitado de algum modo", e quanto ao elemento devorador, seria "ca paz de sufocar um incêndio". Achava que Skinner estaria tão a salvo numa jangada quanto em qualquer parte. O marinheiro aposentado acrescentou que não desejava dizer o que quer que fosse contra Skinner; fatos eram fatos, só isso. E antes de confiar a feitura de suas roupas a Skinner, o marinheiro aposentado observou que preferiria ser posto a ferros. Essas observações certamente não apresentam Skinner como um objeto apetitoso.

Para ser inteiramente franco com o leitor, não creio que ele tenha jamais voltado à Fazenda Experimental. Creio que vagou, experimentando longas hesitações , pelos campos da gleba de Hickleybrow, e finalmente, quan do começou o clamor, adotou a lei do menor esforço, saindo de suas perplexidades e caindo no anonimato.

E incógnito, deste ou de outro mundo por nós desconhecido, permaneceu obstinada e indiscu tivelmente até hoje...

## OS RATOS GIGANTES

Duas noites após o desaparecimento do Sr. Skinner, o médico de Podbourne andava fora, tarde da noite, dirigindo sua carruagem de um só

assento. Estivera acordado a noite toda, ajudando outro cidadão anônimo a entrar neste nosso curioso mundo; e, cumprida a sua tarefa, voltav a para casa numa disposição bastante sonolenta. Eram cerca de duas horas da manhã, e a lua minguante nascia. A noite estival fora fria, e uma névoa branca e baixa tornava tudo indistinto. O médico ia inteiramente só — pois o cocheiro estava de cama — e nada havia para ver

de nenhum dos lados, a não ser um vago esboço de sebe que cruzava o fulgor amarelo de suas lanternas, e nada para ouvir, a não ser as batidas dos cascos do cavalo e o ranger e o eco na sebe das rodas. O cavalo era tão digno de confiança quanto ele próprio, e não admira que tenha cochilado... Vocês conhecem aquela modorra intermitente, quando se está sentado, a cabeça caída, balan çando ao ritmo das rodas, o queixo no peito, e de repente um súbito estremeção faz erguê-la de novo.

Pitter, litter, patter.

— Que foi isso?

Pareceu ao médico que ouvira um fino guincho bem perto. Por um momento, ficou bastante desper to. Disse uma ou duas palavras de imerecida repreensão ao cavalo, e olhou em volta. Tentou convencer-se de que ouvira o guincho distante de uma raposa —- ou talvez uma pequena lebre agarrada por um furão. Suish, suish, suish, pitter, patter, suish... — Que foi isso?

Achou que estava se deixando dominar pela imaginação. Deu de ombros e disse ao cavalo que prosseguisse. Ficou à escuta, mas nada ouviu.

Ou havia alguma coisa?

Teve a estranhíssima impressão de que alguma coisa acabara de espiá-lo por cima da sebe, uma estranha cabeçorra. De orelhas redondas! Forçou os olhos, mas nada pôde ver. — Tolice! — disse.

Aprumou-se, com a idéia de que tivera um pesadelo, aplicou no cavalo um levíssimo toque com o chicote, falou com ele e tornou a olhar por cima da sebe. O fu lgor de sua lanterna, contudo, juntamente com a neblina, tornava as coisas indistintas, e não conseguia ver nada. Ocorreu-lhe, diz hoje, que não podia haver nada ali, pois se houvesse o ca

valo se esquivaria dela. Mas apesar de tudo isso seus senti dos permaneceram nervosamente despertos.

Então ouviu bem distintamente um abafado ruído de pés que se

perseguiam ao longo da estrada.

Não quis acreditar em seus ouvidos. Não podia olhar para trás, porque a estrada exatamente naquele ponto fazia uma curva sinuosa. Açoitou o cavalo e tornou a olhar para os lados. E então viu bem claramente, num ponto onde o raio da lanterna passava por cima de um trecho da sebe, as costas encurvadas de... um grande animal, não sabia dizer qual, correndo em rápidos saltos convulsivos.

Ele diz que pensou nas velhas histórias de bruxaria — a coisa era tão diferente de qualquer animal que conhecia — e agarrou as rédeas com mais força, temendo o medo do cavalo. Apesar de um homem culto, admite que se perguntou se aquilo podia ser alguma coisa que seu cavalo não via.

À frente, e aproximando-se recortada contra a lua nascente, erguia-se a silhueta da aldeiazinha de Hankey, o que era reconfortante, embora ele não visse nenhuma luz, e estalou o chicote, tornou a falar e, num átimo, os ratos o atacaram! Passara o portão, e, ao fazê-lo, o primeiro rato veio saltando pela estrada, A coisa caiu sobre ele saltando da imprecisão para a mais distinta clareza, o focinho pontudo, ávido, de orelhas redondas, o corpo longo exagerado pelos movimentos; e, o que o impressionou em particular, as patas dianteiras róseas e palmípedes do animal. O que deve ter tornado a coisa mais horrível para ele, no momento, foi que não tinha idéia de que o animal fosse algum dos que conhe cia. Não o reconheceu como um rato, devido ao tamanho. O cavalo deu um salto, quando a coisa caiu na estrada a seu l ado. A pequena aléia despertou em tumulto, ao estalar do chicote e o berro do médico. Tudo então aconteceu rapidamente.

Ratle-clate, clach, clate.

O médico, como devem imaginar, levantou-se, gritou para o cavalo e golpeou com toda a sua força. O rato encolheu-se e desviou-se de modo

bastante tran quilizador de sua chicotada — ao fulgor da lanterna, ele viu o pêlo arrepiar-se sob o golpe — e chicoteou outra vez e mais outra, sem dar atenção nem saber do segundo perseguidor, que ganhava terreno a seu lado.

Soltou as rédeas e olhou para tr ás, descobrindo o terceiro rato também na perseguição...

O cavalo deu um pulo para a frente. A carruagem saltou sobre uma vala. Durante um frenético minuto, tudo pareceu ir aos trancos e barrancos...

Foi pura sorte o cavalo cair em Hankey, e não antes ou depois de ultrapassar as casas.

Ninguém sabe como o cavalo caiu , se tropeçou ou se o rato ao lado realmente acertou-lhe uma daquelas cortantes investidas com os incisivos (dadas com todo o peso do corpo); e o médico só descobriu que ele próprio fora mo rdido quando já estava dentro da casa do oleiro, e muito menos soube quando ocorrera a mordida, embora estivesse mord ido e seriamente — um longo corte como o de duplo machado que lhe houvesse arrancado duas tiras paralelas de carne do ombro esquerdo. Estava de pé na charrete um mo mento, e no outr o já saltara no chão e, com o tornozelo seriamente machucado, embora não soubesse disso, chicoteava furi osamente o terceiro rato, que voava direto para cima dele. O homem mal se lembra do salto que deve ter d ado por cima da roda quando a charrete parou, tão devastadoramente quentes e r ápidas suas impressões se precipitaram. Eu pessoalmente acho que o cavalo deve ter recuado, com o rato mordendo-lhe a garganta, e caído de lado, levando tudo consigo; e que o médico saltou, por assim dizer, instintivamente. Quando a charrete virou, a lanterna se espatifou, causando de repente uma explosão de óleo em chamas, um espocar de branca labareda no meio da luta. Foi a primeira coisa que o oleiro viu.

Ele ouvira o barulho da chegada do médico e — embora a memória deste nada disso regi strasse — berros alucinados. Apressara-se a deixar a cama, e enquanto fazia isso ouviu o tremendo estrondo, seguido do clarão diante da janela. — Ficou mais claro que o dia — ele diz. Ficou parado, com um porrete na mão, olhando pela janela uma pesadelesca transformação da conhecida estrada à sua frente. O negro vulto

do médico brandindo o chicote dançava contra a chama. O cavalo escoiceava indistintamente, meio oculto pela chama, com um rato na garganta. Na escuridão, contra o muro do cemitério, os olhos de um segundo monstro reluziam perversamente. Outro — um simples vulto negro de olhos rubros e patas dianteiras cor de carne, agarrava-se inseguro ao muro contra o qual saltara ao clarão da lanterna que explodia.

Vocês conhecem o focinho pontu do de um rato, aqueles dois dentes agudos, aqueles olhos impiedosos. Vistos ampliados quase seis vezes, e ainda mais pela escuridão, o espanto e os saltitantes efeitos de um incêndio, devem ter sido uma visão aterrorizante para o oleiro — ainda meio adormecido. Então o médico aproveitou a opor tunidade, a momentânea folga proporcionada pelo fogo, e sumiu das vistas do oleiro, batendo na porta embaixo com o cabo do chicote.

O oleiro não o deixou entrar enquanto não encontrou uma luz. Há quem censure o homem por isso, mas até conhecer melhor a minha própria coragem, hesito em juntar-me a eles. O doutor berrava e esmurrava a porta...

O oleiro diz que ele chorava de terror quando finalmente a porta se abriu.

— Passe o ferrolho — arquejou o médico. —- Passe o ferrolho. — E nada mais conseguiu dizer. Tentou dirigir-se à porta, para ajudar, mas afundou numa cadeira ao lado do relógio, enquanto o oleiro trancava a porta.

— Não sei o que são! — repetiu várias vezes. — Não sei o que são! — Dava um tom elevado ao "são".

O oleiro quis dar-lhe um uísque, mas ele não queria ficar sozinho, apenas com uma trêm ula luz, naquele momento. Só depois de muito tempo foi que o dono da casa conseguiu fazê-lo subir.

E quando o fogo se extinguiu os ratos voltaram, pegaram o cavalo morto, arrastaram-no pelo cemitério até os terrenos da olaria e comeram-no até o amanhecer, pois ninguém ousava perturbá-los mesmo então...

Redwood foi ver Bensington por volta das onze horas da manhã seguinte com a "segunda edição" de três vespertinos na mão. Bensington ergueu o olhar de uma acabrunhada meditação sobre as esquecidas páginas do

romance mais absorvente que o bibliotecário de Brompton Ro ad conseguira arranjar-lhe, — Alguma novidade? — perguntou.

— Dois homens ferroados perto de Chartham. — Deviam ter-nos deixado fumigar aquele ninho. Deviam mesmo. É culpa deles mesmos.

— É culpa deles, sem dúvida — disse Redwood, — Soube de alguma coisa sobre a compra da fazenda? — A imobiliária — disse Redwood — é uma coisa com uma boca grande e feita de madeira grossa. Diz que há alguém interessado na casa... sempre di z, você sabe... e não quer compreender que é urgente. "É uma questão de vida ou morte", eu disse, "não compr eende?" Ela entrecerra os olhos e diz: "Então por que não ch ega até as outras duzentas libras?" Eu preferia viver num mundo de concretas vespas do que ceder à estupidez obstrucionista daquela ofensiva criatura. Eu...

Fez uma pausa, sentindo que uma frase como aquela poderia com muita facilidade ser estragada pelo contexto. — É demais esperar — disse Bensington — que uma das vespas...

—- A vespa não tem mais idéia de utilidade pública do que uma... do que uma imobiliária — disse Redwood. Falou algum tempo de imobiliárias, solicitadores e gente desse tipo, da injusta e irrazoável fo rma como tantas pessoas, tantas vezes, chegam de algum modo a falar desses cálculos comerciais ("De todas as coisas excêntricas deste mundo excêntrico, a mais excêntrica, em minha opinião, é o fato de que,

enquanto esperamos honra, coragem e eficiência de um médico e de um soldado como algo indisc utível, um solicitador ou um agente imobiliário não apenas podem, como se espera que exibam apenas uma espécie de imbecilidade gananciosa, gordurosa, obstrutiva e exagerada..." etc.) — e depois, bastante aliviado, encaminhou-se para a janela e ficou olhando o tráfego da Rua Sloane.

Bensington largara o romance mais excitante que se podia conceber na mesa. Juntou os dedos das mãos com muito cuidado e olhou-os.

— Redwood — disse — estão falando muito de nós? — Não tanto quanto eu esperaria.

— Não estão nos denunciando de modo algum? — Nem um pouco. Mas, por outro lado, não apontam o que digo que se deve fazer. Escrevi ao Times, sabe, explicando essa coisa toda...

— Vamos ao Daily Chronicle — disse Bensington. — E o Times publicou um longo editor ial sobre o assunto... um editorial de muita classe, bem escrito... com três expressões latinas típicas do Times... uma delas é status quo... e soa como a voz de Alguém Impessoal, da Maior Importância, mas com dor de cabeça de gripe e falando através de cobertas e cobertas de feltro, sem conseguir qualq uer alívio. Lendo-se nas entrelinhas, você sabe, fi ca bastante claro que o Times considera inútil entrar em detalhes, e que alguma coisa (indefinida, é claro) tem de ser feita imediatamente. De outro modo, consequências ainda mais indesejáveis ... terminologia do Times, você sabe, para mais vespas e ferrões. Um artigo inteiramente de estadista!

— E enquanto isso esse grandismo se espalha de todas as formas desagradáveis.

— Precisamente.

— Pergunto-me se Skinner ti nha razão sobre aqueles ratos grandes...

— Oh, não! Isso seria demais — disse Redwood.

Veio postar-se ao lado da cadeira de Bensington. — A propósito — disse, com a voz ligeiramente abaixada — como ela...? — Indicou a porta fechada.

— A prima Jane? Simplesmente na da sabe sobre isso. Não nos relaciona com a coisa e não quer ler as notícias. "Vespas gigantes!" diz. "Não tenho paciência para ler os jornais." — Isso é muita sorte — disse Redwood.

— Suponho... a Sra. Redwood...?

— Não — disse Redwood — no momento acontece... está terrivelmente preocupada com a criança. Você sabe, ele continua.

— Crescendo?

— Sim. Ganhou mais um quilo e trezentos gramas em dez dias. Já está com quase vinte e seis quilos. E tem apenas seis meses! Naturalmente é um tanto alarmante! — Saudável?

— Vigoroso. A babá pediu demis são porque ele chuta muito forte. E tudo nele, é claro, logo fica pequeno. Tudo, você sabe, tem de ser feito de novo, roupas e tudo. O carrinho de bebê... uma coisa leve ... quebrou uma roda, e ele teve de ser trazido para casa no carrinho de mão do leiteiro. Sim. Uma verdadeira multidão ... E pusemo s Georgina Phyllis no berço dele, e ele na cama dela. A m ãe... naturalmente alarmada. Orgulhosa a princípio, e inclinada a elogiar Winkles. Agora, não. Sente que a coisa não pode ser natural. Você sabe. — Eu imaginava que você ia dar-lhes doses decrescentes. — Experimentei.

— Não funcionou?

— Ele berra. O berro de uma criança normal já é alto e incômodo; é para o bem da espécie que é assim... mas desde que ele está sob o tratamento com a Herakleoforbia... — Hum — disse Bensington, olhando os dedos com mais resignação do que a que até então demonstrara. — Praticamente, essa coisa tem de vir à luz. As pessoas saberão dessa criança, a ligarão com nossas galinhas, e tudo

chegará aos ouvidos de min ha mulher. Não tenho a mais remota idéia de como ela reagirá.

— É difícil — disse o Sr. Bensington — fazer qualquer plano, com certeza.

Tirou os óculos e limpou-os cuidadosamente. — É outro exemplo —- generalizou — do que acontece continuamente. Nós... se na verdade posso adotar o adjetivo... homens científicos... sempre trabalhamos, claro, por um resultado teórico... um resultado puramente teórico. Mas incidentalmente desencadeamos forças... novas forças. Não devemos controlá-las e ninguém mais pode. Praticamente, Redwood, a coisa está fora de nossas mãos. Nos fornecemos o material...

— E eles — disse Redwood, voltando-se para a janela — ficam com a experiência.

— No que se refere a esse prob lema lá em Kent, não estou disposto a me preocupar mais.

— A menos que nos aborreçam.

— Exatamente. E se gostam de ver-se às voltas com solicitadores, rábulas, obstruç ões legais e considerações de peso as mais idiotas, para deixarem várias dessas novas espécies de piolhos bem estabelecidas... As coisas sempre estiveram numa bagunça, Redwood.

Redwood traçou uma linha torta e embaraçada no ar. — E nossa verdadeira preocupaç ão, neste momento, é com nosso rapaz. — Voltou-se e veio fitar o seu colaborador. — Que acha dele, Bensington? Você pode olhar esse caso com maior distanciamento que eu. Que devo fazer a respeito dele? — Continue alimentando-o.

— Com Herakleoforbia?

— Com Herakleoforbia.

— E aí ele crescerá.

— Crescerá, pelo que posso calc ular com base nas galinhas e vespas, até uns dez metros e meio... com tudo nas proporções certas...

E então que fará?

— Isso — disse o Sr. Bensington — é exatamente o que torna a coisa tão interessante.

— Diabos, homem! Pense nas roupas dele! E quando estiver adulto —- disse Redwood — será apenas um solitário Gulliver num mundo de pigmeus.

O Sr. Bensington tinha o olho gordo sobre seu anel de ouro. — Por que solitário? — perguntou, e repetiu, ainda mais sombriamente: — Por que solitário?

— Mas você não sugere...

— Eu disse — disse o Sr. Bensington, com a autocomplacência de um homem que produziu um bom e significativo axioma — por que solitário?

— Querendo dizer que se pode produzir outras crianças...? — Não querendo dizer nada além de minha pergunta. Redwood começou a andar pela sala.

— Claro — disse. — Podíamos... Mas mesmo assim! Aonde vamos chegar?

Bensington evidentemente gostava de sua linha de distanciamento altamente intelectual.

— O que mais me interessa, Redwood, em tudo isso, é pensar que o cérebro na cabeça dele ta mbém estará, no que se refere ao meu raciocínio, uns dez metros e meio acima do nosso nível... Que é que há?

Redwood estava parado à janela e olhava um cartaz de notícias num carrinho de mão de jornal que subia a rua chocalhando. — Que é que há? — repetiu Be nsington, levantando-se. Redwood soltou uma violenta exclamação.

— Que é? — perguntou Bensington.

— Vou buscar um jornal — disse Redwood, descendo. — Por quê?

— Vou buscar um jornal. Alguma co isa... não peguei direito... Ratos gigantes...!

— Ratos?

— Sim, ratos. Skinner tinha razão, afinal!

— Que quer dizer?

— Como diabos vou saber enquanto não vir um jornal? Grandes Ratos! Bom Deus! Imagino se ele foi comido! — Procurou o chapéu, e decidiu sair sem ele.

Enquanto se precipitava para baixo, descendo dois degraus de cada vez, ouvia os fortes berros dos jornaleiros. — Caso horrive em Kent... caso horrive em Kent. Médico... comido por rato. Caso horrive... caso horrive... ratos... comido por ratos extchupendo. Todo detalhe... caso horrive.

Cossar, o famoso engenheiro civil, encontrou-os na grande entrada dos prédios de apartame ntos, Redwood segurando o jornal cor de rosa à distância e Bensington, nas pontas dos pés, lendo por cima de seu braço. Cossar era um homem de corpo grande, com membros magnos e deselegantes casualmente dispostos em ângulos convenien tes do tronco, e um rosto semelhante a uma escultura aban donada na primeira fase como demasiado não promissora para conclusão. O nariz ficara quadrado, e a queixada projetava-se além da parte de cima. Respirava ruidosamente. Poucas pessoas consideravam-no bonito. Tinha o cabelo inteiramente escorrido, e a voz, que pouco usava, saía guinchada, em ge ral num tom de irado protesto. Usava uma casaca cinza e um chapéu de seda em todas as ocasiões. Vasculhou um abissal bolso nas calças com a imensa mão vermelha, pagou ao cocheiro e subiu decididamente arquejante os degraus, um exemplar do jornal rosa agarrado pelo meio como o raio de Júpiter na mão.

— Skinner? — perguntava Bensington, indiferente à sua aproximação.

— Nada sobre ele — disse Redwood. — Deve ter sido comido. Os dois. É horrível demais... Olá, Cossar! — É essa coisa de vocês? — perguntou Cossar, brandindo o jornal. — Bem, por que n ão a detêm? — perguntou. — Não

pode ser controlada! — disse Cossar. — Comprar o lugar! — exclamou. — Que idiotice! Quei mem-no! Eu sabia que vocês bagunçariam isso. Que devem fazer? Ora... o que estou lhes dizendo! Vocês? Subam a rua até a casa do armeiro, claro. Por quê? Para comprar armas! Sim... há só uma loja. Peguem oito armas! Espingardas. Não espi ngardas para elefantes.. não! São grandes demais. Nem fuzis do exército... são pequenos demais. Digam que é para ma tar... matar um touro. Digam que é para atirar em búfalos. Es tão vendo? Hem? Ratos! Não! Como diabos vão entender isso?... Porque queremos oito. Consigam muita munição.

Não arranjem espingardas sem munição... Não! Levem tudo num coche para... onde é o lugar? Urshot? Para Charing Cross então. Há um trem... Bem, o primeiro trem que parte depois das duas. Acham que podem fazer isso! Muito bem. Autorização? Peguem oito no Correio, é claro. Autorização para espingardas, vocês sabem. Não para caça. Por quê? São ratos, homem. Você... Bensington. Tem um telefone? Sim. Vou telefonar para cinc o de meus amigos em Ealing. Por que cinco? Porque é o número certo! Aonde vai, Redwood? Pegar um chapéu? Bobagem. Pegue o meu. Precisa de armas, homem... não de chapéus. Tem dinheiro? Bastante? Está bem. Até logo. Onde fica o telefone, Bensington? Bensington girou nos calcanhares obedientemente e conduziu-o. Cossar usou o instrumento e tornou a pô-lo no lugar. — Depois, há as vespas — disse. — Enxofre e nitro darão conta disso. Obviamente. Gess o de Paris. Você é químico. Onde posso arranjar toneladas de enxofre em sacos que se possam carregar? Para quê? Ora, Deus abençoe meu coração e minha alma! Para fumigar o ninho, é claro! Creio que tem de ser enxofre, hem? Você é químico. Enxofre é melhor, hem? — Sim, eu diria enxofre.

— Nada melhor? Certo. Isso é trabalho de vocês. Tudo bem. Arranjem, o máximo de enxo fre que possam... salitre para fazê-lo queimar. Mandar para onde? Charing Cross. Imediatamente. E providencie m para que mandem mesmo. Acompanhem o embarque. Mais alguma coisa? — Pensou um

momento. — Gesso de Paris... qualquer tipo de gesso... tapar o ninho... os buracos... vocês s abem. Isso é melhor eu arranjar.. — Que quantidade?

— Que quantidade de quê?

— Enxofre.

— Uma tonelada. Estão vendo?

Bensington ajeitou os óculos com a mão trêmula de determinação.

— Certo — disse, muito sucinto.

— Têm dinheiro no bolso? — perguntou Cossar. — Ao diabo com os cheques. Podem não conhecer vocês. Paguem em dinheiro. Obviamente. Onde fica seu banco? Está certo. Pare no caminho e tire quarenta libras...

em notas e em ouro. — Outra meditação. — Se deixarmos esse serviço para as autoridades públicas, teremos toda Kent em p edaços — disse. — Agora há... mais alguma coisa? Não! El!

Estendeu a mão imensa para um coche, que se tornou obviamente ávido para servi-lo ("Coche, senhor?", perguntou o cocheiro. "Obviamente", disse Co ssar); e Bensington, ainda de cabeça descoberta, desceu os degraus e preparou-se para subir no veículo.

—- Eu acho — disse, com a mão no avental do cocheiro e um súbito olhar às janelas de seu apartamento — que devo avisar à minha prima Jane...

— Terá mais tempo de contar a ela quando voltar — disse Cossar, empurrando-o para dentro do coche com a mão imensa espalmada em suas costas.

"Sujeitos inteligentes", pensou, "mas sem nenhuma iniciativa Prima Jane, vejam só! Eu a conheço. Uma maçada, essas primas Janes! O país está infe stado delas. Suponho que terei de passar toda a bendita noite cuidando para que eles façam o que sabem perfeitamente que deviam ter feito desde o princípio. Imagino se é a pesquisa que os deixa assim, ou a prima Jane, ou o quê?"

Afastou esse obscuro problema, meditou por algum tempo

olhando o relógio e decidiu que só tinha tempo de passar num restaurante e fazer uma refeição antes de ir procurar o tal gesso de Paris e levá-lo a Charing Cross.

O trem partia às três e cinco, e ele chegou a Charing Cross às quinze para as três. Encontrou Bensington em acirrada discussão entre dois policiais e o cocheiro de sua carroça do lado de fora, e Redwood no escritório de ba gagens envolvido em alguma obscuridade técnica a respeito da munição. Todos diziam não saber nada nem ter qualquer autorid ade, como fazem os caros funcionários do Sudeste quando nos pilham apressados. "Pena que não possam fuzilar todos esses funcionários e arranjar uma turma nova", pensou Cossar com um suspiro. Mas o tempo era demasiado curto para qualq uer coisa fundamental, e assim ele passou como um tufão por

essas controvérsias menores, desenterrou de um obscuro esco nderijo o que podia ser ou não o chefe da estação, percorreu as instalações segurando-o e dando ordens em seu nome, e deixou a estação com todos e tudo embarcado antes que o funcionário se desse plena conta das quebras das mais sagradas rotinas e regulamentos que se cometiam.

— Quem era ele? — perguntou o alto funcionário, alisando o braço que Cossar agarrara, e sorrindo com as sobrancelhas franzidas.

— Era um cavalheiro, senhor — disse um carregador — de qualquer forma. Ele e todos os companheiro dele viajou de primeira classe.

— Bem, nós embarcamos ele e suas coisas com muita prontidão... seja quem for — disse o alto funci onário, esfregando o braço com algo que se aproximava da satisfação. E enquanto se encaminhava lentam ente de volta, piscando à luz do dia, a que não estava acostu mado, àquele digno retiro em que os funcionários superiores de Charing Cross se protegem da importunidade do vulgo, ainda sorria de sua desusada energia. Era uma revelação muito recompensadora de suas possibilidades, apesar da rigidez no braço. Desejou que alguns daqueles malditos críticos de cadeira da administração da ferrovia

tivessem visto aquilo.

Às cinco horas daquela tarde, o espantoso Cossar, sem qualquer aparência de pressa, já havia desembarcado todo o material para seu combate ao grandismo insurgente em Urshot e dirigia- se para Hickleybrow. Comprara duas barricas de parafina e uma carga de gravetos em Urshot; muitos sacos de enxofre, oito grandes espingardas para caça graúda e munição, três armas leves de carregamento pela cultura, com munição de chumbo fino para as vespas, uma machadinha, dois podões, uma picareta e três pás, dois rolos de corda, algumas garrafas de cerveja, soda e uísque. De Londres ti nha vindo uma grosa de pacotes de veneno para ratos e provisões frias para três dias. Tudo isso ele transportara num trols de carvão e numa carroça de feno da maneira mais natural possível, com exceção das armas e da munição, que haviam sido enfiadas embaixo do banco da charrete do Red Lion que conduzia Redwood e os cinco homens escolhidos, vindos de Ealing a chamado de Cossar. O engenheiro conduzira todas essas transações com um

invencível ar de normalidade, apesar de Urshot se achar em pânico com os ratos, e de terem de dar a todos os cocheiros um pagamento especial. Na aldeia, todas as loias estavam fechadas, mal se via uma alma na rua, e quando ele batia numa porta abria-se uma janela. Mas Cossar parecia achar que a realização de negócios através de janelas abertas era um método inteiramente legítimo e óbvio. Finalmente, ele e Bensington pegaram a charrete do Red Lion com o trole para alcançar a bagagem. Alcançaram-na um pouco depois da encruz ilhada, e assim chegaram primeiro a Hickleybrow.

Bensington, com uma espingarda entre os joelhos, sentado ao lado de Cossar na charrete, demon strava um espanto que vinha germinando havia muito tempo. Tudo que fazia era sem dúvida, como insistia Cossar, a coisa óbvia a fazer, apenas...! Na Inglaterra tão raramente se faz o que é óbvio. Ele olhou dos pés do vizinho até as mãos ousadas nas rédeas. Cossar, aparentemente, jamais havia conduzido um veículo antes, e mantinha a lei do menor esforço, seguindo pelo meio da estrada,

por alguma idéia sem dúvida bastante óbvia, mas certamente incomum.

"Por que não fazemos todos o que é óbvio?", perguntava-se Bensington. "Como ficaria o mundo se todos o fizessem! Imagino por exemplo por que n ão faço um monte de coisas que sei que seria direito fazer... coisas que quero fazer. Será todo mundo assim, ou é algo peculiar meu?" Mergulhou em obscura especulação sobre a vontade. Pensou nas complexas e organizadas futilidades do dia-a-dia, e em contraste com elas as coisas simples e manifestas a fazer, as doces e esplêndidas coisas a fazer, que algumas in críveis influências nunca nos permitem fazer. A prima Jane? Percebia que ela era importante no assunto, de algum modo sutil e difícil. Por que devemos afinal comer, beber e dormir, ficar solteiro, ir a um lugar, deixar de ir a outro, tudo por deferência par a com a prima Jane? Ela se tornava simbólica, sem deixar de ser incompreensível. Um passadiço e uma vereda que atravessava os campos atraíram seu olhar e lembraram-lhe aquele outro dia, tão recente no tempo, tão remoto em suas emoções, em que fora andando de Urshot até a Fazenda Experimental, para ver os pintos gigantes. O destino brinca c onosco.

— Tchec, Tchec — disse Cossar. — Levante-se. Era uma tarde quente, sem uma brisa, e a poeira amontoava- se espessa nas estradas. Viam-se poucas pessoas, mas o gamo além dos limites do parque pastava em profunda tranquilidade. Avistaram umas duas vespas despojando uma groselheira pouco além de Hickleybrow, e uma outra que se arrastava de um lado para outro na porta da pequena mercearia na rua da aldeia, tentando encontrar uma entrada. Mal se via o merceeiro lá dent ro, com uma velha espingarda de caçar aves na mão, observ ando as manobras do inseto. O cocheiro do vagonete parou diante do Jolly Drovers e informou a Redwood que sua part e do acerto fora cumprida. Juntaram-se a ele, ne ssa afirmação, os cocheiros da carroça e do trole. Não apenas o afirmavam, mas recusavam-se a

deixar que os cavalos fossem mais adiante. — O ratão é doido por cavalo — repetia o cocheiro do trole. Cossar examinou a controvérsia por um momento. — Tirem as coisas desse vag anote — disse, e um de seus homens, um maquinista alto e sujo, obedeceu. — Dê-me aquela espingarda — di sse Cossar. Postou-se entre os cocheiros. — Não queremos que vocês conduzam. Podem dizer o que quiserem, mas queremos esses cavalos. Eles continuaram a contestar, mas ele continuou falando. — Se tentarem atacar-nos, atiro em suas pernas, em defesa própria. Os cavalos vão.

Deu o incidente por encerrado. — Suba na carroça, Flack — disse a um homenzinho atarra cado e rijo. — Boon, pegue o trole. Os dois cocheiros esbravejaram.

— Vocês cumpriram suas obrigações para com seus empregadores — disse Redwood . — Fiquem aqui na aldeia até voltarmos. Ninguém os censurará, visto que temos armas. Não desejamos fazer nada injusto ou violento, mas esse negócio tem pressa. Pagarei se alguma coisa acontecer aos cavalos, não receiem.

— Isso está acertado — disse Cossar, que raramente fazia promessas.

Deixaram o vaganote para tr ás, e os dois homens que não conduziam veículos seguiram a pé. Em cada ombro, apoiava-se uma espi ngarda. Era a expediçãozínha mais curiosa para uma estrada rural inglesa, parecendo mais um grupo ianque em jornada para o oeste nos bons tempos dos

índios. Subiram a estrada até chegarem , numa elevação ao lado do passadiço, à vista da Fazenda Experimental. Ali encontraram um pequeno grupo de homens com um a ou duas espingardas — os dois Fulchers achavam-se entre eles — e um deles, um estranho de Maidstone, destacava-se dos outros, olhando o lugar com um binóculo de teatro.

Esses homens voltaram-se e olharam o grupo de Redwood. — Alguma novidade? —- perguntou Cossar.

— As vespas continua pra lá e pra cá — disse o velho Fulcher. — Mas eu não vejo o que elas carrega.

— A trepadeira se meteu no meio dos pinheiro — disse o homem com a lorgnette. — Não tava lá hoje de manhã. A gente pode ver ela crescendo diante dos olho.

Sacou um lenço e limpou as lentes de seu binóculo com cuidadosa deliberação.

— Imagino que os cavaleiro vai descer lá — aventurou Skelmersdale.

— Vêm conosco? — perguntou Cossar.

— Skelmersdale pareceu hesitar.

— É serviço pra noite toda, — Skelmersdale decidiu que não ia.

— Tem ratos por aqui? — perguntou Cossar.

— Tinha um nos pinheiro, hoje de manhã, acho que caçando coelho.

Cossar apertou o passo pa ra alcançar seu grupo. Bensington, observando a Fazenda Experimental com a mão em pala acima dos olhos, podia avaliar agora o vigor do Alimento. Sua primeira impressão foi de que a casa era menor do que julgara, bem menor; a segunda foi perceber que toda a vegetação entre a casa e o bosque de pinheiros se tornara extremamente grande. O telheiro sobre o poço mal apontava em meio a tufos de grama de uns bons dois metros e meio de altura, e a trepadeira enroscava-se em torno da chaminé e gesticulava com rígidos tentáculos em direção ao céu. Suas flores formavam vívidas manchas amarelas, distintamente visíveis como pequenos pontos separados, àquela distância

de um quilômetro e meio. Um grande cabo verde enroscava-se na grande cerca de arame do galinheiro gigante, e lançava galhos folhudos em volta de dois pinheiros mais afastados dos outros. Quase da metade da altura destes eram as moitas de urtiga que cercavam o barracão da carroça. Toda a perspectiva, à medida que se aproximavam, tornava-se cada vez mais sugestiva de uma investida de pigmeus num canto esquecido de algum grande jardim.

Havia grande atividade no ninho das vespas, segundo perceberam. Um enxame de vultos negros entrecruzava-se no ar acima da colina cor de ocre além dos pinheiros, e de vez em quando uma delas projetava-se no céu com incrível velocidade e partia em alguma busca distante . Ouvia-se o zumbido delas a quase um quilômetro de distância da Fazenda Experimental. A certa altura um desses monstros de raias amarelas voou em direção a eles e pairou por um tempo observando-os com os grandes olhos múltiplos, mas a um tiro inofensivo de Cossar, fugiu. Lá embaixo, num canto do campo, à direita, várias arrastavam-se sobre alguns ossos despedaçados, provavelmente os restos do cordeiro que os ratos haviam trazido da fazenda de Huxter. Os cavalos ficaram muito agitado s ao se aproximarem de tais criaturas. Nenhum membro do grupo era muito entendido em guiar carroça, e foi preciso pôr um homem para segurar cada animal e encorajá-lo com a voz.

Nada viam dos ratos quando se aproximaram da casa, e tudo parecia inteiramente silencioso, a não ser pelo aumento e diminuição do "uuuuzzzz, uuuuzzzuuu" do ninho de vespas. Levaram os cavalos para o quintal, e um dos homens de Cossar, vendo a porta aberta — toda a parte do meio fora roída —, entrou. Ninguém deu pela falta dele por algum tempo, pois o resto ocupava-se com os dois barris de parafina, e o primeiro indício que tiveram de que ele se separara foi o estampido de uma espingarda e o zumbido da bala. "Pan, pan", os dois canos, e parece que a primeira bala varou a barrica de enxofre, saindo do outro lado e enchendo o ar de pó amarelo. Redwood ficara de arma na mão e disparou contra uma coisa cinzenta que saltou a seu lado. Viu de relance uns largos quartos traseiros, a longa cauda escamosa e as compridas solas das patas traseiras de um rato, e disparou o segundo cano. Viu Bensington cair, enquanto o animal desaparecia dobrando a esquina da casa. Então, por algum tempo, todos ficaram de arma na mão. Durante três minutos, as

vidas pouco valeram na Fazenda Experimental, e os estampidos das espingardas encheram o ar. Redwood, pouco

ligando para Bensington em sua excitação, correu em perseguição e foi derrubado para a frente por um monte de fragmentos de tijolos, argamass a, reboco e ripas podres, que voaram para ele quando uma bala arrombou a parede. Viu-se sentado no chão com sang ue nas mãos e nos lábios, e uma grande quietude pairava em tudo à sua volta. Depois, uma voz gorda observou de dentro de casa. — Jesus!

— Olá! — disse Redwood.

— Olá você! — respondeu a voz. E em seguida: — Vocês pegou ele?

Redwood sentiu voltar-lhe um sentimento de dever e amizade. — O Sr. Bensington está ferido? — perguntou. O homem lá dentro ouviu mal.

— Por vocês, eu tava — disse a voz.

Tornava-se cada vez mais claro para Redwood que devia ter atingido Bensington. Esqueceu os cortes no rosto, levantou-se e voltou. Encontrou Bensington sentado no chão e esfregando o ombro. O outro olhou-o por cima dos óculos. — Nós o atigimos, Redwood — disse. — E depois: — Ele tentou saltar em cima de mim, e me derrubou. Mas disparei-lhe os dois canos, e, nossa!, como doeu em meu ombro! Surgiu um homem na porta.

— Acertei nele uma vez no peito e outra no lado — disse. — Onde estão as carroças? — perguntou Cossar, aparecendo no meio de um monte de folhas de trepadeira gigantes. Tornou-se evidente, para espa nto de Redwood, primeiro, que ninguém recebera um tiro, e segundo, que o trole e a carroça haviam-se afastado cinquenta metros, e estavam agora com as rodas presas em meio às embaraçadas distorções do pomar de Skinner. Os cavalos haviam deixado de escavar o chão com as patas. Entre eles e os animais, o barril de enxofre estourado jazia na estrada sob uma nuvem de pó. Redwood indicou-o a Cossar e encaminhou-se para lá.

— Alguém viu aquele rato? — gritou Cossar, seguindo-o. —

Acertei nele uma vez entre as costelas, e uma na cara, quando se voltou para mim.

Foram alcançados ali por dois homens, quando olhavam preocupados as rodas presas.

— Eu matei o rato — disse um dos homens.

— Pegaram-no? — perguntou Cossar.

— Jim Bates encontrou ele logo depois da sebe. Peguei ele na hora em que dobrava a esquina... Um tiro atrás do ombro... Quando tudo tornou a entrar num pouco de ordem, Redwood foi olhar o imenso corpo deformado. A fera jazia de lado, com o corpo levemente curvado. Os den tes roedores, ultrapassando a queixada recuada, davam-lhe ao focinho uma aparência de colossal debilidade, de fraca av idez. Não parecia nem um pouco feroz ou terrível. As patas dianteiras lembraram-lhe mãos magras e emaciadas. A não ser por um buraco bem visível, com as bordas queimadas, de cada lado do pescoço, a criatura achava-se absolutamente intata. Ele meditou algum tempo sobre esse fato. — Devem ter sido dois ratos — disse afinal, afastando-se. — E o outro, que todo mundo acertou... foi embora. - Tenho absoluta certeza de que meu tiro... Um tentáculo da trepadeira, empenhado naquela misteriosa busca de algo a que se agarrar q ue constitui uma característica dos tentáculos, curvou-se em direção ao seu pescoço e fez com que ele se apressasse a afastar-se.

"Zuuuummmm", vinha o zumbido do ninho de vespas distante. "Zuuuummmm."

O incidente deixou o grupo alerta, mas não amedrontado. Guardaram seus mantimentos na casa, que fora evidentemente saqueada pelos ratos após a fuga da Sra. Skinner, e quatro dos homens levaram os cavalos de volta a Hickleybrow. Arrastaram o rato morto através da sebe e puseram-no numa posição em que pudesse ser visto das janelas da casa, e incidentalmente deram

com um enxame de lacrainhas giga ntes na vala. Essas criaturas dispersaram-se rapidamente, mas Cossar esticou as pernas incalculáveis e conseguiu matar várias com as botas e a coronha da espingarda. Depois,

dois do s homens conseguiram cortar vários dos principais troncos da trepadeira — cilindros imensos, de mais de meio metro de diâmetro, que saíam ao lado da pia nos fundos; e enquanto Cossar punha a casa em ordem para passarem a noite, Bensington, Redwood e um dos eletricistas auxiliares percorriam cautelosamente os galinheiros, em busca de buracos de ratos.

Passaram londe das urtigas, pois esse mato gigante ameaçava-os com espinhos venenosos de be m uns três centímetros de comprimento. Depois, contor nando o passadiço destruído a dentadas, chegaram de repente à imensa garganta cavernosa da toca de rato mais a oeste, um buraco malcheiroso que logo os fez alinharem-se.

— Espero que saiam — disse Redwood, com uma olhada ao telheiro do poço.

— Se não saírem... — re fletiu Bensington. — Sairão — disse Redwood.

Meditaram.

— É preciso arranjar algum tipo de chama se vamos entrar — disse Redwood.

Subiram um pequeno sendeiro de areia branca que atravessava o bosque de pinheiros e foram parar à vista dos buracos de vespas.

O sol se punha então, e as vespas voltavam definitivamente para casa; suas asas, àquela luz dourada, criavam auréolas girantes em torno delas. Os três homens espiavam de debaixo das árvores — não tinham nenhuma vo ntade de ir até a borda do bosque — e viam os tremendos insetos pousarem, arrastarem-se um pouco, entrarem e desaparecerem.

— Vão se aquietar dentro de al gumas horas — disse Redwood. — É como se voltássemos a ser meninos.

— Não podemos perder esses buracos — disse Bensington — mesmo que a noite seja escura. A propósito... sobre a luz...

— Lua cheia — disse o eletricista. — Eu olhei. Voltaram e consultaram Cossar.

Ele disse que "obviamente" deviam levar o enxofre, o azoto e o gesso de Paris para o bosque antes do crepúsculo, e para isso separaram-se e levaram os sacos. Após os gritos necessários e as instruções preliminares, não se disse mais uma palavra, e à medida que o zumbido do ninho de vespas ia morrendo, mal se ouvia um som, a não ser o ruído das passadas, os pesados arquejos de homens carregados e o impacto dos sacos no chão. Revezavam-se todos nesse trabalho, com exceção do Sr. Bensington, visivelmente incapaz. Ele ficou de guarda no quarto de Skinner com uma espingarda, vigi ando a carcaça do rato morto; quanto aos outros, revezavam-se para descansar do transporte dos sacos e manter guarda dois de cada vez às tocas de ratos atrás das moitas de urtigas. Os sacos de pólen das urtigas estavam maduros, e de vez em quando a vigilância deles era avivada pela deiscência desses sacos, que explodiam exatamente como o estampido de uma pistola, e grãos de pólen do tamanho de chumbo de caça espalhavam-se por toda a volta. O Sr. Bensington sentava-se à sua janela numa dura poltrona alcochoada com crina de cavalo, coberta por um sujo forro, que dera um toque de distinção social à sala de estar dos Skinner durante muitos anos. Descansava a espingarda, com a qual não estava acostumado, no batente da janela, e seus óculos ora observavam o vulto escuro do rato morto no crescente crepúsculo, ora vaga vam em torno numa curiosa meditação. Sentia-se um débil cheiro de parafina do lado de fora, pois uma das barricas estava vazando, e esse cheiro misturava-se com um odor menos desagradável que vi nha da trepadeira serrada e esmagada.

Do lado de dentro, quando voltav a a cabeça, uma mistura de fracos odores domésticos, cerveja, queijo, maçãs podres e botas velhas como motifs predominantes, trazia-lhe muitas recordações dos desaparecidos Skinner. Ficou olhando o quarto na penumbra por algum tempo. Os móveis achavam-se em grande desordem — talvez causada por algum rato inquisitivo —,

mas um casaco pendurado num cabide na porta, uma navalha e alguns pedaços de papel sujos, e um pedaço de sabão que endurecera durante anos de desuso, transformando-se num cubo pétreo, lembravam a personalidade particular de Skinner. Ocorreu a Bensington, com uma compreensão inteiramente nova, que com toda probalidade o homem fora morto e devorado, pelo menos em parte, pelo monstro que agora jazia

morto ali na crescente escuridão.

Pensar aonde podia conduzir uma descoberta aparentemente inofensiva da química!

Ali estava ele, na acolhedora Inglaterra, e apesar disso em infinito perigo, sentado, sozi nho com uma espingarda numa casa escura e em ruínas, distante de todo conforto, o ombro terrivelmente machucado por um coice de espingarda, e... por Júpiter!

Percebia agora como mudara profundamente, para ele, a ordem do universo. Viera direto para aquela experiência espantosa sem sequer dizer uma palavra à prima Jane! Que estaria ela pensando dele?

Tentou imaginar e não conseguiu. Tinha a extraordinária sensação de que ela e ele se haviam separado para sempre, e jamais voltariam a encontrar-se. Sentia que dera um passo e entrara num mundo de novas imensidões. Que outros monstros não esconderiam aquelas sombras que se adensavam?... As extremidades das urtigas gigant es destacavam-se nítidas e negras contra o verde pálido e âmbar do céu ocidental. Estava tudo quieto, quieto demais, na verdade. Perguntava-se por que não ouvia os outros além da esquina da casa, As sombras agora no telheiro da carroça eram de um negror abissal. — Pan... Pan... Pan...

Uma sequência de ecos e um grito.

Um longo silêncio.

Pan – e um descendo de ecos.

Quietude.

Então, graças a Deus!, Redwood e Cossar emergiram da

inaudível escuridão, e o primeiro gritava: — Bensington! Bensington! Acabamos com outro dos ratos. Cossar liquidou outro dos ratos!

Quando a Expedição acabou de re staurar suas forças, a noite já descera inteiramente. As es trelas mostravam-se em seu brilho máximo, e uma crescente claridade para os lados de Hankey anunciava a lua. Mantivera-se a guarda sobre as tocas dos ratos, mas os guardas haviam-se

transferido para a encosta do morro acima deles, achando que era um lugar mais seguro para disparar. Agachavam-se ali, sob um orvalho um tanto copioso, enfrentando a frieza com uísque. Os outros repousavam na casa, e os três chefes discutiam as tarefas noturnas para os homens. A l ua nasceu por volta da meia- noite, e assim que clareou as chapadas, todos, com exceção dos guardas na toca de ratos, partiram em fila indiana, chefiados por Cossar, em direção ao ninho de vespas. Nesse caso, acharam a tarefa excepcionalmente fácil, espantosamente fácil. A não ser por tratar-se de um trabalho mais demorado, não foi coisa mais séria do que o seria qualquer ninho de vespa. Havia pe rigo, sem dúvida, perigo de vida, mas isso não apareceu na portentosa colina. Enfiaram o enxofre e o azoto, taparam firmemente os buracos e atearam fogo. Então, num impulso comum, todo o grupo, com exceção de Cossar, voltou-se e corre u atravessando as longas sombras dos pinheiros. Mas, vendo que Cossar ficara atrás, todos pararam, formando um bolo, a cem metros, numa vala conveniente, que oferecia proteção. Apenas por um ou dois minutos a noite de lua, toda em preto e branco, pesou com aquele zumbido abafado, que se elevou até um rugido, num tom profundo e abundante. Ma s o barulho atingiu o auge e morreu, e depois, quase incrivelmente, a noite ficou silenciosa. — Por Júpiter! — disse Bensin gton, quase num sussurro. —

Conseguimos!

Todos permaneciam atentos. A encosta do morro acima do negro entrelaçado de pinheiros parecia clara como o dia e descolorida com a neve. O gesso nos buracos positivamente brilhava. O corpo desengonçado de Cossar adiantou-se para eles.

— Até agora... — ele disse.

— Crac... pan!

Um tiro veio de perto da casa, e depois... silêncio. — Que foi isso? — perguntou Bensington.

— Um dos ratos botou a cabeça de fora — sugeriu um dos homens.

— A propósito, deixamos nossas espingardas lá em cima — disse Redwood.

— Junto aos sacos.

Todos tornaram a voltar para o morro.

— Devem ser os ratos — disse Bensington.

— Obviamente — disse Cossar, roendo as unhas. — Pan!

— Olá! — disse um dos homens.

E então, de repente, soaram um grito, dois tiros, um grito alto que era quase um berro, três tiros em rápida sucessão e um estilhaçar de madeira. Todos es ses sons foram bastante claros e baixos na imensa quietude da noite. Depois, por alguns instantes, não houve nada, a não ser uma pequena e abafada confusão vinda do lado das tocas dos ratos, e depois outro berro alucinado... Todos eles se viram de repente correndo a toda pressa para pegar as armas.

Dois tiros.

Bensington viu-se, de arma na mão, atravessando a toda os pinheiros, atrás de umas costas que sumiam. É curioso que o principal pensamento que lhe ocorreu nesse momento tenha sido o desejo de que a prima Jane pudesse vê-lo. Suas botas esburacadas voavam em loucas passadas, e ele tinha o rosto distorcido numa permanente careta, que lhe franzia o nariz e

mantinha os óculos no lugar. E também mantinha o cano da espingarda projetado para a frente, enquanto voava pelo terreno marchetado de luar. O homem que fugira da casa encontrou-os em plena corrida — largara a sua espingarda. — Olá - disse Cossar, e agarrou-o nos braços. — Que é isso?

— Eles saiu junto — disse o homem.

— Os ratos?

— Sim, seis.

— Onde está Flack?

— Lá embaixo.

— Que é que ele está dizendo? — perguntou Bensington, resfolegante, sem que lhe dessem atenção.

— Flack está lá embaixo.

— Caiu.

— Eles saiu um atrás do outro.

— Quê?

— Eles atacou. Eu disparei os dois canos primeiro. — Deixou Flack?

— Eles vinha em cima da gente.

— Vamos — disse Cossar. — Vo cê vem conosco. Onde está Flack? Mostre-nos.

Todo o grupo adiantou-se. O homem que fugira soltava mais detalhes da luta. Os outros se apinhavam à volta dele, com exceção de Cossar, que conduzia.

— Onde estão?

— Talvez eles voltou pra toca. Eu dei o fora. Eles correu pras toca.

— Que quer dizer? Vocês ficaram atrás deles? — Nós entrou nas toca deles. Vimos eles saindo, sabe, e tentamos cortar a saída. Eles passou por a gente feito coelho. A gente correu pra baixo e disp arou. Eles deu a volta depois de nosso primeiro tiro e de repente veio contra nós. Atacou nós.

— Quantos?

— Uns seis ou sete.

Cossar conduziu-os à borda do bosque de pinheiros e parou. — Quer dizer que pegaram Flack? — perguntou alguém. — Um tava em cima

dele.

— Você não atirou?

— Como podia?

— Todos com as armas carregadas? — perguntou Cossar por sobre o ombro. Houve um movimento de confirmação. — Mas Flack... — disse um.

— Quer dizer... Flack... — disse outro.

— Não há tempo a perder — diss e Cossar, e gritou: — Flack! — enquanto seguia na frente . A força toda avançou em direção às tocas dos ratos, o homem que fugira um pouco atrás. Atravessaram o matagal de crescimento exagerado e contornaram o corpo do segundo rato morto. Estendiam-se numa linha aberta, cada homem com a espingarda a pontada para a frente, e espiavam em volta, ao límpido luar, à procura de alguma sinistra forma abatida, algum vulto agachado. Logo encontraram a espingar da do homem que fugira. — Flack! — gritou Cossar. — Flack!

— Ele passou pelas urtiga corre ndo e caiu — disse o homem que fugira.

— Onde?

— Por ali assim.

— Onde ele caiu?

O homem hesitou e conduziu-os cortando as longas sombras negras por um espaço e voltou-se judiciosamente. — Mais ou menos aqui, eu acho.

— Bem, não está aqui agora.

— Mas a espingarda dele...

— Diabos! —- gritou Cossar. — Para onde foi tudo? — Deu um passo em direção às somb ras negras na encosta, que assinalavam as tocas, e ficou olhando. Depois tornou a praguejar. — Se o arrastaram para dentro... E assim ficaram, jogando uns para os outros fragmentos de

pensamentos. Os óculos de Bensington reluziam como diamantes, enquanto ele olhava de um para outro. Os rostos dos homens passavam da fria nitidez para uma misteriosa obscuridade, quando eles os voltavam para a lua ou os ocultavam dela. Todos falavam, nenhum completava uma frase. Então, de repente, Cossar escolheu sua linha de ação. Sacudiu braços e pernas para todos os lados e expeliu ordens em bombardeios. Era óbvio que queria lanternas. Todos, com exceção, dele, encaminharam-se para casa.

— Você vai entrar nas toca s? — perguntou Redwood. — Obviamente — disse Cossar.

Deixou claro mais uma vez que deviam pegar as lanternas da carroça e do trole e trazerem-nas.

Bensington, compreendendo isso , partiu pelo sendeiro que passava pelo poço. Olhou por cima do ombro e viu a gigantesca figura de Cossar parada, como se olhasse as tocas pensativamente. A essa visão, Bensington parou por um instante e voltou-se a meio. Todos deixavam Cossar... O engenheiro podia cuidar de si mesmo, claro! De repente, Bensington viu uma co isa gritar um "Ei" sem fôlego. Num segundo, três ratos haviam-se projetado do escuro emaranhado da trepadeira em direção a Cossar. Por três segundos, o engenheiro não os viu, e depois tornou-se a coisa mais ativa do mundo. Não disparou sua espingarda. Aparentemente, não teve tem po para fazer mira, ou sequer pensar em fazer; esquivou-se de um rato que saltava, e esmagou-lhe a nuca com a coronha da arma. O monstro deu um salto e caiu sobre si mesmo.

O vulto de Cossar sumiu entre a grama alta, e depois ele tornou a se erguer, correndo em direção a outro dos ratos e brandindo a espingarda acima da cabeça. Um débil grito chegou aos ouvidos de Bensington, e depois ele viu os dois ratos restantes saltando cada um para um lado, e Cossar perseguindo-os em direção à toca.

A coisa toda fora um jogo de sombras difusas; a ilusória claridade

da lua exagerava os três monstros atacantes e tornava-os irreais. Em alguns momentos, Cossar pa recia colossal, e em outros, invisível. Os ratos cruzavam o olhar de Bensington com súbitos saltos inesperados, ou

corriam com movimentos tão rápidos dos pés que pareciam andar sobre rodas. Tu do acabou em meio minuto. Só Bensington assistiu. Ele ouvia os outros atrás de si, afastando-se em direção à casa . Gritou algo incompreensível e voltou correndo para junto de Cossar, enquanto os ratos sumiam.

Alcançou-o diante das tocas. À luz da lua, a distribuição de sombras que constituía o rosto do engenheiro sugeria calma. — Olá — disse Cossar. — Já de volta? — Onde estão as lanternas? Já voltaram todos para suas tocas. Quebrei o pescoço de um que passava por mim... Está vendo? Ali! — E apontou com o dedo magro.

Bensington estava espantado demais para conversar... As lanternas pareceram demora r um tempo interminável para chegar. Afinal apareceram, primeiro um olho luminoso, que não piscava, precedido por um oscilante fulgor amarelo, e depois, piscando de vez em quando, dois outros. Em volta delas vinham pequenas figuras com pequenas vozes, e depois sombras enormes. O grupo parecia um ponto inflamado na gigantesca terra de sonhos do luar.

— Flack — diziam as vozes. — Flack.

Uma frase iluminadora flutuou até eles.

— Se trancou no sótão.

Cossar era cada vez mais maravilhoso. Mostrou grandes flocos de algodão e enfiou-os nos ouvidos... Bensington perguntava-se por quê. Depois carregou a espingarda com uma carga de um quarto de pólvora. Quem mais teria pensado nisso? O pasmo culminou com o desaparecimento das solas das botas de Cossar pela toca central acima.

Ele ia de quatro, com duas espingardas, cada uma pendendo de um lado de um cordão passado embaixo do queixo, e o mais confiável de seus auxiliares, um homenzinho escuro de rosto

sério, devia segui-lo curvado, segurando uma lanterna sobre a cabeça. Ele fizera tudo parecer tão sadio, óbvio e adequado quanto o sonho de um lunático . O algodão, ao que parecia, destinava-se a abafar a concu ssão das espingardas; o homem também o pusera. Obviamente! Contanto que

os ratos dessem as costas a Cossar, nenhum mal poderia acontecer-lhe, e assim que se voltassem, ele veria os olhos e dispararia entre eles. Como os bichos teriam de descer o cilindro da toca, Cessar dificilmente poderia deixar de acertá-los. Era, ele insistia, o método óbvio, um pouco tedioso talvez, mas absolutamente seguro. Quando o auxiliar curvou-se para entrar, Bensington notou que um bolo de cordão fora amarrado à cauda de seu casaco. Com aquilo, puxaria as cordas, se fosse necessário a rrastar para fora os corpos dos ratos.

Bensington notou que o objeto que ele levava na mão era o chapéu de seda de Cossar.

Como aquilo chegara ali?

Era uma coisa para fazê-lo lembrado, de qualquer modo. Em cada uma das tocas adjacentes permanecia um pequeno grupo com uma lanterna no chão iluminando a entrada, e um homem ajoelhado fazia mira no redondo vazio diante dele, esperando qualquer coisa que emergisse.

Houve uma interminável expectativa.

Então, ouviram o primeiro tiro de Cossar, como uma explosão numa mina.

Os nervos e músculos de t odos contraíram-se ouvindo-o, e pan! pan! pan! —- os ratos haviam tentado um ataque, e mais dois estavam mortos. O homem que segurava o rolo de cordão comunicou um puxão.

— Matou um lá dentro — disse Bensington — e quer a corda. Viu a corda enfiar-se no bura co, e parecia animada de uma inteligência serpentina — pois a escuridão tornava invisível o cordão. Afinal ela parou de rastejar, e houve uma longa pausa. Então o que parecia a Bensington o monstro mais esquisito de todos arrastou-se lentamente para fora do buraco, e revelou ser o

pequeno maquinista que saía de costas. Depois dele. e abri ndo sulcos profundos, surgiram as botas de Cossar, e em seguida as suas costas, iluminadas pela lanterna... Só restava um rato vivo agora, e o pobre e condenado desgraçado entocara-se nos mais fundos recessos, até que Cossar e a lanterna tornaram a en trar e matá-lo, e finalmente o

engenheiro, verdadeiro furão humano, percorreu todas as tocas para certificar-se.

— Pegamos todos — disse ao gr upo quase assustado, afinal. — E se eu não fosse um idiota cabeça-oca teria tirado a camisa, Obviamente. Apalpe minhas mangas, Bensington! Estou ensopado de suor. É muito difí cil pensar em tudo. Só uma talagada de uísque pode sa lvar-me de um resfriado.

Houve momentos naquela noite maravilhosa em que pareceu a Bensington que fora destinado pela natureza a uma vida de fantástica aventura. Isso se apl icava em particular a mais ou menos uma hora depois de ter tomado um uísque puro. — Não volto mais para a Sloane Street — confiou ao maquinista alto, louro e sujo.

— Volta não, hem?

— Não se procupe — disse Bensington, acenando sombriamente a cabeça.

O esforço de arrastar os sete ratos mortos à pira funerária ao lado da moita de urtigas deixar a-o banhado de suor, e Cossar indicara a óbvia reação física do uísque para salvá-lo de um resfriado fora isso inevitável . Comeram uma espécie de jantar de salteador na velha cozinha de tijolos, com a fila de ratos mortos jazendo ao luar junto aos galinheiros lá fora, e após uns trinta minutos de repouso, Cossar despertou-os todos para as tarefas que ainda tinh am de cumprir. "Obviamente", como dizia, tinham de "varrer o lugar. Nada de lixo — nada de escândalo. Vêem?" Excitou-os com a idéia de fazer a

destruição completa. Quebraram e lascaram todo fragmento de madeira dentro da casa; fize ram trilhas de lenha em toda parte onde brotava mato bravo; ergueram uma pira para os corpos dos ratos e enchar caram-nos com parafina. Bensington trabalhou como um operário de escavações consciente. Sentiu uma espécie de clímax de exaltação e energia lá pelas du as horas. Quando, na obra de destruição, brandia um machado, mesmo os mais bravos fugiam de suas vizinhanças. Depois a perda temporária dos óculos deixou-o um pouco sóbrio, e terminou encontrando-os no bolso do casaco.

Os homens passavam de um lado para outro diante dele — homens tisnados, enérgicos. Cossa r movia-se entre eles como um deus.

Bensington bebia aquele pr azer da camaradagem humana que se apodera dos exércitos vitoriosos e das expedições decididas — e nunca daqueles que vivem a vida dos sóbrios cidadãos nas cidades. Depoi s que Cossar tomou seu machado e mandou-o carregar lenha, ele ficou andando ds um lado para outro, dizen do que eram todos "bons camaradas". E assim conti nuou — muito depois de reconhecer a fadiga.

Finalmente, tudo ficou pronto e teve início o derramamento da parafina. A lua, privada agora de todo o seu magro séquito noturno de estrelas, brilh ava alta sobre a madrugada. — Queimem tudo — disse Cossar, indo de um lado para outro — queimem o chão e arrasem tudo. Vêem? Bensington tomou consciência dele, vendo-o agora muito magro e horrível nos pálidos primórdios da madrugada, passando apressado com a queixada projetada e uma tocha chamejante na mão.

— Sai daí! — disse alguém, puxando o braço de Bensington.

A silenciosa madrugada — os pássaros não cantavam ali — encheu-se de repente de um tumultuoso estrelejar; uma chamazinha vermelha, abafada, correu pela base da pira,

transformou-sc em azul acima do solo e ergueu-se às alturas, folha a folha, pelo tronco de uma urtiga gigante. Um som de canto misturava-se ao crepitar...

Eles agarraram suas espingardas no canto da sala de estar de Skinner e correram todos. Cossar vinha atrás, com passadas pesadas ...

Depois ficaram parados, olhando a Fazenda Experimental lá atrás. Toda ela ardia; a fumaça e as chamas saltavam como uma multidão em pânico das portas e janelas, e de mil fendas e rachaduras no telhado. Incêndio era com Cossar! Uma grande coluna de fumaça, entremeada de línguas rubras como sangue e vívidos clarões, precipitava-se para os céus. Era como um imenso gigante erguendo-se de re pente, estirando-se para cima e abruptamente abrindo os grandes braços de um lado a outro do céu. Àquilo devolvia-lhes a noite, escondendo e obliterando inteiramente a

incande scência do sol que se erguia atrás. Toda Hickleybrow logo tomou conhecimento daquela estupenda coluna de fumaça, e subiu o morro, em vários trajes de dormir, para vê-los voltar.

Atrás, como um fantástico cogumelo, a coluna de fumaça oscilava e adejava, subindo, subindo para o céu — fazendo as chapadas parecerem baixas e todos os ou tros objetos mesquinhos, e no primeiro plano, chefiados por Cossar, os responsáveis por aquela traquinagem seguiam o caminho, oito figurinhas negras que se aproximavam cansadas, de arma s nos ombros, atravessando o prado.

Quando Bensington olhou para trás ocorreu-lhe ao cérebro exausto, e nele ecoou, uma fórmula conhecida. Qual era? "Você acendeu hoje...?" "Você acendeu hoje...?"

E então lembrou-se das palavras de Latimer: "Acendemos neste dia uma tal Vela na Inglaterra que homem algum jamais apagará de novo..."

Que homem era Cossar, sem dúvi da! Ficou admirando as costas do outro por um instante, e sentia-se orgulhoso por ter segurado aquele chapéu. Orgulhoso! Embora ele fosse um eminente

pesquisador e Cossar apenas se empenhasse na ciência aplicada.

De repente, começou a sentir frio e a bocejar muito, e a desejar estar calidamente enfiado na cama em seu apartamentinho que dava para a Sloane Street. (Nem adiantava agora pensar na prima Jane). As pernas tornavam-se fios de algodão, e os pés chumbo. Perguntava-se se algué m lhes arranjaria café em Hickleybrow. Não ficava acordado a noite toda fazia trinta e três anos.

E enquanto esses oito aventureir os lutavam com ratos em torno da Fazenda Experimental, quatorze quilômetros além, na aldeia de Cheasing Eyebright, uma velha com um excesso de nariz lutava com grandes dificuldades à luz de uma trêmula vela. Tinha um abridor de lata de sardinha numa mão, e na outra uma lata de Herakleoforbia, que resolvera abrir ou morrer. Lutava incansavelmente, grunhindo a cada novo esforço, enquanto do outro lado do frágil tabique a voz do pequeno Caddles chorava. — Abençoado seja — disse a Sra. Skinner; e então, com seu

único dente mordendo o lábio num êxtase de determinação: — Sai logo!

E afinal, jab!, uma nova porção de Alimento dos Deuses libertou- se para descarregar seus poderes de gigantismo sobre o mundo.

## AS CRIANÇAS GIGANTES

Por algum, tempo, ao menos, o círculo crescente de consequências residuais da Fazenda Experimental deverá deixar o foco de nossa narrativa — o modo como, por um longo tempo, o poder de gigantismo, em fungos e cogumelos, na grama e no mato, irradiou-se daquele centro calcinado, mas de modo

nenhum obliterado. Tampouco po demos contar aqui como as enlutadas solteironas , as duas galinhas sobreviventes que causaram maravilha num espetác ulo, passaram os anos que lhe restavam em desovada celebridade. O leitor faminto de detalhes completos pode procurar os jornais da época, volumosos e indiscriminados arquivos do moderno Anjo do Registro. Nosso caso é com o Sr. Bensington, e o foco da perturbação. Ele retornou a Londres e desc obriu-se um homem muitíssimo famoso. Numa noite o mundo to do mudara em relação a ele. Todos compreendiam. A prima Jane, ao que parecia, sabia de tudo; as pessoas na rua sabiam de tudo; os jornais, de tudo e um pouco mais. Encontrar a prima Jane foi terrível, é claro, mas quando tudo acabou, não tão terrível assim, afinal. A boa mulher tinha limites até para seu poder s obre os fatos; era claro que havia refletido e aceitado o Alimento como algo na ordem das coisas.

Adotou a linha do rabugento cumprimento do dever. Desaprovava enormemente, era evidente, mas não proibia. A fuga de Bensington, como deve tê-la considerado talvez a houvesse abalado, e o pior que fazia era tratá-lo com amarga persistência de um resfriado que ele não apanhara e de um cansaço que havia muito esquecera, e comprar-l he uma espécie de conjunto de roupa de baixo higiênico, de pura lã, que se podia virar pelo avesso em parte, e em parte não, e tão difícil de enfiar para um homem distraído como... Sociedade. E assim, por algum tempo, e até onde essa conveniência lhe deixava tempo, ele ainda continuava a participar do desenvolvimento desse novo elemento na história humana, o Alimento dos Deuses. A mente do público, seguindo suas misteriosas leis

de seleção, escolhera-o como único Inventor e Promotor responsável por aquela nova maravilha; não queria saber de Redwood, e deixou sem um protesto que Cossar se guisse seu impulso natural em direção a uma obscuridade enormemente prolífica. Antes que percebesse a mudança nessas cois as, o Sr. Bensington já era, por assim dizer, desnudado e dissecado nas inscrições nos

tapumes. Sua calvície, sua curiosa cor rósea e seus óculos de ouro tornaram-se um patrimônio nacional. Jovens decididos, com grandes câmaras de aparência cara e uma aparência geral de completa autoridade, apoderavam-se do apartamento por breves e frutíferos períodos, explodiam flashes que o inundavam durante horas de denso e insuportável vapor, e retiravam-se para encher páginas de revistas em cadeia com suas admiráveis fotos do Sr. Bensington de corpo inte iro e à vontade em seu segundo melhor casaco e seus sapatos es buracados. Outras pessoas de maneiras decididas, de idades e sexos vários, apareciam e falavam coisas sobre o Comidã o — fora a revista satírica Punch quem primeiro chamara a coisa de "Comidão" — e depois reproduziam o que elas próprias tinham dito como palavras dele à entrevista. O negócio, tornou-se uma verdadeira obsessão para Broadbeam o popular humorista. Ele farejava outra daquelas malditas coisas que não podia entender e agitava-se terrivelmente para "abafá-la com risadas". Vi am-no nos clubes, uma grande e desajeitada presença, com os si nais do óleo queimado à meia- noite visíveis no rosto enorme e doentio, explicando a todos a quem conseguia agarrar pelo botão do paletó: — Esses sujeitos científicos, sabe, não têm senso de humor, sabe. É isso que é. A tal ciência.... mata o humor. Suas piadas com Bensington tornaram-se ataques malignos... Uma empreendedora - agência de recortes de jornais enviou a Bensington um longo artigo sobr e ele, de uma revista de seis pence. intitulado "Um Novo Terror", e ofereceu-lhe providenciar cem daqueles incômodos po r um guinéu; duas moças extremamente encantadoras, totalmente desconhecidas, visitaram-no e, para muda indignação da prima Jane, tomaram chá com ele e depois enviaram-lhe seus livros de aniversário para a sua assinatura. Bensington acos tumou-se rapidamente a ver seu nome associado às ideias mais estapafúrdias na imprensa, e a descobrir nas revistas artigos escritos sobre o Comidão e ele próprio, num tom de absoluta intimidade, por pessoas

das quais nunca ouvira falar. Fossem qu ais fossem as ilusões que alimentara em seus dias de obscuridade sobre os prazeres da

fama, eles se desfizeram ab solutamente e para sempre. A princípio — com exceção de Broadbeam — o tom da opinião pública era inteiramente isenta de qualquer toque de hostilidade. Não pareceu ocorrer a ninguém, como mais que uma simples suposição de brincadeira, que qualquer outra quantidade de Herakleoforbia fosse tornar a escapar. E não pareceu ocorrer à opinião pública que o crescente grupinho de bebês então alimentados com a substância acabaria crescendo mais do que a maioria de nós já cresceu, O tipo de coisas que agradava à opinião pública eram as caricatu ras de políticos eminentes após um prato de Comidão, os usos das ideias nos t apumes, e exibições edificantes como as vespas mortas que haviam escapado do fogo e as galinhas restantes.

O público não se dava ao trabalho de olhar além disso, até que se fizeram esforços bastante vigorosos para voltar sua atenção para as consequências mais remotas; e mesmo então, por algum tempo, o interesse do público pe la ação foi apenas parcial. "Há sempre alguma coisa nova", dizia o público — um público tão empanturrado com novidades que sçria informado de que a terra estava sendo cortada como se corta uma maçã sem a menor surpresa, e apenas comentando: "Imagino o que vão fazer depois disso".

Mas havia uma ou duas pessoas fora do público, por assim dizer, que já tinham dado essa olhada mais além, e alguns, aparentemente, se assustaram co m o que viram. Havia o jovem Caterham, por exemplo, primo do Conde de Pewterstone e um dos mais promissores dos políticos ingleses, que, correndo o risco de ser tomado por novidadeiro, escreveu um longo artigo no Século Dezenove e Depois sugerindo a total supressão do alimento. E — em alguns de seus estados de espírito — havia Bensington.

— Eles parece que não compreendem... — ele disse a Cossar.

— Não, não compreendem, não.

— E nós? Compreendemos? Às vezes, quando penso no que

significa... Essa pobre criança de Redwood ... e, é claro, seus três... doze metros de altura, talvez!...

— Vá em frente! — gritou Cossar, convulsionado por um deselegante pasmo e aguçando a voz mais que nunca. — É claro que você vai em frente com essa coisa! Para que pensa que foi feito? Para vagabundar entre as refeições? Sérias consequências — gritou — veja você! Enormes! Obviamente. Obviamente. Ora, homem, é a única oportunidade que você algum dia terá de uma co nsequência séria! E quer tirar o corpo fora! — Por um momento, sua indignação tirou-lhe a fala. — É decididamente perverso! — disse afinal, e repetiu numa explosão. — Perverso!

Mas Bensington trabalhav a em seu laboratório, agora, com mais emoção do que zelo. Não sabi a se desejava ou não sérias consequências para a sua vida; era um homem de gostos discretos. Tratava-se de uma descoberta maravilhosa, claro, muito maravilhosa, mas... Já se tornara proprietário de vários acres de propriedade escorchada, desacreditada, perto de Hickleybrow, a um preço de quase noventa libras o acre; e às vezes dispunha-se a julgar isso consequência tão séria da química especulativa quanto qualquer um poderia desejar. Evidentemente, estava famoso — muitíssimo famoso. Mais que satisfatória, completamente mais que satisfatória, era a fama que conquistara.

Mas o hábito da pesquisa era forte nele... E em alguns momentos, raro s momentos no laboratório, sobretudo, descobria mais que o hábito e os argumentos de Cossar a impeli-lo ao trabalho. Aquele homenzinho de óculos, encarapitado, talvez com os s apatos rasgados enroscados nas pernas do tamborete e as mãos na pinça de pesos da balança, tinha de novo um clarão daquela visão da adolescência, uma percepção momentânea do eterno desdobrar-se da semente que fora semeada em seu cérebro; via por assim dizer no céu, além das formas e acidentes grotescos do presente, o mundo futuro de gigantes, e todas as coisas poderosas que o futuro reservava — vagas e esplêndidas, como um palácio reluzente visto de repente

na passagem de um raio de so l distante... E acabava ficando com ele, como se aquele espl endor distante jamais houvesse reluzido em seu

cérebro, e não percebesse nada à frente além de sombras sinistras, imensos declives e trevas, inóspitas imensidões, coisas frias, bárbaras e terríveis.

Em meio aos complexos e confusos acontecimentos, os impactos do grande mundo externo que constituíam a fama do Sr. Bensington, acabou destacando-se uma figura brilhante e ativa, que se tornou quase, por assim dizer, um líder e mestre de cerimônias de tais aparências aos olhos do Sr. Bensington. Era o Dr. Winkles, o convincente jovem médico que já apareceu nesta história como o meio pelo qual Redwood pôde transmitir o Alimento a seu filho. Mesmo antes da grande irrupção, era evidente que os pós misteriosos que Redwood lhe dera haviam despertado imensamente o interess e desse cavalheiro, e assim que as primeiras vespas apareceram, eie somou dois e dois. Era o tipo de médico que, por suas maneiras, moral, métodos e aparência se podia descrever sucinta e definitivamente como "em ascensão". Grande e louro, com uns duros olhos cor de alumínio, alertas, superficiais, e cabelo s parecendo giz empapado, traços regulares e musculosos em volta da boca barbeada, porte ereto e movimentos enérgicos, rápido e móvel nos calcanhares, usava casacas compridas, gravatas de seda negra e abotoaduras e correntes de ouro puro, e seus chapéus de seda tinham uma forma e abas especiais que o faziam parecer mais sábio c melhor que qualquer um. Parecia tão jovem ou velho quanto qualquer adulto. E após aquela primeira e maravilhosa explosão, apegou-se a Bensington, Redwood e ao Alimento dos Deuses com um tão convincente ar de prop rietário que às vezes, apesar do testemunho em contrário da imprensa, Bensington inclinava-se a encará-lo como o inventor original da coisa toda.

— Esses acidentes — dizia Winkles, quando Bensington. insi nuava os perigos de outros descontroles — não são nada. Nada. A desc oberta é que é tudo . Adequadamente desenvolvida e manipulada, sadi amente controlada, temos... temos algo deveras portent oso nesse nosso alimento... Devemos trazê-lo de olho... Não devemos deixar que saia de nosso controle de novo, e.... não devemos aba ndoná-lo. Ele, certamente, não pretendia fazer isso. Vivia agora quase todo dia na casa de Bensington. Este, olhando da janela, via a impecável e esplêndida equipagem entrando na Sloane Street, e após um intervalo incrivelmente breve Winkles entrava na sala com movimentos leves, fortes, e

impregnava-a toda, e apresentava algum jornal, dava informações e fazia observações.

— Bem — dizia, esfregando as mãos — como vamos indo? — E passava à discussão em pauta.

— Sabe — disse um dia — o Ca terham falou sobre o nosso material na Associação da Igreja?

— Deus do céu! — disse Bensington. — Ele é primo do Primeiro-ministro, não é?

— Sim — disse Winkles — um jovem muito capaz... muito capaz. Bastante equivocado, sabe, violentamente reacionário...mas inteiramente capaz. E evidentemente está disposto a capitalizar esse nosso material. Adota uma linha bastante enfática. Fala de nosso propósito de usá-lo nas escolas elementares...

— Nossa proposta de usá-lo nas escolas elementares! — Eu disse alguma coisa a esse re speito outro dia... muito de passagem... uma coisinha na Politécnica. Tentando deixar claro que o material é realmente muitíssimo benéfico. Nem um pouco perigoso, apesar daqueles primeiros acidentezinhos, que não podem de modo algum ocorrer de novo... Você sabe que seria uma coisa muito boa... Mas ele pegou a coisa.

— Que disse você?

— Simples bobagens óbvias. Mas, como vê...! Ele pegou a coisa com toda gravidade. Tr ata-a como um ataque. Diz que já há desperdício suficiente de verbas públicas nas escolas públicas sem isso. Conta as ve lhas histórias sobre lições de piano de novo... você sabe. Diz que ninguém deseja impedir os filhos das classes baixas de conseguir uma educação adequada à condição delas, mas dar-lhes um alimento desse tipo será destruir inteiramente nelas o senso de proporção. Expande-se sobre o tema. Pe rgunta de que adianta fazer pobres de dez metros. Acredita mesmo, sabe, que terão dez metros.

— E teriam — disse Bensinglon — se déssemos nosso alimento regularmente. Mas ninguém falou... — Eu falei alguma coisa.

— Mas, meu caro Winkles...

— Serão maiores, é claro — inte rrompeu Winkles, com um ar de quem conhece a coisa toda, e desencorajando as grosseiras idéias de Bensington. — Indiscutivelmente maiores. Mas ouça o que ele diz! Isso os tornará ma is felizes? Eis a questão. Curioso, não é? Torná-los-á me lhores? Respeitarão mais a autoridade propriamente consti tuída? É justo para com as próprias crianças? É curios o como gente dessa espécie se preocupa com a justiça... em relação a quaisquer arranjos futuros. Di z que mesmo hoje o custo para alimentar e vestir as crianç as é maior do que muitos pais podem conseguir, e se se permitir esse tipo de coisa...! Hem? Como vê, ele transforma minha simples observação de passagem numa proposta positiv a. E aí calcula quanto custará um par de calças para um rapagão de uns vinte metros. Como se realmente acreditasse... Dez libras, calcula, para a mais simples decência. Homem curioso, esse Caterham! Tão concreto! O honesto e esforçado pagador de impostos terá de contribuir para isso, diz. Diz que temos de considerar os Direitos do Pai. Está tudo aqui. Duas, colunas. Todo pai te m o direito de ver o filho crescer até o seu próprio tamanho...

"Depois, vem a questão da acomodação escolar, o custo das carteiras e formulários maiores, para nossas Escolas Nacionais já muito sobrecarregadas. E para conseguir o quê? Um proletariado de gigantes famintos. E conclui com um trecho muito sério, dizendo que se essa alucinada sugestão... mera fantasia passageira minh a, sabe, e deturpada ainda por cima... se essa alucinada sugestão sobre as escolas não der em nada, ; isso não encerrará o as sunto. Trata-se de um alimento estranho, tão estra nho que lhe parece a ele quase perverso. Foi espalhado descuidadam ente... é o que ele diz... e pode espalhar-se de novo. Um a vez que o toma, é veneno se não se continuar tomando. (“É mesmo", disse Bensington). Em suma, ele propõe a formaçã o de uma Sociedade Nacional para Preservação da Pro porção Adequada das Coisas. Estranho? Hem? As pessoas estão se apegando à ideia como se fosse alguma coisa.

— Mas que propõe fazer?

Winkles deu de ombros e ergueu as mãos.

— Formar uma sociedade — disse — e criar confusão. Querem declarar ilegal a fabricação dessa Herakleoforbia... ou pelo menos divulgar o seu conhecimento. Escrevi uma coisinha para mostrar que a idéia de Caterham sobre o material é muitíssimo exagerada, muitíssi mo exagerada de fato, mas isso não parece contê-lo. É curioso como as pessoas estão se voltando contra a coisa. E a Associação Nacional de Temperança, a propósito, fundou um ramo de Temperança no Crescimento.

— Hum! — disse Bensington , e esfregou o nariz. — Depois de tudo que aconteceu tinha de haver esse clamor. Em vista disso, a coisa é... espantosa.

Winkles andou pela sala por al gum tempo, hesitou e partiu. Tornou-se evidente que tinha alguma coisa no fundo da mente, algum aspecto de crucial importância para ele, que esperava expor. Um dia, quando Redwood e Bensington se achavam juntos no apartamento, ele lhes proporcionou um vislumbre

daquela alguma coisa que manti nha em reserva. — Como vai indo isso? — pe rguntou, esfregando as mãos. — Estamos redigindo uma espécie de relatório. — Para a Real Sociedade?

— Sim.

— Hum — disse Winkles, muito profundamente, e dirigiu-se ao tapete da lareira. — Hum. Mas... Eis a questão. Vocês deviam?

— Devíamos o quê?

— Tornar público?

— Não estamos na Idade Média — disse Redwood. — Eu sei.

— Como diz Cossar, a troca de saber... eis o verdadeiro método científico.

— Na maioria dos casos, sem dúvida. Mas... Esse é excepcional.

— Devemos apresentar toda a coisa à Real Sociedade na forma devida — disse Redwood.

Winkles retornou ao assu nto numa ocasião posterior. — Trata-se, sob muitos aspectos, de uma Descoberta Excepcional.

— Isso não tem importância.

— É o tipo de conhecimento que poderia prestar-se facilmente a graves abusos... graves perigos, como diz Caterham. Redwood nada disse.

— Mesmo por descuido, vocês sabem...

- Se formássemos uma comissão de pessoas dignas de confiança para controlar a fabricação do Comidão... da Herakleofoibia; devo dizer... poderíamos...

Parou, e Redwood, com um certo desconforto íntimo, fingiu não ter visto nenhum tipo de interrogação...

Fora dos apartamentos de Redwood e Bensington, Winkles, apesar da inconclusividade de suas instruções, tornou-sé uma des- tacada autoridade no Comidão. Escrevia cartas defendendo o seu uso; fazia notas e artigos explicando suas possibilidades; saltava

irrelevantemente nas reuniões de associações científicas e médicas para falar dela; identific ava-se com ela. Publicou um panfleto intitulado "A Verdade Sobre o Comidão", no qual minimizava todo o caso de Hickleybrow, reduzindo-o a quase nada. Afirmou que era absurdo dizer que o Comidão faria as pessoas terem dez metros de altura. Isso era um "óbvio exagero". Fá-los-ia maiores, claro, mas só isso...

Dentro daquele íntimo círculo de dois era sobretudo evidente que Winkles estava extremamente ansioso para ajudar na fabricação da Herakleoforbia, na correção de quaisquer provas tipográficas que houvesse de qualquer document o em preparação sobre o assunto — para fazer qualquer coisa, na verdade, que levasse à sua participação nos detalhes da fabricação da Herakleoforbia. Falava-lhes o tempo todo que sentia que se tratava de uma Grande Coisa, com grandes possiblidades. Se eles pelo menos fossem... "salvaguardados de algum modo". E afinal, um dia, pediu diretamente para que lhe dissessem como se fabricava a substância.

— Estive pensando no que você disse — disse Redwood. — E então? — perguntou Winkles, radiante.

— É o tipo de conhecimento que p oderia prestar-se facilmente a graves abusos — disse Redwood.

— Mas não vejo onde isso se aplica — disse Winkles. — Aplica-se — disse Redwood.

Winkles pensou nisso mais ou m enos um dia. Depois foi a Redwood e disse estar em dúvida sobre se devia dar pós sobre os quais nada sabia ao filho dele; parecia-lhe que era extraordinariamente como assumir responsabilidade no escuro. Isso deixou Redwood preocupado.

— Você viu que a Sociedad e para Supressão Total do Comidão alega ter vários milhares de membros — disse Winkles, mudando de assunto. — Rascunharam uma lei. Conseguiram com que o jovem Caterham a adotasse... de muito boa vontade. Falam séri o. Estão form ando comissões locais para influenciar os ca ndidatos. Querem impor penas à

preparação e armazenamento de Herakleoforbia sem licença especial, e tornar crime... sujeit o a prisão, sem alternativa... ministrar o Comidão... é como o chamam, vocês sabem ... a qualquer pessoa com menos de vinte e um anos. Mas existem sociedades colaterais, vocês sabem. Todo tipo de gente. A Sociedade para Preservação das Antigas Estaturas diz que vai pôr o Sr. Frederick Harrison no conselho. Sabem que ele escreveu um ensaio sobre o assunto; diz que é vulgar, e em total desarmonia com a Revelação da Humanidade encontrada nos ensinamentos de Comte. É o tipo de coisa que o século dezoito não poderia produzir mesmo em seus piores momentos. A idéia do Alimento jamais passou pela cabeça de Comte... o que demonstra como é realmente perversa. Diz que ninguém que entendeu realmente Comte... — Mas você não quer dizer. . — disse Redwood, alarmado de tal modo que abandonara o seu desdém.

— Não farão tudo isso — disse Winkles. — Mas a opinião pública é a opinião pública, e os votos são votos. Todos podem ver que vocês estão com uma coisa perturbadora. E o instinto humano é contra qualquer perturbação, vocês sabem. Ninguém parece acreditar na idéia de Caterham, de pessoas com dez metros de altura, que não poderão entrar

numa igreja ou numa assembléia, ou em qualque r instituição social ou humana. Mas apesar disso não estão com a mente muito tranquila a respeito. Percebem que há alguma coisa, algo mais que uma simples descoberta...

— Isso existe em toda desc oberta — disse Redwood. — De qualquer modo, estão fica ndo... inquietos. Caterham continua martelando sobre o que pode acontecer se a coisa se soltar de novo. Eu repito e repito que isso não acontecerá nem poderá acontecer. Mas ... aí está!

E passejou pelo quarto por algu m tempo, como se pretendesse reabrir a questão do segredo, mas depois pensou melhor e saiu.

Os dois cientistas entreolharam -se. Por algum tempo, apenas

seus olhos falaram.

— Se acontecer o pior — disse Redwood afinal, numa voz forçadamente calma — darei o Alimento a meu pequeno Teddy com minhas próprias mãos.

Só alguns dias depois disso fo i que Redwood abriu seu jornal e descobriu que o Primeiro Ministro prometera instituir uma Real Comissão sobre o Comidão. Isso o fez precipitar-se, de jornal em punho, para o apartamento de Bensington. — Creio que Winkles está fomentando discórdias sobre o ma terial. Faz o jogo de Caterham. Não pára de falar do assunto, e do que vai fazer, e isso as susta as pessoas. Se continuar assim, creio realmente que at rapalhará nossas pesquisas. Do jeito que já está... com esse problema sobre meu garoti nho... Bensington manifestou o desejo de que Winkles não continuasse.

— Você notou como ele passou a chamar o material de Comidão?

— Não gosto desse nome — disse Bensington, com um olhar por sobre os óculos.

— É exatamente o que ele é... para Winkles. — Por que ele continua insi stindo nisso? Não é dele! — É uma coisa chamada su rto — disse Redwood. — Eu não compreendo. Se não é dele, todos estão começando a pensar que é. Não que isso importe.

— No caso dessa agitação ignor ante, ridícula, tornar-se... séria — começou Bensington.

— Meu menino não pode passar sem a substância — disse Redwood. — Não sei o que posso fazer agora. Se acontecer o pior...

Um ligeiro ruído proclamou a presença de Winkles. Ele se fez visível no meio da sala, esfregando as mãos. — Eu gostaria que você bates se antes de entrar — disse

Bensington, com um olhar maligno por sobre os óculos de ouro. Winkles mostrou-se cheio de descu lpas. Depois voltou-se para Redwood.

— Estou satisfeito por encontrá-lo aqui — começou. — A verdade é que...

— Você soube da Real Comissão? — interrompeu Redwood. — Sim — disse Winkles, com a corda toda. —- Sim. — Que acha disso?

— Uma coisa excelente — disse Winkles. — Deve deter todo esse clamor. Ventilar a coisa toda. Calar Caterham. Mas não foi por isso que vim aqui, Redwood. O caso é... — Eu não gosto dessa Real Comissão — disse Bensington. — Posso assegurar a vocês que dará tudo certo. Devo dizer... não creio que seja uma quebra de confiança... que com muita possibilidade eu posso ter um lugar na comissão... — Ooom — disse Redwood, olhando o fogo.

— Posso pôr a coisa toda nos eixo s. Posso deixar perfeitamente claro, primeiro, que o material é controlável, e, segundo, que só um milagre pode fazer com que torne a acontecer uma catástrofe como a de Hickleybrow. É isso q ue é preciso, uma garantia dada coro autoridade. Claro, eu poderia falar com maior confiança se soubesse ... Mas isso é inteir amente outra questão. E neste momento há outra coisa, outro probleminha, sobre o qual desejo consultá- los. A-ham. O caso é... Bem... acontece que me encontro numa pequena dificuldade, e vocês podem me ajudar a sair. Redwood ergueu as sobrancelhas e sentiu-se secretamente contente.

— O problema é... altamente confidencial.

— Prossiga — disse Redwood. — Não se preocupe com isso. — Confiaram-me recentemente uma criança... filho de... de um Excelso Personagem. — Winkles tossiu.

— Você está progredindo — disse Redwood.

— Devo confessar que é em grande parte devido a seus pós... e à reputação de meu sucesso com seu menino... Existe, não

posso disfarçar, um forte sent imento contra o seu uso. E no entanto, descubro entre os ma is inteligentes... Deve-se agir discretamente sobre essas co isas, vocês sabem... pouco a pouco. Contudo, no caso de Sua Serena Al... quer dizer, desse novo pacientezinho meu. Na verdade ... a sugestão veio do pai... S enão eu nunca...

Pareceu a Redwood que el e estava embaraçado. — Eu achava que você tinha certa dúvida sobre a conveniência de usar esses pós — disse Redwood. — Só uma dúvida passageira.

— Não propõe interromper.. .

— No caso de seu menino? Certamente que não! — Até onde posso ver, isso seria assassinato. — Eu não faria isso por nada no mundo.

— Você terá os pós — disse Redwood.

— Creio que você não poderia...

— Não se preocupe — disse Redwood. — Não existe uma receita. Não adianta, Winkles, se perdoa a minha franqueza. Eu mesmo prepararei os pós para você.

— Está bem, talvez — disse Wi nkles, após um momentâneo e duro olhar a Redwood — está bem. — E depois: — Posso asse- gurar-lhe que na verdade não dou a mínima.

Quando Winkles saiu, Bensington foi postar-se no tapete da lareira e olhou de cima para Redwood.

— Sua Serena Alteza! — observou.

— Sua Serena Alteza! — disse Redwood.

— É a Princesa de Weser Dreiburg!

— Não mais que uma terceira prima.

— Redwood — disse Bensington. — É curioso de dizer, eu sei, mas... você acha que Winkles compreende? — O quê?

— O que fizemos exatamente.

— Será que ele realmente comp reende —- disse Bensington, baixando a voz e mantendo o ol har na direção da porta — que na família ... a família de sua nova paciente... — Continue — disse Redwood.

— Que sempre esteve, quando nada, um pouco abaixo... abaixo...

— Da média?

— Sim. E assim com muito tato e sem distinção, de qualquer tipo, ele vai produzir um personagem real... um personagem real de fora... desse tamanho. Você sabe, Redwood, não estou certo senão há algo quase... de traição ... Transferiu os olhos da porta para Redwood. Redwood fez um gesto momentâneo — erguendo o indicador — para o fogo. — Por Júpiter! — disse. — Ele não sabe.

— Aquele homem — disse Redw ood — não sabe nada. Essa era a qualidade mais exasper ante dele quando estudante. Nada. Passava em todos os exames, sabia todos os fatos... e tinha quase tanto conhecimento quanto uma estante giratória contendo a Enciclopédia do Times. E não sabe nada agora. É Winkles e incapaz de assimilar realmente qualquer coisa não imediata e diretamente relacionada com seu ego superficial. É absolutamente desprovido de imaginação, e consequentemente incapaz de saber. Ninguém poderia passar em tantos exames e vestir-se tão bem, ser tão composto, e ter tanto êxito como médico sem essa precisa incapacidade. É isso. E apesar de tudo que viu, ouviu e lhe contaram, lá está ele... não tem a mínima idéia do que está preparando. Tem um surto, e está explorando-o bem no Comidão, e alguém lhe deu acesso a esse novo bebê real... e isso é mais explosivo que nunca! E o fato de que Weser Dreiburg terá de acabar enfrentando um problema de uma Princesa

de dez metros e tanto não apenas não lhe entrou na cabeça, como tampouc o podia entrar... não podia! — Haverá uma briga feia ! — disse Bensington. — Dentro de um ano, mais ou menos.

— Assim que percebam que ela não pára de crescer. — A menos que, como costumam fazer, abafem a coisa. — É muita coisa para abafar.

— Um bocado!

— Imagino o que farão.

— Nunca fazem coisa al guma... tato real. — Terão de fazer alguma coisa.

— Talvez ela faça.

— Oh, Senhor! Sim.

— Eles a suprimirão. Sabe-se de tais coisas. Redwood explodiu numa desesperada gargalhada. - A realeza redundante... o bebê saltando na Máscara de Ferro! — disse. — Terão de pô-la na mais alta torre do velho castelo de Weser Dreiburg, e ir fazendo buracos nos tetos à medida que ela vá crescendo de andar em andar!... Bem, eu estou no mesmo apuro. E Cossar e seus três garotos. E... Bem, bem!

— Vai haver uma briga feia ! — repetiu Bensington, não aderindo à risada. — Uma briga terrível. Suponho que você já examinou a coisa toda, Redwood . Tem plena certeza de que não seria mais sábio avisar Winkles, ir desabituando seu menino aos poucos e... confiar no Triunfo Teórico? — Eu gostaria que você passas se meia hora no quarto de crianças lá em casa quando o Alimento tarda um pouco — disse Redwood, com uma nota de exasperação na voz. — Aí não falaria assim, Bensington. Além disso... Imagine avisar Winkles!... Não! A onda dessa coisa nos apanhou desprevenidos, e quer esteja mos com medo ou não, temos de nadar.

— Suponho que temos — disse Be nsington, olhando os bicos dos sapatos. — Sim. Temos de nadar. E seu menino também, e os de Cossar... ele deu o Alimento a todos três. Não faz nada pela metade... é tudo ou nada! E Sua Serena Alteza. E tudo. Vamos continuar fabricando o

Alimento. Cossar também. Estamos apenas na alvorada do começo, Redwood. É

evidente que se seguirá todo ti po de coisas. Coisas grandes, monstruosas. Mas não posso imaginá-las, Redwood. A não ser...

Examinou as unhas dos dedos. Olhou Redwood com olhos brandos, através dos óculos.

— Estou meio convencido — arriscou — de que Caterham tem razão. Às vezes. Isso vai destruir as proporções das coisas. Vai deslocar... Que é que não vai deslocar? — Desloque lá o que deslocar — disse Redwood — meu garotinho tem de receber o Alimento.

Ouviram alguém subindo apressadamente. E Cossar enfiou a cabeça dentro do apartamento.

— Olá! — disse, ao ver a expressão deles. E entrando: — Bem?

Falaram-lhe da Princesa.

— Questão difícil! — ele observou. — Nem um pouco. Ela crescerá. Seu garoto crescerá. Todos os outros a quem ministramos o Alimento crescerão. Tudo. Como qualquer coisa. Qual é o problema? Está tudo bem. Até uma criança veria isso. Qual é o problema?

Tentaram esclarecê-lo para ele.

— Não ir em frente! — guinchou. — Mas ...! Não podem largar agora. É para isso que foram feitos. Foi para isso que Winkles foi feito. Está tudo be m. Muitas vezes me perguntei para que servia Winkles. Agora está óbvio. Qual é o problema? Perturbação! Obviamente. Revirar as coisas"? Revirar tudo. Definitivamente ... revirar t oda preocupação humana. Claro como água. Vão tentar deter a coisa, mas c hegaram tarde demais. Estão sempre atrasados. Vão em frente e iniciem o máximo que puderem. Graças a Deus por ter um uso para vocês.

— Mas o conflito! — disse Bens ington. — A tensão! Não sei se você já imaginou...

— Você devia ser algum tipo de vegetalzinho, Bensington — disse Cossar. — Isso era o que você devia ser. Uma coisa que

brotasse num rochedo. Aí está você, temível e maravilhosamente construído, e só pensa que foi feito apenas para sentar-se e comer sua comida. Acha que este mundo foi feito apenas para velhas andarem por aí passando o esfregão? Bem, de qualquer modo, não podem parar agora, têm de continuar.

— Suponho que temos — disse Redwood. — Devagar... — Não! — disse Cossar, num berro imenso. — Não! Façam o máximo que puderem, e o mais rápido que puderem. Espalhem-no por aí!

Foi inspirado por um acesso de espirituosidade. Parodiou uma das curvas de Redwood com um vasto círculo do braço. — Redwood! — disse, indicando a alusão — faça-o ASSIM!

Aparentemente, existe um limite no crescimento infantil para o orgulho materno, e este, no caso da Sra. Redwood, foi atingido quando seu rebento completou o sexto mês de existência terrestre, quebrou o luxuoso carrinho de bebê e foi trazido para casa, berrando, na carroça do leiteiro. O jovem Redwood nessa época pesava vinte e cinco quilos, media quase um metro e levantava uns trinta quilos. Foi levado para o quarto das crianças, no andar de cima, pela cozinheira e a arrumadeira. Depois disso, a descoberta foi apenas questão de dias. Uma tarde, Redwood volt ava do laboratório para casa e encontrou a infeliz esposa mergulhada nas fascinantes páginas de O Poderoso Átomo. Ao vê-lo, ela pôs o livro de lado, precipitou-se para ele e explodiu em lágrimas em seu ombro.

— Diga-me o que fez com ele — gemia. — Diga-me o que fez. Redwood tomou-lhe a mão e conduziu-a até o sofá, tentando pensar numa linha de defesa satisfatória.

— Está tudo bem, querida — disse. — Está tudo bem. Você está apenas um pouco exaus ta. É aquele carrinho de bebê

barato. Providenciei para que um homem que faz cadeiras de rodas venha com algo mais resistente amanhã. . . A Sra. Redwood olhou-o lacrim osa por cima de seu lenço. — Um bebê numa cadeira de rodas? — soluçou.

— Bem, por que não?

— É como um aleijado.

— É como um jovem gigante, minha cara, e você não tem de que se envergonhar dele.

— Você fez alguma coisa com ele, Dandy? — ela disse. — Posso ver no seu rosto.

— Bem, o que fiz não deteve o cr escimento dele, de qualquer modo — disse Redwood, impiedoso.

— Eu sabia — disse a Sra. Redwood, e embolou o lenço numa mão. Olhou-o com uma súbita mudança de severidade. — Que fez com nosso filho, Dandy?

— Que há de errado com ele?

— Está tão grande. É um monstro.

— Bobagem. É um garoto tão normal e sadio quanto qualquer mulher já teve. Que há de errado com ele?

— Veja o tamanho dele.

— Está tudo bem. Veja os animaizinhos franzinos à nossa volta! Ele é o bebê mais lindo...

— Lindo demais — disse a Sra. Redwood.

— Não vai continuar assim — disse Redwood, tranquilizadoramente. — Foi ape nas um impulso que tomou. Mas sabia perfeitamente bem que o bebê continuaria crescendo. E continuava. Quando fez um ano, media pouco menos de um metro e meio, pesava cinquenta e quatro quilos, e era tão grande, na verdade, quanto um querubim da Basílica de São Pedro no Vaticano; seus puxões afetuosos nos cabelos e nas faces dos visitantes tornaram-se o assunto de West Kensington. Usavam uma cadeira de inválido para empurrá-lo de um lado para outro do qu arto de crianças, e sua babá especial, uma jovem musculosa que acabava de formar-se na profissão, levava-o para tomar ar num carrinho Panhard de oito cavalos

de força especialmente construído para satisfazer às

suas necessidades. Era sob todos os aspectos uma sorte Redwood ter uma ligação de test emunha especializada, além de seu professorado.

Quando se superava o impacto causado pelo tamanho do pequeno Redwood, ele era — disseram-me pessoas que costumavam vê-lo quase todo dia rodando devagar por Hyde Park — uma criança singularmente brilhante e bonita. Raramente chorava ou precisava de chupeta. Em geral, agarrava um enorme chocalho, e às vezes saía saudando os choferes de ônibus e policiais ao longo das balaustradas como "Papá!" e "Babá!" de um modo sociável e democrático. — Lá vai o bebezão do Comidão — dizia o chofer de ônibus — Parece com saúde — observ ava o passageiro da frente. — Alimentado na mamadeira — explicava o chofer. — Diz que é de quatro litros e meio, e teve de ser feita especialmente para ele.

— De qualquer modo, tem muita saúde — concluía o passageiro da frente.

Quando a Sra. Redwood compreendeu que aquele crescimento na verdade prosseguiria indefinida e logicamente — e compreendeu isso pela primeira vez quando chegou o carrinho a motor — entregou-se a um ataque de sofrimento. Declarou que jamais quereria entrar no quarto de crianças de novo, desejou estar morta, desejou o filho mo rto, desejou todo mundo morto, desejou jamais ter-se casado com Redwood, desejou que ninguém jamais se casasse com ninguém; depois acalmou-se um pouco e retirou-se para seu quarto , onde se alimentou quase exclusivamente de ensopado de frango durante três dias. Quando Redwood veio censurá-la, ela jogou os travesseiros para todos os lados, chorou e assanhou os cabelos.

— Ele está bem — disse Redwood. — Está muito melhor por ser grande. Você não gostar ia que ele fosse menor que os filhos dos outros.

— Quero que ele seja como as outras crianças, nem menor nem maior. Queria que fosse um belo menininho, como Georgiana Phyllis, e gostaria de criá-lo direito, de uma maneira direita, e aí

está ele — e a voz da infeliz mulher falhou — usando sapatos de adultos e sendo conduzido por... bubu!... Gasolina! Nunca vou poder amá-lo — gemeu. — Nunca! É demais para mim! Jamais posso ser uma mãe para ele, como pretendia ser! Mas afinal conseguiram levá-la ao quarto de crianças, e lá estava Edward Monson Redwood ("Pantagruel" foi um nome que só se deu depois) balançando-se numa cadeira de balanço especialmente reforçada e sorrindo e dizendo "gu" e "uau". E o coração da Sra. Redwood tornou a aquecer-se para o filho, e ela o tomou nos braços e chorou.

— Fizeram alguma coisa com você — soluçava — e você vai crescer sem parar, mas o que eu puder fazer para criá-lo direito, eu farei, diga lá o seu pai o que disser.

E Redwood, que ajudara a trazê-la até a porta, desceu o corredor bastante aliviado.

(Eh! Mas é um serviço sujo esse de ser homem — sendo as mulheres o que são!)

Antes do fim do ano, havia, além do veículo pioneiro de Redwood, um bom número de carrinhos de bebê motorizados na zona oeste de Londres. Disseram-me que esse número chegava a onze; mas pesquisas mais cuidadosas forneceram provas dignas de confiança de apenas seis dentro da área metropolitana naquela época. Parecia que a substância agia diferentemente nos diferentes tipos de constituição. A princípio, a Herakleoforbia não fora adaptada para injeção, e não pode haver dúvida de que uma proporção bastante consideráv el de seres humanos não pode absorver a substância no curso no rmal da digestão. Ela foi dada, por exemplo, ao filho mais novo de Winkles; mas ele parece ter sido tão incapaz de crescer quanto, a crer em Redwood, o pai de obter conhecimentos. Outros ai nda, segundo a Sociedade para Supressão Total do Comidão, fo ram de algum modo inexplicável corrompidos por ela, e morreram ao contraírem doenças infantis.

Os filhos de Cossar adaptaram-se a ela com espantosa avidez. É claro que uma coisa dessas nunca vem com aplicação absolutamente simples na vida humana; o crescimento, em particular, é coisa complexa, e todas as generalizações têm de ser um tanto imprecisas. Mas a lei geral do

Alimento parecia ser a seguinte: quando podia ser abs orvido de alguma forma no sistema, estimulava-o quase no mesmo grau em todos os casos. Aumentava o ritmo de crescim ento de seis a dez vezes, e não passava disso, por mais Herakleoforbia que se tomasse a mais. Descobriu-se que o excesso da substância, além do mínimo necessário, conduzia de fato a perturbações mórbidas da alimentação, a cânceres e tumores, ossificações e coisas assim. E uma vez iniciado o crescimento em larga escala, logo se tornava evidente que só podia continuar nessa escala, e era imperativa a contínua administração de Herakleoforbia em doses pequenas, mas suficientes.

Se fosse interrompida durante o período de crescimento, registrava-se primeiro uma vaga agitação e angústia, depois um período de voracidade — como no caso dos jovens ratos de Hankey — e depois a criatura sofria uma espécie de anemia generalizada, adoecia e morria. As plantas sofriam do mesmo modo. Isso, no entanto, aplicava-se apenas ao período de crescimento. Assim que se at ingia a adolescência — nas plantas isso era representado pe la formação dos primeiros botões — a necessidade e apetite pela Herakeoforbia diminuíam, e tão logo a planta ou animal ficavam inteiramente adultos, tornavam-se totalmente independentes de qualquer outro abastecimento do alimento. Achavam-se, por assim dizer, completamente estabelecidos na nova escala. E tanto que, como demonstrou o caso das ur tigas em volta de Hickleybrow e a relva no lado de baixo, as se mentes produziam rebentos gigantes do mesmo tipo.

E afinal o pequeno Redwood, pioneiro da nova raça, a primeira criança a comer o alimento, já se arrastava pelo seu quarto de criança, destruindo os móveis, mordendo como um cavalo,

beliscando como um vício, e berrando balbucios gigantes com a "Babá" a "Mamã", e com o "Papá" um tanto apavorado e assustado, que pusera aquele malfeito em andamento. A criança nascera com boas intenções.

— Padda ser bom, Padda ser bom — dizia, quando as coisas quebráveis voavam à sua volta. "Padda" era o seu modo de dizer "Pantagruel", o apelido que Redwood lhe dera. E Cossar, ignorando certas Luzes Antigas, que terminaram criando problemas, começou, após um conflito com os regulamentos sobre construções locais, a erguer num terreno baldio junto

à casa de Redwood, um confortável e iluminado quarto de brinquedos, sala de aula e creche para seus quatro meninos; a sala tinha dezoito metros quadrad os, e doze metros de altura. Redwood apaixonou-se por essa creche grande à medida que a construía com Cossar, e seu interesse pelas curvas diminuiu, como jamais sonhara que dimi nuiria, diante das prementes necessidades do filho.

— Há muita coisa — dizia — na preparação de uma creche. Muita. As paredes, as coisas de ntro dela, todas elas falarão a essa nossa novamente, um pouco mais, um pouco menos eloquentemente, e ensinarão ou deixarão de ensinar mil coisas.

— Obviamente — disse Cossar, apressando-se a estender a mão para pegar o chapéu.

Trabalhavam juntos harmonicame ntò, mas Redwood era quem fornecia a maior parte da teor ia educacional necessária. Pintaram as paredes e madeiras com animado vigor; na maior parte, predominava um branco levemente cálido, mas havia faixas de cores brilhantes e límp idas para ressaltar as linhas simples da construção, — Precisamos de cores límpidas — disse Redwood, e pôs num lugar uma nítida faixa horizontal de quadrados, em que o carmim e o púrpura, o laranja e o limão, os azuis e verdes, em muitos tons e nuanças, fazia m-se honra. As cria nças gigantes deviam arrumar e rearrumar esses quadros ao seu bel prazer.

— As decorações devem seguir a mesma linha — disse Redwood. — Devem primeiro captar a gama de todas as cores, e depois afastar isso. Não há por que desviá-los em favor de qualquer cor ou desenho particulares.

Depois: — O lugar deve ser cheio de interesses — disse Redwood. — O interesse é alimento para uma criança, e o vazio é tortura e morte a fome. Ela deve ter figuras em abundância. — Não havia figuras penduradas na sala, para qualquer uso permanente, mas molduras vazias, dentro das quai s os quadros viriam e seriam transferidos para uma pasta assim que sua novidade passasse. Uma janela dava para a extensão da rua, e além disso, para maior interesse, Redwood colocara ac ima do telhado da creche uma câmara obscura que dava para a Kensington High Street e um trecho não pequeno dos Jardins.

Num canto, um digníssimo instrumento, um ábaco, de um metro e meio quadrado, peça especialmente reforçada de ferro fundido com cantos arredondados, aguardava as incipientes computações dos jovens gigantes. Havia pouco s cordeiros de pelúcia e ídolos que tais; em vez deles, Cossar, sem explicações, trouxera um dia em três carroças um grande número de brinquedos (todos um pouco grandes demais, para que as cr ianças não os engolissem) que podiam ser amontoados, arrumados em filas, rolados, mordidos, chocalhados, batido s um no outro, apalpados, desmontados, abertos, fechados, espancados e sujeitos a experiências ilimitadas. Havia muitos cubos de madeira de cores diversas, oblongos e cubóides, de porcelana polida, de vidro transparente e de borracha da Índia; havia lousas e pranchetas; cones, cones seccionados e cili ndros; esferóides achatados nos pólos e alongados longitudinalmente, bolas de várias substâncias, sólidas e ocas, muitas caixas de tamanhos e formas diversas, com tampas de gonzos, ou aparafusadas, ou de encaixe, e uma ou duas para fechar e trancar; havia tiras de elástico e couro, e vários objetos duros e compactos que podiam erguer-se e sugerir a forma de um homem.

— Dê isso a eles — disse Cossar. — Um de cada vez. Essas coisas, Redwood arrumou-as num armário num canto.

De um lado da sala, a uma altura conveniente para uma criança de dois a dois e meio metros, hav ia um quadro-negro no qual os jovens poderiam desabrochar, em giz branco e de cor; e perto, uma espécie de bloco de desenho do qual se podiam arrancar sucessivamente as folhas, na s quais desenhariam com carvão; e havia uma pequena carteira, com grandes lápis de carpinteiro de vários graus de consistência, e um copioso abastecimento de papel, no qual as crianças poderiam primeiro garatujar, e depois desenhar mais ordenadament e. E além disso, Redwood encomendara, tão adiante alca nçava sua imaginação, tubos especialmente grandes de tinta lí quida e caixas de pastel para a época em que fossem necessários. Incluíra um ou dois barris de plasticine e barro de modelar.

— A princípio, ele e o tutor modelarão juntos —- disse — e quando ele estiver mais habilita do, copiará modelos e talvez animais. E isso me lembra: devo também fazer para ele uma caixa de ferramentas! E depois

tem os livros. Preciso procurar um monte de livros para pôr ao alcance dele, e precisam ter o tipo grande. Agora, de que espécie de livros ele vai precisar? Preciso alimentar a imaginação dele. isso, afinal, é o coroamento de toda educação. O coroamento... como os hábitos mentais e de conduta sadios levam ao tr ono. Falta de imaginação é brutalidade; uma imaginação baix a é luxúria e covardia; mas uma imaginação nobre é Deus andando de novo pela terra. Ele deve sonhar também, com uma graciosa terra de fadas e com todas as coisinhas mimosas da vida, no devido tempo. Mas deve alimentar- se sobretudo da esplêndida realidade; terá narrativas de viagens por todo o mundo, viagens e aventuras, e sobre o modo como o mundo foi conquistado; terá histórias de feras, grandes livros esplêndida e limpidamente escrit os sobre animai s, pássaros, plantas e répteis, grandes livros sobre as profundezas do céu e o mistério dos mares; terá histórias e mapas de todos os impérios que o mundo já viu, ilustrações e histórias de todas as tribos, hábitos e costumes dos homens. E deve ter livros e ilustrações para despertar seu senso de beleza, sutis quadros japoneses para fazê-lo amar as belezas mais sutis dos pássaros,

trepadeiras e flores caindo; e quadros ocidentais, também, quadros de homens e mulheres graciosos, doces grupos e amplas paisagens de terra e de mar. Ele terá livros sobre a construção de casas e palácios; planejará salas e inventará cidades... — Acho que devemos dar a ele um teatrinho. — E depois tem a música!

Redwood pensou bem nisso e co ncluiu que seu filho poderia começar melhor com uma harmônica de som puro e uma oitava, a qual se poderia depois ampliar.

— Ele vai tocar isso primeiro, cantando a acompanhar-se, e a aprender as notas — disse — e depois...

Olhava fixamente o batente da jane la acima e mediu com o olhar as dimensões da sala.

— Terão de montar o piano dele aqui dentro — disse. — Tra-zê- lo em pedaços.

Mergulhou em suas preparações, uma figurinha escura pensativa. Se vocês pudessem vê-lo ali, ter-lhes-ia parecido um homem de vinte centímetros entre objetos comuns de quarto de criança. Um grande tapete — na verdade um tapete turco — de doze metros quadrados, no qual o jovem Redw ood logo estaria engatinhando, estendia-se até o radiador elétri co protegido por grades que iria aquecer toda a peça. Um homem de Cossar pendurava-se em meio aos andaimes acima, preg ando a grande moldura que iria abrigar os quadros transitórios . Um bloco de mataborrão para espécimens de plantas, do tamanho de uma porta de casa, estava recostado à parede, e dele projet ava-se um gigantesco talo, a borda de uma folha ou algo assim, e uma flor de morrião branco, tudo daquele tamanho gigantesco que em breve tornaria Urshot famosa em todo o mundo botânico...

Uma espécie de incredulidade abateu-se sobre Redwood, parado em meio a todas aquelas coisas.

— Se isso está realmente prosseguindo... — disse, olhando fixamente o teto distante.

De longe, chegou-lhe um som como o de um touro Mafficking, quase como em resposta.

— Está prosseguindo sem dúvida — disse. — Evidentemente. Seguiram-se sonoras pancadas sobre uma mesa, e depois um imenso berro: — Gulu! Buzu! Bzz.. .

— O melhor que posso fazer — disse Redwood, seguindo alguma linha divergente de pe nsamento — é dar-lhe lições eu mesmo.

As batidas tornaram-se mais insistentes. Por um momento, pareceu a Redwood que haviam pegado o ritmo do pulsar de uma máquina, a máquina que teri a imaginado para o grande trem de acontecimentos que se abatia sobre ele. Depois, uma série decrescente de batidas mais nítidas desfez esse efeito, e repetiu-se.

— Entre — ele gritou, percebendo que alguém batia, e a porta, suficientemente grande para uma catedral, abriu-se lentamente um pouco. O guinc ho novo deixou de ranger e Bensington apareceu na abertura,

radiante benevolamente sob a destacada calvície e por sobre os óculos. — Aventurei-me a vir vê-lo — sussurrou de uma maneira confidencial e furtiva.

— Entre - disse Redwood, e ele entrou, fechando a porta atrás de si.

Adiantou-se alguns passos com as mãos às costas, e espiou como um pássaro as dimensões à sua volta. Esfregou o queixo pensativamente.

— Toda vez que entro aqui — disse, com um tom abafado na voz — parece-me... grande.

— Sim — disse Redwood, inspecionando tudo de novo também, como numa tentativa de manter a impressão visível. — Sim. Eles também vão ser grandes, você sabe.

— Eu sei — disse Bensington, com um tom que era quase de medo. — Muito grandes.

Entreolharam-se quase, por assim dizer, apreensivos. — Muito grandes mesmo — disse Bensington, esfregando o pau do nariz, e olhando duvidosamente Redwood, em busca de

uma expressão confirmatória. — Todos eles, você sabe... terrivelmente grandes. Parece-me que não sou capaz de imaginar... mesmo com isso... até onde vão ser grandes.

## A MINIMIFICÊNCIA DO SR. BENSINGTON

Foi quando a Real Comissão s obre o Comidão preparava seu relatório que a Herakleoforbia começou realmente a demonstrar sua capacidade de vazamento. E a prematuridade desse segundo surto foi tanto mais infortunada, ao menos na opinião de Cossar, quanto o rascunho do relatório, que ainda existe, mostra que a Comissão já tinha, sob a tutela daquele habilíssimo membro, o Dr. Stephen Winkles (F. R. S., M. D., F. R. C. P., D. Sc, J. P., D. L., etc), decidido que eram impossíveis os vazamentos acidentais, e preparava-se para recomendar que a entrega do preparo do Comidão a uma comissão qualificada (sobretudo Winkles), com total controle sobre sua venda, er a o bastante para satisfazer a todas

as objeções razoáveis à su a livre difusão. Essa comissão teria o monopólio absoluto. E deve-se sem dúvida considerar como parte da ironia da vida o fato de que a primeira e mais alarmante dessa segunda série de vazamentos ocorreu a cinquenta metros de uma pequena cabana em Keston, ocupada durante os meses de verão pelo Dr. Winkles. Pouca dúvida pode haver agora de que a recusa de Redwood a revelar a Winkles a composição da Herakleoforbia IV despertara neste cavalheiro uma nova e intensa atração para a química analítica. Ele não era um manipul ador especializado, e por isso, provavelmente, julgou convenien te realizar seu trabalho não nos laboratórios excelentemente equipados que tinha à sua disposição em Londres, mas sem consultar ninguém, e quase numa atmosfera de segredo, num prec ário laboratoriozinho de jardim no estabelecimento de Keston. Parece não ter demonstrado nem grande energia nem grande capacidade em sua busca; na verdade,

presume-se que abandonou a pesquisa após trabalhar nela intermitentemente, por cerca de um mês.

Esse laboratório de jardim, em que se fez o trabalho, tinha um equipamento muito rudimentar, formado por uma torneira com água corrente, que escoava por um cano que ia dar num poço sob um amieiro, num canto isolad o da terra devoluta pouco além da sebe do jardim. O cano esta va rachado, e o resíduo do Alimento dos Deuses escapou pela rachadura para uma pequena poça entre as moitas, bem a tempo para o despertar da primavera.

Tudo fervilhava de vida naquele su jo cantinho: ovas de rãs por toda parte, tremulando com girinos que acabavam de estourar seus gelatinosos invólucros; pequenos caracóis que se arrastavam para a vida, e sob a ve rde casca dos talos dos juncos as larvas de um grande besouro d'água lutavam para deixar os ovos. Duvido que o leitor conheça a larva do besouro chamado (não sei por que) Dytiscus. É uma coisa articulada e de aparência estranha, muito musculosa e rápida em seus movimentos, e dada a nadar com a cabeça dentro d'água e a cauda para fora; é do tamanho da junta de um polegar humano, ou maior — uns cinco centímetros, quer dizer, pa ra aqueles que não comeram o Alimento — e tem duas afiadas mandíbulas que se fecham na frente da cabeça, mandíbulas tubulares, com pontas agudas, através das quais suga o

sangue de suas vítimas. Os primeiros a conseguirem os grãos do Alimento foram os girinos e as lesmas d'água; os girinozinh os em particular, pois gostavam da coisa, lançaram-se a ela com avidez. Mas mal um deles começou a crescer e alcançar um a posição conspícua no mundo dos girinos, e a experimentar um ou outro irmão menor como complemento de sua dieta vegetariana, quando nhac!, uma das larvas de besouro enfiou-lhe os ferrões no coração, e naquela estria vermelha a Herakleoforbia IV, em estado de solução, passou para o corpo de outro cliente. A única coisa que tinha uma chance com aqueles monstros de conseguir uma parte do Alimento eram os juncos, o escorregadio limo verde na água e a vegetação na

lama do fundo. Uma limpeza do estúdio acabou levando um novo fluxo do Alimento para o poço, fê-lo transbordar e levou toda aquela sinistra expansão da luta pela vida ao poço vizinho à sombra do amieiro.

A primeira pessoa a descobrir o que se passava foi um certo Sr. Lukey Carrington, um professor especial de ciência pertencente ao Conselho Educacional de Londres, e, nos momentos de folga, especialista em algas de água doce, um homem que, certamente, não deve ser invejado por sua descoberta. Ele fora passar o dia em Keston Common, a fim de encher alguns tubos de espécimens para posterior exame, e chegou, com mais ou menos uma dúzia de tubos arrolhados chocalhando levemente nos bolsos, à duna arenosa; e desceu ao poço, com uma bengala na mão. Um rapaz do jardim, parado no alto da escada da cozinha, aparando a sebe do Dr. Winkles, viu-o naquele recanto pouco frequentado, e achou-o, a ele e à sua ocupação bastante inexplicáveis e interessantes para observá-lo com muita atenção.

Viu o Sr. Carrington baixar-se à beira do poço, apoiando a mão no tronco do velho am ieiro, e olhar a água, mas certamente não pôde apreciar a surpresa e prazer com que o homem contemplou as grandes e desconhecidas bolhas e fios do limo algáico no fundo. Não se viam girinos — já tinham sido todos mortos a essa altura — e parecia que o Sr. Carrington nada vira de incomum além da v egetação excessiva. Arregaçou a manga até o cotovelo, curvou-se para a frente e mergulhou fundo o braço para pegar um espécimen. A mão tateante desceu. No mesmo inst ante reluziu na sombra debaixo das raízes da árvore uma

coisa...

Zaz! A coisa enterrara suas presas no braço dele — uma forma bizarra, de um palmo ou mais, parda e cheia de gomos como um escorpião.

A feia aparição, e a penetrante e surpreendente dor da mordida, foram demais para o equilíbrio do Sr. Carrington. Ele sentiu que caía e gritou bem alto. E tombou, de cara para

baixo, chuá!, dentro do poço.

O rapaz viu-o desaparecer, e ouviu o espadanar da luta dentro d'água. O infeliz tornou a aparecer no campo de visão do rapaz, sem chapéu e encha rcado, e berrando! Nunca antes o rapaz ouvira berros de um homem. O espantoso estranho parecia tentar arrancar alguma coisa do lado do rosto, onde se viam estrias de sangue. Abriu os braços em desespero, saltou no ar como uma criatura frenética, correu violentamente dez ou doze metr os e caiu e rolou no chão, sumindo das vistas do rapaz.

Num átimo, o jovem já descera da escada e atravessara a sebe — por sorte com a tesoura de podar ainda na mão. Ao varar as moitas de tojo, diz hoje que ainda estava meio inclinado a voltar, temendo ver-se às voltas com um lunático, mas a posse da tesoura deu-lhe coragem.

— Eu podia vazar os olhos de le — explicou — de qualquer modo.

Assim que o Dr. Carrington o av istou, seu comportamento tornou-se logo o de uma pessoa sã mas desesperada. Levantou- se com esforço, tropeçou, to rnou a ficar de pé e foi ao encontro do rapaz.

— Veja! — gritou. — Não posso me livrar delas! E com uma tontura de horror, o rapaz viu que, agarradas à face do Sr. Carrington, ao seu braço nu e à sua coxa, e açoitando-o furiosamente com seus esguios e musculosos corpos, três daquelas horríveis larvas enterravam fundo as grandes mandíbulas em sua carne e sugavam-lhe a vida. Elas demonstravam uma firmeza de buldogues, e os esforços do Sr. Carrington para arrancar o monstro do rosto haviam servido apenas para lacerar a carne à qual o bicho se gr udava, e encharcar o rosto, o pescoço e o paletó de um vermelho vivo. — Vou cortar ele — gritou o rapaz. — Aguenta aí, senhor. E com o ímpeto de sua idade em tais casos, decepou uma a uma

as cabeças das atacan tes do Sr. Carrington. — Opa! — dizia o rapaz, faze ndo uma careta à medida que

cada uma caía à sua frente. Mesmo então, tão forte e determinada era o poder delas, as cabeças decepadas ainda ficaram algum tempo grudadas, ainda ferozmente mordendo e sugando, o sangue escorrendo por trás dos pescoços. Mas o rapaz acabou com isso, com ma is alguns golpes da tesoura — um dos quais atingiu o Sr. Carrington.

— Eu não podia me livrar delas — repetia o Sr. Carrington, e ali ficou por algum tempo, oscilando e sangrando profusamente. Passava as mãos trêmulas nos ferimentos e examinava o resultado desse exame em suas palmas. Depois dobrou os joelhos e caiu de cabeça, desmaiado, aos pés do rapaz, entre os corpos ainda saltitantes de suas inimigas derrot adas. Por muita sorte, o rapaz não pensou em jogar-lhe água no rosto — pois havia ainda mais horrores sob as raízes do amieiro —- e em vez disso voltou, passando pelo poço, e foi ao jardim com a intenção de pedir ajuda. E lá encontrou o jardineiro-cocheiro e contou-lhe o caso.

Quando retornaram ao Sr. Carrington, encontraram-no sentado, zonzo e fraco, mas em condiçõe s de avisá-los sobre o perigo no poço.

Essas foram as circunstâncias qu e deram ao mundo o primeiro aviso de que o Alimento estava novamente à solta. Dentro de mais uma semana, Keston Common achava-se em plena atividade como o que os naturalistas chamam de centro de disseminação. Dessa vez não houve ratos nem vespas, mas pelo menos três aranhas d'água, várias larvas de libélulas que terminaram desabrochando deslumbrando toda Kent com seus adejantes corpos cor de safira, e um limo sujo e gelatinoso que inchava

pelas bordas do poço e enviava suas pegajosas massas verdes até a metade do caminho do jardim da casa do Dr. Winkles. E teve início um crescimento de juncos, cavalinhas e outras vegetações, que só acabaram com a secagem do poço.

Logo tornou-se claro para a opinião pública que dessa vez não havia simplesmente um centro de disseminação, mas vários. Havia um em Ealing, disso não há dúvida hoje, e de lá vinha a praga de moscas e

aranhas vermelhas; um em Sunbury, que produzia ferozes e enormes enguias, que vinham para terra e devoravam ovelhas; e um em Bloomsbury, que deu ao mundo uma nova raça de baratas de uma espécie terrív el —- numa velha casa em Bloomsbury, muito habitada por coisas indesejáveis. De repente, o mundo viu-se diante das experiên cias de Hickleybrow, tudo de novo, com todo tipo de monstros conhecidos em vez das galinhas, ratos e vespas gigantes. Cada centro explodia com suas próprias fauna e flora características locais ...

Sabemos hoje que todos, nesses centros, se correspondiam com um dos pacientes do Dr. Winkles, mas isso não ficou claro, de mo- do algum, na época. O Dr. Winkles foi a última pessoa a incorrer em algum ódio na questão. Houve, muito naturalmente, pânico, e uma apaixonada indignação; mas era uma indignação não contra o Dr. Winkles, e sim contra o A limento, e não tanto contra o Ali- mento quanto contra o infeliz Be nsington, que desde o primeiro instante a imaginação popular insistira em encarar como única pessoa responsável por aquela nova coisa.

A tentativa de linchá-lo que se seguiu é apenas um desses

acontecimentos explosivos que avultam enormemente na história, quando não passam, na realidade, de ocorrências ao menos significativas.

A história da explosão é um mistério. O núcleo do motim certamente veio de um comíci o anti-Comidão em Hyde Park, organizado por extremistas do grupo de Caterham, mas parece que ninguém na verdade o propôs, ninguém insinuou sequer o ultraje a que tantos assistiram. Tr ata-se de um problema para M. Gustave le Bon, um mistério na psicologia das massas. Permanece o fato de que, por volt a das três horas da tarde de domingo, uma multidão notavelm ente grande e apavorante de Londres, inteiramente descontrol ada, rolou pela Thursday Street abaixo na firme intenção de dar a Bensington uma morte exemplar, que servisse de advertência a todos os pesquisadores científicos, e chegou mais perto da realização de seu objetivo do que qualquer multidão já chegou desde que se derrubaram as balaustradas de Hyde Park nos te mpos vitorianos. A multidão chegou tão perto de seu objetivo, na verdade, que por uma hora ou mais uma palavra teria selado o destino do infeliz cavalheiro. O

primeiro sinal que ele teve da coisa foi o barulho do povo lá fora. Dirigiu-se à janela e olhou, sem nada compreender do que era iminente. Durante um minuto, talvez, viu-os fervilhando em torno da entrada, afastando uma dezena de impotentes policiais que lhes barravam o caminho, antes de compreender plenamente sua importância no caso. Ocor reu-lhe num clarão que aquela multidão trovejante e oscilante vinha atrás dele. Achava-se inteiramente só no apartamento — por sorte, talvez — pois a prima Jane fora a Ealing tomar chá com um parente do lado materno, e ele não tinha mais idéia de como conduzir-se em tais

circunstâncias do que da etiquet a no Dia do Julgamento. Ainda corria de um lado para outro do apartamento, perguntando aos móveis o que fazer, girando chav es em fechaduras e tornando a abri-las, dando corridas a portas e janelas e ao quarto — quando o porteiro veio vê-lo.

— Não tem um momento a perder , senhor — disse. — Eles conseguiu o número do senhor no quadro do saguão! Estão subindo direto pra cá!

Fez o Sr. Bensington correr pelo corredor, que já ecoava com o crescente tumulto na grande escada ria, fechou a porta atrás e introduziu-o no apartamento defr onte com sua duplicata da chave.

— É a única chance da gente — disse.

Escancarou uma janela, que se abria para um poço de ventilação e mostrou uns ganchos de ferro na parede que formavam a mais rude e perigosa escada, para serv ir como saída de incêndio dos apartamentos superiores. Empurrou o Sr. Bensington pela janela, mostrou-lhe como agarrar-se, e seguiu-o escada acima, aguilhoando-o e batendo-lhe nas pernas com o molho de chaves quando ele desistia de subir. Parecia às vezes a Bensington que teria de subir aquela escada vert ical para sempre. Acima, o parapeito parecia inacessivelmente distante, mais de um quilômetro talvez; abaixo... Não queria pensar no que havia abaixo.

— Firme! — gritou o porteiro, e agarrou-lhe o tornozelo. Era horrível ter o tornozelo agarrado daquele jeito, e o Sr. Bensington grudou- se com mais força ao gancho de ferro acima, como quem se afoga, e deu um fraco guincho de terror.

Percebeu que o porteiro quebrara uma janela, e depois pareceu saltar uma grande distância para o lado, e ouviu o barulho de uma guilhotina de janela deslizando no trilho. O homem berrava alguma coisa.

O Sr. Bensington volveu cuidadosamente a cabeça até poder vê- lo.

— Desça seis degraus — ordenou o porteiro. Toda aquela movimentação parecia muito idiota, mas com muito, muito cuidado, o Sr. Bensington baixou um pé. — Não me puxe! — gritou, quando o porteiro se preparava para ajudá-lo da janela aberta.

Parecia-lhe que alcançar a janela, da escada, seria um feito bastante respeitável para uma rapo sa voadora, e foi mais com a idéia de um decente suicídio do que com qualquer esperança de realizá-lo que deu finalmente o passo, e o porteiro, muito sem cerimônia, puxou-o para dentro.

— Precisa ficar aqui — disse o porteiro. — Minhas chaves não serve aqui. É uma fechadura americana. Vou sair e bater a porta atrás de mim e ver se dou com o servente deste andar. O senhor tem de ficar trancado. É a multidão mais apavorante que eu já vi. Se pelo menos eles pensar que o senhor saiu, quem sabe não se contenta em quebrar suas coisas?... — O indicador na porta diz que estou em casa — disse Bensington.

— O diabo que diz! Bem, de q ualquer modo, é melhor eles

não me encontrar. ..

Desapareceu com uma batida da porta.

Bensington ficou novamente entregue à sua própria iniciativa. Ela o levou para baixo da cama.

E ali ele acabou sendo encontrado por Cossar. Bensington estava quase em coma, de terror, quando foi encontrado, pois Cossar arrom bara a porta com o ombro, saltando contra ela do outro lado do corredor. — Saia daí, Bensington — ele disse. — Está tudo bem. Sou eu. Precisamos sair disso. Estão ateando fogo no prédio. Os porteiros estão fugindo. Os criados se foram. Foi uma sorte eu pegar o homem que sabia onde você estava. Veja isso! Bensington, espiando de debai xo da cama, tomou

conhecimento de umas roupas inexplicáveis no braço de Cossar, e, vejam só!, uma touca negra na mão.

— Estão vasculhando tudo — diss e Cossar. — Se não atearem fogo ao prédio, virão aqui. As tropas talvez não cheguem em menos de uma hora. Na multidão, cinquenta por cento são malfeitores, e quanto mais mobiliados os apartamentos em que entrarem, mais gostarão. Obviamente... Pretendem fazer um saque. Ponha essa saia e essa touca, Bensington, e saia comigo. — Quer dizer?... — começou Bensington, pondo a cabeça para fora, como uma tartaruga.

— Quero dizer que você vai pô-las e sair! Obviamente! — E com súbita veemência arrastou Bensington debaixo da cama e começou a vesti-lo para sua nova personificação de idosa mulher do povo.

Arregaçou as calças dele e fez com que descalçasse os chinelos, tirou-lhe o colarinho, o paletó e o colete, enfiou-lhe uma saia negra pela cabeça e pôs-lhe um corpete de flanela vermelha e um casaco por cima. Fê-lo tirar os óculos demasiado característicos e meteu-lhe a touca na cabeça. — Você podia ter nascido uma velha — disse, enquanto amarrava os laços.

Depois vieram as boti nas de elástico nos la dos — um terrível

aperto para os calos — e o xale, e o disfarce estava completo.

— Ande de um lado para outro — disse Cossar, e Bensington obedeceu. — Vai dar.

E foi com esse disfarce, tropeçando desajeitadamente nas saias a que não estava acostumado, gritando femininas imprecações contra si mesmo num estrambótico falsete para sustentar o papel, e contra a multidão uivante que queria linchá-lo, que o descobridor original da Herakleoforbia IV desceu o corredor de Chesterfield Mansions, misturou-se com a inflamada e indisciplinada multidão e desapareceu inteiramente do fio de acontecimentos que constituem a nossa história. Nunca mais, após essa fuga, voltou a meter-se no estupendo desenvolvimento do Alimento dos Deuses, ele, que de todos fora o que mais fizera, para começar.

O homenzinho que deu início a essa coisa toda sai da história, e depois de algum tempo deixou também o mundo das ativi-dades significativas. Ma s como iniciou a coisa toda, parece justo dar à sua saíd a uma página intercalar de atenção. Pode-se imaginá-lo em seus últimos dias como Turnbridge Wells o conheceu. Pois foi em Turnbridge Wells que reapareceu, após um temporár io anonimato, assim que compreendeu plenamente como fora transitória, inteiramente excepcional e sem sentido aquela fúria da massa. Reapareceu debaixo da asa da prima Jane, tr atando-se de choque nervoso e abstendo-se de qualquer outro interesse; e totalmente indiferente, segundo parecia, às batalhas qu e se travavam então sobre os novos centros de disseminação, e sobre os Bebês do Alimento. Tomou aposentos no Hotel Hidroterapêutico de Mount Glory, onde existem instalações bastante extraordinárias para banhos; banhos carbonados, banhos creosotados, tratamentos galvânico e farádico, massagem, banhos de pinho, banhos de amido e

cicuta, banhos de rádio, banhos de luz, banhos de calor, banho de farelo e agulhas, banhos de al catrão, e todos os tipos de banhos; e dedicou o espírito a esse sistema de tratamento curativo, que ainda er a imperfeito quando ele morreu. Às vezes saía num veículo de aluguel, com um casaco de gola de foca, e às vezes, quando os pés lhe permitiam, caminhava até as Pantiles, e ali bebericava água calibeada sob o olhar da prima Jane. Os ombros curvados, a cor rosada, os óculos reluzentes tornaram- se uma "característica" de Turnbridge Wells. Ninguém se mostrava nem um pouco rude com ele, e na verdade o lugar e o hotel pareciam muito contentes por terem a distinção de sua presença. Nada poderia roubar-lhe essa distinção agora. E embora ele preferisse não acompanhar o desenvolvimento de sua grande invenção nos jornais diários, mesmo assim, quando atravessava o saguão do hotel ou descia as Pantiles e ouvia o sussurro "Lá está ele! É ele!", não era abo rrecimento que lhe amaciava a boca e brilhava por um momento em seus olhos.

Aquela figurinha, aquela miúda figu rinha, lançara o Alimento dos Deuses ao mundo! Não se sabe o que é mais espantoso: a grandeza ou a pequenez desses homens científicos e filosóficos. Aí o vêem nas Pantiles, no casaco com gola de pele. Parado sob a vitrina de louça onde a primavera brota, segura e beberica o copo de água calibeada. Tem um olho fixo por cima do aro dourado, com uma expressão de in escrutável

severidade, na prima Jane.

— Hum! — diz, e beberica.

Assim marcamos nossa recordação, assim focalizamos e fotografamos esse nosso grande descobridor pela última vez, e deixamo-lo, um simples ponto em nosso primeiro plano, e passamos ao quadro maior que se desenvolveu à sua volta, à história de seu Alimento, de como as Crianças Gigantes, espalhadas por toda parte, cr esceram dia a dia num mundo demasiado pequeno para elas, e de como a rede de leis e convenções do Comidão, que a Comissão do Comidão tecia já então, se estreitou cada vez mais em volta delas, a c ada ano

de seu crescimento. Até...

# LIVRO DOIS

# O ALIMENTO NA ALDEIA

## A CHEGADA DO ALIMENTO

Nosso tema, que começou tão compactamente no gabinete do Sr, Bensington, já se espalhou e ramificou para todos os lados, e daqui para a frente nossa hi stória é uma história de disseminação. Acompanhar aind a o Alimento dos Deuses é localizar as ramificações de uma árvore em perpétua ramificação; em pouco tempo, num quarto de vida, o Alimento negaceou e expandiu-se a partir de sua fonte original, na fazendinha perto de Hickleybrow, espalhando-se, ele, a história e a sombra de seu poder, por todo o mundo. Muito rapidamente, transpôs as fronteiras da Inglaterra. Em br eve, na América, em todo o continente europeu, no Japão, na Austrália, e afinal em todo o mundo, a coisa prosseguia em direção ao seu objetivo estabelecido. Agia sempre devagar, por vias indiretas e enfrentado resistência. Era o grandismo insu rgente. Apesar do preconceito, apesar da lei e da regulamentação, apesar de todo o obstinado conservadorismo que forma a base da ordem formal da humanidade, o Alimento dos Deuses, uma vez posto em andamento, prosseguiu em sua marcha sutil e invencível. Os Filhos do Alimento

cresciam sem parar durante todos esses anos; era o fato fundamental da época. Mas são os vazamentos

que fazem a história. As crianças que o tinham comido cresceram, e em breve havia mais crianças crescendo; e nem todas as melhores intenções do mundo conseguiram deter outros vazamentos e mais outros. O Alimento insistia em escapar com a pertinácia de uma coisa viva. A fa rinha tratada com a substância desfazia-se com o tempo seco, quase intencionalmente, num pó impalpável, que se levantava e viajava na mais leve brisa. Ora era um novo inseto que abria cami nho para um temporário e fatal desenvolvimento, ora um novo surto que brotava dos esgotos, de ratos e outras pestes que tais. Durante alguns dias, a aldeia de Panbourne, em Berkshire, lutou contra formigas gigantes. Três homens foram mordidos e morreram. Havia pânico, havia luta, e o mal que despontava era novament e reprimido, sempre deixando algo atrás, nas coisas mais obscuras da vida, transformado para sempre. Depois mais outro surto agudo e surpreendente, um rápido crescimento de matos monstruosos, uma disseminação ao acaso pelo mundo dos cardos, das baratas, que os homens combatiam com espingardas, ou uma praga de moscas poderosas.

Houve algumas lutas estranhas e desesperadas em lugares obscuros. O Alimento gerou heróis da causa da pequenez... E os homens absorviam tais ac ontecimentos em suas vidas, e enfrentavam-nos com os expedientes do momento, e diziam-se uns aos outros que não havia "mudança alguma na ordem essencial das coisas". Após o primeiro grande pânico, Caterham, apesar de seu poder de eloquência, tornou-se uma figura secundária no mundo político, ficando nas mentes humanas como um expoente de uma opinião extremada. Só muito lentamente ele conseguiu abrir caminho para uma posição central nos assuntos públicos.

— Não houve mudança alguma na ordem essencial das coisas — o eminente líder do pensamento moderno, Dr. Winkles, era bastante claro sobre isso — e os expoentes do que se chamava naquele tempo de Liberalismo Progressista tornaram-se muito sentimentais sobre a insinceridad e essencial de seu progresso. Seus sonhos pareciam tratar in teiramente de pequenos países,

pequenos idiomas, pequenas famílias, cada uma auto-sustentada em sua fazendinha. Criou-se a moda do pequeno e arrumado. Ser grande era ser "vulgar", e gracioso, arrumado, mignon, miniatura "miudamente perfeito", tornaram-se as palavras-chave da aprovação crítica...

Enquanto isso, discretamente, sem pressa como são as crianças, os Filhos do Alimento, crescendo num mundo que se transformava para recebê-los, ganhavam força, estatura e conh ecimento, torna- vam-se individuais e com propósitos próprios, ascendiam lentamente em direção às dimensões de seu destino. Acabaram parecendo parte do mundo, e as pessoas perguntavam-se como eram as coisas antes deles. C hegavam aos ouvidos dos homens histórias das coisas que os meninos gigantes podiam fazer, e eles diziam: "Maravilhoso!" — sem uma centelha de espanto. Os jornais populares falavam dos três filhos de Cossar, e contavam que as espantosas crianças ergui am grandes canhões, lançavam massas de ferro a centenas de metros e saltavam seis metros. Dizia-se que estavam cavando um poço mais profundo que qualquer poço ou mina já feitos por mãos humanas, em busca, dizia-se, de tesouros escondidos na Terra desde o seu início. Essas crianças, diziam as revistas populares, arrasarão montanhas, estenderão pontes s obre os mares, farão uma colmeia de túneis sob a terra. "Maravilhoso!", dizia a gentinha. "Não é? Que monte de vantagens a gente vai ter!" E prosseguiam com suas vidas como se não ho uvesse um Alimento dos Deuses na Terra. E na verdade aquelas co isas eram apenas os primeiros indícios e promessas dos poderes dos Filhos do Alimento. Tratava- se ainda de meras brincadeiras para eles, nada mais que o primeiro emprego de uma força na qual não surgira qualquer propósito. Eles próprios não sabiam o que eram. Eram crianças, crianças crescendo lentamente, de uma nova raça. A força gigante crescia dia a dia — mas a vo ntade gigante ainda precisava transformar-se em propósito e meta.

Observando-os numa curta perspectiva de tempo, esses anos de transição têm a aparência de uma única ocorrência consecutiva;

mas na verdade ninguém viu a aproximação do grandismo no mundo, como ninguém em todo o mundo viu, senão séculos depois, o Declínio e Queda de Roma. Os que viveram essa época achavam-se demasiado mergulhados nos acontecimentos para vê- los em conjunto como uma

única coisa. Pareceu mesmo a homens sábios que o Alimento dava apenas ao mundo uma safra de irrelevâncias incontroláveis e sem relação, que talvez agitassem e perturbassem da fato, mas nada mais podia fazer à ordem e ao tecido estabelecidos, da humanidade.

Para um observador, pelo menos, a coisa mais maravilhosa em todo aquele período de tensão cres cente é a invencível inércia da grande massa do povo, sua quieta persistência em tudo que ignorasse as enormes presenças, as promessas de coisas ainda mais enormes, que cresciam entre eles. Do mesmo modo como muitos rios são mais lisos, parecem mais tranquilos, correm fundos e fortes, na beira mesma da catarata, assim tudo que é mais conservador no homem parecia assentar-se quietamente em serena ascendência naqueles últimos dias. A reação tornou-se popular, houve rumores sobre a falência da ciência, a morte do progresso, o advento dos mandarins , rumores de tais coisas em meio aos passos ecoantes dos Filhos do Alimento. As espalhafatosas e inúteis revoluções de antigamente, aquela imensa multidão de idiotas caçando algu m mo-narquinha idiota e outros que tais, haviam de fato mo rrido e desaparecido; mas a transformação não morrera. Apenas se transformara. O novo vinha à sua própria moda, e além da compreensão comum do mundo.

Contar plenamente a sua vinda seria escrever uma grande história, mas por toda parte havia uma cadeia de acontecimentos paralelos. Portanto, contar como foi a sua vinda num lugar é contar alguma coisa do todo. Aconteceu que uma semente perdida da Imensidão caiu na bela aldeiazinha de Cheasing Eyebright, em Kent, e pode-se tentar contar a história de sua estranha germinação ali, e da trágica futilidade que se seguiu — seguindo-se um fio, por assim dizer, para mostrar a dirsção na qual todo o grande tecido se desenrolou da bobina do Tempo.

Cheasing Eyebright tinha, evidentemente, um vigário. Há vigários e vigários, e de todos o que eu gos to menos é o vigário inov ador, o reacionário profissional, progressista e sarapintado. Mas o Vigário de Cheasing era um dos menos inovadores, um homenzinho muito digno, gorducho , maduro e conservador. Vale a pena recuar um pouco em nossa história para falar dele. O homem combinava com a sua aldeia, e pode-se imaginá-los melhor juntos como se apresent avam, no fim de tarde em

que a Sra. Skinner — devem lembrar-se de sua fuga! — trouxe o Alimento consigo, sem o suspeitar, para aquelas rústicas paragens.

A aldeia apresentava o seu melhor aspecto então, à luz do Ocidente. Estendia-se no vale abaixo dos bosques de samambaias de Hanger, um pontilhado de cabanas com telhados de palha e de tijolos vermelhos, cabanas com pórticos treliçados e fachadas com filas de pyracanthus, que se juntavam cada vez mais à medida que a estrada descia dos teixos ao lado da igreja em direção à ponte. O vicariato surgia não muito ostensivamente entre as árvores adiante da taverna, um frontão de princípios da era georgiana patinado pelo tempo, e a torre da igreja erguia-se alegre na depressão feita pelo vale na linha de mortos. Um regato serpeante, uma tênue intermitência de azul-celeste e espuma, reluzia em meio a densas margens de juncos e salgueiros soltos c pendentes, no centro de um sinuoso pendão de prado. Toda a perspectiva tinha aquela aparência curiosamente inglesa de maduro cultivo, aquele jeito de imóvel conclusão que macaqueia a perfeição, ao calor do crepúsculo.

E também o Vigário parecia maduro. Habitual e essencialmente maduro, como se tivesse sido um bebe maduro, nascido numa classe madura — um maduro e suculento menininho. Podia-se ver, mesmo antes de ele o mencionar, que frequentara uma escola

pública coberta de hera em se u anedotário, com magníficas tradições, associações aristocráticas e sem laboratórios de química, e passara de lá para uma venerável faculdade do mais maduro gótico. Tinha poucos livros com menos de mil anos; e desses, Yarrow e Ellis, e bons sermões pré-metodistas, constituíam a maior parte. Era um homem de altura moderada, parecendo um pouco baixo devido às suas dimensões equatoriais, e um rosto que fora maduro desde o início achava-se agora climatericamente maduro. Uma barba de Davi ocultava-lhe a redundância do queixo; não usav a corrente de relógio por refinamento, e seus modestos hábitos clericais eram feitos por um alfinete do West End... Se ntava-se com uma das mãos em cada perna, piscando para sua aldeia em beatífica aprovação. Acenava-lhe a palma gorducha. S eu rebanho tornava a cantar. Que mais podia alguém desejar?

— Achamo-nos num local privilegiado — dizia, pondo a coisa em termos moderados. — Estamos numa fortaleza das montanhas — acrescentava. E explicava a si mesmo, extensamente: — Estamos fora de tudo.

Pois estavam falando, ele e seu amigo, dos horrores da época, da democracia, da educação secular, dos arranha-céus, dos carros a motor, da invasão americana, da literatura barata popular e do desaparecimento de todo gosto.

— Estamos fora disso tudo — repetiu, e no momento mesmo em que falou, os passos de alguém que se aproximava ofenderam-lhe os ouvidos, e ele se voltou e olhou-a. Imaginem o trêmulo mas constante avanço da velha, a trouxa agarrada na mão nodosa, o nariz (que era toda a sua feição) franzido em esfalfada resolução. Vejam as papoulas acenando fatidi-camente sobre a touca, e as botinas de elástico brancas de poeira por baixo das parcas saias, apontando com irrevogável e lenta alternância para leste e oes te. Embaixo do braço, cativa inquieta, agitava-se e escorregava uma sombrinha dificilmente valiosa. Que havia ali para dizer ao Vigário que aquela grotesca figura velha era — pelo menos no que se referia à aldeia —

nada menos que o Frutífero Acaso e o Imprevisto, a Bruxa que os fracos chamam de Destino? Mas para nós, vocês entendem, não passava da Sra. Skinner.

Como estava muito carregada par a fazer um cumprimento, ela fingiu não ver o Vigário e seu amig o, e passou a três metros dele, determinada, descendo em direção à aldeia. O Vigário observou sua lenta passagem em silêncio, amadurecendo uma observação enquanto isso...

O incidente pareceu-lhe sem qualquer importância. As velhas aere perennius, carregavam trouxas desde que o mundo era mundo. Que diferença fizera isso?

— Estamos fora disso tudo — disse o Vigário. — Vivemos numa atmosfera de coisas simples e permanentes, nascimento e labuta, simples tempo de plantar e simples tempo de colher. O barulho deixa-nos de lado. — Era sempre grande quanto ao que chamava de coisas permanentes. — As coisas mudam — dizia — mas a humanidade... aere perennius.

Assim era o Vigário. Adorava um a citação clássica sutilmente inapropriada. Lá embaixo, a Sr a. Skinner, deselegante mas resoluta, envolvia-se curiosamente com o pontilhão de Wilmerding.

Ninguém sabe o que o Vigário pensou das bufas-de-lobo gigantes. Sem dúvida foi dos primeiros a descobri-las. Espalhavam-se a intervalos, acima e abaixo da estrada entre a chapada próxima e a extremidade na aldeia, um caminho que ele frequentava diariamente em sua ronda habitual. No todo, surgiram do princípio ao fim bem uns trinta desses fungos anormais. O Vigário parece tê-los olhado severamente, e mexido na maioria deles com sua bengala tima ou duas vezes. Uma vez tentou medir com os braços, mas o fungo estourou ao seu abraço. Falou deles a várias pess oas, que disseram que eram "Maravilhosos!", e relatou pelo menos a sete pessoas a famosa história da laje que fora erguida do piso da adega por um surto de

fungos embaixo. Procurou em seu Sowerby para ver se era Lycoperdon coelatum ou giganteum — como todos da sua espécie, desde que Gilbert White se tornara famoso, estudava botânica. Alimentava a teoria de que giganteum era um nome inadequado.

Não se sabe se ele observou que aquelas esferas brancas ficavam na rota mesma que a velha do dia anterior havia trilhado, ou que a última da série brotava a menos de dez metros do portão da cabana dos Caddles. Se observou tais coisas, não fez qualquer tentativa de registrar sua observação. A observação que fazia de questões botânicas era daquele tipo inferior que as pessoas chamam de "observação especi alizada" — busca-se uma certa coisa definida e ignora-se tudo mais. E nada fez para relacionar aquele fenómeno com a notável expansão do bebê dos Caddles, que já se processava havia algumas semanas, na verdade desde que os pais tinham ido num domi ngo à tarde, um mês ou mais atrás, visitar a sogra e ouvir o Sr. Skinner (agora morto) gabar-se de sua criação de galinhas.

O crescimento das bufas-de-lob o, após a expansão do bebê dos Caddles, realmente devia ter aberto os olhos do Vigário. O último fato já lhe caíra diretamente nos braços, no batismo — quase assoberbando-o...

A criança berrava com ensurdecedora violência quando a água fria que selava sua divina herança e seu direito ao nome de Alberi Edward Caddles caiu-lhe na test a. A mãe já não podia carregá- lo, e Caddles, realmente cambal eando, mas sorrindo em triunfo para os pais quantitativamente in feriores, levou-o de volta aos bancos ocupados pelo seu grupo.

— Nunca vi uma criança dessa! — disse o Vigário. Essa fora a primeira insinuação pública de que o bebê dos Caddles, que iniciava sua carre ira terrena com pouco menos de três quilos e meio, pretendia afinal ser um crédito para os pais.

Muito em breve ficou claro qu e pretendia ser não apenas um crédito, mas uma glória. E dentro de um mês a glória deles brilhava tão intensamente que chegava a ser inconveniente em relação a pessoas na posição dos Caddles.

O açougueiro pesou o bebê onze vezes. Era homem de poucas palavras, e logo se livrou deles. Da primeira vez, disse: "É um meninão"; da vez seguinte: "Por minha honra!"; na terceira: "Ora, hum!"; e daí por diante simplesm ente soprava fortemente a cada vez, coçava a cabeça e olhava a sua balança com uma desconfiança sem precedentes. Todos vinham ver o Bebezão — assim era chamado por concordância universal — e a maioria dizia: "É um colosso". Quase todos observavam a ele: "Eles fizeram!" A Srta. Fletcher adiantava-se e dizia que "jamais fizera", o que era inteiramente verdade.

Lady Wondershot, a tirana da aldei a, chegou no dia posterior à terceira pesagem, e inspecio nou minuciosamente o fenômeno através de uns óculos que encheu a criança de uivante terror. — É uma criança extraordinariamente grande! — ela disse à mãe, em voz alta e instrutiva, — Você deve tomar cuidados extraordinários com ela, Caddles . Certamente não vai continuar assim, alimentado em mamade ira, mas devemos fazer o que pudermos por ela. Vou mandar-lhe mais flanelas. Veio o médico medir a criança com uma fita, e anotou os números num caderninho, e o ve lho Sr. Drifthassock, que tinha uma fazenda em Up Marden, desviou um vendedor de esterco três quilômetros para vê-la. O vendedor perguntou a idade da criança três vezes, e acabou dizendo que

estava assombrado. Deixou que deduzissem como e porque estava assombrado; aparentemente, o tamanho da cr iança assombrava-o. Também disse que ela devia ser inscrita nu ma exposição infantil. Durante todo o dia, fora do horário escolar, vinham meninos dizendo: — Por favor, Sra. Caddles, hum, podemos dar uma olhada em seu bebê, por favor, tia?

Até que a Sra. Caddles foi obri gada a pôr um fim àquilo. E em meio a todas essas cenas de pasmo surgia a Sra. Skinner, que

ficava parada sorrindo, um pouco ao fundo, com as mãos nodosas nos cotovelos, sorrindo, sorrindo por baixo e em torno do nariz, com um sorriso de infinita profundidade.

—- Dá até à megera da avó uma aparência bastante agradável — dizia Lady Wondershot. — Embora eu sinta muito que ela tenha voltado à aldeia.

Certamente, como acontece co m quase todos os bebês das cabanas, o elemento caridoso já surgira, mas a criança logo deixou claro, com seus berros colossais, que no que se referia ao enchimento de sua mamadeira, não se chegara ainda nem perto do necessário.

O bebê tinha direito a nove dias de admiração, e todos admiravam- se alegremente com seu espantoso crescimento duas vezes esse tempo ou mais. E então, vocês sabem, em vez de passar para um plano recuado e dar lugar a outras maravilhas, continuou a crescer mais que nunca.

Lady Wondershot ouvia a Sra. Greenfield, sua governanta, com infinito pasmo.

— Caddles está lá embaixo de novo. Não tem comida para a criança! Minha cara Greenfield, isso é impossível. A criatura come como um hipopótamo! Estou certa de que não pode ser verdade.

— Eu sem dúvida espero q ue não estejam explorando a senhora, minha senhora — disse a Sra. Greenfield. — É tão difícil saber com essa gente — disse Lady Wondershot. — Agora eu quero, minha boa Green field, que você mesma vá lá esta tarde e veja... veja que ele tome sua mamadeira. Mesmo grande como é, não posso imaginar que precise de

mais de três litros por dia.

— Não tem nada de precisar, minha senhora — disse a Sra. Greenfield.

A mão de Lady Wondershot tremeu, com aquele tipo de emoção do caixa, aquela fúria de suspeita que se agita em todo verdadeiro aristocrata à idéia de que possi velmente as classes baixas -— mesquinhas como seus superiores — estão afinal — o que mais

dói — marcando pontos.

Mas a Sra. Greenfield não pôde observar nenhum indício de peculato, e emitiu-se a ordem para um aumento diário na ração do bebê dos Caddles. Mal partira a primeira remessa, e Caddles já tornava a voltar à casa-grande em estado de abjeto vexame. — A gente toma o maior cuidad o com ele, Sra. Greenfield, juro por Deus, mas ele estoura tudo! Os botão voou com tanta força, tia, que um quebrou um vidro da janela e outro me pegou bem aqui, tia.

Lady Wondershot, ao saber que a espantosa criança havia realmente estourado todas as suas lindas roupas de caridade, decidiu que precisava falar pessoalmente com Caddles. Ele se apresentou a ela com o cabelo molhado às pressas e alisado a mão, agarrando-se ao chapéu como se fosse um salva-vida, e tropeçou no tapete de pura angústia mental. Lady Wondershot gostava de provocar Caddles. Era o seu ideal de pessoa da classe baixa, desonesto, fiel, abjeto, industrioso, e inconcebivelmente incapaz de responsabilidade. Disse-lhe que se tratava de um assunto sério, a maneira como seu filho ia indo. — É o apetite dele, minha senhoria — disse Caddles, com um tom crescente. —- Conter ele, minha senhoria? A gente não pode, não. Ele fica lá esperneando, berrando, agoniando. Nós não tem coragem, minha senhoria. Se tivesse, os vizinho entrava...

Lady Wondershot consultou o médico da paróquia. — O que desejo saber — disse — é se é direito que essa criança receba uma quantidade tão ex traordinária de leite? — A dieta adequada para uma criança dessa idade — disse o médico da paróquia — é de um a dois litros em cada vinte e quatro horas. Não vejo porque exijam da senhora que forneça mais. Se fornecer, é por sua própria generosidade. Evidentemente, podemos tentar

a quantidade legítima por alguns dias. Mas a criança, tenho de admitir, parece por algum motivo ser fisiologicamente diferente. Possivelmente, o que se chama um Mutante. Um caso de hipertrofia geral.

— Não é justo para as outras crianças da paróquia — disse Lady Wondershot. — Estou certa de que vamos ter queixas se isso continuar assim.

— Não vejo como se esperar que alguém forneça mais que a quantidade reconhecida. Pode mos insistir em que a criança passe com isso, ou, se não quis er passar, mandá-la como um caso para a enfermaria.

— Suponho — disse Lady Wonders hot, refletindo — que fora o tamanho e o apetite, você não acha mais nada anormal... nada monstruoso?

— Não. Não, não acho. Mas sem dúvida, se o crescimento continuar, encontraremos grav es deficiências morais e intelectuais. Quase se pode profetizar isso com base na lei de Max Nordau. Um talentosíssimo e celebradíssimo filósofo, Lady Wondershot. Ele descobriu que o anormal é... anormal, uma descoberta valiosíssima, e que vale muito a pena ter em mente. Acho-a da máxima utilidade na prática. Quando encontro alguma coisa anormal, digo logo: "Isso é anormal". — Os olhos do médico tornaram-se profundos, a voz baixou, e suas maneiras beiraram a c onfidência íntima. Ergueu rigidamente uma das mãos: — E trato-a dentro desse espírito — disse.

O Vigário muxoxeou para os componentes de seu desjejum — um dia depois da chegada da Sra. Skinner. Tornou a muxoxear.

— Mas que é isso? — E assestou os óculos no jornal com um ar geral de protesto. — Vespas gigantes! Para onde está indo o mundo?... Jornalista americanos, suponho! Ao diabo com essas novidades! As groselhas gigantes já chegam para mim.

Tolice! — continuou, e engoliu o café de vez, olhos grudados no jornal, estalando os lábios de incredulidade. — Bah! — exclamou, rejeitando a insinuação inteiramente. Mas no dia seguinte tinha mais. Quando se dirigiu ao seu passeio habitual, ainda muxoxeava com a história absurda que o tal jornal queria fazê-lo acreditar. Vespas, vejam vocês... matando

um cachorro! Incidentalmente, ao passar pelo local da primeira safra de bufas-de-lobo, observou que a relva crescia demasiado ali, mas não relacionou isso de modo algum com o assunto que o divertia.

— Certamente teríamos sabido de alguma coisa — disse, — Whitstable não fica a mais de trinta quilômetros daqui. Mais adiante, encontrou outra bu fa-de-lobo, da segunda safra, erguendo-se como um ovo de roço em meio à grama anormalrnente endurecida.

A coisa ocorreu-lhe num clarão.

Não fez sua ronda habitual nessa manhã. Em vez disso, dobrou ao lado do segundo pontilhão e dirigiu-se à cabana dos C addles. — Onde está esse bebé? — per guntou, e, ao vê-lo: — Deus do céu!

Subiu a aldeia abençoando o seu co ração e encontrou o médico que descia a passos largos. Agarrou-lhe o braço. — Que significa isso? — perguntou. — Viu o jornal estes últimos dias?

O médico disse que vira.

— Bem, que é que há com aquela criança? Que é que está havendo com tudo, vespas, bufas-de-lobo, bebês, hem? Que é que os faz crescer tanto assim? Isso é a coisa mais inesperada. Em Kent também! Se fosse na América, bem... — É um pouco difícil dizer exatamente do que se trata — disse o médico. — Até onde consigo detectar os sintomas... — Sim?

— Trata-se de hipertrofia... hipertrofia geral. — Hipertrofia?

— Sim. Geral... que afeta as estruturas do corpo... todo

o organismo. Posso dizer que em minha mente, aqui entre nós, estou quase convencido de que é isso... Mas precisamos ter cuidado.

— Ah — disse o Vigário, bastante aliviado por descobrir que o médico estava à altura da si tuação. — Mas como está se espalhando desse jeit o, por toda parte?

— Isso aí — disse o médico — é difícil de dizer. — Ushot. Aqui. É m caso ba stante claro de disseminação. — Sim - disse o médico. — Sim. Acho que é. Tem uma forte semelhança, de qualquer modo, com uma

espécie de epidemia.

Provavelmente hipertrofia epidêmica define o caso. — Epidêmica! — disse o Vigário. — Não quer dizer que é contagioso?

O médico sorriu delicadame nte e esfregou as mãos. — Isso eu não saberia dizer.

— Mas!... — exclamou o Vigário, de olhos arregalados. — Se é transmissível... afeta... a nós!

Deu uma larga passada estrada acima e voltou-se. — Acabo de vir de lá — exclamou. — Não era melhor eu...? Vou pra casa agora mesmo tomar um banho e fumigar minhas roupas.

O médico ficou olhando-o afastar-se por um momento, e depois deu meia-volta e dirigiu-se para a sua casa.. . Mas a caminho reíletiu que a cidade já tinha um caso havia um mês, sem que ninguém cont raísse a doença, e após uma pausa de hesitação decidiu ser tão corajoso quanto deve ser um médico e enfrentar o risco como um homem. E na verdade foi bem aconselhado por esse último pensamento. Crescimento era a última coisa que poderia algum dia acontecer-lhe. Ele podia ter co mido... e o Vigário também... Herakleoforbia às carradas. Pois o seu crescimento acabara, terminara para os dois cavalheiros, para sempre.

Foi um ou dois dias após essa conversa, ou seja, um ou dois dias após o incêndio da Fazenda Experimental, que Winkles foi ver Redwood e mostrou-lhe uma carta insultante. Tratava- se de uma carta anônima, e um autor devia respeitar os segredos de seu caráter. "O senhor simplesmente assume o crédito por um fenômeno natural", dizia a carta, "e tenta promover-se com sua carta ao Times. O senhor e seu Comidão! Permita-me que lhe diga que esse seu alimento de nome absurdo tem apenas a ma is acidental ligação com aquelas grandes vespas e ratos. A simples verdade é que existe uma epidemia de hipertrofia — hipertrofia contagiosa — que o senhor tem tanto poder de controlar quanto de controlar o sistema solar. A coisa é tão antiga quanto as montanhas. Houve hipertrofia na família de Anak. Inte iramente fora de seu alcance, em Cheasing Eyebright, existe atualmente um bebê..." — Uma letra trêmula, cheia de altos e baixos. Um velho cavalheiro, aparentemente —

disse Redwood. — Mas é estranho um bebê...

Leu mais algumas linhas e teve uma inspiração. — Por Júpiter! — disse. — É a minha sumida Sra. Skinner! Caiu sobre ela de repente na tarde do dia seguinte. Ela se empenhava em colher cebolas na pequena horta diante da cabana da filha, quando o viu entrar pelo portão do jardim. Ficou por um instante "avexada ", como dizem as pessoas da roça, depois cruzou os braços e, segurando defensivamente o pequeno molho de cebolas sob o cotovelo esquerdo, esperou que ele se aproximasse. Abriu e fechou a boca várias vezes; resmungou com o único dente que lhe restava, e a certa altura fez um súbito cumprimento, como o piscar de um arco voltaico. — Achei que ia encontrá-la — disse Redwood. — Eu achava que o senhor podi a — ela disse, sem prazer. — Onde está Skinner?

— Ele nunca escreveu pra mim, não, senhor, nem uma vez só, nem nunca chegou perto de mim desde que vim pra cá, senhor.

— Não sabe o que é feito dele?

— Como ele não escreveu, não sei, não, senhor — e deu um passo para a esquerda, com a idéia não muito decidida de barrar a Redwood a porta do celeiro.

— Ninguém sabe o que foi feito dele — disse Redwood. — Eu acho que ele sabe, senhor — disse a Sra. Skinner. — Mas não diz.

— Ele toda vida foi muito bom pr a cuidar dele mesmo e deixar quem tava perto e gostava dele no aperto, aquele Skinner. Esperto que nem ele só — disse a Sra. Skinner. — Onde está a criança? — perguntou Redwood abruptamente.

Ela disse que não entendia.

— A tal criança de que ouvi falar, a criança à qual você está dando nossa substância... a criança que pesa quinze quilos. As mãos da Sra. Skinner trabalha vam, e ela deixou cair o molho de cebolas.

— De fato, senhor — protestou — mal sei do que o senhor tá falando. Minha filha, senhor, a Sra. Caddles, tem um bebê, senhor. — E fez um

agitado cumprimento e tentou parecer inocentemente surpresa, inclin ando o nariz para um lado. — É melhor me deixar ver esse bebê, Sra. Skinner — disse Redwood.

A Sra. Skinner desmascarou um olho para ele ao seguir na frente em direção ao celeiro.

— É claro, senhor, que podia ter um pouco numa latinha de Nicey que eu dei ao pai dele pra trazer da fazenda, ou talvez um pouco que eu trouxe por acaso comigo, por assim dizer. Fiz as malas naquela pressa toda...

— Hum! — disse Redwood, depoi s de brincar com o bebê por algum tempo. — Oom!

Disse à Sra. Caddles que o bebê era uma bela criança de fato,

coisa que chegava bem à inteligência dela — e depois disso ignorou-a completamente. Ela acabou deixando o celeiro — de pura insignificância.

— Agora que o fez começar, terá de continuar a dar-lhe, você sabe — disse à Sra. Skinner. Vo ltou-se para ela abruptamente. — Não o espalhe por aí desta vez — disse.

— Espalhar por aí, senhor?

— Oh! Você sabe.

Ela indicou que sabia através de gestos convulsivos. — Você não disse nada a essa gente daqui? Os pais, o senhor das terras e outros assim na casa-grande, o médico, ninguém? A Sra. Skinner balançou a cabeça.

— Se eu fosse a senhora, não falaria — disse Redwood. Foi até a porta do celeiro e exam inou o mundo em volta. A porta do celeiro ficava entre a ponta da cabana e uns chiqueiros abandonados, e, através de um po rtão de cinco barras, via-se a estrada. Além havia um alto muro de tijolos cheio de hera, goivos e coucelos, encimado por caco s de vidro. Além do canto do muro, uma ensolarada tabuleta entre galhos verdes e amarelos destacava-se em meio aos vivos tons das primeiras folhas mortas, e anunciava que "Os Inva sores destes Bosques Serão Processados". A negra sombra de um buraco na sebe deixava à vista um trecho de arame

farpado.

— Hum! — disse Redwood, e depois, numa nota mais profunda: — Oom!

Ouviu-se um barulho de cascos de cavalos e depois um som de rodas, e os animais de Lady Wondershot apareceram. Ele marcou os rostos do cochei ro e do palafreneiro quando a equipagem se aproximou. O cocheiro era um belo espécimen, cheio e agradável, e conduzia a carruagem com uma espécie de dignidade sacramental. Outros poderiam duvidar de suas vocações e posições no mundo, mas ele, pelo menos, estava seguro — conduzia a viatura de sua senhoria. O palafreneiro sentava-se ao seu lado de braços cruzados e um rosto cheio de certezas inflexíveis. Depois, tornou-se visível a própria grande

dama, com um chapéu e uma mantilha desdenhosamente deselegantes, espiando tudo at ravés de seus óculos. Duas jovens enfiavam os pescoços pelas janelas e olhavam também. O Vigário, que passava do outro lado, tirou o chapéu de sua descuidada testa de Davi...

Redwood permaneceu de pé na entrada por um longo tempo, após a passagem da carruagem, as mãos cruzadas às costas. Olhava a encosta verde-cinza da chapada e o céu coberto de nuvens, e voltava ao muro dos cacos de vidro. Voltou-se para as frias sombras dentro do celeiro, e em meio às manchas e borrões de cores contemplou a criança gigante naquela penumbra rembrandtesca, nua, a não ser por uma fralda de flanela, sentada num enorme feixe de palha e brincando com os dedos dos pés.

— Começo a ver o que fizemos — disse.

Ficou meditando, e o jovem Caddles, seu próprio filho e a ninhada de Cossar misturava m-se em sua meditação. De repente, deu uma risada.

— Bom Deus! — disse, a algum pensamento passageiro. Acabou despertando e falou à Sra. Skinner. — De qualquer modo, ele não deve ser torturado por uma interrupção no alimento, isso, pelo menos, nós podemos evitar. Vou mandar uma lata para a senhora a cada seis meses. Deve bastar-lhe, sem dúvida.

A Sra. Skinner resmungou alguma coisa sobre: "Se acha assim, senhor", e "Provavelmente foi me tido na trouxa por engano... se bem que não tá fazendo nenhum mal pra ele", e assim, por meio de vários gestos tr êmulos, indicou que entendia. Assim, a criança continuou crescendo.

E crescendo.

— Na prática — disse Lady Wondershot — ele devorou todo bezerro da região. Se me vier qualquer outro desses desse tal Caddles...

Mas mesmo um lugar tão escondido como Cheasing Eyebright não podia apoiar-se muito tempo na teoria da hipertrofia — contagiosa ou não — em vista do crescente zum-zum sobre o Alimento. Em pouco tempo, houve penosas explicações para a Sra. Skinner — explicações que a reduziram a mudos resmungos de seu único dente — e finalmente ela foi obrigada a refugiar-se na convergência universal da culpa na dignidade da viuvez inconsolável. Voltou os olhos — que obrigou a ficar lacrimosos — para a irada Lady da Mansão, e enxugou a espuma de sabão das mãos.

— Minha senhora esquece o que eu tou aguentando. — E deu continuação a esse tom de advertência com uma observação ligeiramente desafiante: — É NELE, madama, que eu penso dia e noite.

— Comprimiu os lábios e sua voz achatou-se e falhou: — É assim, madama. — E, tendo-se estabelecido nesse terreno, repetiu a afirmação que sua sen horia recusara antes: — Eu não tinha mais idéia do que dei ao menino, madama, do que qualquer outro podia ter...

Sua senhoria voltou a mente para direções mais esperançosas, censurando Caddles, é claro, enquant o isso. Emissários cheios de diplomáticas ameaças entraram nas agitadas vidas de Bensington e Redwood. Apresentavam-se como Conselheiros Paroquiais, fleumáticos e ap egando-se fonograficamente a declarações pré-estabelecidas.

— Nós o respensabilizamos, Sr. Bensington, pelo dano causado à nossa paróquia. Nós o responsabilizamos. Uma firma de advogados, com um nome que era uma serpente — Banghurst, Brown, Flapp, Codlin, Brown, Tedder e Snoxton, e aparecia invariavelmente sob a forma de um

pequeno cavalheiro ruivo e de ar astuto, com um nariz adunco —, disse vagas coisas

sobre danos, e houve um person agem muito cortês, o agente de sua senhoria, que caiu de repente um dia sobre Redwood e perguntou: — Bem, senhor, que propõe fazer?

Ao que Redwood respondeu q ue propunha interromper o fornecimento do Alimento para a cr iança, se ele ou Bensington continuassem a ser chateados devido àquele assunto. — Estou dando a substância de graça — disse — e a criança berrará até deixar sua aldeia em ruínas antes de morrer, se não permitirem que receba a substância. A criança está em suas mãos, e têm de mantê-la. Lady Wondershot não pode ser sempre Lady Abundância e Providência Terrena de sua paróquia sem às vezes enfrentar uma responsabilidade, você sabe.

— O malfeito está feito — decid iu Lady Wondershot, quando lhe contaram — com expurgos — o que Redwood dissera. — O malfeito está feito — ecoou o Vigário. Embora, na verdade, o malfeito estivesse apenas começando.

## O MOLEQUE GIGANTE

A criança gigante era feia —- insistia o Vigário. — Ele sempre foi feio... como têm de ser todas as coisas exageradas.

Suas opiniões haviam-no afas tado de um julgamento justo nesse caso. A criança foi submetida a muitos instantâneos, mesmo naquele rústico retiro, e o testemunho claro dessas fotos contraria o Vigário, atestando que o jovem monstro era a princípio quase bonito, com uma copiosa mecha de cabelos caindo-lhe até a testa e muita disposição a sorrir. Em geral

Caddles, que tinha um físico fr ágil, aparece sorrindo atrás do bebê, a perspectiva acentuando sua relativa pequenez. Após o segundo ano, as bonitas feições da criança tornaram-se mais sutis e contestáveis. Ela começou a crescer, como seu infeliz avô sem dúvida teria dito: "Muito demais". Perdeu as cores e desenvolveu uma crescent e tendência a ser,

apesar de colossal, um tanto raquítico. Er a delicado, em escala imensa. Os olhos e alguma coisa no rosto tornaram-se mais finos, tornaram- se, como diz o povo: "interessant es". O cabelo, após um corte, começou a embaraçar-se num emaranhado.

— É a raça degenerada surgindo nele — disse o médico da paróquia, indicando essas coisas. Mas até onde estava certo nisso, e até onde a distância do jovem para a sanidade ideal resultava do fato de viver inteiramente num celeiro caiado, devido ao senso de caridade de Lady Wondershot, temperado pela justiça, é algo aberto à discussão.

As fotografias dele que o apresentam dos três aos seis anos mostram-no tornando-se um jove m de olhos graúdos e cabelos louros, com um nariz truncado e um olhar amistoso. Paira nos lábios aquela nunca distante promessa de um sorriso que todas as fotografias dos primeiros be bês gigantes apresentam. No verão, usa roupas frouxas de pano de colchão amarrado com cordão; geralmente tem na cabeça uma dessas cestas que os operários usam para guardar suas ferramentas, e está descalço. Num retrato, dá um sorriso largo e tem na mão um melão mordido.

Os retratos de inverno são menos numerosos e satisfatórios. Ele usa tamancos imensos, sem dú vida de pau de samambaia, e (como demonstram fragmentos da inscrição "John Stickels, Iping") sacos no lugar de meias; as calças e o casaco são inquestionavelmente feitos dos restos de um tapete de padronagem alegre. Por baixo disso, vêem-se grosseiras faixas de flanela; cinco ou seis metros de flanela enrolam-se, como um xale, no pescoço. A coisa em su a cabeça é provavelmente outro saco. Ele olha fixo, às vezes sorrindo, às vezes um tanto

tristemente, para a câmara. Mesmo com apenas cinco anos, vê- se aquela ruga meio caprichosa, acima dos suaves olhos castanhos, que caracterizava o seu rosto.

Desde o início, declarava sempre o Vigário, foi um grande embaraço na aldeia. Parece te r tido um impulso proporcional para brincar, muita curiosidade e sociabilidade, e além disso havia nele um certo anseio — sinto dizer — por sempre mais comida, Apesar do que a Sra. Gr eenfield chamava de uma ração alimentar "excessivamente generosa" da parte de Lady Wondershot, exibia o que o médico logo percebeu ser o "apetite

criminoso". Demonstra muito conclusivamente as piores experiências de Lady Wondershot com as classes inferiores a descoberta de que, apesar de uma ração alimentar desbragadamente além do que se sabia ser a necessidade máxima até mesmo de um adulto, a criatura roubava. E o que roubava comia com deselegante voracidade. Sua manzorra passava por cima dos muros do jardim; ele cobiçava até o pão nos carrinhos do padeiro. Os queijos sumiam do sótão da loja de Marlow, e jamais um cocho de porcos estava a salvo dele. Um lavrador, andando por seus campos de nabos, encontrava o grande rasto dos pés dele e os indícios de sua fome roedora, um nabo roído aqui, outro ali, e os buracos tapados com astúcia infantil. Comia um nabo como outros devoram um rabanete. Tirava e comia maçãs de uma árvore, quando não havia ninguém por perto, como as crianças normais colhem amoras numa moita. Num aspecto, pelo menos, essa escassez de provisões era boa para a paz de Cheasing Eyebright — durante muitos anos, ele comeu cada grão do Alimento dos Deuses que lhe davam...

Indiscutivelmente, a criança era problemática e deslocada. — Ele andava sempre por aí — dizia o Vigário. Não podia frequentar a escola; não podia ir à igreja, devido às óbvias limitações de seu conteúdo cú bico. Fez-se algum esforço para satisfazer o espírito daquela "idiotíssima e destrutiva lei" — cito o Vigário — a Lei da Educação Primária de 1870, fazendo-se com que se sentasse do lado de fora da janela

aberta, enquanto se dava a aula lá dentro. Mas sua presença ali destruía a disciplina das outras crianças, que ficavam pondo a cabeça para fora e espiando-o, e toda vez que ele falava todas elas riam. Tinha uma voz tão estranha! Assim, deixaram-no ficar à solta.

Tampouco insistiram em que fosse à igreja, pois suas imensas proporções eram de pouca va lia para a devoção. Contudo, nisso poderia ter tido uma tarefa mais fácil; há bons motivos para imaginar que era algum pon to daquela grande carcaça havia os germes do sentimento religioso. A música atraía-o, talvez. Ficava muitas vezes no ce mitério ao lado da igreja, nas manhãs de domingo, andando de mansinho por entre as sepulturas, depois que a congregação entrava, e sentava-se durante todo o ofício junto ao pórtico, ouvindo, como se fica à escuta junto a uma colméia.

A princípio, demonstrou certa falta de tato; as pessoas lá dentro ouviam os grandes pés rondando inquietos o seu lugar de adoração, ou percebiam o vu lto do rosto dele espiando através dos vitrais, meio curioso, meio invejoso; e às vezes um simples hino pegava-o desprevenido e ele uivava lugubremente num gigantesco esforço de uníssono. Ao que o pequeno Sloppet, que acionava os foles do órgão e era porteiro, bedel, sacristão e sineiro da igreja nos domingos, além de ser carteiro e limpador de chaminés a semana toda, saía muito rígida e valentemente e mandava-o embora. Sloppet, alegra- me dizê-lo, sentia ter de faze r isso — pelo menos, em seus momentos mais conscienciosos. Era como mandar um cachorro para casa quando se inicia um passeio, disse-me. Mas a formação intelectual e moral do jovem Caddles, apesar de fragmentária, foi explícita. Des de o princípio, o Vigário, a mãe e todo mundo combinaram-se para de ixar-lhe claro que não devia empregar sua gigantesca força. Era um infortúnio com o qual teria de se haver o melhor possível. Precisava dar atenção ao que lhe diziam, fazer o que lhe mandavam, ter cuidado para jamais quebrar coisa alguma nem ferir coisa alguma. Não devia sobretudo sair pisando nas coisas, esbarrando nelas nem

sacudindo-as. Devia saudar respeitosamente a fidalguia e ser grato pelo alimento e as roupas que ela lhe reservava de suas riquezas. E ele aprendeu tudo isso submissamente, sendo por natureza e hábito uma criatura ensinável e só por alimentação e acidente gigantesca.

Para com Lady Wondershot, nesses primeiros dias, ele demonstrava o mais profundo pav or. Ela descobrira que podia falar melhor com ele quando usava saias curtas e segurava o rebenque, com o qual gesticulava e mostrava-se sempre um pouco desdenhosa e estridente. Mas às vezes o Vigário bancava o amo, um Davi miúdo, de meia-idade e quase sem fôlego, apedrejando um Golias infantil com censuras, repreensões e ordens ditatoriais. O monstr o estava agora tão grande que aparentemente não podiam lembrar-se de que era apenas uma criança de sete anos, com todo o desejo de atenção, diversão e novas experiências de uma criança, com todo o anseio de resposta, atenção e afeto de uma criança, e toda a capacidade de dependência e irrestrita apatia e infelicidade de uma criança. O Vigário, descendo a rua da aldeia numa ensolarada manhã, encontrava uns desgraciosos cinco metros e meio do Inexplicável, tão

fantástico e desagradável para ele quanto uma nova forma de dissidência, and ando meio trôpego ao seu lado com o pescoço espichado, procurando, sempre procurando as duas necessidades básicas da infância: alguma coisa para comer e alguma coisa para brincar.

Surgia então uma expressão de furtivo respeito nos olhos da criatura e um esforço para tocar na mecha emaranhada de cabelos.

De um certo modo limitado, o Vigário possuía imaginação — pelo menos, uns restos — e com o jo vem Caddles ele adotou a linha de imaginar as imensas possibilidades de danos pessoais que tão imensos músculos deviam possuir. E se desse nele uma súbita loucura...! Um simples l apso de desrespeito...! Contudo, o homem verdadeiramente corajoso não é aquele que não sente medo, mas aquele que o vence. Toda vez que lhe

ocorriam tais idéias, o Vi gário sempre subjugava sua imaginação. E sempre falava ao jovem Caddles bravamente num bom e claro tom prático: — Está se comportando, Albert Edward?

E o jovem gigante, esgueirando- se junto ao muro e corando muito, respondia: — Sim, senhor... tentando.

— Trate de se comportar — dizia o Vigário, e passava por ele no máximo com uma leve acel eração da respiração. E por respeito à sua virilidade adotou como regra nunca olhar um perigo às costas, uma vez passado, fosse o que fosse que lhe ocorresse.

Precariamente, o Vigário da va ao jovem Caddles uma educação particular. Nunca en sinou o monstro a ler — não era necessário —, mas ensinou-lhe os pontos mais importantes do catecismo, o dever para com o próximo, por exemplo, e sobre aquela divindade que o puniria com extrema vingança se ele um dia se aventurasse a desobedecer ao Vigário e a Lady Wondershot. As lições eram dadas no pátio do Vigário, e os passantes ouviam a enorme e instável voz infantil zumbindo os ensinamentos básicos da Igreja oficial. — Honrar e obedecer ao Rei e sempre submeter-me à autoridade dele. Submet er-me a todos os meus governadores, professores, pastores e amos. Comportar-me humildemente e reverentemente com todos os meus superiores...

Acabou-se percebendo que o efeito do gigante em crescimento sobre os cavalos não acostumados com ele era semelhante ao de um camelo, e disseram-lhe que se mantivesse longe da estrada, não apenas do matagal das bordas (onde seu sorriso paspalho, por cima do muro, exasperava extremamente sua senhoria), mas inteiramente longe. A essa lei, ele nunca obedeceu completamente, devido ao enorme interesse que a estrada lhe despertava. Mas transformou o que tinha sido um recurso constante num

prazer furtivo. Limitaram-no afinal quase inteiramente a velhas pastagens nas chapadas.

Não sei o que ele teria feito, não fossem as chapadas. Ali, havia espaços onde podia vaguear por quilômetros e quilômetros, e nesses espaços vagueava mesmo. Arrancava galhos das árvores e fazia imensos e loucos buquês, até que eles proibiram também isso; pegava as ovelhas e as punha em filas certinhas, das quais elas logo saíam (e ele sempre ria gostosamente disso), até que o proibiram; escavava o gramado, fazendo grandes buracos ao acaso, até que o proibiram...

Errava pelas chapadas até o monte acima de Wreckstone, porém não ia mais longe, porque ali encontrava terras cultivadas, e as pessoas, em vista das depredações que ele fazia em suas plantações de tubérculos, e inspiradas além disso por uma espécie de hostil timidez que seu desgrenhado aparecimento frequentemente provocava, sempre o expulsavam com cães a latir. Ameaçavam-no e açoitavam-no com chicotes. Ouvi dizer que às vezes lhe davam tiros de espingarda. Em outra direção, chegava a ver Hickleybrow. De cima de Thursley Hanger, tinha uma visão da ferrovia de Londres, Chatham e Dover, mas os campos arados e uma suspeita aldeia impediam-no de chegar mais perto. Após algum tempo, surgiram avisos em tabuletas, grandes tabuletas com letras enormes, que lhe barravam o caminho em todas as direções. Ele não sabia ler o que as letras diziam: "Interditado", mas em pouco tempo entendeu. Era visto frequentemente nessa época, pelos passageiros da ferrovia, sentado, o queixo apoiado nos joelhos, na chapada junto às minas de giz, onde depois o puseram a trabalhar. O trem parecia inspirar-lhe uma vaga emoção de amizade, e às vezes ele acenava a enorme mão para o comboio, e às vezes fazia-lhe uma rústica e incoerente saudação.

— Grande — dizia um passageiro. —- Um dos filhos do Comidão. Dizem, senhor, que são inteiramente incapazes de fazer alguma coisa por si mesmos... pouco mais que um idiota, na verdade, e um grande fardo para a localidade.

— Pais muito pobres, me disseram.

— Vive da caridade dos fidalgos locais.

Todos olhavam inteligentemente o distante monstro agachado durante algum tempo.

— Era bom dar um basta nisso — sugeria alguma mente de pensamento espaçoso. — É bom ter alguns milhares deles nos impostos, hem?

E geralmente havia alguém sábio o bastante para dizer a esse filósofo: — Está mais ou menos certo, senhor — num tom animado.

Ele tinha seus dias ruins.

Houve, por exemplo, o problema com o rio.

Fazia barquinhos com jornais inteiros, uma arte que aprendera observando o menino dos Spender, e punha-os a navegar pelo rio abaixo, grandes chapéus de papel emborcados. Quando desapareciam embaixo da ponte que assinalava o limite dos terrenos estritamente privados da Mansão Eyebright, ele soltava um grande grito e atravessava correndo o novo campo de Tormat — Senhor! como os porcos de Tormat disparavam a correr, transformando sua fofa gordura em duro músculo! —, para ir encontrar os barcos no vau. Os barcos de papel passavam perto do relvado próximo, bem em frente da Mansão Eyebright, bem debaixo dos olhos de Lady Wond ershot! Jornais dobrados desfazendo-se! Um belo espetáculo!

Ganhando coragem com a impunid ade, iniciou uma infantil engenharia hidráulica. Escavou um enorme porto para suas frotas de papel, usando uma vel ha porta de telheiro como pá, e como ninguém observava suas operações no momento, idealizou um engenhoso canal que incidentalm ente inundou a neveira de Lady Wondershot, e finalmente represou o rio. Represou-o de um lado a outro com algumas vigorosas portadas de terra

— deve ter trabalhado como uma avalanch e — e lá veio abaixo uma

espantosa inundação através da sebe, levando de roldão a Srta. Spinks, seu cavalete e a mais promissora aquarela que ela já iniciara, ou, pelo menos, levando o cavalete e deixando-a molhada até os joelhos e em consternada fuga para a casa. Dali as águas precipitaram-se pelo pomar adentro, e, através da porta verde, na aléia e de volta ao leito do rio, na vala de Short. Enquanto isso, o Vigário, interrompido em sua conversa com o ferreiro, pasmava ao ver angustiados peixes fora d'água saltando de algumas poças residuais, e mont es de mato verde no leito do rio onde dez minutos antes havia dois metros e meio, ou mais, de límpida e fria água.

Depois disso, horrorizado com as consequências de seus próprios atos, o jovem Caddles fugiu de casa por dois dias e noites. Voltou apenas a insistentes pedidos da fome, para suportar com estóica calma uma avalanche de violentas repreensões, mais proporcionais ao seu tamanho do que qualquer outra coisa que já se abatera sobre ele na Aldeia Feliz.

Imediatamente após esse caso, Lady Wondershot, procurando adições exemplares aos abusos e jejuns que infligira, emitiu um ukase. Emitiu-o primeiro ao seu mordomo, e com tanta rapidez que o fez saltar. Ele tirava a mesa do desjejum e ela olhava pela janela francesa que dava para o terraço onde os gamos vinham ser alimentados.

— Jobbet — disse, com sua voz ma is imperiosa. — Jobbet, essa coisa deve trabalhar pelo seu sustento.

E deixou claro não apenas para Jobbet (o que era fácil), mas para todos os demais na aldeia, in clusive o jovem Caddles, que nessa questão, como em tudo mais, falava sério. — Mantenham-no ocupado — disse Lady Wondershot. — É essa a ordem para o Sr. Caddles.

— É a ordem, imagino, para toda a humanidade — disse o Vigário. — Os deveres simples, a modesta ronda, tempo de

plantar e colher...

— Exatamente — disse Lady Wondershot. — O que eu sempre digo. Satanás sempre encontra algum malfeito para mãos desocupadas. Pelo

menos entre as classes inferiores. Sempre educamos nossas criadas nesse princípio. Que o poremos a fazer?

Isso era um pouco difícil. Pensaram em muitas coisas, e enquanto pensavam puseram-no a trabalhar um pouco, usando-o em lugar de um mensageiro a cavalo para levar telegramas e recados quando se precisava de maior rapidez; também carregava bagagens, caixotes e coisas assim com muita conveniência, numa grande rede que lhe arranjaram. O jovem parecia gostar da ocupação, encarando-a como uma espécie de brincadeira, e Kinkle, o agent e de Lady Wondershot, vendo-o mover uma rocha para ela um dia, teve a brilhante idéia de pô-lo na pedreira de giz de sua senhoria em Thursley Hangsr, próximo de Hickleybrow. A idéia foi posta em prática, e pareceu que tinham resolvido o problema.

Ele trabalhou na mina de giz, a pr incípio com o entusiasmo de uma criança que brinca, e depois pelo efeito do hábito, cavando, carregando, fazendo toda a parte de suspender as cargas para os vagões, conduzi-los cheios pelas linhas abaixo até o desvio, e levar os vazios pelo arame de um a grande roldana, e finalmente operando toda a pedreira sozinho.

Disseram-me que Kinkle fez dele realmente um ótimo negócio para Lady Wondershot, consumin do, como fazia, pouquíssimo mais que sua alimentação, embora isso nunca contivesse a denúncia que ela fazia da "Criatura" como um parasita gigante de sua caridade.

Nessa época, ele usava uma es pécie de chambrão de saco, calças de couro remendadas, tamancos com cravos de ferro. Trazia às vezes na cabeça uma coisa esquisita, um gasto chapéu de apiário, mas em geral andava de cabeça descoberta. Movia- se pela mina com poderosa determinação, e o Vigário, em suas rondas habituais, lá chegava ao meio-dia e encontrava-o comendo

envergonhado sua vasta ração de comida de costas para todo mundo.

A comida era-lhe trazida todo dia, uma papa de cereais com cascas, num pequeno vagão de ferrovia, como um daqueles que vivia perpetualmente enchendo de giz, e ele transportava essa carga para um velho forno de secagem e devorava-a. Às vezes, misturava a ela um saco de aç úcar. Às vezes, sentava-se chupando uma pedra desse sal que se dá às vacas, ou

comendo um grande cacho de tâmaras, com caroços e tudo, dessas que se vêem nos carrinhos de mão, em Londres. Para beber, dirigia- se ao riacho além do sítio queimado da Fazenda Experimental, em Hickleybrow, e mergulhava a cabeça na água. Foi pelo fato de ele beber desse jeito, após a comida, que o Alimento dos Deuses terminou disseminando-se, espalhando-se primeiro em imensos juncos à beira do rio, e depois em grandes rãs, trutas ainda maiores e carpas encalhadas, e finalmente numa fantástica exuberância de vegetação por todo o valezinho. Após mais ou menos um ano, aquelas coisas estranhas e monstruosas no campo defronte ao ferreiro se tornaram tão grandes, e, desenvolveram-se em peixe-serra e besouros tão apavorantes — os meninos chamavam-nos de besouros a motor — que obrigaram Lady Wondershot a exilar-se no exterior.

Mas em breve o Alimento ia entrar numa nova fase de efeito nele. Apesar das instruções simples do Vigário, destinadas a moldar do modo mais completo e terminante a modesta vida natural adequada a um camponês gigante, ele começou a fazer perguntas, a querer saber coisas, a pensar. À medida que passava da infância à adolescênc ia, tornava-se cada vez mais evidente que sua mente tinha seus próprios processos — fora do controle do Vigário. O religioso fez, o melhor que pôde para ignorar esse fenômeno perturbador, mais ai nda assim, sentia-o ali.

A matéria para as ruminações do jovem gigante estava à sua volta. Muito involuntariamente, com suas visões espaçosas, sua constante indiferença às coisas, viu sem dúvida o bastante da vida humana, e à medida que se tor nava claro que também ele, a não ser por aquela desajeitada grandeza, era humano, deve ter vindo a compreender cada vez mais o quanto lhe interditava a sua melancólica distinção. O burburinho social da escola, o mistério da religião, partilhado em tão belas roupas, e que exalava uma melodia tão doce, os cantos joviais da taverna, as salas calidamente iluminadas a vela e la reira, às quais olhava da escuridão, ou também os gritos de alegria, o vigor do exercício elegante numa coisa que não compreendia bem, e que se centrava no campo de cricket — tudo isso deve ter gritado alto em seu coração ávido de companhia. Parece que, à medida que a adolescência o alcançava aos poucos, ele começava a ter um interesse bastante consideráv el nos atos dos namorados, naquelas preferências e acasal amentos, naquelas intimidades tão fundamentais

para a vida.

Um domingo, mais ou menos à hora em que surgiam as estrelas, os morcegos e as paixões da vida campestre, achava- se na Avenida do Amor um jovem casal, "dando-se uns beijinhos". A aléia era densamente protegida por sebes, em direção ao Upper Lodge. Os dois proporcionavam-se pequenas emoções, tão seguros no cálido e silencioso crepúsculo quanto quaisquer namorados poderiam estar. A única interrupção concebível que julgavam possí vel tinha de aparecer bem à vista na aléia acima; a sebe de três metros e meio, que seguia em direção às silenciosas chapadas, parecia- lhes uma garantia absoluta.

E então, de repente — incrivel mente — viram-se suspensos e separados.

Descobriram-se pendurados cada um por um indicador e um polegar sob as axilas, e com os perplexos olhos castanhos do jovem Caddles vasculhando-lhes as acaloradas e coradas faces. Ficaram naturalmente mudos com as emoções da situação.

—- Por que vocês gostam de fazer is so? — perguntou o jovem Caddles.

Imagino que o embaraço continuou até que o galã, lembrando- se de sua condição de macho, ordenou veementemente, com altos brados e blasfêmias viris, como cabia à ocasião, ao jovem Caddles que os pusesse no chão, sob pena de castigos. Ao que o jovem Caddles, lembrando-se de sua educação, os pôs cortesmente no chão e com muito cuidado, convenientemente próximos, para que pudessem reiniciar seus abraços. E, tendo hesitado algum tempo acima deles, tornou a desaparecer no crespúsculo...

— Mas eu me senti muito idiota — confiou-me o galã. — A gente mal podia ver um ao outro. Pegado assim. A gente tava se beijando, o senhor sabe. E o estranho é que ela pôs a culpa de tudo em mim. Me chamou de um nome feio e mal quis falar comigo até em casa...

O gigante embarcava em investigações, não podia haver dúvidas. Sua mente, tornou-se claro, disparava perguntas. Ele as fazia a poucas pessoas, por enquanto, mas elas o perturbavam. Imagina-se que a mãe às vezes era submetida a interrogatórios.

Ele aparecia no quintal atrás da casa da mãe, e, após uma cuidadosa inspeção do terreno, em busca de galinhas e pintos, sentava-se lentamente, recostando-se no celeiro. Num minuto os pintos, que gostavam dele, cobriam-no de bicadas, catando a lama musgosa de giz nas costuras de suas roupas, e se um vento anunciava chuva, o gato da Sra. Caddles, que nunca perdia a confiança nele, assu mia uma forma sinuosa, corria para casa, subia no trilho do fogão e passava para a sua perna, para o seu corpo, até o ombro, meditava um pouco, e depois, zás, recomeçava. Às ve zes enfiava-lhe as garras no rosto, de pura alegria, mas ele nunca ousava tocá-lo, devido ao peso incerto de sua mão numa criatura tão frágil. Além disso, gostava que lhe fizessem cócegas. Após algum tempo, fazia algumas desajeitadas perguntas à mãe.

— Mãe — dizia —, se é bom trabalhar, por que todo mundo não trabalha?

A mãe erguia o olhar para ele e respondia. — É bom pra gente que nem nós.

Ele pensava um pouco.

—Por quê — E não obtendo resposta: — Pra que serve o trabalho, mãe? Por que eu corto giz e a senhora lava roupa, todo santo dia, enquanto Lady Wondershot anda por aí na carruagem, mãe, e viaja pra longe, para essas terra estrangeira bonita que eu mais a senhora nunca que vamo ver, mãe?

— Ela é uma dama.

— Oh — dizia o jovem Caddles, e mergulhava em profunda meditação.

— Se não fosse por esses fidal go pra fazer a gente trabalhar para eles — dizia a Sra. C addles —, como nós pobre ia ganhar a vida?

Isso tinha de ser digerido.

— Mãe — ele tentava de novo —, se não tivesse fidalgo nenhum, as coisas não ia ser do povo como eu e a senhora? E se fosse...

— Deus proteja esse menino! — dizia a Sra. Caddles. Com a ajuda de uma boa memória, to rnara-se uma individualidade exuberante e vigorosa desde que a Sra. Skinner morrera. — Desde que Deus levou sua pobre e querida avó, não tem jeito de segurar você. Não faça pergunta, que não vai ouvir mentira. Se eu começasse a responder para você a sério, seu pai ia ter de ir pedir o sustent o a outra pessoa... quanto mais acabar com a lavagem de lavar a roupa.

— Tá bem, mãe — ele dizia, após um olhar mediativo a ela. — Eu não queria chatear.

E afastava-se pensativo.

E ainda pensava quatro anos de pois, quando o Vigário, agora não mais maduro, mas maduro dema is, o viu pela última vez. Imaginem o velho cavalheiro visivelmente um pouco mais velho, a cinta frouxa, um pouco em brutecido e enfraquecido no pensamento e na fala, com um tremor nas mãos e nas convicções, mas com o olho ainda rútilo e alegre apesar de toda a encrenca que o Alimento causara à sua aldeia e a si mesmo. Assustara-se e perturbar a-se algumas vezes, mas não estava vivo e ainda o mesmo? E quinze anos, uma bela amostra da eternidade, haviam dado um emprego ao problema. — Foi uma perturbação, admito — dizia — e as coisas estão diferentes. Diferentes de muitas formas. Houve tempo em que até um menino podia capinar, mas agora é preciso um homem com um machado e um pé-de-cabra... pelo menos em alguns pontos das moitas. E nós, gente antiquada, ainda estranhamos todo este vale, mesmo o que era antes o leit o do rio, antes da irrigação, coberto de trigo... como está este ano... de sete metros e meio de altura. Usavam a velha foice aqui há vinte anos, e traziam a colheita em carroças.... com uma alegria simples e honesta. Talvez houvesse uma farrinha simples, uma festinha inocente, para encerrar... Pobre querida La dy Wondershot... não gostou dessas inovações. Muito conservadora, a pobre dama querida! Tinha um toque do século dezoito, é o que eu sempre disse. A linguagem, por exemplo ... um vigor franco... "Morreu relativamente pobre. Aquele mato grande em seu jardim. Não era uma dessas mulheres que fazem jardinagem, mas gostava de ver seu jardim em ordem... as coisas crescendo onde eram plantadas e como eram plant adas... sob controle... O modo como as coisas cresciam foi inesperado... perturbou as idéias

dela... Não gostava da perpétua invasão desse jovem monstro... pelo menos, começou a imaginar que

ele vivia olhando-a, boquiaberto, por cima do muro... Não gostava do fato de ele ser quase do tamanho da casa dela. Destoava do seu senso de proporção. Pobre dama querida! Eu esperava que vivesse tanto quanto eu. Foram os gr andes besouros que tivemos durante um ano que a decidiram. Eles vinham das larvas gigantes... coisas nojentas, do tam anho de ratos... na relva do vale... E as formigas sem dúvida também pesaram. Como tudo es tava revirado e não havia paz nem quietude em parte alguma, ela disse que achava que tanto podia estar em Monte Carlo quanto em qualquer outra parte. É se foi. Disseram-me que jogava muito imprudentemente. Morreu no hotel, lá. Fim muito triste. Exílio... Não... não o que se considera... Uma líder natural de nosso povo inglês... Desenraizada. Logo!

"Contudo, afinal" — repisava o Vigário — "tudo se reduz a muito pouca coisa. As crianças não podem correr livremente por aí" como antes, com as mordidas e tudo mais. Talvez esteja bem assim... Havia conversas... como se essa coisa fosse revolucionar tudo... Mas há alguma coisa que desafia todas essas forças da Nova ... Não sei, é claro. Não sou um desses filósofos modernos... explicam tudo com éter e átomos. Evolução. Lixo desse tipo. O que digo é uma coisa que os elogios não incluem. Uma questão de razão... não de compreensão. Madura sabedoria. Natureza humana. Aere perennius... Chame o que quiser."

E assim, afinal, chegou à última vez.

O Vigário não teve premonições do que já estava tão próximo dele. Deu sua costumeira caminhada, por Farthing Down, como fizera por dezenas de anos, e dirigiu-se ao lugar de onde podia observar o jovem Caddles. Subiu a encosta até a crista onde ficava a mina de giz, um pouco esfalfado — havia muito perdera o atlético passo cristão de outras eras —, mas Caddles não estava em seu trabalho. Então, contornando a moita de fetos gigantes que começava a obscurecer e sombrear o Hanger, deu com o imenso vulto do monstro sentado no morro — m editando, por assim dizer,

sobre o mundo. Tinha os joelhos encolhidos, a face apoiada na mão, a cabeça um pouco de lado. Sentava-se de costas para o Vigário, de modo que não se podia ver aqueles olhos perplexos. Devia estar muito concentrado, pelo menos sentava- se muito imóvel...

Não se voltou. Não soube que o Vigário, que desempenhara um papel tão grande na formação de sua vida, olhava-o então pela última de inúmeras vezes — não soube sequer que ele estava ali. (Assim é que ocorrem tantas despedidas.) O Vigário ficou impressionado, no momento, pelo fato de que, afinal, ninguém na Terra tinha a mínima idéia do que aquele enorme monstro pensava quando julgava que devia descansar de seus labores. Mas estava demasiado indolente para seguir esse novo tema nesse dia; recaiu da sugestão nas velhas trilhas de seu pensamento.

— Aere perennius — murmurou, andando vagarosamente para casa por um sendeiro que não mais seguia direto cruzando o relvado como antes, mas serpeava em circuitos para evitar novos tufos de grama gigante. — Não! Nada mudou. As dimensões nada são. A ronda simples, a tarefa comum... E naquela noite, inteiramente sem dor e sem o saber, ele próprio seguiu a rota comum — saindo do Mistério da Transformação, que passara a vida a negar. Enterraram-no no cemitério de Cheasing Eyebright, perto do maior teixo, e a modesta lápide com seu epitáfio que terminava com: Ut in Principio, nunc est et semper — foi quase imediatamente escondida das vistas humanas por um alastramento de grama cinza gigante, grossa demais para a foice ou as ovelhas, que avançou sobre a aldeia como um nevoeiro, da fértil umidade dos prados do vale, onde o Alimento dos Deuses estivera atuando.

# LIVRO TRÊS

# A COLHEITA DO ALIMENTO

## O MUNDO ALTERADO

A transformação brincou com o mundo, à sua nova moda, durante vinte anos. Para a maioria das pessoas, essas coisas novas vieram aos poucos, dia a dia, de uma maneira bastante notável, mas não tão abruptamente que

as esmagasse. Mas para um homem, pelo menos, todo o acúmulo dessas duas décadas da obra do Alimento seria revelado de repente e espantosamente num só dia. Convém-nos torná- lo por esse dia e dizer alguma coisa do que ele viu.

Esse homem era um prisioneiro, um condenado à prisão perpétua — seu crime não nos interessa—, a quem a lei julgara conveniente perdoar após vinte ano s. Numa manhã de verão, o pobre desgraçado, que deixara o mundo como um jovem de vinte e três anos, viu-se novamente jogado da cinzenta simplicidade do trabalho e disciplina que se tornara a sua vida numa deslumbrante liberdade. Puse ram-lhe roupas às quais não estava acostumado; o cabelo já crescia havia algumas semanas, e ele o partia havia alguns dias; e ali estava ele parado, numa espécie de trêmula e desajeitada novidade de corpo e alma, piscando com os olhos e na verdade com a alma também, novamente do lado de fora, tentando entender aquela coisa incrível: estar afinal de novo por algum tempo no mundo dos vivos, e apesar de todas as outras coisas terríveis, inteiramente despreparado. Era tão afortunado que tinha um irmão suficientemente ligado às suas distantes lembranças comuns para vir encontrá-lo e apertar-lhe a mão, um irmão a quem deixara menino, e que era agora um ba rbudo homem próspero — e do qual até os olhos lhe eram desconhecidos. Juntos, ele e aquele estranho de seu sangue desceram à cidade de Dover pouco falando um com o outro e sentindo muitas coisas.

Sentaram-se por algum tempo num bar, um respondendo às perguntas do outro sobre fulano e sicrano, revivendo estranhas opiniões antigas, pondo de lado in termináveis novos aspectos e perspectivas, e depois chegou a hora de irem para a estação tomar o trem de Londres. Seus no mes e as coisas pessoais que tinham a discutir não interessam à nossa história, mas apenas as transformações e toda a estranheza que a pobre alma de volta descobria no mundo outrora conhecido.

Ainda em Dover, pouco obser vara, além da boa qualidade da cerveja de caneca — jamais tomara um gole de tal cerveja, e isso lhe trouxera lágrimas de gratidão aos olhos. — A cerveja continua boa — disse ra, julgando-a infinitamente melhor.

Só quando o trem passou por Folkestone foi que pôde lançar um olhar além de suas emoções mais imediatas e ver o que acontecera ao mundo. Olhav a para fora da janela. — Tá fazendo sol — disse pela décima segunda vez. — Eu não podia ter um tempo melhor. E então ocorreu-lhe pela primeira vez que havia novas desproporções no mundo. — Por Deus — exclamou, pondo-se eret o e parecendo animado pela primeira vez. — Mas não é mesmo uns cardo enorme que tão crescendo ali no barranco, junto daquelas retama? Será que é cardo mesmo? Ou me esqueceu?

Mas eram cardos, e o que ele tomava por altas moitas de retama era a grama nova, e em meio a essas coisas uma companhia de soldados britânicos — com os casacos vermelhos de sempre — travava escaramuças segundo as orientações do manual e treinamento, parcialmente revisado após a Guerra dos Bóeres. E aí, pam!, entraram num túnel, e depois na Sandling Junction, agora imersa e escura — tinha as lâmpadas acesas — numa grande moita de rododendros que se espraiara de algum jardim vizinho e estendia-se enorme pelo vale acima. Havia um trem de carga no desvio de Sandgate cheio de troncos de rododendro, e aí foi que o cidadão que voltava ouviu falar pela primeira vez do Comidão.

Enquanto voltavam a ganhar velocidade por uma região que parecia absolutamente imutada, os dois irmãos esforçavam-se em suas explicações. Um mostrava-se cheio de ávidas perguntas, contundentes, enquanto o outro jamais pensara, jamais se preocupara em ver as coisas como um fato singular, e era alusivo e difícil de acompanhar.

— É esse tal de Comidão — disse, raspando o fundo de seus conhecimentos. — Você não s abe? Não disseram pra vocês, nenhum deles? Comidão? Você sabe... Comidão. A eleição foi só sobre isso. Uma coisa aí científica. Ninguém nunca contou pra vocês?

Achava que a prisão fizera do irmão um terrível paspalho, por não saber daquilo.

Disparavam um no outro perguntas e respostas. Em meio a esses fragmentos de conversas, havia intervalos em que olhavam pela janela. A princípio, o interesse do homem nas coisas era vago e generalizado. Sua imaginação se ocupava do que os velhos ful ano e sicrano diriam, como

fulano e sicrano estariam agora, como ele diria a Deus e ao mundo certas coisas que apresentariam seu "trancafiamento" a uma luz moderada. O tal Comidão ap areceu primeiro como um parágrafo curioso no jornal, e depois como uma fonte de dificuldade intelectual com o irmão. Mas acabou ocorrendo-lhe que o tal Comidão surgia persistentemente em qualquer tópico que abordava.

Naquele tempo, o mundo era uma colcha de retalhos de tran sição, de modo que aquele gran de fato novo chegava até ele numa série de impactos de contraste. O processo de transformação não fora uniforme ; espalhara-se de um centro de disseminação aqui, outro acolá. O país estava em remendos; grandes áreas onde o Alimento ainda não chegara, e áreas onde já se achava na terra e no ar, esporádico e contagioso. Era um ousado motivo novo infiltrando-se em ares antigos e venerandos.

O contraste era realmente mu ito vívido na linha de Dover a

Londres nesse tempo. Por algum tempo, atravessaram a região rural que ele conhecera desde a infância, os pequenos campos re~ tangulares, divididos por sebes, apropriados para serem arados por cavalos pigmeus, as estradinhas com largura para três carroças, os olmos, carvalhos e choupos pontilhando os campos, pequenas moitas de chorões na beira dos rios, medas de feno não mais altas que os joelhos de um gigante, cabanas de bonecas com vidraças de diamante, as tortuosas ruas das aldeias, as casas maiores dos pequenos grandes, os barrancos da ferrovia cobertos de flores, estações parecendo jardins, e todas as coisinhas do desvanecido século dezenove ainda resistindo contra a imensidão. Aqui e ali via-se uma mancha de cardos gigantes semeados e despedaçados pelo vento, desafiando o machado; aqui e ali, uma bufa-de-lobo de três metros ou os talos crestados de um trecho queimado de grama gigante; mas era só o que havia para dar uma ideia da chegada do Alimento.

Por uns trinta quilômetros, nada mais houve para prenunciar de qualquer modo a estranha grandez a do trigo e do mato dele ocultos a menos de vinte quilómetros de sua estrada, do outro lado, no vale de Cheasing Eyebri ght. E então, afinal, começaram os sinais do Alimento. A primeira coisa impressionante foi o grande viaduto novo de Thornbridge, onde o pântano do abafado Medway (devido a uma gigantesca variedade de

Chara) começava a estender-se naquela época. Depois, novamente o campo, e em seguida, à medi da que a mesquinha imensidão multitudinária de Londres se espa lhava sob sua név oa, os sinais da luta do homem para manter o grandismo afastado tornavam- se abundantes e incessantes.

Naquela região sudeste de Londres, naquela época, e em volta do lugar onde viviam Cossar e seus filhos, o Alimento insurgira-se misteriosamente numa centena de pontos; a vida pequena prosseguia, em meio aos portentos diários que só a deliberação de seu aumento, o lento crescimento paralelo do hábito com sua presença, haviam despojado de advertência. Mas o cidadão que voltava olhava para fora, e via pel a primeira vez os fatos do

Alimento estranho e dominante, as áreas escorchadas e enegrecidas, as grandes e disf ormes defesas e preparações, os quartéis e arsenais que aquela sutil e persistente infl uência forçara na vida humana.

Ali, numa escala mais ampla, a experiência da primeira Fazenda Experimental repetira-se várias vezes. Fora nas coisas inferiores e acidentais da vida — sob os pés e em locais desertos, irregular e irrelevantemente — que a vinda de uma nova força e novos problemas primeiro se declarara . Havia grandes quintais e cerca- dos malcheirosos onde uma selva invencível de mato fornecia combustível para maquinarias gigantes (gente do povo íà ver a clangorosa oleosidade e gratificar os homens com uma moeda de seis pence); estradas e trilhos para grandes motores e veículos, estradas feitas com as fibras entrelaçadas de cânhamo hipertrofiado; torres contendo si renas de vapor que soavam de repente e avisavam o mundo sobr e uma nova insurgência de répteis, ou, o que era mais estranho, veneráveis torres de igrejas equipadas com um alarme mecânico. Havia pequenas cabanas de refúgio, pintadas de vermelho, e abrigos de guarnições, cada um com sua galeria de tiro de fu zil de trezentos metros, onde os fuzileiros treinavam diaramente com munição fragmentária contra alvos em forma de ratos monstruosos.

Seis vezes, desde a época dos Sk inner, houvera surtos de ratos gigantes — sempre provindos dos esgotos do sudoeste de Londres — e agora eles

eram um fato tão aceito quanto os tigres no delta ao lado de Calcutá...

O irmão do homem comprara um jornal, mais ou menos despreocupadamente, em Sandling, e afinal o jornal acabou atraindo a atenção do outro. Ele abriu as páginas das folhas, às quais não estava acos tumado — pareciam-lhe menores, mais numerosas e com tipos diferentes dos jornais de épocas anteriores — e viu-se diante de inúmeras fotos de coisas tão estranhas que chegavam a ser desinteressantes, e com grandes colunas de matéria impressa cujos títulos, em sua maior parte, eram tão sem sentido como se estivessem escritos numa língua estrangeira: "Grande Discurso do Sr. Caterham"; "As Leis do

Comidão".

— Quem é esse tal de Caterham? — ele perguntou, numa tentativa de iniciar conversa.

— Ele é legal — disse o irmão.

— Ah! Um político desses aí, hem?

— Vai derrubar o governo. E já era mais que tempo. — Ah! — Ele refletiu. — Supondo que aquela turma toda que eu conhecia, Chamberlain, Rosebery, essa turma toda... Quê? O irmão agarrara-lhe o pulso e apontava para fora da janela.

— Lá estão os Cossar! — Os olhos do prisioneiro libertado seguiram a direção do dedo e viram...

— Deus do céu! — ele gritou, pela primeira vez realmente esmagado pelo espanto. O jornal caiu-lhe em definitivo esquecimento entre os pés. Através das árvores, via distintamente, parada numa atitude à vont ade, as pernas bem separadas e a mão segurando uma bola como para jogá-la, uma gigantesca figura humana com bem uns doze metros de altura. A figura reluzia ao sol, vestida num traje de metal trançado e com um largo cinto de aço. Por um momento, centralizou toda a sua atenção, e depois seu olhar foi atraído por outro gigante mais distante, que se preparava para agarrar a bola, e tornou-se visível que toda a área da grande baía nos morros ao norte de Sevenoaks fora arrasada para fins gigantescos. Um valado de barrancos imensos dominava a mina de giz, na qual ficava a

casa, uma gigantesca e acachapada forma egípcia que Cossar construíra para os filhos quando a Creche Gigante cumprira sua função, e atrás havia um grande telheiro escuro, que poderia cobrir uma catedral, do qual vinha um martelar titânico para os ouvidos. Depois sua atenção saltou de volta para o gigante, quando a grande bola de madeira revestida de ferro voou da mão dele.

Os dois homens levantaram-se e olharam. A bola parecia do tamanho de um barril.

— Pegou! — gritou o homem da prisão, quando uma árvore

escondeu o lançador.

O trem permitiu que vissem essa s coisas apenas uma fração de minuto, e depois passou por algu mas árvores e entrou no túnel de Chislehurst.

— Meu Deus! — tornou a dizer o homem da prisão, quando a escuridão se fechou sobre eles. — Ora! Aquele sujeito era do tamanho de uma casa!

— É os menino de Cossar — disse o irmão, acenando com a cabeça alusivamente — que causa esse barulho todo... Tornaram a emergir da escuridão e descobriram novas torres de sirenes, mais cabanas vermelhas, e depois as mansões amontoadas dos subúrbios. A arte de colar cartazes nada perdera naquele intervalo, e de incontáveis tabiques, das esquinas das casas, das cercas e de uma cent ena de pontos assim vantajosos vinham os apelos policrômicos da grande eleição do Comidão. "Caterham", "Comidão" e "Jack Matador de Gigantes" repetiam-se vezes sem conta, e mostruosas caricaturas e distorções, uma centena de variedades de deformação das grandes e reluzentes figuras pelas quais haviam passado tão perto apenas alguns minutos antes...

O irmão mais novo pretendera fazer uma coisa magnífica, comemorar aquele retorno à vida com um jantar num restaurante de qualidade indiscutível, um jantar que seria seguido por toda a luminosa sucessão de impressões que o Music Hall daquele tempo tanto podia proporcionar. Tratava-se de um plano que valia a pena, para varrer as nódoas mais superfi ciais da prisão, com sua exibi- ção de livre indulgência; mas qu anto ao segundo ponto, o plano foi mudado. O jantar permaneceu de pé,

mas já havia um desejo mais poderoso que o apetite de espetáculos, já mais eficiente para desviar a mente do homem do sombrio preconceito sobre seu

passado do que qualquer teatro — uma enorme curiosidade e perplexidade em relação ao tal Comidão e aos seus filhos, àquele novo e portentoso gigantismo que parecia dominar o mundo. — Não vejo pé nem cabeça ne les — disse. — Me aperreia. O irmão tinha aquela sutileza mental que pode pôr de lado até uma prevista hospitalidade.

— É sua noite, meu velho — disse. — A gente tenta entrar no comício no Palácio do Povo.

E finalmente o homem da prisão teve a sorte de ver-se metido no meio de uma compacta multidão, olhando de longe um pequeno palanque intensamente iluminado, sob um órgão e uma galeria. O órgão tocara alguma coisa que fazia os pés marcharem, à medida que o povo se aglomerava mais perto; mas parara de tocar agora.

Mal o homem da prisão se inst alou num lugar e encerrou uma discussão com um estranho importuno que distribuía cotoveladas, quando surgiu Caterham. Emergiu de uma sombra para o meio do palanque, o mais insignificante pi gmeuzinho, lá longe, um vulto negro tendo como rosto um borrifo cor-de-rosa — de perfil, via-se o nariz aquilino muito característico —, uma figurinha que arrastava atrás de si, da maneira mais i nexplicável, uma ovação. Uma ova- ção que começou lá longe, cresceu e espalhou-se. Um pequeno estralejar de vozes, primeiro em torno do palanque, que de repente explodiu numa chama de som e varou a massa dentro e fora do prédio. Como aplaudiam! Hurra! Hur-ra!

Nenhum de todos aqueles milhar es aplaudiu como o homem da prisão. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces, e só parou de aplaudir afinal porque a coisa o sufocara. É preciso ficar tanto tem- po na prisão quanto ele para compreender, ou mesmo ter uma idéia, do que significa para um homem soltar os pulmões numa multidão. (Mas apesar de tudo isso ele nem sequer fingiu para si mesmo saber o motivo de tais em oções.) Hurra! Ó Deus! Hur-ra! E então caiu um silêncio. Cate rham baixara a uma conspícua paciência, e pessoas subordinadas e inaudíveis diziam e faziam coisas formais e insignificantes. Era como ouvir vozes em meio

ao barulho das folhas na primavera. "Uauauaua. . ." Que

importava? As pessoas na audi ência falavam umas com as outras. "Uauauaua..." prosseguia a coisa. Aquele paspalho grisalho nunca acabaria? Interrupções? Er a claro que havia interrupção. "Ua, ua, ua, ua..." Mas ouviremos Caterham melhor? Enquanto isso, pelo menos, podia-se olhá-lo, e esticar-se nas pontas dos pés e estudar a pers pectiva distante das feições do grande homem. Era fácil de desenhar aquele homem, e o mundo já podia estudá-lo à vontad e nas lâmpadas das lareiras e nos pratos das crianças, em medalhas e flâmulas anti-Comidãos, nas ourelas de sedas e algodões de Caterham, e nos forros de bons e antigos chapéus ingleses Caterham. Ele impregna toda a caricatura dessa época. Pode-se vê-lo como marinheiro, ao lado de um anacrónico canhão, uma arma rotulada "Novas Leis do Comidão" na mão; enquanto no mar espoja-se o enorme e feio monstro ameaçador, o "Comidão"; ou está de armadura da cabeça aos pés, a cruz de São Jorge no escudo e no elmo, e um covarde e titânico Calibã sentado entre as profanações dos "Novos Regulamentos do Comidão"; ou desce voando como Perseu e salva uma acorrentada e linda Andrômeda (intitulada visivelmente acima da cinta de "Civilização") de um monstro marinho trazendo em cada um dos vários pescoços e garrafas as palavras "Irreligião", "Egoísmo Esmagador", "Mecanismo", "Monstruosidade", e coisas que tais. Mas era como "Jack Matador de Gigantes" que a imag inação popular o considerava mais bem caracterizado, e era no sentido de um cartaz de Jack Matador de Gigantes que o homem da prisão ampliava miniatura distante.

O "Uauauaua" encerrou-se abruptamente.

Acabou. Está se sentando. Sim! Não! Sim! É Caterham! "Caterham! Caterham!" E vieram os aplausos. É preciso uma multidão para fazer um tal silêncio após tal explosão de aplausos. Um homem sozinho no deserto — a quietude de uma espécie de dúvida, mas ele se ouve respirar, mover, ouve todo tipo de coisas. Ali, a voz de Caterham era a única coisa que se ouvia, uma coisa muito vívida e clara, como uma luzinha brilhando num recesso de veludo negro. Ouvir de fato! Ouvia-se-o

como se ele falasse junto à gente.

Era estupendamente eficaz par a o homem da prisão, aquela figurinha gesticulante envolta numa auréola de luz, uma auréola de sons magníficos e ondulantes; atrás dele, parcialmente oculto por assim dizer, sentavam-se seus seguidores no palanque, e no primeiro plano via-se uma ampla perspectiva de costas e perfis, uma vasta e multitudinária atenção. Aquela figurinha parecia absorver a substância de todos eles.

Caterham falou de nossas antigas instituições. "Silênciosilênciosilêncio", rugia a multidão. "Silêncio! Silêncio!", disse o homem da prisão. Falou de nosso antigo espírito de ordem e justiça. "Silêncio-silêncio!", rugiu a multidão. "Silêncio! Silêncio!", gritou o homem da prisão, prof undamente comovido. Caterham falou da sabedoria de nossos ancestrais, do lento desenvolvimento de veneráveis instituições, de tr adições morais e sociais que se ajustavam às nossas características nacionais inglesas como a pele se ajusta à mão. "Silêncio! Silêncio!", gemeu o homem da prisão, com lágrimas de excitação escorr endo pelo rosto. E agora todas essas coisas iam ser metidas no cadinho. Sim, no cadinho! Porque três homens em Londres, fazia vinte anos, julgar am conveniente misturar algo indescritível numa garrafa, toda a ordem e santidade das coisas — gritos de "Não! Não!" — Bem, se não era para ser assim, eles próprios deviam esforçar-se, deviam dar adeus à hesitação — nesse ponto houve uma rajada de aplausos. Deviam dar adeus à hesitação e às meias medidas.

— Ouvimos falar, cavalheiros — gritou Caterham — de urtigas que se tornam urtigas gigantes. A princípio, não são mais que outras tantas urtigas, plant inhas que uma firme mão pode agarrar e arrancar; mas se as de ixamos... se as deixamos, elas crescem com tal poder de venenosa expansão que é preciso machado e corda, que é preciso ar riscar a vida e os membros, que é preciso luta e angústia. . . homens podem morrer em seus sentimentos, homens podem ser mo rtos em seus sentimentos... Houve uma agitação e interrupç ão, e depois o homem da prisão tornou a ouvir a voz de Cate rham, soando clara e forte: — Aprendam do Comidão com o próprio Comidão e... —

fez uma pausa — arranquem a urtiga antes que seja tarde demais. Parou e ficou de pé, limpando os lábios.

— Um cristal — gritou alguém — um cristal — e aí veio aquele rápido surto de tumulto trovejante, até que todo mundo parecia estar aplaudindo.

O homem da prisão deixou afinal o salão, maravilhosamente emocionado e com aquela expressão no rosto que assinala os que tiveram uma visão. Ele sabia, todos sabiam; suas ideias não eram mais vagas. Voltara a um mundo em crise, para a decisão imediata de uma questão estupenda. Devia desempenhar sua parte no grande conflito como um homem — como um homem livre e responsável. O antagonismo apresentava-se como um- quadro. De um lado, aquelas gigantescas figuras vestidas de malhas da manhã — via-os agora a uma luz diferente — e do outro, aquela criatu-ri nha vestida d-e negro e gesticulante à luz da ribalta, aquele pigmeu com seu ordenado fluxo de melodiosa persuasão, sua vozinha maravil hosamente penetrante, John Caterham — "Jack Matador de Gi gantes". Deviam unir-se todos para "arrancar a urtiga" antes que fosse "tarde demais".

Os mais altos, mais fortes e ma is vistos de todos os filhos do Alimento eram os três filhos de Cossar. O quilômetro e meio, mais ou menos, onde haviam passado a infância tornara-se tão entrincheirado, tão escavado e tortuoso em volta, tão coberto de telheiros, imensos modelos de armar e todos os brinquedos de seus poderes em desenvolviment o, que não se assemelhava a qualquer outro local da Terra. E havia muito tornara-se demasiado pequeno para as coisas que eles procuravam fazer. O filho mais velho era um forte planejador de engenhos sobre rodas; fizera para si mesmo uma espécie de gigantesca bicicleta, para a qual nenhuma estrada no mundo tinh a espaço, nenhuma ponte poderia aguentar. E lá ficava ela, uma coisa grande com r odas e máquinas, capaz de fazer trezentos e cinquenta quilómetros por

hora, inútil, a não iser de vez em quando, quando ele montava nela e lançava-se para a frente e para trás pelo atravancado pátio de trabalho. Pretendera sair nela pelo pequeno mundo; fizera-a com essa intenção, quando er a ainda apenas um garoto sonhador. Agora os dentes das engrenagens cobriam-se de uma ferrugem vermelha como feridas, onde o esmalte descascara. — Primeiro precisa fazer uma estr ada para ela, filhinho — dizia Cossar —, antes de fazer isso.

Assim, certa manhã, de madrugada, o jovem gigante e os irmãos começaram a trabalhar para cons truir uma estrada em volta do mundo. Parecem ter tido uma pr emonição da oposição iminente, e trabalharam com notável vi gor. O mundo descobriu-os com demasiada rapidez, estendendo aque la estrada reta como o vôo de uma bala em direção ao Canal Inglês, alguns quilómetros já terraplenados e socados. Detiveram-nos antes do meio-dia, uma imensa multidão de pessoas excitadas, proprietários de terra, agentes imobiliários, autoridade s locais, advogados, policiais e até soldados.

— Estamos construindo uma estrada — explicou o mais velho. — Construa uma estrada como quiser — disse o principal advogado no local —, mas, por favo r, respeite os direitos dos outros.

Vocês já infringiram os direitos de vinte e sete proprietários privados; sem falar nos privilégios especiais e propriedade de um conselho distrital urbano, nove conselhos paroquiais, um conselho municipal, duas usinas de gás e uma ferrovia... — Deus! — disse o garoto Cossar mais velho. — Têm de parar com isso.

— Mas vocês não querem uma bo a e reta estrada em lugar de todas essas aleiazinhas esburacadas?

— Não digo que não seria vantajoso, mas... — Não é para ser feita — disse o garoto Cossar mais velho, pegando suas ferramentas.

— Não desse jeito — disse o advogado —, certamente. — Como deve ser feita?

A resposta do advogado prin cipal foi complicada e vaga. Cossar desceu para ver a traquinagem que os filhos haviam feito dessa vez, e reprovou-os severamente, sorriu demais e pareceu sentir-se bastante alegre com o caso.

— Vocês meninos devem esperar um pouco — gritou-lhes —- antes de fazerem essas coisas.

— O advogado nos disse que devem os primeiro preparar um plano, obter autorização especial e esse tipo de chateação. Disse que levaria anos.

— Nós vamos ter um plano em breve, meninos — gritou Cossar, pondo a mão na boca para gritar . — Não se preocupem. Por enquanto, é melhor brincarem e fazerem modelos das coisas que querem fazer.

Eles fizeram o que o pai lhes di ssera, como filhos obedientes. Mas, apesar de tudo isso, os filhos de Cossar pensaram um pouco.

— Está tudo muito bem — disse o segundo ao primeiro —, mas eu não quero ficar a vida toda brincando e fazendo planos. Quero fazer alguma coisa real, você sabe. Não viemos a este mundo fortes como somos só para brincar por aí nesse pedacinho bagunçado de chão, vo cê sabe, e dar passeiozinhos e ficar longe das cidades. — Pois a essa altura estavam proibidos em todos os burgos e distritos urbanos. — Ficar sem fazer nada é ruim. Não podemos descobrir alguma coisa que o povinho quer que seja feita e fazer para eles ... só pelo gosto de fazer? Um monte deles não tem casas para morar. Vamos construir uma casa para eles perto de Londres, que abrigue montes e montes deles e seja tão confortável e bonita, e vamos construir uma estradinha aonde vão fazer seus negócios ... uma bela estradinha, tão boa quanto possível. Vamos fazê-la tão limpa e bonita que nenhum deles poderá viver sujo e feito animais como a maioria vive agora. Bastante água para se lavarem, teremos... você sabe, são tão sujos hoje, que nove em dez de suas casas não têm banheiros, os pulhazinhos sujos! Você sabe, os que têm

banheiros cospem insultos cont ra os que não têm, em vez de ajudá-los a ter... e os chamam de grande sujos. Você sabe. Vamos alterar tudo isso. Faremos luz elétrica, cozinharemos e lavaremos para eles e tudo. Imagine! Fazem com que suas mulheres ... mulheres que vão se r mães... se arrastem por aí escovando chãos! Podíamos fazer isso muito bem. Podíamos represar uni vale naquela cadeia de morros ali e fazer um belo reservatório, e podíamos fazer uma casa grande aqui para gerar nossa eletrici-dade e ter tudo lindo, lindo. Não podíamos? E depois, talvez nos deixassem fazer outras coisas.

— Sim — disse o irmão mais velho —, podíamos fazer isso muito bem para eles.

— Então vamos Jazer — disse o segundo irmão. — Eu não me importo — disse o irmão mais velho, e olhou em volta à procura de uma

ferramenta à mão. E isso levou a outra terrível chateação.

Num átimo, multidões agitadas estavam em cima deles, mandando que parassem, por mil razões, mandando que parassem sem razão nenhuma — multidões balbuciantes, confusas e variadas. A casa que estavam construindo era alta demais — não podia ser segura. Era feia; interferia com a saída das casas de tamanho norm al do bairro; era antibairro; era contrária aos Regulamentos de Construção Locais; infringia o direito da autoridade local de bagunçar as coisas com um diminuto e caro fornecimento de energia elétrica próprio; interferia com os interesses da companhia de água local. Funcionários do Conselho de Governo Local levantaram-se com obstruções judiciais. O advogadozinho tornou a aparecer para representar cerca de uma dúzia de interesses ameaçados; os proprietários de terra locais apareceram na oposição; pessoas com misteriosas reclam ações alegavam estar sendo despojadas a preços exorbitant es; os sindicatos de todos os ofícios da construção civil elevaram, vozes coletivas; e um círculo de negociantes de todo tipo de material de construção

tornou-se uma associação. Extraordinárias associações de pessoas com visões proféticas de horrores estéticos formavam- se para proteger a paisagem do lugar onde iam construir a grande casa, do vale onde iam r epresar a água. Esses últimos eram, definitivamente, os piores de todos, para os garotos Cossar. Num instante, a linda casa deles era apenas como um pedaço de pau jogado num ninho de vespas.

—- Eu não fiz! — disse o garoto mais velho. — Não podemos prosseguir — disse o segundo irmão. — Animaizinhos podres, eles s ão — disse o terceiro irmão. — Não podemos fazer coisa alguma.

— Mesmo quando é para o confor to deles próprios, E tería mos feito uma casa tão bonita para eles.

— Parecem viver suas vidinhas idiotas atravessando um o ca minho do outro — disse o garoto mais velho. — Direitos, leis, regulamentos e patifarias: é como um jogo de pelicanos ... Bem, de qualquer modo, terão de viver em suas sujas casinhas idiotas por mais algum tempo. Está bastante claro que nós não podemos continuar com isso.

E os filhos de Cossar deixara m a grande casa inacabada, uai simples buraco com alicerces e o início de uma parede, e voltaram mal-humorados para seu grande ce rcado. Após algum tempo, o buraco encheu-se de água, e com a estagnação vieram o mato e os bichos rasteiros; e o Alimento, ou jogado ali pelos filhos de Cossar, ou soprado pelo vento, impôs o crescimento à sua maneira usual. Ratazanas-d'água assola ram a região e criaram uma confusão dos diabos, e um dia um fazendeiro pegou seus porcos bebendo aquela água, e no mesmo instante, com grande presença de espírito — pois sabia do grande porco de Oakham — matou-os todos. Daquela profunda poça foi que vieram os mosquitos, mosquitos terríveis, cuja única virtude foi que os filhos de Cossar, após serem picados por eles durante algum tempo, não puderam suportá-los mais; escolheram uma noite de luar, em que a lei e a ordem se achavam na cama, e esgotaram toda a água para o rio que corria por Brook.

Mas deixaram o mato grande, as grandes ratazanas-d'água e todo tipo de indesejáveis coisas grandes ainda vivas e procriando-se no local que haviam escolhido, no local em que a casa grande da gente pequena poderia ter chegado aos céus...

Isso foi na infância dos filhos , mas agora eles estavam quase homens. E as cadeias estreitavam-se à sua volta a cada ano de crescimento. A cada ano que cresciam, o Alimento espalhava-se e as coisas grandes multiplicavam-se, aumentava a tensão e a angústia. O Alimento fora a princípio, para a grande massa da humanidade, uma maravilha di stante, mas agora chegava à soleira de todos como uma amea ça, comprimindo e distorcendo toda a ordem natural da vida. Ob struía isso, derrubava aquilo, transformava os produtos naturais, e transformando esses produtos acabava com os empregos e lançava os homens para fora de seus trabalhos às centenas de milhares; ignorava fronteiras e transformava o mundo do comércio num mundo de cataclismos; não admira que a humanidade o odiasse. E como é mais fácil odiar às coisas animadas que às inanimadas, aos animais mais que às plant as, e aos irmãos homens mais completamente que a qualquer an imal, o temor e os problemas engendrados pelos cardos gigantes e as folhas de relva de quase dois metros, pelos insetos terríve is e os roedores semelhantes a tigres, transformaram-se todos num grande poder de antipatia que visava

com certeira objetivid ade aquele bando disperso de seres humano? grandes, os Filhos do Alimento. Esse ódio tornou-se a força central nos assunt os políticos. As antigas linhas partidárias foram atravessadas e totalmente desfeitas sob a insistência desses problemas mais novos, e o conflito se travava agora entre o partido dos contempo-rizadores, que defe ndiam a nomeação de políticos pequenos para controlar e regulamentar o Alimento, e o partido da reação, pelo qual falava Cate rham, cada vez com mais sinistra ambiguidade, cristalizando sua intenção primeiro numa frase

ameaçadora, e depois noutra, ora dizendo que se devia "podar a sarça", ora que deviam descobrir uma "cura para a elefantíase", e finalmente, na véspera da eleição, que deviam "arrancar a urtiga".

Um dia os três filhos de Cossar, que não eram mais meninos, mas homens, sentaram-se entre as mo ntanhas de seu inútil trabalho e discutiram todas essas coisas à sua maneira. Tinham estado a trabalhar o dia todo numa série de grandes e complicadas valas que o pai os mandara fazer, e agora, ao crepúsculo, sentavam- se no jardinzinho diante da casa grande e olhavam o mundo e descansavam, enquanto os peq uenos criados lá dentro não vinham avisar que a comida estava pronta.

Vocês devem imaginar aqueles vu ltos poderosos, de uns doze metros no mínimo, reclinados num trecho de grama que pareceria uma moita de juncos a um homem comum. Um sentava-se e raspava o barro das imensas bota s com uma viga de ferro que tinha na mão; o outro apoiava-se num cotovelo; o terceiro desbastava um pinheiro, deixando o ar cheiroso de resina. Não vestiam roupas comuns, mas trajes de baixo feitos de corda trançada e vestes externas feitas de fios de alumínio forrados; os calçados eram de madeira e ferro, e as fivelas, botões e cinturões da indumentária de aço laminado. A grande casa de um só piso em que viviam, de uma imensidão egípcia, meio construída com monstruosos blocos de giz e meio escavada na rocha viva do morro, tinha um frontão de uns trin ta metros de altura, e além, as chaminés e rodas, os guindastes e coberturas dos trabalhos erguiam-se maravilhosamente contra o céu. Através de uma janela circular na casa, via-se uma calha da qual pingava sem parar um metal derretido, que caía em gotas medidas num receptáculo que não se via. O lugar era cercado e rudemente

fortificado por monstruosos barrancos de terra escorados com aço, tanto na crista das chapadas acima como de um lado a outro do fundo do vale. Era preciso algo de tamanho normal para assinalar a natureza da escala. O trem que vinha chocalhando de Sevenoaks e cruzou a visão deles, acabando por mergulhar no túnel e desaparecer, parecia em contraste um brinquedinho

automático.

— Interditaram toda a mata deste lado de Ightham — disse um deles — e transferiram a tabuleta que estava ao lado de Knockholt mais de três quilômetros para cá. — Era o mínimo que podiam fazer — disse o mais novo, após uma pausa. — Estão tent ando tirar o vento das velas de Caterham.

— Não basta para ele e.... e é quase demais para a gente — disse o terceiro.

— Estão nos isolando do Irmão Redwood. Da última vez que fui visitá-lo, os avisos vermelhos haviam-se arrastado um quilômetro e meio, em ambos os sentidos. A estrada até ele, ao longo das c hapadas, não é mais que uma linha estreita. — Pensou um pouco. — Que aconteceu com nosso Irmão Redwood?

— Por quê? — perguntou o irmão mais velho. O outro arrancou um galho de seu pinheiro. — Ele parecia... como se não estivesse acordado. Parecia não escutar o que eu dizia. E falou alguma coisa sobre... amor.

O caçula bateu com a viga no lado da sola de ferro e riu. — O Irmão Redwood — disse — tem sonhos. Nenhum deles falou por algum tempo. Depois o irmão mais velho disse: — Então, irmãos — disse —, no ssa juventude estará acabada, posso suportar. Creio que no fim vão traçar uma linha em torno de nossas botas e dizer que devemos viver dentro desse limite.

O irmão do meio afastou um monte de galhos de pinheiro com a mão e mudou de posição.

— O que estão fazendo agora não é nada, em comparação com o que farão quando Cate rham estiver no poder. — Se ele conseguir — disse o

mais velho, fitando os pés. O irmão do meio parou de cortar e dirigiu o olhar para os grandes barrancos que os protegiam.

— Então, irmãos — disse —, nossa juventude estará acabada,

e como o pai Redwood nos disse há muito tempo, devemos acabar como homens.

— Sim — disse o mais velho. — Mas que significa isso, exa- tamente? Que significa... quando chegar esse dia de encrenca?

Também ele olhou as rudes e vastas imitações de trincheiras em sua volta, olhando não tanto para elas, como através delas e por sobre os morros para as inumeráveis multidões além. Algo da mesma espécie oco rreu à mente de todos eles, uma visão da gente pequena vin do à guerra, numa inundação, a gente pequena incansável, incessante, maligna... — Eles são pequenos — disse o caçula — mas são incontáveis como as areias do mar.

—Têm armas... têm armas que os nossos irmãos de Sunderland fizeram.

— Além disso, irmãos, a não se r pelos roedores, a não ser por pequeno acidentes com coisas ruins, que vimos nós de matanças?

— Eu sei — disse o irmão mais velho. — Apesar de tudo... nós somos o que somos. Quando chegar o dia da encrenca, devemos fazer o que temos de fazer.

Fechou o canivete com um estalido — a lâmina era do tamanho de um homem — e usou seu novo cajado de pinheiro para levantar- se. De pé, voltou-se para a acachapada e cinzenta imensidade da casa. A cor púrpura do crepúsculo bateu nele quando se levantou, bateu na malha e nas fivelas em torno do pescoço, e aos olhos do irmão ele pareceu de repente encharcado de sangue... Quando o jovem gigante se levant ou, uma negra figurinha fez-se visível contra aquela incandescência ocidental no alto do barranco que pairava acima do cume da chapada. Os membros negros acenavam em gestos desajeitados . Alguma coisa, no movimento dos braços, sugeriu pressa à mente do jovem gigante. Ele acenou com o tronco de pinheiro em resposta, encheu todo o vale com seu imenso "Olá!", lançou um "Tem algum problema" aos irmãos e partiu em

passadas de seis metr os para encontrar o pai e ajudá-

lo.

Aconteceu também que um jove m, que não era gigante, descarregava o espírito contra os filhos de Cossar exatamente nessa hora. Vinha transpondo os morros além de Sevenoaks, juntamente com um amigo, mas era só ele quem falava. Na sebe, quando vinha m andando, tinham ouvido um penoso guincho e corrido a salvar três filhotes de chapim do ataque de duas formigas gigantes. Fora essa aventura que originara a conversa. — Reacionário? — ele dizia, quando chegaram à vista do acampamento de Cossar, — Quem. não seria reacionário? Veja aquele quadrado de terra, aquele espaço da terra de Deus outrora suave e belo, despedaçado, profanado, desentranhado! Aqueles telheiros! Aquele grande catavento! Aquela monstruosa máquina cheia de engrenagens! Aqueles diques! Veja aqueles três monstros agachados ali, tramando algum desagradável malfeito. Veja... veja toda a Terra!

O amigo olhou-lhe o rosto.

— Você esteve dando ouvi dos a Caterham — disse. — Estive usando meus olhos. Olhando um pouco a paz e a ordem do passado que deixamos para trás. Esse imundo Alimento é a última encarnação do Demônio, empenhado como sempre na ruína de nosso mundo. Pense no que deve ter sido o mundo antes de nossos dias, o que ainda era quando nossas mães nos tiveram, e veja-o agora! Pense em como essas encostas outrora sorriam sob a safra dourada, como as sebes, cheias de meigas florezinhas, dividiam o modesto pedaço desse homem do daquele, como as casas de fazenda pontilhavam a Terra e a voz dos sinos das igrejas, daquela torre ali, parava todo inundo a cada sabá, para a prece do sabá. E hoje, todo ano, aparecem cada vez mais matos monstruosos, r oedores

monstruosos, e esses gigantes crescendo à nossa volta, espalhando-se sobre nós, atr apalhando tudo que é útil e sagrado em nosso mundo. Ora, aí... Veja!

Apontou, e os olhos do amigo acompanharam a linha do dedo branco.

— Uma das pegadas deles. Está vendo! Afundou quase um metro, uma esparrela para cavalo e cavaleiro, uma armadilha para os incautos. Lá está um rosa brav a esmagada; aí está a grama arrancada e um cardo pisoteado, o cano de esgoto de um lavrador partido e o barranco da estrada desmoronado. Destruição! É o que eles estão fazendo no mun do todo, com toda a ordem e decência que o mundo dos homens criou. Espezinhando tudo. Reação! Que mais resta?

— Mas... reação. Que espera fazer?

— Parar com isso! — exclamou o jovem de Oxford. — Antes que seja tarde demais.

—Mas...

—Não é impossível — gritou o jovem de Oxford, dando um salto na voz. — Queremos mão fi rme, queremos um plano sutil, uma mente resoluta. Temos usado de rodeios e mão fraca; perde mos tempo e contemporizamos, e o Alimento cre sceu e cresceu. E no entanto, mesmo agora...

Parou por um momento.

— Isso é um eco de Caterham — disse o amigo. — Mesmo agora. Mesmo agora há esperança... esperança abundante, se ao menos soubermo s o que queremos e o que pretendemos destruir. O grosso do povo está conosco, muito mais do que estava há poucos anos; a lei está conosco, a constituição e a ordem da sociedade, o espírito das religiões estabelecidas, os costumes e hábitos da humanidade estão conosco... e contra o Alim ento. Por que deveríamos contemporizar? Por que deveríam os mentir? Nós o odiamos, não o queremos; por que então deveríamos aceitá-lo? Você pretende apenas ficar choramingando e obstruindo passivamente, sem fazer nada... até que o tempo se escoe?

— Parou de repente e voltou-se. — Veja aquela moita de urtigas ali. No meio delas há la res... desertos. .. onde outrora famílias de gente simples viviam suas vidas honestas! E ali — girou para onde os jovens Cossar murmuravam uns com os outros sobre seus ressentimentos. — Veja-os! E eu conheço o pai deles, uma espécie de besta feroz, com um vozeirão

intolerante, uma criatura que arremeteu contra o nosso mundo demasiado piedoso nos últimos trinta anos ou mais. Um engenheiro! Para ele, tudo que consideramos caro e sagrado nada significa. Nada. As es plêndidas tradições de nossa raça e terra, as nobres instituições, a venerável ordem, a larga e lenta marcha de precedente a precedente que fez o nosso povo inglês grande e esta ensolarada ilha livre... tudo isso não passa de conversa fiada, liquidada. Qualquer parlapatice sobre o futuro vale todas essas coisas sagradas. . . Esse tipo de homem faria passar um bonde sobre a sepultura da mãe, se achasse que era a linha mais barata para a passagem do bonde... E você pensa em cont emporizar, em fazer algum plano de compromisso, que lhe permita viver à sua moda enquanto isso... essa maquinaria ... vive à dela! Digo-lhe que não há esperança... não há espe rança! É o me smo que fazer tratados com um tigre! Eles qu erem coisas monstruosas... nós as queremos sãs e doces. É uma coisa ou outra.
— Mas que se pode fazer?

— Muita coisa! Tudo! Deter o Alimento! Eles ainda estão dispersos, esses gigantes, ainda estão imaturos e desunidos É acorrentá-los, amordaçá-los, açalmá-los. Detê-los a qualquer custo. Será o mundo deles ou nosso! Deter o Alimento. Trancafiar esses homens que o fazem. Fazer qualquer coisa para deter Cossar! Você parece não se lembrar... uma geração... só é preciso sujeitar uma geração e depois... Depois podemos arrasar esses montes aqui, aterrar as pegadas deles, tirar as desagradáveis sirenes das torres de nossas igrejas, esmagar nossas espingardas de elefante, e volver nossos rostos de novo para a antiga ordem, a madura civilização para a qual a al ma do homem está preparada.

— É um esforço e tanto!

— Para um fim e tanto. E se não fizermos? Não vê a perspectiva que temos diante de nós, clara como o dia? Por toda parte os gigantes crescer ão e se multiplicarão; por toda parte farão e disseminarão o Al imento. A relva se tornará gigantesca em nossos campos, o mato em nossas sebes, os roedores no mato, os ratos nos esgotos. Mais e mais e mais. Isso é só o começo. O mundo dos insetos se insurgirá contra nós, o mundo das plantas, os próprios peixes do mar assoberbarão e afundarão nossos navios. Tremendos matagais obscurecerão e esconderão nossa s casas, cobrirão nossas igrejas, esmagarão e destruirão toda a ordem em nossas

cidades, e nos tornaremos não mais que fracos vermes sob o tacão da nova raça. A humanid ade será assoberbada e afundada em coisas de sua pr ópria lavra! E tudo isso por nada! Tamanho! Simples tamanho! Aumento e da capo. Já temos de abrir caminho em meio aos primeiros inícios desse tempo futuro. E tudo que fazemos é dizer: "Como é conveniente!" Resmungar e não fazer nada. Não! — Ergueu a mão. — Que façam o que têm de fazer! É o que eu também farei! Sou a favor da reação... da irrestrita e destemida reação. A menos que se pretenda comer esse Alimento também, que mais resta a fazer no mundo? Perdemos tempo com meias medidas por muito tempo. Você! Perder tempo com meias medidas é um hábito seu, seu círculo de existência, seu espaço e tempo. Eu, não. Sou cont ra o Alimento, com todas as minhas forças e objetividade cont ra o Alimento. — Voltou-se ao sentir o resmungo de discordância do companheiro. — Qual é a sua posição?

— É um assunto complicado...

— Oh! Maria-vai-com-as-outras! — disse o jovem de Oxford, bastante irado, brandindo todos os membros. — O meio termo é nada. É uma coisa ou outra. Comer ou destruir. Comer ou destruir? Que mais resta a fazer?

## OS AMANTES GIGANTES

Ora, na época em que Caterham fazia campanha contra es filhos do Comidão, antes da eleição que iria — em meio às mais trágicas e terríveis circunstânc ias — levá-lo ao poder, aconteceu que a Princesa gigante, a Serena Alteza cuja primeira nutrição desempenhara uma parte tão grande na brilhante carreira do Dr. Winkles, veio do reino de seu pai para a Inglaterra, numa ocasião julgada importante. Estava prometida, por razões de Estado, a um certo Príncipe — e o casament o deveria transformar-se num acontecimento de importância in ternacional. Os rumores e a imaginação colaboraram na história, e falou-se muita coisa. Insinuava-se de que o Príncipe recalcitrava, dizendo que não o fariam parecer um idiota — pel o menos não a tal ponto. O povo simpatizava com ele. E este é o aspecto mais significativo do caso.

Ora, pode parecer estranho, mas a verdade é que a Princesa gigante, quando veio para a Inglaterra, não sabia da existência de quaisquer outros

gigantes. Vivera até então num mundo onde o tato é quase uma paixão, e a rese rva o ar que se respira. Tinham ocultado tudo dela; haviam-na protegido da visão ou suspeita de qualquer forma gigantesca, até a hora de sua vinda para a Inglaterra. Até conhecer o jovem Redwood, não tinha a mínima idéia de que houvesse algo como outro gigante no mundo. No reino do pai da Princesa, havia grandes planaltos e montanhas desertos, onde ela se acostumara a correr livremente. Adorava mais a aurora e o crepúsculo, e todo o grande espetáculo da vida ao ar livre, que qualquer outra coisa no mundo, mas em meio a um povo ao mesmo tempo tão democrático e tão veementemente leal como os ingleses, sua liberdade foi muito restringida. As pessoas vinham em carros, em excursões de trem,

em multidões organizadas, para vê-la; percorriam de bicicleta grandes distâncias para ficar olhando-a, e ela precisava acordar muito cedo se queria passear em paz. Foi ao aproximar-se a alvorada, naquela manhã, que o jovem Redwood a encontrou. O Grande Parque perto do palá cio onde ela se hospedava estendia-se por uma dezena ou mais de quilômetros, para o oeste e para o sul dos portões ocidentais do palácio. Os castanheiros das aléias alcançavam muito acima de sua cabeça. Cada um, quando passava por eles, parecia oferecer uma mais abundante riqueza de botões. Por algum tempo, ela se contentou com a vista e o cheiro, mas afinal foi conquistada por tais ofertas, e ocupou-se tanto em escolher e colher que só percebeu o jovem Redwood quando ele já estava quase em cima dela.

Ela andava entre os castanheiros, com o amante predestinado aproximando-se, imprevisto, insuspeitado. Enfiava as mãos entre os galhos, quebrando-os e juntando-os. Estava sozinha no mundo. E então...

Ergueu o olhar, e no mesmo in stante estava acasalada. Temos de pôr nossa imaginação da altura dele, para ver a beleza que ele viu. A inabordável grandez a que impede nossa imediata simpatia com ela não existia para ele. Lá estava ela, uma moça graciosa, o primeiro ser criado que já parecera um par para ele, leve e esbelta, vestindo trajes le ves, a fresca brisa da madrugada amoldando o vestido de sutis dobras contra as firmes linhas de seu corpo, e com um grande buque de galhos floridos de nogueira nas mãos. A gola do vestido abria-se, revelando a alvura do pescoço e uma suave e sombreada redondez a que sumia de vista em

direção aos ombros. A brisa solt ara-lhe uma mecha dos cabelos também, e açoitava os fios castanhos, de pontas avermelhadas, contra o rosto. Os olhos eram de um amplo azul, e os lábios repousavam sempre numa promessa de sorriso, quando ela estendia o braço entre os galhos.

Ela se voltou para ele com um sust o, viu-o e por algum tempo os dois se olharam. Para ela, a visão dele era tão espantosa, tão incrível, que chegava a ser, pel o menos por alguns momentos,

terrível. Surgira-lhe com o impacto de uma aparição sobrenatural; quebrara toda a lei estabelecida do seu mundo. Era um jovem de vinte e um anos então, de porte esbelto, com a pele morena e a gravidade do pai. Vestia roupa s de um sóbrio e macio couro marrom, folgadas, e um culote marrom, que lhe davam belas formas. Andava com a cabeça descoberta independente do tempo que fizesse. Ficaram olhando um para outro — ela incredulamente pasmada, e ele com o coração disparado. Foi um momento sem prelúdio, o encontro fundamental de suas vidas. Para ele, a surpresa fora me nor. Estivera buscando-a, mas mesmo assim o coração batia-lh e depressa. Aproximou-se dela, lentamente, com os olhos em seu rosto.

— Você é a Princesa — disse. — Meu pai me falou. Você é a Princesa a quem deram o Alimento dos Deuses. — Sou a Princesa... sim — ela disse, com olhos maravilhados. — Mas... que é você?

— Sou o filho do homem que criou o Alimento dos Deuses. — O Alimento dos Deuses!

— Sim, o Alimento dos Deuses.

— Mas... — Seu rosto demonstrava infinita perplexidade. — Quê? Não entendo. Alimento dos Deuses?

— Você não sabia?

— Alimento dos Deuses? Não!

Ela se descobriu tremendo violentamente. As cores abandonaram- lhe o rosto. — Eu não sabia — disse. — Você quer dizer...? — Ele esperou. — Quer dizer que existem outros... gigantes? Ele repetiu: — Você não

sabia?

E ela respondeu com o crescente pasmo da compreensão: — Não!

Todo o mundo e todo o significado do mundo mudavam para ela. Deixou cair um galho de nogueira.

— Você quer dizer — repetiu estupidamente — que existem outros gigantes no mundo? Que um alimento... Ele compreendeu o pasmo dela.

— Não sabe de nada? — exclamou. — Nunca ouviu falar de nós?

Você, a quem o Alimento tornou afim de mim? Ainda havia terror nos olhos que o olhavam. Ela levou a mão à garganta e deixou-a cair de novo.

— Não.

Parecia-lhe a ela que ia chorar ou desmaiar. E então, num instante, controlou-se começou a falar e a pensar com clareza. — Esconderam tudo isso de mim — disse. — É como um sonho. Eu sonhei... sonhei essas coisas. Mas ao despertar... não. Diga-me! Que é você? Que é esse Alimento dos Deuses? Diga- me devagar... e com clareza. Por que esconderam isso de mim, o fato de que não estou só?

— Diga-me — ela pediu, e o jovem Redwood, trêmulo e excitado, dispõe-se a falar-lhe (de uma ma neira pobre e fragmentária por algum tempo) do Alimento dos Deuses e dos filhos gigantes que se achavam dispersos pelo mundo.

Vocês devem imaginá-los, corados e espantados, comunicando-se através de intermináveis frases ouvidas pela metade, faladas pela metade, repetindo, fazendo pausas de perplexidade e novos recomeços — uma conversa maravilhosa, em que ela despertava da ignorância de toda a sua vida. E muito vagarosamente tornou-se- lhe claro que não era uma exceção à ordem da humanidade, mas parte de uma irmandade dispersa, que havia comido o Alimento e crescido para sempre além dos limites das pessoas abaixo de seus pés. O jovem Redwood falou de seu pai, de Cossar, dos Irmãos dispersos por todo o país, da grande alvorada de mais amplo significado que chegara af inal à história do mundo. — Estamos no princípio de um princípio — ele disse. — Esse mundo deles é apenas o

prelúdio do que o Alimento criará. Meu pai acredita — e eu tam bém — que chegará um tempo em que a pequenez terá deixado inte iramente o mundo humano. Em

que os gigantes andarão livremente por esta terra — a terra deles — fazendo coisas maiores e mais esplêndidas. Mas isso... isso ainda está por vir. Não so mos sequer a primeira geração disso... somos os primeiros experimentos.

— E eu nada sei — ela disse — dessas coisas! — Há momentos em que quase me parece que chegamos cedo demais. Suponho que al guém tinha de vi r primeiro. Mas o mundo não estava preparado para nossa vinda e para a vinda de todas as grandes coisas, menos importantes, que derivaram sua grandeza do Alimento, Tem havido trapalhadas; tem havido conflitos. O povo pequ eno odeia a nossa espécie... São duros conosco por serem tão pequenos ... E porque nossos pés são pesados sobre as coisas que constituem a vida deles. Mas de qualquer modo odeiam-nos agora, não aceitam nenhum de nós... só começariam a perdoar-nos se pudéssemos encolher até o tamanho deles... Sentem-se felizes em casas que são celas de prisão para nós; as cidades deles são pequenas demais para nós; padecemos em suas vias estreitas; não podemos orar em suas igrejas... Vemos por cima de seus muros e suas proteções; olhamos sem querer para dentro de suas janela s nos andares superiores; violamos seus costumes; suas leis não passam de uma rede em volta de nossos pés... Toda vez que tropeçamos, ouvimo- los gritar; toda vez que erramo s contra seus limites ou nos estendemos para qual quer ato espaçoso...

Nossos ritmos descontraídos são vôos alucinados para eles, e tudo que julgam grande e maravilhoso não passa de pirâmides de bonecas para nós. A pequenez de método, aplicação e imaginação deles obstaculiza e derrota nossos poderes. Não há máquina que se compare co m o poder de nossas mãos, nenhuma ferramenta que se adeque às nossas necessidades. Eles mantêm nossa grandeza em servidão através de mil laços invisíveis. Somos mais fortes, homem a homem, cem vezes; mas estamos desarmados; noss a própria grandeza nos torna devedores; eles reclamam a terra em que pisamos; impõem impostos à nossa maio r necessidade de alimento e

abrigo, e por todas essas coisas temos de labutar com as ferramentas que esses anões podem fazer-nos... e satisfazer a imaginação anil deles...

"Eles nos encerram, de todos os modos. Mesmo para viver, temos de cruzar as barreiras deles. Mesmo para encontrar você aqui, hoje, passei um limite. Tudo que é razoável e desejável na vida eles põem fora de nosso alcance. Não podemos entrar nas cidades; não podemos cruzar as pontes; não podemos pisar nos campos arados deles ou nas reservas da caça que eles matam. Estou isolado agora de todos os Irmãos, exceto os três filhos de Cossar, e mesmo para lá a passagem se estreita cada dia mais. Seria de pensar que buscam uma oportunidade de fazer algo ainda pior contra nós...

— Mas somos fortes — ela disse.

— Devíamos ser fortes... sim. Sentimos... todos nós... sei que você também deve sentir ... que temos o poder, poder para fazer grandes coisas, poder insurgente dentro de nós. Mas antes que possamos fazer qualquer coisa... — lançou a mão num gesto que parec ia varrer o mundo. — Mesmo achando que estava sozinha no mundo — ela disse, após uma pausa — pensei nessas coisas. Sempre me ensinaram que a força era quase um pecado, que é melhor ser pequeno do que grande, que toda a verdadeira religião se destinava a proteger o fraco e o pequeno, a encorajar o fraco e o pequeno, a ajudá-los a multip licarem-se e multiplicarem- se, até finalmente se arrastarem uns sobre os outros, a sacrificar toda a nossa força pela causa deles. Mas... sempre duvidei do que ensinavam.

— Esta vida — ele disse —, estes nossos corpos não são para morrer.

— Não.

— Nem para viver futilmente. Mas se não fizermos isso, já está claro para todos os irmãos que virá um conflito. Não sei que tipo de conflito terá de vir, para que essa gente

pequena nos deixe viver como precisamos viver. Todos os Irmãos pensaram nisso. Cossar, de quem lhe falei, também ele pensou nisso.

— Eles são muito pequenos e fracos.

— À maneira deles. Mas você conhece todos os meios de morte que têm nas mãos, e feitos para as mãos deles. Por centenas de milhares de anos, esse povinho, cujo mundo invadimos, esteve aprendendo a matar uns aos outros. São muito capazes nisso. São muito capazes sob muitos aspectos. E além disso, sabem enganar e mudar de repente.. . Eu não sei... Vem aí um conflito. Você... talvez você seja diferente de nós. Para nós, certamente, o conflito vem... o que eles chamam de guerra. Nós a conhecemos. De certa forma, nos preparamos para ela. Mas você sabe... esse povinho !... nós não sabemos matar, pelo menos não queremos matar... — Veja! — ela interrompeu, e ele ouviu o som de um corno. Ele se voltou na direção dos olhos dela, e descobriu um carro a motor amarelo, com o motorista de óculos de dirigir escuros e passageiros vestidos de peles, tossindo, pulsando e zumbindo ressentido em seus calcanhares. Afastou o pé, e o mecanismo, com três furiosos bufidos, reiniciou seu barulhento caminho em direção à cidade.

— Obstruindo a estrada! — subiu até ele o protesto. Então alguém disse: — Veja! Você viu! Lá está a Princesa monstro além das árvores.

E todos os rostos, com aqueles óculos de dirigir, se voltaram para olhar. - — Ora — disse outro. — Assim não dá... — Tudo isso — ela disse — é mais espantoso do que posso dizer. — Não lhe terem dito... — ele di sse, e deixou a frase incompleta. — Até você me encontrar, vivi num mundo em que eu era grande... sozinha. Tinha criado uma vida para mim mesma... para isso. Pensava que era víti ma de alguma estranha aberração da natureza. E agora meu mundo desmoronou, em meia hora, e vejo outro mundo, outras condições, possibilidades mais amplas... companhia...

— Companhia — ele respondeu.

— Quero que você me fale mais sobre isso, muito mais — ela disse. — Sabe, isso me passa pela mente como uma história inventada. Mesmo você... dentro de um dia, talvez, ou de vários dias, acreditarei em você. Agora... agora estou sonhando... Escute!

A primeira badalada do relógio ac ima do palácio distante chegava até eles. Ambos contaram mecanicamente. "Sete." — Essa — ela disse — é a hor a em que devo voltar, Devem estar levando minha tigela de café para o salão onde durmo. Os pequenos funcionários e criados... você nem

sonha como são sérios... estarão se agitando para cumprir seu deverezinhos. — Ficarão imaginando... Mas preciso falar com você. Ela pensou um pouco.

— Mas eu também preciso pensar . Agora quero pensar sozinha, pensar nessa mudança nas coisas, afastar a antiga solidão, e pensar em você e nesses outro s de meu mundo... Devo ir. Voltarei hoje para meu lugar no castelo, e amanhã, quando a madrugada chegar, tornarei a vir... aqui. — Estarei aqui à sua espera.

— Vou sonhar e sonhar o dia todo com esse novo mundo que você me deu. Mesmo agora, mal posso acreditar... Deu um passo para trás e estu dou-o dos pés ao rosto. Seus olhos encontraram-se e prenderam-se por um momento. — Sim — ela disse, com um peq ueno riso que era um meio soluço. — Você é real. Mas é muito maravilhoso! Você acha... mesmo... ? E se manhã eu vier aqui e descobrir que você é um... pigmeu como os outros!... Sim, pr eciso pensar. E assim, por hoje, como faz o povinho...

Estendeu a mão, e pela primeira vez tocaram-se um ao outro. As mãos agarraram-se firmemente, e os olhos tornaram a encontrar-se. — Até logo — ela disse — por hoje. Até logo! Até logo, Irmão Gigante!

Ele hesitou, com alguma coisa não dita, e afinal respondeu-lhe simplesmente.

— Até logo.

Seguraram-se as mãos por algu m tempo ainda, estudando os rostos um do outro. E muitas ve zes, depois de separarem-se, ela se voltou meio em dúvida para el e, ali parado no lugar onde se haviam encontrado...

Ela entrou em seus aposentos do outro lado do grande pátio do palácio como quem anda em um sonho, arrastando na mão um imenso galho de castanheiro.

Esses dois encontraram-se no todo quatorze vezes, antes do início do fim. Encontravam-se no Grande Parque, ou nos morros e entre as gargantas das charnecas, cruzadas de poeirentas estradas e cobertas de urzes, com sombrias matas de pinheiros, que se estendiam para o sudoeste.

Encontraram-se duas vezes na grande avenida de ca stanheiros, e cinco junto à ampla fonte ornamental que o rei, bisavô dela, mandara construir. Havia um lugar onde um grande gramado aparado, pontilhado de altas coníferas, descia graciosamente at é a beira d'água, e ali ela se sentava. Ele se deitava aos seus joelhos e olhava para cima, para o rosto dela, e conversava, falando-lhe de todas as coisas que haviam acontecido, da obra que seu pai se estabelecera, e do grande e espaçoso sonho do que seria o povo gigante um dia. Geralmente, encontravam-se no início da madrugada, mas uma vez encontraram-se ali à tarde, e terminaram encontrando uma multidão de xeretas em volta, ciclistas, pedestres, espiando de entre as moitas, farfalhando (como farfalham os pardais à nossa volta nos jardins de Londres) em meio às folhas mortas da mata atrás, deslizando pelo lago em botes em direção a um ponto onde pudessem vê-los, tentando apro ximar-se deles e ouvi-los. Foi o primeiro sinal que tivera m do enorme interesse que seus encontros estavam despertando no campo. E uma vez — foi na sétima, e isso desencadeou o escândalo — encontraram-se na ventosa charneca sob um límpido luar, e ali ficaram falando em

sussurro pois a noite era cálida e silenciosa. Muito em breve passaram da compreensão de que neles e através deles formava-se na Terra um novo mundo de gigantismo, a partir da contempl ação da grande luta entre grande e pequeno, da qual estavam claramente destinados a participar, para interesses ao mesmo tempo ma is pessoais e mais amplos. Toda vez que se encontravam, co nversavam e olhavam-se um ao outro, emergia uns pouco mais de seus subconscientes para o consciente o fato de que havia algo mais caro e maravilhoso que a amizade entre eles, algo que andava entre eles e fazia-os darem- se as mãos. E em pouco tempo chegaram à palavra e descobriram-se enamorados, os Adão e Eva de uma nova raça no mundo.

Pisaram ao mesmo tempo no maravilhoso vale do amor, com seus profundos e quietos lugares. O mundo mudou à volta deles, com a mudança de estados de espírito , até tornar-se afinal, por assim dizer, uma beleza de tabernáculo em volta daqueles encontros, e as estrelas não eram mais que flores de luz aos pés de seu amor, e a aurora e o crepúsculo as coloridas cortinas ao lado. Deixaram de ser seres de carne e osso um para o outro e para si mesmos: passaram a um tecido corpóreo de ternura e

desejo. Deram a isso, primeiro, sussurros, e depois silêncio, e aproximaram-se e olharam- se um ao outro nos rostos enluarados e sombreados sob o infinito arco do céu. E os negros e imóveis pinheiros negros erguiam-se à sua volta como sentinelas.

O soar dos passos do tempo foram calados e reduzidos ao silêncio, e parecia-lhes que o uni verso pendia imóvel. Só ouviam seus corações, batendo forte. Pareciam estar vivendo juntos num mundo onde não havia morte, e na verdade assim era com eles. Parecia-lhes que sondavam, e na verdade sondavam, esplendores bem ocultos, no coração mesmo das coisas, onde ninguém chegara antes. Mesmo para almas mesquinhas e pequenas o amor é uma revelação de esplendores. E aqueles eram amantes gigantes, que haviam comido o Alimento dos Deuses... Pode-se imaginar a crescent e consternação daquele mundo

ordeiro quando se soube que a Pr incesa prometida ao Príncipe, a Princesa, Sua Serena Alteza!, com sangue real nas veias!, encontrava-se — encontrava-se frequentemente — com o hipertrofiado rebento de um plebeu professor de química, uma criatura sem título, sem posição, sem riqueza, e conversava com ele como se não houvesse Reis e Princesas, ordem, reverência — nada, a não ser gigantes e pigmeus neste mundo; conversava com ele e, era simplesmente certo, o tinha como namorado. — Se esses sujeitos dos jornais pegarem isso! — arquejava Sir Arthur Poodle Bootlik. ..

— Disseram-me...

— Uma nova história lá em cima — dizia o primeiro palafreneiro, mordiscando as coisas da sobr emesa. — Até onde vejo essa tal Princesa...

—Dizem... — dizia a mulher que cuidava da papelaria ao lado da entrada principal do palácio, onde os pequenos americanos arranjam entradas para os Aposentos Oficiais... E depois: — Estamos autorizados a negar... — disse "Pícaro" em Mexericos.

E assim estourou a encrenca toda.

— Dizem que temos de nos separ ar — disse a Princesa ao seu namorado.

—— Mas por quê? — exclamou ele, — Que nova loucura essa gente enfiou na cabeça?

—Você sabe — ela perguntou — que me amar... é alta traição?

— Minha querida — ele gritou — e isso importa? Que significam para nós o direito... um direito sem sombra de razão... a traição e a lealdade deles?

— Você vai ouvir — ela disse, e falou-lhe das coisas que lhe tinham contado. — Aparec eu-me o mais estranho

homenzinho... com uma voz suave e lindamente modulada, um homenzinho de movimentos macios, que deslizou para dentro da sala como um gato, e erguia a bela mãozinha branca assim, sempre que tinha alguma coisa importante a dizer. Era calvo, mas não, decerto, inteiramente, e o nariz e as faces eram coisinhas róseas e gorduchas, a barba aparada em ponta da maneira mais adorável. Fingiu emocionar-se várias vezes, e os olhos reluziam. Sabe, ele é bastante amigo da família real aqui, chamava-me de sua querida jovem, e mostrou-se perfeitame nte simpático desde o começo. "Minha cara jovem", disse, "sabeis que... não deveis...” várias vezes, e depois: "Tendes um dever".

- Onde fazem homens desses?

— Ele gosta disso — ela disse.

— Mas não vejo...

— Disse-me coisas sérias.

— Você não crê — ele disse, virando-se para ela abruptamente — que haja alguma cois a no que ele lhe disse? — Há alguma coisa com toda certeza — ela disse. — Você quer dizer...

— Quero dizer que, sem o saber, temos pisoteado as mais sagradas concepções do povinho. Nós, realeza, somos uma classe à parte. Somos pris ioneiros adorados, brinquedos de desfile. Pagamos a adoração com a perda de... nossa liberdade elementar. E eu devia casar-me com aquele Príncipe... Mas você nada sabe dele. Bera, um Príncipe pigmeu. Ele não

importa... Pa rece que isso estreitaria os laços entre meu país e outro. E este também... sairia lucrando. Imagine! Fortalecer os laços! — E agora?

— Querem que eu continue com a coisa... como se nada houvesse entre mini e você.

— Nada!

— Sim. Mas não é só isso. Ele disse...

— Seu especialista em tato?...

— Sim. Ele disse que seria mel hor para você, melhor para todos os gigantes, se nós dois nos abstivéssemos de conversar

um com o outro. Foi como ele pôs a coisa.

— Mas que podem fazer eles se não obedecermos? — Ele disse que você poderia ter sua liberdade. — Eu!

— Ele disse, enfaticamente: "Minha cara jovem, seria melhor, seria mais digno, se vocês se separassem voluntariamente". Foi só o que disse. Com ên fase no voluntariamente. — Mas!... Que têm esses desgraçadinhos com o lugar onde namoramos, e como namoramos? Que têm eles e o mundo deles a ver conosco?

— Eles não pensam assim.

— É evidente — ele disse — que você ignorou tudo isso. — Parece-me absoluta idiotice.

— Que as leis deles nos acorrentem! Que nós, como a primeira fonte de vida, sejamos obstruídos pelos velhos compromissos deles, pelas instituições sem sentido deles! Oh!... Ignoremos isso.

— Eu sou sua. Até agora... sim.

— Até agora? Isso não é tudo?

— Mas eles... se quiserem nos separar...

— Que podem fazer?

— Não sei. Que podem fazer?

— Quem se importa com o que possam fazer, ou com o que farão? Eu sou seu e você é minha. Que mais há? Eu sou seu e você é minha... para sempre. Acha que as regrinhas deles vão me deter, as proibiçõezinhas deles, os avisos vermelhos deles de fato!... e ficar longe de você? — Sim. Mas mesmo assim, que podem fazer? — Você quer dizer — ele disse — o que nós vamos fazer? — Sim.

— Nós? Nós podemos continuar.

— Mas se tentarem nos impedir?

Ele cerrou os punhos. Olhou em torno, como se o povinho já viesse impedi-los. Depois deu- lhe as costas e olhou o mundo. — Sim — disse. — Sua pergunta foi a certa. Que podem

fazer?

— Aqui nesta torrinha — ela disse, e parou. Ele pareceu examinar toda a terrinha.

— Estão em toda parte.

— Mas nós podíamos...

— Para onde?

— Podíamos partir. Podíamos atravessar os mares a nado juntos. Além dos mares...

— Nunca estive além dos mares.

— Existem montanhas grandes e desertas, em meio às quais não pareceríamos maiores que o povinho, existem vales distantes e desertos, existe m lagos ocultos e planaltos cobertos de neve jamais pisados por pés humanos. Lá... — Mas para chegarmos lá tere mos de abrir caminho lutando dia após dia, através de milh ões e milhões de pessoas. — É nossa única esperança. Ne sta terra lotada não há reduto, não há abrigo. Que lugar existe para nós entre essas multidões? Os pequenos podem esconder-se uns dos outros, mas onde vamos nós nos esconder? Não há

lugar onde possamos comer, dormir. Se fugíssemos... eles seguiriam nossos passos dia e noite.

Ele teve uma idéia.

— Existe um lugar — di sse — mesmo nesta ilha. — Onde?

— O lugar que nossos Irmãos construíram daquele lado. Fizeram grandes contrafortes em torno da casa, no norte, sul, leste e oeste; cavaram profundos fossos e lugares ocultos, e mesmo agora... um deles veio a mim bem recentemente. Disse... não prestei muita atenção ao que ele disse então. Mas falou em armas. Pode ser que lá... lá ... encontremos abrigo ... Há muitos dias — acrescent ou, após uma pausa — não vejo nossos irmãos... Querida! Estive s onhando, esquecendo! Os dias passaram e eu só fiz olhar para você... Devo ir a eles, falar com eles, e falar-lhes de você e de todas as coisas que pairam sobre nós. Se nos ajudarem, podem ajudar-nos. Então de

fato poderíamos ter esperança. Não sei até onde o reduto deles é forte, mas sem dúvida Cossar deve tê-lo feito forte. Antes disso tudo... antes de você me aparecer, lembro-me agora... sentia-se a encrenca fermentando. Houve uma eleição... quando todo o povinho acerta as coisas contando as cabeças. Deve ter acabado já. Havia ameaças contra a nossa raça, contra toda a nossa raça, isto é, menos você. Preciso ver nossos Irmãos. Preciso dizer a eles tudo que aconteceu entre nós e tudo que nos ameaça.

Não voltou a encontrar-se com ela por algum tempo. Deviam encontrar-se naquele dia, por vo lta do meio-dia, num grande trecho do parque que ficava dentro de uma curva do rio, e enquanto ela esperava, olhando sempre para o sul, protegendo os olhos com a mão, ocorreu-lhe que o mundo estava muito quieto, na verdads taciturnamente quieto . E então percebeu que, apesar do avançado da hora, seu costumeiro séquito de espiões voluntários havia faltado ao encontro. Olhando para um lado e para outro, não via ninguém, e nem um bote cruzava a prateada curva do Tamisa. Tentou descobrir uma razão para aquela estranha quietude no mundo...

Então, visão grata para ela, avistou o jovem Redwood bem longe, numa abertura entre as árvores que delimitavam sua perspectiva. Logo as

árvores e o esconderam, mas ele acabou atravessando- as e tornando a aparecer. Ela viu que havia alguma coisa diferente, e então percebeu que ele corria de uma maneira estranha, e depois que mancava. Fez um gesto para ela, ao aproximar-se. Seu rosto tornou-se mais visível, e ela viu com infinita preocupação que ele pisca va a cada passada. Ela corria agora em direção a ele, a mente cheia de per guntas e um vago temor. Ele se aproximou e falou, sem cumprimentá-la. — Devemos separar-nos —- arquejava.

— Não — ela respondeu. — Por quê? Que é que há?

— Mas se não nos separarmos!... É agora.

— Que é que há?

— Eu não quero separar-me — ele disse. — Apenas... — interrompeu-se de repente para perguntar: — Você não se separará de mim?

Ela enfrentou os olhos dele com um olhar firme. — Que aconteceu? — insistiu.

— Nem por uns tempos?

— Que tempo?

— Anos, talvez.

— Separar-nos! Não!

— Você pensou? — ele insistiu.

— Não me separarei. — Ela tomou a mão dele. — Mesmo que isso significasse a morte, agora, eu não o deixaria partir. — Mesmo que significasse a mort e — ele disse, e ela sentiu que apertava os seus dedos. Ele olhou em volta, como se receasse ver o povinho aproximar-se enquanto falava. E depois: — Pode significar a morte.

— Agora me diga — ela pediu.

— Tentaram impedir a minha vinda.

— Como?

— Quando saí de minha oficina, onde fabrico o Alimento dos Deuses para os Cossar armazenarem em seu acampamento, encontrei um pequeno agente da polícia... um homenzinho vestido de azul, com luvas brancas... que me mandou parar. "Este caminho está fechado!", di sse. Não dei muita importância, contornei minha oficina até outra estrada, em direção ao oeste, e lá estava outro guarda: "Esta estrada está fechada!", disse, e acrescentou: "Todas as estradas estão fechadas!" — E então?

— Discuti algum tempo com ele. "São vias públicas!", eu disse. "É isso mesmo", ele disse. "Vocês as estragam para o público". "Muito bem", eu disse, "vou pelos campos", e aí saltaram outros de trás de uma sebe e disseram: "Esses campos são particulares". "Ao diabo com seu público e

particulares", eu disse. "Vou ver a minha Princesa", e me abaixei e o peguei com toda a delicadeza. ... O homenzinho escoiceava e berrava... e o afastei do caminho. Num instante, todos os campos à minha volta pareciam fervilhar de homenzinhos correndo. Vi um cavalo cavalgando a meu l ado e lendo alguma coisa enquanto cavalgava... berrando-a. Acabou, deu meia-volta e galopou para longe de mim ... de c abeça baixa. Não consegui saber o que era. E então, atrás de mim, ouvi o estalar das espingardas.

— Espingardas!

— Espingardas... do mesmo jeito que atiram nos ratos. As balas cruzavam o ar com um som de coisas dilacerando-se: uma me atingiu na perna.

— E você?

— Vim encontrar você aqui e deixei-os berrando e atirando atrás de mim. E agora...

—- Agora?

— Isso é só o começo. Eles pretendem que nos separemos. Neste momento, estão vindo atrás de mim. — Não nos separarão.

— Não. Mas se não vamos nos separar... você deve vir co- migo para onde estão nossos Irmãos.

— Para que lado? — ela disse.

— Para leste. É por ali que me us perseguidores virão. Logo, este é o caminho que devemos tomar. Por esta avenida de árvores.

Deixe-me ir na frente, para que, se estiverem esperando ... — Deu um passo, mas ela o agarrou pelo braço. — Não — ela gritou. — Vou junto a você, agarrada a você. Talvez seja da realeza, talvez seja sagrada. Se o segurar... quisesse Deus que pudéssemos voar, com meus braços à sua volta... pode ser que não atirem em você... Agarrou o ombro dele e tomou-lhe a mão enquanto falava; comprimia-se mais contra ele.

— Pode ser que não atirem em você — repetiu, e com um

súbito arroubo de ternura ele a tomou nos braços e beijou- lhe a face. Segurou-a por al gum tempo. — Mesmo que seja a morte — ela sussurrou. Envolveu-lhe o pescoço com os braços e ergueu o rosto até o dele. — Querido, beije-me mais uma vez.

Ele a puxou para si. Beijaram-se em silêncio, nos lábios, e por mais um momento permaneceram abraçados. Depois, de mãos dadas, ela tentando sempre manter seu corpo colado ao dele, partiram, para buscar alcançar o acampamento de refúgio dos filhos de Cossar antes que a perseguição do povinho os alcançasse.

E enquanto cruzavam os grand es espaços do parque atrás do castelo, surgiram cavaleiros galopando de entre as árvores, tentando inutilmente manter o passo com as gigantescas passadas deles. Por fim, à frente dos dois surgiram casas das quais saíam homens com armas. Ao verem isso, e embora ele procurasse seguir em frente e estivesse mesmo disposto a lutar e abrir caminho, ela o fez virar em direção ao sul. Enquanto fugiam, uma bala passou silvando por cima deles.

## O JOVEM CADDLES EM LONDRES

O jovem Caddles, ignorando inteiramente a tendência dos acontecimentos, ignorando as leis que se fechavam sobre todos os Irmãos, ignorando mesmo qu e houvesse um Irmão seu na terra, escolheu exatamente esse momento para deixar a mina de giz e ir ver o mundo. Sua

medita ção dera finalmente nisso. Não havia respostas para todas as suas perguntas em Cheasing Eyebright; o novo Vigário era ainda menos esclarecedor que o antigo, e o enigma de seu inútil esforço chegara afinal às dimensões da exasperação. "Por que tenho de trabalhar neste poço dia após dia?", perguntava. "Por que me encerraria dentro de limites e deixaria que me recusassem todas as maravilhsas do

mundo além deles? Que fiz eu, para ser condenado a isso?" E um dia levantou-se, espigou as costas e disse em voz alta: — Não! Não aceito. — E então, com grande vigor, amaldiçoou a mina.

Em seguida, como tinha poucas palavras, buscou expressar seus pensamentos em atos. Pegou um vagão cheio pela metade de giz, ergueu-o e jogou-o, despedaçado, contra outro. Depois pegou toda uma fila de vagões vazios e virou-os por um barranco abaixo. Atirou uma imensa roc ha de giz sobre eles, e depois arrancou uns doze metros de trilhos com um poderoso pontapé. Assim deu início à deliberada destruição da mina. — Trabalhar todos os meus dias — disse — nisso! Foram uns espantosos cinco minutos para o pequeno geólogo que, em sua preocupação, ele esquecera. A pobre criaturinha esquivou-se de duas pedradas por um triz, saiu pela esquina oeste e fugiu através do morro, com a sacola batendo nas costas e as pernas embaraçando-se nos calções folgados, apertados nos joelhos, deixando atrás uma trilha de equinodermes cretáceos, enquanto o jovem Caddles, satisfeito com a destruição que conseguira, corria atrás dele para cumprir sua missão no mundo.

— Trabalhar nessa velha mina até morrer, apodrecer e feder! ... Que verme pensavam que vivia em meu corpo gigante? Cavar giz Deus sabe para que fim idiota! Eu, não! A direção da estrada e da ferrovi a, talvez, ou o simples acaso, voltaram-no para Londres; e para lá ele foi correndo, atravessando as chapadas e cruzando os prados na tarde quente, para infinito pasmo do mundo. N ada significava para ele que avisos rasgados em vermelho e branco, contendo várias palavras, pendessem de todos os muros e celeiros; ele nada sabia da revolução eleitoral que projetara Caterham, "Jack Matador de Gigantes", ao poder. Nada significava para ele que toda delegacia policial tivesse o que era conhecido como ukase de Caterham em seu quadro de avisos naquela tarde, proclamando que

nenhum gigante, nenhuma pessoa de mais. de

dois metros e meio poderia afastar-se mais de sete quilômetros de seu "lugar de locação" sem permissão especial. Nada significava para ele que em sua esteira policiais deixados para trás, e não pouco satisfeitos com isso, lhe acenassem com papéis de adver- tência. Ia ver o que o mundo tinha para mostrar-lhe, pobre cabeça-de-pau incrédulo, e não pretendia deixar que pessoas agitadas, berrando-lhe "Ei!", lhe barrassem o curso. Desceu através de Rochester e Greenwic h em direção a uma crescente agregação de casas, andando agora mais devagar, olhando em volta e balançando seu imenso machado.

O povo de Londres soubera antes alguma coisa a seu respeito, que era meio idiota mas delicado, e maravilhosamente controlado pelo agente de Lady Wondershot e o Vigário; que, à sua maneira, obtusa, reverenciava as autoridades e lhes era grato pelos cuidados que lhe dispensavam, e essas, coisas todas. Assim, quando souberam, pelos cartazes dos jornais naquela tarde, que também ele estava "em greve", isso pareceu a muitos um ato combinado deliberadamente...

— Pretendem testar nossa forç a —- diziam os homens nos trens que voltavam do comércio para casa.

— É uma sorte a gente ter Caterham.

— É uma reação à proclamação dele.

Os homens nos clubes estavam mais bem-informados. Reuniam- se em torno da mesa ou conversavam em grupos em suas salas de fumar.

— Ele não tem armas. Teria ido para Sevenoaks se estivesse disposto a lutar.

— Caterham cuidará dele...

Os caixeiros das lojas diziam aos fregueses. Os garçons nos restaurantes roubavam um momento para uma leitura nos vespertinos entre os pedidos. Os cocheiros liam tais notícias logo após as de corridas...

Os cartazes do principal vespertino do governo eram ostensivos, com manchetes sobre "Erradicar a Urtiga". Outros esperavam tirar efeito de: "O Gigante Redwood Continua a Encontrar-se

com a Princesa". O Eco adotou uma linha própria: "Rumores de Revolta dos Gigantes no Norte da Inglaterra. Gigantes de Sunderland Partem para Escócia". A Gazeta de Westminster soava sua nota de alarme usual: "Cuidado, Gigantes", e tentava provar que isso talvez servisse para unificar o Partido Liberal — nessa época muito dividido entre sete líderes intensamente egoístas. Os últimos jo rnais caíram na uniformidade. "Gigantes na Estrada de New Kent", proclamavam.

— O que eu quero saber — dizia o pálido jovem na casa de chá — é porque não temos notícia alguma dos jovens Cossar. Seria de julgar que eles, sobret udo, estivessem metidos nisso... — Dizem que outro desses jovens gigantes se soltou — dizia a moça do bar, enxugando um copo. — Eu sempre disse que eram coisas perigosas para andar por aí. Desde o princípio... Deviam pôr um fim. De qualquer modo, espero que não apareça por aqui.

— Eu bem que ia gostar de dar uma espiada nele — dizia o jovem no bar, inquieto. E acre scentava: — Eu vi a Princesa. — Acha que eles vai ferir ele? — perguntava a moça do bar. — Podem ser obrigados — dizia o jovem no bar, acabando seu copo.

Em meio a um milhão de tais comentários, o jovem Caddles chegou a Londres...

Sempre penso no jovem Caddles como o viram em New Kent Road, o crepúsculo cálido sobre seu rosto perplexo e de olhar fixo. A estrada estava apinhada de seu variado tráfego, ônibus, bondes, carroças, troles, ciclis tas, motores e uma multidão maravilhada — ociosos, mulh eres, babás, mulheres fazendo compras, adolescentes aventureiros — reunida atrás de seus pés, que se moviam com cautela. Os tapumes estavam cobertos por toda parte com os cartazes rasgados das eleições. Uma babel de vozes rugia em volta dele. Viam-se os fregueses e caixeiros,

amontoando-se nas portas das lo jas, rostos que surgiam e desapareciam nas janelas, os pequenos moleques de rua que corriam e gritavam, os

policiais encarando tudo aquilo muito rígida e calmamente, os operários batendo em andaimes, a fervilhante miscelânea do po vinho. Gritavam-lhe vagos encorajamentos, vagos insultos, os lugares-comuns imbecis da época, e ele os olhava lá embaixo, aquela multidão de criaturas vivas que nunca imaginara haver no mundo.

Agora que entrara mesmo em Londres, tinha de reduzir o passo cada vez mais, pois o povinho se amontoava muito à sua volta. A multidão tornava-se mais densa a cada passo, e finalmente parou numa esquina, aonde duas grandes ruas convergiam, e a multidão despejou-se à sua volta e fechou-o. Ali ficou ele, com os pés um pouco afastados, as costas para uma grande taverna duas vezes a sua altura e terminando num cartaz contra o céu, olhando os pigmeus lá embaixo e imaginando, tentando, não duvido, confrontar tudo aquilo com as outras coisas da vida, com o vale entre as chapadas, os namorados noturnos, o canto na igreja, o giz no qual martelava diariamente, e com o instinto e a morte e o céu, tentando juntar tudo num todo coerente e signific ativo. Franziu as sobrancelhas. Ergueu a pata enorme para coçar o grosso cabelo e gemeu alto: — Não estou vendo o sentido.

Seu sotaque não era familiar. Um grande balbucio correu o espaço aberto, um balbucio em meio aos sinos dos bondes, que abriam obstinadamente caminho at ravés da massa, ergueu-se como papoulas vermelhas em meio ao trigo.

— Que foi que ele disse?

— Disse que não via.

— Perguntou onde estava o mar?

— Perguntou onde tinha uma cadeira.

— Quer uma cadeira.

— Esse maldito bastardo não pode se sentar numa casa ou algo assim?

— Pra que vocês serve, seu povinho abelhudo? Que vocês tá fazendo... pra que vocês serve? Que vocês tá fazendo aqui, seu

povinho abelhudo, enquanto eu tou cortando giz pra vocês, na mina de giz lá embaixo?

Sua voz esquisita, a voz que fora tão ruim para a disciplina escolar em Cheasing Eyebright, impôs silêncio à multidão, soando e pondo-os todos em tumulto no fim. Ouviu-se um engraçadinho gritando: "Discurso! Discurso!" — Que é que ele tá dizendo? — fo i o fardo na opinião pública, e emitiu-se o palpite de que estava bêbedo. — Ei, ei, ei! — berravam os co ndutores de ônibus, trilhando um perigoso caminho. Um marinhe iro americano bê bado vagueava perguntando: — Mas que é que ele quer?

Um negociante de trapos, de rosto parecendo couro, em cima de sua carroça, pairava acima do tumulto devido à sua voz. — Vá pra casa, seu maldito Gigante! — berrava. — Vá pra casa! Maldita coisa perigosa! Será que não vê que tá assustando os cavalo? Pra casa com você! Será que ninguém se lembrou de dizer a lei pra ele?

E o jovem Caddles olhava por sobre todo aquele clamor, perplexo, expectante, sem dizer mais nada.

Descendo uma rua lateral vinha uma fila de solenes policiais enfiando-se habilidosamente no tráfego.

— Recuem — diziam as vozinhas. — Mexam-se, por favor. O jovem Caddles percebeu um a figurinha de azul-escuro batendo-lhe nas canelas.

Olhou para baixo.

— Quê? — perguntou, curvando-se.

— Não pode ficar por aqui — gritou o inspetor. — Não. Não pode ficar por aqui — repetiu.

— Mas pra onde eu vou?

— Volte pra sua aldeia. Lugar de locação. De qualquer modo, agora... tem de se mexer. Tá atrapalhando o tráfego. — Que tráfego?

— Na rua.

— Mas pra onde vai o tráfego? De onde vem? Que significa

isso? Tá todo mundo me rodeando. Que é que eles quer? Que é que eles tá fazendo? Eu que ro entender. Tou cansado de cortar giz e ficar só. Que é que eles faz por mim enquanto eu corto giz? Quero entender aqui e já.

— Sinto muito. Mas não tamos aq ui para explicar esse tipo de coisa. Tenho de pedir que se mexa.

— Você sabe?

— Tenho de pedir a você que se mexa... se faz favor... Aconselho você, energicamente, a voltar pra casa. A gente ainda não recebeu instruções especi ais... mas é contra a lei. Dê o fora daqui. Dê o fora.

O pavimento à sua esquerda tornou-se convidativamente vazio, e o jovem Caddles seguiu vagarosamente seu caminho. Mas agora soltara a língua.

— Eu não entendo — resmungava. —- Eu não entendo. — Apelava em sua parca linguagem à cambiante multidão que continuava a seu lado e atrás. — Eu não sabia que tinha lugar como esse. Que vocês todo faz consigo mesmo? Pra que é isso tudo? Pra que é isso tudo e onde é que eu entro? Já concebera uma nova palavra chave. Jovens espirituosos dirigiam-se uns aos outros da seguinte maneira: "Olá, Arry O'Cock. Pra que tudo isso? Hem? Pra que esse barulho todo?" Ao que brotava uma competitiva variedade de respostas, em sua maior parte grosseiras. A mais popular e mais adequada para uso geral parecia ser "Cala a boca", ou, numa voz de desdenhoso distanciamento: — Vá-se!

Que buscava ele? Queria alguma coisa que o mundo dos pigmeus não dava, alguma meta que o mundo dos pigmeus impedia-o de atingir, impedia-o até de ver claramente. Era o gigantesco lado social daquele solitário e bronco monstro clamando por sua raça, pelas co isas afins dele, por algo que

pudesse amar e algo a que pudesse servir, por um propósito que pudesse compreender e uma ordem a que pudesse obedecer. E, vocês sabem, tudo isso era obtuso, rugia obtusamente dentro dele, não podia sequer, se encontrasse um companheiro gigante, achar escoamento e expressão na fala. Toda a vida que conhecia era a chata rotina da al deia, toda a fala

que conhecia era a fala das cabanas, que falhava e morria ao simples esboço de suas mínimas necessidades de gigante. Nada sabia de dinheiro, o monstruoso simplório, nada sabia do comércio, das complexas convenções sobre as quais se erguia a tessitura social do povinho. Precisava, precisava... O que quer que precisasse, nunca encontrou satisfação.

Vagueou durante todo o dia e a noite de verão, ficando com fome mas ainda não cansado, observando o variado tráfego das diferentes ruas, as inexplic áveis atividades daqueles seres infinitesimais. No agregado, aquilo parecia-lhe apenas confusão...

Diz-se que pescou uma mulher de sua carruagem em Kensington, uma dama em vestido de noite do tipo mais elegante, que a escrutinizou minuciosamente, a cauda e os ombros, e recolocou- a em seu lugar — um tanto descuidadamente — com o mais profundo suspiro. Isso eu não posso garantir. Durante mais ou menos uma hora, observou pessoas lutando por lugares nos ônibus no fim de Piccadilly. Viram-no assomar sobre Kennington Oval por alguns instantes à tarde, mas quando viu como aqueles densos milhares se empenhavam com o mistério do criket e o ignoravam inteiramente, afastou-se com seu gemido. Voltou a Piccadilly Circus entre as onze e as doze da noite, e descobriu um novo tipo de multidão. Aqueles estavam visivelmente muito decididos: cheios de coisas que, por motivos inconcebíveis, poderiam fazer e de outras que não poderiam. Olhavam-no, gozavam-no e seguiam adiante. Os cocheiros, com olhos de abutres, seguiam-se un s aos outros continuamente ao longo da fervilhante calçada. Pessoas saíam de restaurantes ou neles entravam, graves, decididas, dignas, ou delicada e agradavelmente excitadas, ou atentas e vigilantes — fora do

alcance do mais astuto garçom que já nascera. O grande gigante, de pé em sua esquina, espiava todos eles. "Pra que tudo isso?", murmurava num subtom imenso e triste. "Pra que tudo isso? É todos tão sério. Que é que eu não entendo?" E nenhum deles parecia ver, como ele, a ébria desgraça das mulheres pintadas na esquina, a esfarrapada miséria que se esgueirava pelas sarjetas, a infinita futilidade de toda aquela atividade. A infinita futilidade! Nenhum deles parecia sentir a sombra daquela necessidade gigante, aquela sombra do futuro, que cruzava seus caminhos...

Do outro lado da rua, no alto, letras misteriosas acendiam-se e apagavam-se, letras que poderiam, se as soubesse ler, ter dimensionado para ele o interesse humano, ter-lhe falado das necessidades e características fundamentais da vida como o povinho a concebia. Primeiro vinha um flamejante

**T**

Depois seguia-se um U

**TU**

Depois P

**TUP**

Até que afinal se completava, estampado no céu, a animada mensagem a todos que sentiam o fardo da seriedade da vida:

**TUPPER, VINHO TÔNICO QUE DÁ VIGOR**

Plac! e desaparecia na noite, sendo seguida no mesmo lento desdobramento por um segundo apelo universal:

**SABONETE DE BELEZA**

Não, reparem bem, simples produtos químicos de limpeza, mas algo, como dizem, "ideal"; e depois, completando o tripé da vidinha:

**PÍLULAS AMARELAS DE YANKER**

E nada mais havia senão Tupper de novo, em chamejantes letras púrpura, plac, plac, plac, cruzando o vazio.

**T U P P . . .**

Nas primeiras horas da madrugada, parece que o jovem Caddles chegou à escura quietude de Regenfs Park, passou por cima dos trilhos e deitou-se numa enc osta gramada perto de onde as pessoas patinam no inverno, e ali dormiu por mais ou menos uma hora. Por volta das seis horas da manhã, conversava com uma mulher enlameada que encontrara dormindo numa vala perto de Hampstead Heath, perguntando-lh e muito seriamente para que ela achava que servia...

As andanças de Caddles por Londres chegaram ao auge no segundo dia de manhã. Pois então sua fome o venceu. Hesitou num lugar onde os pães com aquele cheiro quente eram jogados numa carroça, e aí, muito quiet inho, ajoelhou-se e iniciou o assalto. Esvaziou a carroça, enquanto o homem da padaria fugia para chamar a polícia. Depois, com uma braçada de pães, ainda comendo, ele seguiu seu caminho em busca de outra loja para continuar a refeição. Acontece que era uma daquelas temporadas em que o trabalho é escasso e a comida cara, e a multidão do bairro simpatizav a mesmo com um gigante que tomava a comida que eles próprios desejavam. Aplaudiram a segunda fase de sua refeição, e riram de sua estúpida careta para o policial.

— Eu tchava com fome — ele disse, com a boca cheia. — Braivo — gritou a multidão. — Braivo!

Depois, quando iniciava sua terceira padaria, foi detido por meia dúzia de policiais que lhe mart elavam com cassetetes as canelas.

— Olhe aqui, meu bom gigante, você vem comigo — disse o policial no comando. — Não pode se afastar de casa assim. Vamos pra casa comigo.

Fizeram o que puderam para prendê-lo. Disseram-me que um trole corria a rua acima e abai xo nessa hora, transportando rolos de correntes e cabos de navios para servir de algemas naquela grande prisão. Não se pensava então em matá-lo. — Ele não faz parte da conspiração — dissera Caterham. — Não terei sangue inocente em minhas mãos.

A princípio, Caddles não entend era o alcance dessas atenções. Quando entendeu, disse aos polic iais que deixassem de ser idiotas e partiu em grandes passadas, que os deixavaram para trás. As padarias ficavam em Harrow Road, e ele atravessou o canal London para St. John's Wood e

sentou-se num jardim particular para espalitar os dent es; mas logo foi assaltado por outra força de policiais.

— Vocês me deixa em paz — rugiu, e vagou pelo jardim, estragando vários gramados e chutando uma ou duas cercas abaixo, enquanto os enérgicos policiais o seguiam, alguns pelo jardim, alguns pela rua em frente às casas. Tinham uma ou duas espingardas, ma s não fizeram uso delas. Quando ele chegou à Edgware Road, havia um novo tom e um novo movimento na multidão, e um polícia montada cavalgou por cima do pé dele e foi derrubado por isso.

— Vocês me deixa em paz — di sse Caddles, enfrentando a multidão de respiração pres a, — Não fiz nada pra vocês. Nessa hora, estava desarmado, pois deixara sua machadinha de giz em Regenfs Park. Mas en tão, pobre-diabo, parece ter sentido a necessidade de algum a arma, Votlou em direção ao pátio de mercadorias da Great Western Railway, arrancou o

poste de uma alta lâmpada, uma formidável maça para ele, e jogou-o no ombro. E encontrando a polícia ainda disposta a chateá-lo, voltou pela Edgware Road em direção a Cricklewood e tomou mal-humorado o rumo norte, Vagueou até Waltham, depois voltou para oeste e depois novamente para Londres, e chegou de novo, atravessando cemitérios e o morro de Highgate, por volta do meio-dia, à vista da cidade. Dobrou para o lado e sentou-se num jardim, recostado numa casa que dava par a toda Londres. Estava sem fôlego, e tinha o rosto abaixado, e agora as pessoas não mais se amontoavam à sua volta como haviam feito quando chegara a Londres pela primeira vez, ma s escondiam-se nos jardins vizinhos e espiavam de lugares seguros. Sabiam agora que a coisa era mais feia do que haviam pensado. — Por que eles não deixa eu em paz? — rosnava o jovem Caddles. — Eu preciso comer. Por que eles não deixa eu em paz?

Sentava-se de cara fechada, mordendo os nós dos dedos e olhando Londres lá embaixo. Todo o cansaço, preocupação, perplexidade e ira impotente de suas andanças chegavam-lhe ao auge.

— Eles não vale nada — murmurava. — Eles não vale nada. E não quer deixar eu em paz, e fica me atrapalhando. — E repetia-se, sem parar, que eles não "valia" nada. — Uuh! Povinho! — Mordia os nós dos dedos com

mais força e aumentava a carranca. — Cortar giz pra eles — murmurava. — E o mundo todo é só deles! Eu não entro... em lugar nenhum. — Finalmente, com um espasm o de nauseada cólera, viu a forma agora conhecida de um policial montado no muro do jardim. — Me deixa eu em paz — rosnou o gigante. — Deixa eu em paz.

— Eu tenho de cumprir meu dever — disse o pequeno policial, com um rosto pálido e decidido.

— Deixa eu em paz. Eu preciso viver tanto quanto você. Preciso comer. Deixa eu em paz.

— É a lei — disse o policialzinho, sem se aproximar mais. —-

Não é a gente que faz a lei.

— Nem eu — disse o jovem Caddles. — Vocês, povo pequeno, fez tudo isso antes deu nascer. Você e suas lei! O que eu devo e não devo fazer. Não tem comida pra eu comer a não ser que trabalhe como escravo, não tem descanso, não tem casa, nada, e vem você aí dizer pra eu...

— Eu não tenho nada com isso — disse o policial. — Não é comigo que você tem de discutir. Eu só faço cumprir a lei. — E passou a outra perna por cima do muro, parecendo disposto a descer. Outros policiais surgiram atrás dele. — Eu não tenho briga com você, veja lá — disse o jovem Caddles, segurando forte a enor me maça de ferro, o rosto pálido, e um comprido dedo expla natório para o policial. — Eu não tenho nenhuma briga com você. Mas... você deixa eu em paz.

O policial tentou ser calmo e despreocupado, com a monstruosa tragédia visível diante dos olhos.

— Me dê a proclamação — diss e para um seguidor fora do vistas, e entregaram-lhe um pedacinho de papel branco. — Deixa eu em paz — disse Caddles, carrancudo, tenso e pronto.

— Isto aqui quer dizer — disse o policial, antes de ler — vá pra casa. Vá pra sua mina de giz. Senão, vai se machucar. Caddles deu um rosnado inarticulado.

Depois, quando a proclamação já fora lida, o policial fez um sinal. Quatro homens com fuzis surgiram e tomaram posições de afetada tranquilidade ao longo do muro. Usavam o uniforme da polícia dos ratos. Ao ver as armas, o jovem Caddles inflamou-se de cólera. Lembrou-se da fe rroada dos rendeiros de Wreckstone.

— Vocês vai atirar com essas coisas em mim? — perguntou, apontando, e pareceu ao policial que ele estava com medo. — Se você não voltar logo pra sua mina...

Então, num instante, o policial havia-se lançado de costas contra o muro, e dezoito metros acima dele o grande poste de

eletricidade desceu trazendo-lhe a morte. Pam, pam, pam — pipocaram os pesados fuzis, e praac!, voaram o muro, o solo e o subsolo do jardim. Alguma coisa voou com eles deixando gotas vermelhas nas mãos de um dos atiradores. O fuzileiro correu abaixado de um lado para outro e voltou-se bravamente para tornar a disparar. Mas o jovem Caddles, já atingido duas vezes no corpo, girara para ver quem o atingira com tanta força nas costas. Pam! Pam! Ele teve um a visão das casas, das pessoas abaixando-se nas janelas, tudo oscilando terrível e misteriosamente. Parece que deu três passos cambaleantes, ergueu e baixou a imensa maça, e levou as mãos ao peito. Fora ferroado e retorcia-se de dor.

Que era aquilo, quente e úmido, em sua mão? Um homem, espreitando da janela de um quarto de dormir, viu o rosto dele, viu o olhar fixo, com uma careta de chorosa consternação, diante do sangue na mão, e depois seus joelhos dobraram-se e ele desabou por terra, a primeira das urtigas gigantes a cair sob o punho decidido de Caterham, exatamente o último que o político pensava que lhe viria às mãos.

## OS DOIS DIAS DE REDWOOD

Assim que Caterham viu chegar o momento de agarrar sua urtiga, tomou a lei nas mãos e mandou prender Cossar e Redwood.

Redwood estava disponível. Sofr era uma operação no lado e os médicos haviam-no afastado de todos os males até assegurarem sua

convalescença. E agora ti nham-no liberado. Ele acabava de sair da cama, e achava-se sentado numa sala aquecida por uma lareira, com um monte de jornais em volta, lendo pela primeira vez sobre a agitação que jogara o país nas mãos de Caterham, e

sobre o problema que aumentava entre a Princesa e seu filho. Foi na manhã do dia em que o jovem Caddles morreu, e em que o policial tentou deter o jovem Redwood, que ia ao encontro da Princesa, Os últimos jornais que Redwood recebera só vagamente prefiguravam essas cois as iminentes. Ele relia tais primeiras alumbrações de tragédia com o coração pesado, vendo a sombra da morte cada vez mais perceptíveis nelas, e tentando ocupar assim a mente enquanto não vinham novas notícias. Quando os policiais seguiram o criado entrando na sala, ele ergueu os olhos avidamente.

— Pensei que era um jornal vespertino que viera cedo — disse. E então, levantando-se e mudando rapidamente de modos, perguntou: — Que significa isso?

Depois disso, não teve mais not ícia alguma por dois dias. Tinham vindo com um veículo para levá-lo, mas quando se tornou evidente que estava doente, decidiram deixá-lo por um dia ou mais, até poderem removê-lo em segurança, e sua casa foi tomada pela polícia e convertida numa prisão temporária. Era a mesma casa em que nascera o Gigante Redwood, e na qual se tinha dado Herakleoforbia pela primeira vez a um ser humano e Redwood estava viúvo e morava sozinho havia oito anos.

Tornara-se um homem grisalho, com uma pequena barba pontuda e olhos castanhos ainda vivos. Tinha um porte esbelto e uma voz suave, como sempre tivera, mas suas feições apresentavam agora aquela indefinível aparência que resulta do muito pensar sobre coisas importantes. Para o policial encarregado de prendê-lo, aquela aparência era um impressionante contraste com a enormidade de seus crimes. — Taí esse sujeito — disse o policial no comando para seu subordinado mais próximo. — Fez tudo que pôde pra estourar tudo, e tem uma cara de um tranquilo cavalheiro rural; e lá tá o Juiz Hangbrow, que mantém tudo direitinho e em ordem pra todo mundo, e com uma cara de cachorro. E os modo deles! Um é todo consideração, e outro só rosnados e roncos. O que

prova a gente, não é, que a gente não deve

se guiar pelas aparências, se ja lá o que a gente faça. Mas esse elogio à consideração de Redwood terminou sendo destroçado. Os policiais logo descobriram que era encrenqueiro até deixarem-lhe claro que não adiantava fazer perguntas ou pedir jornais. Na verdade, fizeram uma espécie de inspeção em seu gabinete, e levaram t odos os seus papéis. A voz de Redwood ergueu-se em advertência.

— Mas não vêem — repetiu veze s sem conta —, é meu filho, meu único filho, que está nessa encrenca. Não é com o Alimento que me incomodo, mas com o meu filho! — Eu bem que gostava de contar ao senhor — disse o policial. — Mas as ordem da gente é severa. — Quem deu as ordens?

— Ah, isso aí, senhor... — disse o policial, e dirigiu-se para a porta.

— Ele fica andando de um lado pra outro da sala — disse o segundo policial, quando o superior desceu. — Tá certo. Vai tirar a coisa do pensament o um pouco, andando. — Espero que tire — disse o pol icial principal. — A verdade é que não vi a coisa desse jeito antes, mas esse tal gigante que continua com a Princesa, você sabe, é filho desse homem aí. Os dois entreolharam-se e ao terceiro policial por algum tempo.

— Então é um pouco duro pra ele — disse o terceiro policial. Tornou-se claro que Redwood ainda não aprendera direito o fato de que uma cortina de fe rro caíra entre ele e o mundo externo. Ouviam-no dirigir-se à porta, experimentar a maçaneta e sacudir a fechadura, e depois a voz do policial de plantão no patamar dizendo-lhe que não adiantava fazer isso. Depois ouviam-no forçando as janelas, e viam os homens do l ado de fora olhando para cima.

— Desse jeito não adianta — disse o segundo policial. Depois Redwood começou a tocar a sineta. O policial superior subiu e explicou com toda paciência que não adiantava tocar a sineta daquele jeito, e se ela fosse tocada sem necessidade

agora, poderia ser i gnorada quando ele precisasse de alguma coisa.

— Qualquer coisa razoável, senhor — disse o policial. — Mas se o senhor tocar ela como protesto, vamos ser obrigados, senhor, a desligar.

A última frase que o policial ouviu foi a aguda voz de Redwood: — Mas você pelo menos podi a me dizer se meu filho...

Depois disso, Redwood passou a maior parte de seu tempo nas janelas.

Mas elas pouco lhe ofereciam da marcha dos ac ontecimentos lá fora. Dificilmente passava um coche, uma carroça de comerciante, a manhã inteira. De vez em quando passavam alguns homens — sem qualquer aparência indicadora de acontecimentos — ou um grupo de crianças, uma babá e uma mulher indo às compras, e as sim por diante. Chegavam ao cenário à direita ou à esquerda, subindo ou descendo a rua, com uma exasperante sugestão de indiferença a quaisquer interesses mais amplos que os seus próprios; descobriam com surpresa a casa guardada por policiais e desapareciam na direção oposta, onde os grandes feixes de uma hidrângea gigante pendiam sobre a calç ada. De vez em quando vinha um homem, fazia uma pergunta ao policial e obtinha uma curta resposta...

As casas defronte pareciam mortas. Uma vez apareceu uma criada na janela de um quarto, e olhou para fora por algum tempo, e ocorreu a Redwood fa zer-lhe sinais. Ela observou seus gestos por algum tem po, parecendo interessada, e deu- lhe uma vaga resposta ; depois olhou por cima do ombro de repente e desaparceu. Um velho saiu trôpego do número 37, desceu os degraus e desapareceu para a direita,

absolutamente sem erguer o olhar. Durante dez minutos, o único ocupante da rua foi um gato...

Com tais acontecimentos, aquela interminável manhã se estendeu .

Por volta das doze horas ouviram- se berros de jornaleiros na rua vizinha; mas também isso passou. Ao contrário do que costumavam fazer, evitavam a rua de Redwood e baixou-lhe uma suspeita de que a polícia m ontava guarda no fim da rua. Tentou abrir a janela, mas is so trouxe imediatamente um polícia ao quarto...

O relógio da igreja paroquial bateu doze horas, e após um abismo de tempo — uma.

O almoço foi um acinte.

Comeu um bocado e desarrumou o prato um pouco, para que o tirassem; bebeu uísque à vontade, e depois pegou uma cadeira e voltou à janela. Os minutos expandiam-se em cinzentas imensidões, e por algum tempo é possível que tenha dormitado...

Despertou com a vaga impressão de impactos ao longe. Percebeu um chocalhar das j anelas, como o tremor de um terremoto, que durou mais ou menos um minuto e passou. Depois de um silêncio, voltou..., e passou de novo. Ele imaginou que poderia ser apenas a passagem de algum veículo pesado pela rua principal . Que mais poderia ser?... Após algum tempo, começou a duvidar de que ouvira o tal som.

Começou a discutir interminavelmente consigo mesmo. Por que, afinal, fora preso? Caterh am estava no cargo havia dois dias — o tempo suficiente — para arrancar sua Urtiga! Arrancar a Urtiga! Arrancar a Urtiga Gigante! O refrão, uma vez iniciado, cantava-lhe na mente e não se deixava afastar. Que poderia Caterham fazer, afinal? Era um homem religioso. De certa forma, estava comprometido a não exercer violência sem motivo.

Arrancar a Urtiga! Talvez, por exemplo, a Princesa devesse

ser presa e enviada para o exte rior. Poderia haver encrenca com o seu filho. E nesse caso!... Mas por que fora preso? Por que era necessário mante-lo na ignorância de uma coisa como aquela? A coisa sugeri a... algo mais abrangente. Talvez, por exemplo, quisessem pegar todos os gigantes pelos calcanhares. Deveriam ser pr esos todos juntos. Houvera insinuações a esse respeito nos discursos eleitorais. E daí? Sem dúvida tinham prendido Cossar também?

Caterham era um homem relig ioso. Redwood aferrava-se a isso. O fundo de sua mente era uma cortina negra, e nessa cortina surgia e desaparecia uma palavra — uma palavra escrita em letras de fogo. Ele lutava perpetuamente contra a palavra. Era sempre como se estivesse

começando a ser escrita na cortina e nunca se completasse. Enfrentou-a afinal. "Massacre!" Lá estava a palavra em toda a sua brutalidade.

Não! Não! Não! Era impossível! Caterham era um homem religioso, um homem civilizado. E além disso, após todos aqueles anos, após todas aquelas esperanças! Redwood levantou-se de um salto, andou pelo quarto. Falou consigo mesmo, berrou.

— Não!

A humanidade certamente n ão era tão louca assim — certamente que não! Era impossí vel, incrível, não podia ser. De que adiantaria matar os gigantes humanos quando o gigantismo em todas as cois as inferiores havia chegado inevitavelmente? Não podiam ser tão loucos assim. — Tenho de afastar tal idéia — disse em voz alta. — Afastar tal idéia! Absolutamente!

Parou de chofre. Que era aquilo?

Não havia dúvida de que as janelas tinham estremecido. Foi olhar a rua. Defronte, viu a in stantânea confirmação de seus ouvidos. Num quarto do número 35 estava uma mulher, de toalha na mão, e à mesa da sala de jantar do número 37 via- se um homem

atrás de um grande vaso de avencas hipertrofiadas, ambos olhando para fora e para cima, ambos inquietos e curiosos. Também, ele via agora bem claro que o policial da calçada ouvira igualmente. Não era sua imaginação. Voltou-se para o quarto, que escurecia.

— Canhões — disse. Pensou. — Canhões.

Trouxeram-lhe um chá forte, como estava acostumado a tomar. Era evidente que a governanta fo ra posta a par. Depois de bebê-lo, sentiu-se agitado demais para sentar-se por mais tempo, e ficou a passear pela sa la. A mente tornava-se mais capaz de pensar com sequência.

O quarto tinha sido seu gabinete por vinte e quatro anos. Fora mobiliado quando de seu casamento, e todo o equipamento essencial datava dessa época, a grande e complexa escrivaninha, a cadeira giratória, a poltrona junto à lareira, a estante giratória, o anexo de escaninhos indexados que

enchiam os recessos de trás. O ví vido tapete turco, os tapetes e cortinas de fins da época vitoriana haviam-se esmaecido e ganho um tom de magnífica dignidade, e o cobre e o latão reluziam cálidos ao fogo. Luzes elétricas haviam substituído o abajur de outros tempos; essa era a principal alteração no equipamento original. Mas entr e essas coisas sua ligação com o Alimento deixara traços abundantes. Numa parede, acima dos lambris, estendia-se uma fileira de fotos e fotogravuras emolduradas em neg ro, mostrando seu filho e os filhos de Cossar, e outras do s filhos do Alimento em várias idades e em meio a ambiente s variados. Até o rosto vago do jovem Caddles tinha seu lugar naquela coleção. Num canto, havia um feixe de pendões da gr ama do prado gigante, vinda de Cheasing Eyebright, e na escrivaninha viam-se três cabeças vazias de papoulas, do tamanho de chapéus, e as varas das cortinas eram talos de grama. E a tremenda caveira do grande porco de Oakham pendia, como um portentoso adorno do aparador de lareira, com uma jarra chinesa em cada cavidade ocular, o focinho baixado em direção ao fogo...

Foi às fotografias que ele se dirigiu, e em particular às de seu filho.

Elas traziam de volta incontáveis lembranças de coisas que haviam desaparecido de sua mente, dos primeiros dias do Alimento, da tímida presença de Bensington, da prima Jane dele, de Cossar e o trabalho noturno na Fazenda Experimental. Essas coisas voltavam-lhe agora bem pequenas, vívidas e distintas, como coisas vistas através de um telescópio num dia de sol. E depois havia a creche gigante, a infância gigante, as primeiras tentativas dos jovens gigantes para falar, seus primeiros sinais claros de afeição.

Canhões?

Invadiu-o irresistivelmente, arrasadoramente, o fato de que lá fora, naquele maldito silêncio e mistério, seu filho, os de Cossar e todos os gloriosos primeiros frutos de uma época mais grandiosa se achava m naquele momento mesmo — lutando. Lutando pela vi da! Naquele momento mesmo seu filho poderia estar num sombrio dilema, acuado, ferido, vencido... Voltou-se num movimento brusco das fotos e andou de um lado para outro da sala, gesticulando.

— Não pode ser! — gritava. — Não pode ser! Não pode terminar assim! Que foi isso?

Parou, atacado de rigidez.

O tremor nas janelas reco meçara, e então houve uma explosão — uma vasta concu ssão, que abalou a casa. A explosão pareceu demorar um sé culo. Devia ter sido muito perto. Por um momento, pareceu que algo atingira a casa acima dele — um enorme impacto, que provocou um tilintar de vidros caindo, e depois uma quietude que terminou afinal com um distante e nítido som de pés correndo na rua lá embaixo. Esses pés libertaram-no do rigor. Voltou-se para a janela e viu- a estrelada e quebrada.

O coração batia-lhe forte com a sensação de perigo, de ocorrência conclusiva, de alívio. E novamente a compreensão de impotente confinamento desceu à sua volta como uma cortina!

Nada via do lado de fora, a não ser que a pequena lâmpada elétrica defronte não estava acesa; nada ouvia, após o primeiro sinal de um amplo alarme. Nada podia somar para interpretar ou ampliar aquele mistério, a não ser uma flutuante claridade avermel hada que terminou surgindo no céu para os lados do sudeste.

Essa luz expandia-se e desaparecia. E depois ele duvidava que se houvesse expandido. Insinuara-se nele muito gradualmente com o escurecer. Tornou-se o fato predominante em sua longa noite de apr eensão. Às vezes, parecia-lhe que ela tinha o tremular que se associa a chamas dançantes; outras, imaginava que não era mais que o reflexo normal das luzes noturnas. Expandia-se e desaparecia por todas aquelas longas horas, e só desapareceu definitivamente quando foi de todo submersa pela maré cres cente da madrugada. Queria aquilo dizer...? Que quereria dizer? Quase certamente era alguma espécie de incêndio, próx imo ou distante, mas ele não podia sequer dizer se era fuma ça ou nuvem o que raiava o céu. Mas por volta de uma hora teve início um tremular de holofotes, que cruzavam aquele ró seo tumulto, um tremular que continuou pelo resto da noite. Que podia significar? Que significava? Ele via apenas aquel e céu manchado e agitado, e a sugestão de uma imensa explosão para ocupar a mente. Não houve outros sons, outras corridas,

nada, a não ser um grito que só poderia ter si do os esforços de bêbados distantes...

Não acendeu as luzes de seu quarto! Ficou de pé diante de sua janela quebrada, uma silhueta angustiada e ligeiramente escura para o policial que olhava repetidas vezes dentro do quarto e exortava-o a repousar.

Por toda a noite Redwood permaneceu na janela, olhando a ambígua variação do céu, e só com a vinda da alvorada ele obedeceu ao cansaço e deitou-se na pequena cama que lhe haviam prepar ado entre a escrivaninha e o fogo que morria na lareira, sob a caveira do grande porco.

Durante trinta e seis longas horas Redwood permaneceu prisioneiro, trancado e isol ado do grande drama dos Dois Dias, enquanto o povinho na aurora do grandismo combatia os Filhos do Alimento. E então, de repente, a cortina de ferro tornou a erguer-se e ele se viu ju nto do próprio centro da luta. - A cortina ergueu-se tão inesperadamente como descera. No fim da tarde, foi atraído à j anela pelo barulho de um coche, que parou na frente da casa. Um jovem apeou, e um minuto depois estava à sua frente, na sala — um jovem de compleição leve, de uns trinta anos talvez, bem barbeado, bem vestido, de boas maneiras.

— Sr. Redwood — começou —, estaria disposto a ir ver o Sr. Caterham? Ele necessita de sua presença com muita urgência.

— Necessita de minha presen ça?.... — Uma pergunta brotou na mente de Redwood, uma pergunta que, por um momento, ele não conseguiu fazer. Hesitava. Depois, numa voz falha, perguntou: — Que foi feito de meu filho? — E esperou, de respiração presa, a resposta.

— Seu filho, senhor? Seu filho está passando bem. Pelo menos é o que presumimos.

— Está passando bem?

— Foi ferido, senhor, ontem. O senhor não soube? Redwood deixou passar essa hipocrisia. Não tinha mais a voz tingida pelo medo, mas pela cólera.

— Você sabe que eu não soube. Sabe que eu não soube de nada.

— O Sr. Caterham receava, senhor... Era um momento de rebelião. Todos... tomados de surpresa. Ele o prendeu para salvá-lo, senhor, de qualquer desventura... - Ele me prendeu para impedir-me de dar qualquer aviso ou

conselho ao meu filho. Continue. Diga-me o que aconteceu. Tiveram êxito? Mataram todos?

O jovem deu um ou dois passos em direção à janela, e voltou-se. — Não, senhor — disse concisamente.

— Que tem a me dizer?

— Podemos provar, senhor, que esta luta não foi planejada por nós. Eles nos pegaram... totalmente despreparados. — Quer dizer?

— Quero dizer, senhor, que os gigantes... em certa medida... resistiram.

O mundo transformou-se para Redwood. Por um momento, algo parecido à histeria ap oderou-se dos músculos de seu rosto e de sua garganta.

— Ah! — O coração saltava para o júbilo. — Os gigantes resistiram!

— Houve terríveis combates... terrível destruição. Tudo não passa de um hediondo mal-entendid o... No norte e nas midlands morreram gigantes... Em toda parte.

— Estão, lutando agora?

— Não, senhor. Ergueu-se uma bandeira de trégua. — Deles?

— Não, senhor. O Sr. Caterham enviou a bandeira de trégua. A coisa toda não passa de um he diondo mal-entendido. É por isso que ele quer falar com o senhor, e apresentar-lhe sua posição. Eles insistem, senhor, em que o senhor intervenha... Rdwood interrompeu.

— Sabe o que aconteceu ao meu filho? — perguntou, — Ele foi ferido.

— Conte-me! Conte-me!

— Ele e a Princesa apareceram... antes que o... o movimento para cercar o campo de Cossar se completasse... o reduto de Cossar em Chislehurst. Eles apareceram de repente, senhor, varando um denso maciço de aveia gigante, perto de River, diante de uma coluna de infantaria... Os soldados haviam estado nervosos o dia todo, e isso provocou pânico.

— Atiraram nele?

— Não, senhor. Fugiram. Alguns atiraram nele... alucinadamente ... contra as ordens.

Redwood deu uma nota de negação.

— É verdade, senhor. Não pelo seu filho, não vou mentir, mas pela Princesa.

—Sim. Isso é verdade.

— Os dois gigantes correram gritando para o acampamento. Os soldados correram para todos os lados, e aí alguns começaram a atirar. Dizem que o viram cambalear... — Uhh!

— Sim, senhor. Mas sabemos que não está seriamente ferido. — Como?

— Ele mandou a mensagem, se nhor, dizendo que estava passando bem!

— Para mim?

— Para quem mais, senhor?

Redwood ficou por quase um minuto com os braços fortemente cruzados, absorvendo essa informação. Então, sua indignação encontrou uma saída.

— Como foram idiotas ao faze rem isso, como cometeram um erro de cálculo e meteram os pés pelas mãos, gostariam que eu pensasse que não são assassinos intencionais. E além disso... O resto?

O jovem assumiu um ar de interrogação.

— Os outros gigantes?

O jovem não mais fingiu n ão entender. Baixou o tom. — Treze, senhor, estão mortos.

— E outros feridos?

— Sim, senhor.

— E Caterham — arquejou — quer se encontrar comigo!... Onde estão os outros?

— Alguns chegaram ao reduto durante os combates, senhor... Parecem ter sabido...

— Bem, é claro que sabiam. Não fosse por Cossar... Cossar

está lá?

— Sim, senhor. E todos os gigantes sobreviventes também... os que não chegaram ao reduto dur ante os combates foram ou estão indo para lá sob a bandeira da trégua. — Isso quer dizer — disse Redwood — que vocês foram vencidos.

— Não estamos vencidos. Não, senhor. Não pode dizer que estamos vencidos. Mas seus filhos violaram as regras da guerra. Uma vez na noit e passada, e outra vez hoje. Depois que retiramos nosso ataque. Esta tarde eles começaram a bombardear Londres...

— Isso é legítimo!

— Têm disparado granadas cheias de veneno! — Veneno?

— Sim. Veneno. O Alimento...

— Herakleoforbia?

— Sim, senhor. O Sr . Caterham, senhor...

— Estão vencidos! É claro que isso os vence. É Cossar! Que podem esperar fazer agora? Que adianta fazer qualquer coisa agora? Vão respirá-lo na poeira de cada rua. Que mais há contra que lutar? Regras da gu erra, veja só! Céus, homem! Por que iria eu ao seu saco de vento explodido? Ele fez o seu jogo. . . assassinou e meteu os pés pelas mãos.

Por que iria eu?

O jovem ficou parado, com um ar de vigilante respeito. — E verdade, senhor — inte rrompeu — que os gigantes insistem em que verão o senhor. Não aceitam outro embaixador além do s enhor. A menos que vá até eles, receio, senhor, que haverá mais derramamento de sangue. — De seu lado, talvez.

— Não, senhor... de ambos os lados. O mundo decidiu que essa coisa deve ter fim.

Redwood olhou em volta o gabinet e. Pousou os olhos por um momento na fotografia do fil ho. Voltou-se e deparou-se com a expectativa do jovem.

— Sim — disse afinal —, eu irei.

Seu encontro com Caterham foi inteiramente diferente do que previra. Vira o homem apenas dua s vezes em sua vida, uma vez num jantar e outra no saguão da Câmara, e sua imaginação estivera ativa não com o homem, mas com a criação dos jornais e caricaturistas, o legendário Caterham, Jack Matador de Gigantes. Perseu e tudo o mais. O elemento de personalidade humana veio desarrumar tudo isso.

Ali estava não o rosto das caricaturas e retratos, mas de um homem desgastado e sem dormi r, enrugado e tenso, com as escleróticas amarelas, a boca um pouco enfraquecida. Ali, na verdade, estavam os olhos ca stanho-avermelhados, o cabelo negro, o perfil aquilino do grande demagogo, mas havia também outra coisa que suavizava todo des dém e retórica premeditados. Aquele homem estava sofrend o, sofrendo agudamente, sob enorme tensão. Desde o início, pareceu estar personificando a si mesmo. E acabou, com um simples gesto, o mais leve movimento, revelando a Redwoo d que se mantinha à custa de drogas. Levou o polegar ao bolso do colete, e, após mais algumas frases, pôs de lado a ocultação e levou o tabletezinho aos lábios.

Além disso, apesar das tensões sobre ele, apesar do fato de estar errado, e ser mais novo que Redwood uns doze anos, ainda tinha aquela estranha quali dade, aquela alguma coisa — chamam isso de magnetismo pessoal,

na falta de melhor termo — que lhe abrira caminho até aquela desastrosa eminência. Com isso Redwood não contara. Desde o início, no que se referia ao curso e condução da conversa, Caterham prevaleceu sobre Redwood. Toda a qualidade da primeira fase de seu encontro foi determinada por ele, todo o tom e os procedimentos também. Isso

se deu como se fosse algo indi scutível. Todas as esperanças de Redwood desvaneceram-se em presença dele. Apertou a mão do visitante antes que este se lemb rasse de que pretendia barrar essa familiaridade; deu o tom da conferência desde a partida, seguro e claro, como uma busca de expedientes sob uma catástrofe comum.

Se cometeu algum erro foi quando, repetidas vezes, o cansaço venceu sua atenção imediata, e o hábito dos comícios o arrebatou. Mas continha-se logo — durante toda a entrevista os dois ficaram de pé — e desviava o olhar de Redwood, começando a esgrimir e a justif icar. A certa altura chegou a dizer "Cavalheiros!"

Discretamente, expansivamen te, começou a falar... Houve momentos em que Redwood deixou mesmo de sentir-se como um interlocutor, em que se tornou o simples ouvinte de um monólogo. Tornou-se o espectador privilegiado de um fenômeno extraordinário. Perc ebia algo quase como uma diferença de espécies entre ele mesmo e aquele ser cuja bela voz o envolvia, que falava, falava. Aquela mente à sua frente era tão poderosa, e tão limitada. De sua impulsiva energia, de seu peso pessoal, de seu invencível esqu ecimento de certas coisas, brotava na mente de Redwood a mais grotesca e estranha das imagens. Em vez de um antagonist a que era uma criatura irmã, um homem a quem se pudesse responsabilizar moralmente, e ao qual se pudesse fazer apelos racionais, via Caterham como uma coisa, algo como um monstruoso rinoceronte, por assim dizer, um rinoceronte civilizado, ger ado da selva das questões democráticas, um monstro de irre sistíveí arremetida e invencível resistência. Em todos os ar rasadores conflitos daquele emaranhado, era supremo. E al ém? Aquele homem era um ser supremamente adaptado para ab rir caminho em meio às multidões humanas. Para ele não havia falha tão importante quanto a autocontradição, ciên cia tão significativa como a reconciliação dos "interesses". As realidades econômicas, as necessidades topográficas, as minas mal tocadas dos expedientes científicos não existiam mais para

ele que as

ferrovias ou fuzis ou literatura geológica para o seu protótipo animal. O que existia eram reuniõe s, núcleos dirigentes, e votos — acima de tudo votos. Era o voto encarnado — milhões de votos.

E agora, na grande crise, com os gigantes derrotados mas não vencidos, aquele voto-monstro falava.

Era tão evidente que mesmo agora ainda tinha de aprender tudo. Não sabia que existiam leis físicas e leis econômicas, quantidades e reações que t oda a humanidade que vota nemine contradicente não pode eliminar com o voto, e que só se desobedecem ao preço da destruição. Não sabia que existem leis morais que não podem ser dobradas por nenhuma força de encanto pessoal, ou que são dobradas apenas para voltar com vingativa violência. Diante das gr anadas do Dia do Julgamento, era evidente para Redwood que aquele homem, se teria protegido atrás de algum voto curiosamente evitado na Câmara dos Comuns.

O que mais preocupava a sua mente agora não eram os poderes que mantinham o reduto lá no sul, nem a derrota e a morte, mas o efeito dessas coisas sobr e a sua Maioria, a realidade fundamental de sua vida. Tinh a de derrotar os gigantes ou soçobrar. Não estava absolutamente desesperado. Naquele momento de seu fracasso máximo, com sangue e tragédia nas mãos, com os gigantescos destinos do mundo pairando e desmoronando sobre ele, era capaz de acreditar que, com a pura aplicação de sua voz, explicando, qualificando e reafirmando, poderia ainda reconstituir seu poder. Estava intrigado e perturbado, sem dúvida, cansado e sofrendo, mas se ao menos conseguisse manter-se de pé, se ao menos pudesse prosseguir falando...

Enquanto falava, parecia a Redwood avançar e recuar, dilatar-se e contrair-se. A parte de Redwood na conversa era do tipo mais subsidiário, cunhas, por assim dizer, enfiadas de repente. "Tudo isso é bobagem." "Não." "Não adianta sugerir isso." "Então por que começou?"

É duvidoso que Caterham o ten ha realmente ouvido, afinal. Contornando tais interpolações, seu discurso fluía na verdade como um rápido rio em torno de uma rocha. Ali estava aquele homem incrível, em seu tapete of

icial junto à lareira, falando, falando com enorme poder e hab ilidade, falando como se uma pausa em sua fala, sua explicação, sua apresentação de opiniões e luzes, considerações e ex pedientes, permitisse alguma influência antagónica saltar para a vida — para a vida vocal, único ser que podia compreender. Al i permanecia, em meio aos esplendores ligeiramente fanados da sala oficial em que um homem após outro haviam sucumb ido à crença de que um certo poder de intervenção era o controle criativo de um império ... Quanto mais falava, mais se confirmava a sensação de estupenda futilidade que Redwood sentia. Compreenderia aquele homem que, enquanto ficava ali falando, todo o grande mundo se movia, que a invencível maré do crescimento fluía e fluía, que não havia hor a alguma além das parlamentas, ou quaisquer armas nas mãos dos Vingadores do Sangue? Do lado de fora, escurecendo toda a sala, uma única folha de trepadeira da Virgínia gigante batia indiferente na vidraça. Redwood ansiava por encerrar aq uele espantoso monólogo, por escapar para a sanidade e a sensatez, para aquele acampamento sitiado, a fortaleza do futuro, onde, no núcleo mesmo do grandismo, os filhos se reuniam. Por isso suportava aquela conversa. Tinha a curiosa impressão de que, a menos que cessasse aquele monólogo, acabaria vendo-se transport ado por ele, de que tinha de lutar contra a voz de Caterham como se luta contra uma droga. Os fatos se haviam alterado e continuavam alterando-se sob aquele sortilégio. Que dizia o homem?

Como Redwood tinha de comunica r tudo aquilo aos Filhos do Alimento, percebia de certa form a que era importante. Teria de ouvir e guardar seu senso de realidade tão bem quanto pudesse. Muita coisa sobre culpa pelo sangue derramado. Aquilo era eloquência. Não importava. E depois?

O homem sugeria uma convenção!

Sugeria que os Filhos do Alimento sobreviventes capitulassem e se separassem, formando uma comunidade própria. Havia precedentes, disse, para aquilo.

— Nós lhes destinaremos um território...

— Onde? — interpôs Redwood, curvando-se para discutir. Caterham agarrou-se a essa concessão. Voltou o rosto para o de Redwood, e sua voz

baixou a uma persuasiva razoabilidade. Isso podia ser decidido. Segundo ele, tratava-se de uma questão inteiramente secundária. Depois foi em frente e estipulou: — E com exceção deles e do lugar onde estão, temos absoluto controle, o Alimento e os Frutos do Alimento devem ser sufocados...

Redwood descobriu-se barganhando: — A Princesa?

— Ela fica de fora.

— Não — disse Redwood, lutando para retornar ao antigo pé. — Isso é absurdo.

— Isso fica para depois. De qualquer modo, concordamos com que a produção do Alimento deve parar... — Eu não concordei com nada. Eu nada disse... — Mas num planeta, termos duas raças de homens, uma grande, uma pequena! Considere o que aconteceu! Considere que é apenas um antegosto do que pode terminar acontecendo se esse Alimento seguir seu curso. Considere tudo que o senhor já trouxe sobre este mundo. Se deve haver uma raça de gigantes, crescendo e multiplicando-se...

— Não me cabe discutir — disse Redwood. — Devo ir aos nossos filhos. Quero ir ver o meu filho. Foi por isso que vim aqui. Diga-me exatamente o que oferece.

Caterham fez um discurso sobre os seus termos. Os Filhos do Alimento rec ebiam uma grande reserva — na América do Norte, talvez, ou na África — onde poderiam viver suas vidas à sua maneira.

— Mas isso é insensatez — disse Redwood. — Existem hoje outros gigantes no exterior. Po r toda a Europa... aqui e ali. — Poderia haver uma convenção internacional. Não é impossível. Na verdade já se falou de algo assim... Mas nessa reserva eles podem viver suas vidas à sua maneira. Podem fazer o que quiserem, podem fabricar o que queiram. Ficaremos satisfeitos se fizerem coisas para nós. Podem ser felizes. Pense!

— Contanto que não haja mais filhos.

— Precisamente. Os filhos são para nós. E também, senhor, salvaremos o mundo, nós o salvaremos absolutamente dos frutos de sua terrível descoberta . Não é tarde demais para nós. Apenas, estamos empenhados em temperar as medidas com a piedade. Neste momento mesmo estamos incendiando os lugares que as granadas deles atingiram ontem. Podemos sufocá-lo. Acredite-me quando digo que podemos sufocá-lo. Mas dessa forma, sem cr ueldade, sem injustiça... — E se os Filhos não concordarem?

Caterham olhou diretamente o rosto de Redwood pela primeira vez.

— Têm de concordar!

— Não creio que o façam.

— Por que não concordariam? — ele perguntou, num espanto belamente entonado.

— Suponha que não concordem!

— Que pode haver então a não ser a guerra? Não podemos deixar que isso c ontinue. Não podemos, senhor. Os senhores, homens científicos, não têm imaginação? Não têm piedade? Não podem os deixar o nosso mundo ser espezinhado sob uma crescente manada de tais monstros e dos monstruosos crescimentos que seu Alimento provocou. Não podemos e não podemos! Pergunto-lhe, senhor, que pode haver além da guerra? E lembre-se... isso que aconteceu é só o começo! Isso foi uma escaramuça. Um simples caso de polícia. Não se engane com a perspectiva,

com a grandeza imediata dessas coisas mais novas. Temos a nação atrás de nós... a humanid ade. Atrás dos milhares que morreram há milhões. Não foss e pelo receio do banho de sangue, senhor, atrás de nos sos primeiros ataques se estariam formando outros ataques, mesmo agora. Quer possamos matar esse A limento ou não, não há dúvida de que podemos matar seus filhos! O senhor conta muito com as coisas de ontem, com os acontecimentos de uma simples dezena de anos, com uma batalha. Não tem senso do lento curso da história. Ofereço essa convenção para salvar vidas, não porque ela possa mudar o inevitável fim. Se o senhor pensa que suas pobres duas dúzias de gigantes podem

resistir a todas as forç as de nosso povo e de todos os povos estrangeiros que virã o em nossa ajuda, se pensa que pode transformar a humanida de de um golpe, numa única geração, e alterar a natureza e a estatura do homem... — Estendeu um braço. — Vá a eles agora, senhor. Veja-os, apesar de todo o mal que causaram, agachados entre seus feridos...

Parou, como se tivesse visto o filho de Redwood por acaso. Seguiu-se uma pausa.

— Vá até eles — disse.

— É o que eu quero fazer.

— Então vá agora...

Voltou-se e apertou o botão de uma campainha; de lá de fora, em imediata resposta, veio um som de portas abrindo-se e pés correndo.

A conversa encerrara-se. A ex posição acabara. Abruptamente, Caterham pareceu contrair-se, encolher-se num homem de cara amarela, esfalfado, de esta tura mediana e meia-idade. Adiantou-se, com se estivesse deixando um quadro, e com uma completa presunção daquela amis tosidade que jaz por trás de todos os conflitos públicos de nossa raça estendeu a mão a Redwood.

Como se fosse bastante natural, Redwood trocou um aperto de mão com ele pela segunda vez.

## O CERCO GIGANTE

Redwood acabou encontrando-se num trem que ia para o sul, atravessando o Tâmisa. Teve uma breve visão do rio reluzindo às luzes do comboio, e da fumaça que ainda subia do lugar onde caíra a granada na margem norte, e onde se organizara uma vasta multidão para queimar a Herakleoforbia no chão. A margem sul estava escura, por algum motivo não havia luzes nem nas ruas; só se viam claramente as silhuetas das altas torres de alarme e os negros vultos dos prédios de apartamentos e escolas. Após um minuto de penet rante escrutínio, ele deu as costas à janela e mergulhou em pensamentos. Nada mais havia para ver ou fazer até ver os

Filhos...

Estava cansado pelas tensões daqueles últimos dois dias; parecia- lhe que suas emoções deviam ter-se exaurido, mas fortalecera-se com café forte antes de partir, e seus pensamentos fluíam diáfanos e claros. Sua mente toca va muitas coisas. Tornava a examinar, mas agora à luz dos acontecimentos concretizados, a maneira pela qual o Alimento entrara e se desdobrara no mundo. "Bensington achava que poderia ser um alimento excelente para os bebês", murmurou consigo me smo, com um débil sorriso. Depois, veio-lhe à mente, tão vívidas como ainda perturbadoras, as suas próprias dúvidas, depoi s que se comprometera dando-o ao seu filho. Desde então, com uma constante e ininterrupta expansão, apesar de todos os esforços humanos, para ajudar e atrapalhar, o Alimento espalhara-se por todo o mundo humano. E agora?

— Mesmo que os matem a todos — sussurrou — a coisa está feita.

O segredo de sua fabricação er a largamente conhecido. Isso fora obra sua. Plantas, animais, uma multidão de angustiantes crianças em crescimento conspirariam irresistivelmente para

obrigar o mundo a tornar a voltar ao Alimento, acontecesse o que acontecesse na luta atual.

— A coisa está feita — disse, a mente oscilando além de todo o seu controle para ficar no destino atual dos Filhos e do seu filho. Iria encontrá-los exau ridos pelos esforços da batalha, feridos, famintos, à beira da derrota, ou ainda bravos e esperançosos, prontos para o co nflito ainda mais sombrio do amanhã?... Seu filho estava ferido! Mas enviara uma mensagem!

Sua mente voltou à entrevista com Caterham. Foi despertado dos pensamentos pela parada do trem na estação de Chislehurst. Reconheceu o lugar pela enorme torre de alarme contra ratos que dominava Camd em Hill, e a fileira de cicutas gigantes que perlongavam a estrada...

O secretário particular de Caterham veio vê-lo do outro vagão e disse-lhe que quase um quilômetro à frente a linha fora despedaçada, e o resto da viagem teria de ser feito num carro a motor. Redwood desceu numa

plataforma iluminada apenas por uma lanterna de mão e varrida pelo frio vento da noite. Os habitantes haviam-se refugiado em Londres no início do conflito do dia anterior — que se tornara no mesmo instante impressionante. O homem que o conduzia levou-o pelos degraus abaixo até onde um carro a motor aguardava, com os faróis acesos — as únicas luzes à vista — entregou-o aos cuidados do motorista e despediu-se.

— O senhor fará o melhor que puder por nós — disse, imitando os modos de seu patrão, ao segurar a mão de Redwood.

Assim que Redwood pôde ser envo lvido em mantas, partiram noite adentro. Num momento estavam parados, e no momento seguinte o carro descia silenciosa e rapidamente a encosta da estação. Dobraram numa esquina e noutra, seguiram as voltas de uma avenida de vilas, e então a estrada estendeu-se à frente. O motor roncava na velocidade máxima, e a negra noite passava correndo ao lado deles. Tudo era muito escuro à luz das estrelas,

e todo mundo agachava-se misteriosamente e sumia sem um som. Nenhuma aragem movia as coisas que passavam voando ao lado, na estrada; as desertas e pá lidas vilas de ambos os lados, com suas negras janelas não il uminadas, lembravam-lhe um desfile de caveiras. O motorista a seu lado era um homem calado, ou atacado de mudez pelas condições da viagem. Respondia às breves perguntas de Redwood em monossílabos, e arrufado. Cruzando os céus meridi onais, os raios dos holofotes faziam silenciosos passes; o único sinal de vida em todo aquele mundo despedaçado em torno da máquina em disparada. A estrada acabou sendo flanqueada de ambos os lados por gigantescos brotos de abrunheiros bravos, que a tornavam muito escura, e pela alta relva e as grande candelárias, as enormes urtigas mortas, gigantes, do ta manho de árvores, tremulando ao passarem, sombrias, e as silhuetas acima deles. Depois de Keston, chegaram a um morro, e o motorista diminuiu a marcha. No topo, parou. O motor latejou e parou.

— Ali — ele disse, e aponto u com o grande dedo enluvado uma coisa negra e deformada, diante dos olhos de Redwood. À distância, segundo parecia, o grande barranco, encimado pelo clarão do qual brotavam os holofotes, erguia-se contra o céu. Os raios iam e vinham entre as nuv ens

e a terra montanhosa em volta deles, como se seguissem misteriosas encantações. — Eu não sei, não — disse o motorista, afinal, e era claro que temia prosseguir.

Afinal, um holofote desceu do céu sobre eles, parou por assim dizer com um estremeção, escr utinou-os, um olhar cegante mais confundido que mitigado por um ou outro talo de mato no meio. Eles permaneceram sentados com as luvas acima dos olhos, tentando olhar por baixo delas e enfrentar a luz. — Vá em frente — disse Redwood após algum tempo. O motorista ainda tinha suas dúvi das, tentou manifestá-las, mas reduziu-as a um novo: — Eu não sei, não.

Afinal, aventurou-se a seguir.

— Lá vamos nós — disse, e ligo u de novo o motor, seguido atentamente pelo grande olho.

A Redwood pareceu por um longo tempo que não estavam mais na Terra, mas passando a um estado de palpitante pressa através de uma nuvem luminosa. Tof, tof, tof, seguia a máquina, e repetidamente — obedecendo a não sei que impulso nervoso — o motorista tocava sua buzina.

Entraram na bem-vinda escuri dão de uma avenida ladeada por cercas altas, desceram a um bu raco e passaram algumas casas até tornarem a entrar naquela luz cegante. Então, por algum tempo, a estrada corria livre por uma chapada, e eles pareceram pender, latejando, na imensidão. Mais uma vez o mato gigante ergueu-se à sua volta, passando rápido. E então, muito repentinamente, assomou junto a eles a figura de um gigante, brilhando luminosamente, onde o holofote o pegava por baixo, negro contra o céu.

— Ei, vocês! — ele gritou. E: — Parem! Não há mais estrada à frente... É o pai Redwood?

Redwood levantou-se e deu um vago grito à guisa de resposta, e então viu Cossar na estrada a seu lado, agarrando-lhe ambas as mãos com as suas e puxando-o para fora do carro. — Que é do meu filho? — perguntou Redwood. —- Ele está passando bem — disse Cossar. — Não atingiram nada sério nele.

— E seus rapazes?

— Bem. Todos eles, bem. Ma s tivemos de lutar para isso. O gigante dizia alguma coisa ao motorista. Redwood afastou-se, enquanto a máquina manobrava, e então, de repente, Cossar desapareceu, tudo desapareceu , e ele ficou em absoluta escuridão por algum tempo. O clarão seguia o carro de volta à crista do morro de Keston. Ele olhou o pequeno veículo afastar- se naquela auréola branca. Tinha um efeito curioso, como se o carro não se movesse e a auréol a, sim. Urn grupo de árvores gigantes destroçadas pela guerra surgiu em descarnadas e feridas gesticulações e foi nova mente tragado pela noite...

Redwood voltou-se para o vago vulto de Cossar e apertou-lhe a mão.

— Trancaram-me e mantiveram-me em total ignorância — disse — durante dois dias inteiros.

— Disparamos o Alimento contra eles — disse Cossar. —- Obviamente! Trinta tiros. Hem?

— Estou vindo a mando de Caterham.

— Eu sei disso. — Riu com uma nota de amargor. — Suponho que ele está limpando tudo.

— Onde está meu filho? — perguntou Redwood. — Está bem. Os gigantes estão esperando sua mensagem. — Sim, mas meu filho...

Passou com Cossar por um longo túnel inclinado, iluminado de vermelho a instantes e depois escu ro, e foi sair no grande fosso do abrigo que os gigantes haviam construído. A primeira impressão de Redw ood foi de uma enorme arena, cercada por rochedos muito altos e com o chão muito desarrumado. Estava escuro, a não ser pelos reflexos passantes dos holofotes do vigilante, que giravam perpetuamente acima, e por um fulgor vermelho que ia e vinha num canto distante, onde dois gigantes trabalhavam juntos em meio a um clangor metálico. Contra o céu, quando surgia o clarão, seu olhar captou os contornos familiares dos velhos telheiros de trabalho e de brinquedos feitos para os filhos de Cossar. Pendiam agora, por assim dizer, na beira de um rochedo, estranhamente destruídos e distorcidos pelos canhões do bombardeio de Caterham.

Havia sinais de imensas bases de canhões lá em cima, e perto viam- se montes de poderosos cilindros, que talvez fossem munição. Por todo o amplo espaço abaixo, vultos de gr andes engenhos e outros incompreensíveis espalhavam-se em vaga desordem. Os gigantes apareciam e desaparecia m entre aquelas massas e na luz incerta; eram grandes vultos , não desproporcionais às coisas

em meio às quais se moviam. Alguns empregavam-se ativamente, outros sentavam-se ou deitavam-se como para chamar o sono, e um bem perto, que tinha o corpo enfaixado, jazia numa rude padiola de galhos de pinheiro e estava sem dúvida dormindo. Redwood espiou aquelas vagas formas, seus olhos iam de um vulto a outro.

— Onde está meu filho, Cossar?

E então, viu-o.

Seu filho sentava-se à sombra de uma grande muralha de aço. Apresentava-se como um vulto negro, reconhecível apenas pela posição — não se viam as feições. Sentava-se apoiando o queixo na mão, como exausto e mergulhado em pensamentos. A seu lado, Redwood descobriu o vulto da Princesa, apenas uma vaga sugestão, e ao retornar o fulgor do ferro distante, viu por um momento, iluminada de vermelho e terna, a infinita meiguice do seu rosto sombreado. Estava de pé, olhando o namorado com a mão apoiada na parede de aço. Parecia que lhe sussurrava alguma coisa. Redwood quis ir juntar-se a eles. — Depois — disse Cossar. — Primeiro, a sua mensagem. — Sim — disse Redwood — mas...

Parou. Seu filho erguia a cabeça agora e falava com a Princesa, mas num tom demasiado baixo para que eles ouvissem. O jovem Redwood erguia o rosto e ela se curvava sobre ele, e olhava para o lado antes de falar.

— Mas se estamos vencidos — ouviram a voz murmurada do jovem Redwood.

Ela parou, e o fulgor vermelho mostrou seus olhos brilhantes de lágrimas não vertidas. Curvou-se mais sobre el e e falou ainda mais baixo. Havia algo de tão ín timo e privado na atitude deles, em suas vozes baixas, q ue

Redwood, Redwood que não pensara em nada durante dois dias senão no filho, sentiu-se um intruso ali. Conteve-se abruptam ente. Pela primeira vez em sua vida, talvez, compreendeu quanto um filho pode significar mais para um pai do que um pai jamais significará para um filho; compreendeu toda a predominância do futuro sobre o passado. Ali, entre aqueles dois, não havia lugar para ele. Seu papel já

fora desempenhado. Voltou-se para Cossar, naquela compreensão instantânea. Seus olhos encontraram-se. Sua voz mudara para o tom de uma cinzenta resolução. — Vou transmitir minha mensagem agora — disse. — Depois... haverá bastante tempo.

O fosso era tão enorme e tão atravancado que o caminho até o lugar onde Redwood poderia fala r a todos eles foi longo e tortuoso.

Ele e Cossar seguiram uma descida íngreme, que passava por baixo de um arco de maquinaria embricada, e assim chegaram a um enorme e profundo passadiço que cruzava o fundo do fosso. Essa passadiço, largo e vazio, e no entanto relativamente estreito, conspirava com tudo em volta para acentuar o senso de pequenez de Redw ood. Tornava-se, por assim dizer, uma garganta escavada. Bem acima, separados dele por penhascos de escuridão, os holofotes giravam e ardiam, e os vultos reluzentes iam e vinham. Vozes gigantes chamavam-se umas às outras lá em cima, reunindo os gigantes para o Conselho de Guerra, para ouvir os termos que Caterham enviara. O passadiço ainda se inclinava pa ra baixo, em direção à negra vastidão, às sombras, mistérios e coisas inconcebíveis, para as quais Redwood descia lentamente com passadas relutantes, e Cossar com um passo confiante...

Os pensamentos de Redwood estavam ocupados... Os dois homens entraram na to tal escuridão, e Cossar pegou o companheiro pelo pulso. Seguiam agora devagar, obrigatoriamente.

Redwood foi levado a falar.

— Tudo isso — disse — é estranho.

— Grande — disse Cossar.

— Estranho. E é estranho que seja estranho para mim... eu que sou, num certo sentido, o princípio disso tudo. É... — Parou, lutando com o fugidio significado, e lançou um gesto invisível em direção ao penhasco. — Não pe nsei nisso antes. Estive ocupado, e os anos passaram. Mas aqui eu vejo... é uma

nova geração, Cossar, e novas emoções e novas necessidades. Tudo isso, Cossar...

O outro via agora seu vago gesto para as coisas em volta deles. — Tudo isso é juventude.

Cossar não respondeu, e suas passadas irregulares continuaram. — Não é nossa juventude, Cossar. Eles estão assumindo as coisas. Estão iniciando com base em suas próprias emoções, sua próprias experiências, à sua própria maneira. Nós fizemos um novo mundo, mas não é nosso. Este grande lugar...

— Eu o planejei — disse Cossar, com o rosto próximo. — Mas e agora?

— Ah! Dei-o a meus filhos.

Redwood sentiu o frouxo aceno do braço que não podia ver. —É isso. Estamos aca bados... ou quase acabados. — A mensagem!

— Sim. E depois...

— Acabamos.

— Bem...?

— É claro que estamos fora di sso, nós, dois velhos — disse Cossar, com seu tom familiar de súbita cólera. — É claro que estamos. Obviamente. Cada um tem seu próprio tempo. E agora... é o tempo deles que começa. Está certo. A turma da escavação. Fazemos nosso trabalho e partimos. É para isso que serve a morte. Esgotam os todos os nossos cerebrozinhos, todas as nossas emoçõezinhas, e depois tudo recomeça de novo. Novo e novo. Perfeitamente simples. Qual é o problema? Deteve-se para orientar Redwood em alguns degraus — Sim — disse Redwood — , mas a gente se sente... Deixou a frase incompleta.

— É para isso que serve a morte. — Ouviu Cossar insistindo abaixo. — De que outro modo se poderia fazer a coisa? É para isso que serve a morte.

Após ínvias curvas e subida s, chegaram a uma saliência de onde se podia ter uma visão de maior extensão do fosso dos gigantes, e da qual Redwood poderia fazer-se ouvir por todos eles reunidos. Os gigantes já se haviam juntado embaixo e à sua volta, em diferentes níve is, para ouvir a mensagem que ele tinha a transmitir. O filho mais velho de Cossar estava de pé no barranco acima observando o que os holofotes revelavam, pois temiam uma violação da trégua. Os operadores do grandes aparelho do canto se destacavam nítidos contra a sua própria luz; estavam quase despidos; volviam os rostos para Redwood, mas com uma vigilante olhada de vez em quando às posições que não podiam abandonar. Ele via aquelas figuras mais próximas numa flutuante indistinção, às luzes que se acendiam e apagavam, e os mais dist antes ainda mais indistintamente. Eles surgiam e desapareciam nas profundezas de uma grande escuridão. Pois aqueles gigantes não tinham mais luz que a que não podiam deixar de ter no fosso, para que seus olhos pudessem ver efetivamente qualquer força atacante que saltasse sobre eles da escuridão em volta.

De vez em quando um fulgor casual selecionava e revelava esse ou aquele grupo de vultos altos e fortes, os gigantes de Sunderland, cobertos de placas de metal, e outros vestidos de couro, corda trançada ou malha metálica, segundo determinavam suas condições. Sentavam-se, ou apoiavam-se nas mãos ou permaneciam de pé entre máquinas e armas tão poderosas quanto eles mesmos, e todos os rostos, surgindo e desaparecendo do visíve l para o invisível, tinham olhos fixos. Ele fez um esforço para começa r e não começou. Então, por um momento, o rosto de seu filho fulgurou numa quente insurgência do fogo, o rosto do filho erguido para ele, tão terno quanto forte; e com isso ele encontrou uma voz que

chegasse a eles todos, fal ando por assim dizer por sobre um abismo ao seu filho.

— Venho a mando de Caterham — disse. — Ele me enviou a vocês para comunicar-lhes os seus termos. Fez uma pausa.

— São termos impossíveis, eu se i, agora que os vi aqui, todos juntos; são termos impossíveis, mas eu os trouxe, a vocês, porque queria vê-los todos... e a meu filho. Uma vez mais... queria ver o meu filho...

— Diga-lhes os termos — disse Cossar.

— Eis o que Catherham propõe. Quer que se separem e deixem este mundo!

- Para ir para onde?

— Ele não sabe. Uma grande re gião do mundo, muito vaga, deve ser destinada... E vocês não devem fazer mais o Alimento, nem ter filhos, viver à sua maneira o tempo que lhes restar de vida, e depois acabar para sempre. Parou.

— E é só isso?

— É só isso.

Seguiu-se um grande silêncio. A escuridão que ocultava os gigantes parecia olhá-lo pensativamente.

Sentiu tocarem-lhe o cotovelo , e Cossar adiantou-lhe uma cadeira — um estranho fragmento de móvel de boneca em meio àquelas empilhadas imensidades. Sentou-se e cruzou as pernas, depois pôs uma at ravessada sobre o joelho da outra e segurou nervosamente a bota, sentindo-se pequeno, constrangido e agudamente visível numa posição absurda. Então, ao som de uma voz, tornou a esquecer-se. — Vocês ouviram, Irmãos — disse a voz que vinha das trevas.

E outra respondeu: — Ouvimos.

— E a resposta, Irmãos?

— A Caterham?

— É não!

— E então?

Houve um silêncio de alguns segundos. Então uma voz disse: — Essa gente está certa. Quer dizer, do ponto de vista deles. Estavam certos ao matar tudo que crescesse mais que a espécie deles, animais, plantas e todo tipo de coisas grandes que surgiam. Estavam certos ao tentar nos massacrar. Estão certos agora ao dizerem que não devemos casar nossa espécie. Do ponto de vista deles, estão certos. Eles sabem... e é hora de também nó s sabermos ... que não se pode ter pigmeus e gigantes juntos num mesmo mundo. Caterham disse isso repetidas vezes... claramente... o mundo é deles ou nosso.

— Não somos nem meia centena agora — disse outro — e eles são incontáveis milhões.

— Que sejam. Mas é como eu disse.

Outro longo silêncio.

— Devemos morrer então?

— Deus me livre!

— Eles?

— Não.

— Mas isso é o que Caterham diz! Quer que vivamos nossas vidas, morramos um a um, até ficar um só, e esse último morrerá também, e eles abaterão todas as plantas e matos gigantes, matarão toda a subvida gigante, queimarão os vestígios do Alimento... darão um fim a nós e ao Alimento para sempre. Então o pequeno mundo dos pigmeus estará salvo, fazendo bondades e crueldades pigméias uns aos outros; talvez possam até ati ngir uma espécie de milênio pigmeu, pôr fim à guerra, supe rpovoação, sentar-se numa cidade mundial para praticar artes pigméias, adorando-se uns aos outros até o mundo começar a congelar... Num canto, uma folha de ferro caiu no chão com o som de um trovão.

— Irmãos, nós sabemos o que pretendemos fazer. Num estralejar de luz dos holofotes, Redwood viu sérios rostos juvenis voltarem-se para o seu filho.

— Hoje é fácil fazer o Alimento. Seria fácil fazermos o Alimento para todo o mundo.

— Você quer dizer, Irmão Redwood — disse uma voz vinda das trevas — que o povinho deve comer o Alimento. — Que mais se pode fazer?

— Nós não somos nem meia centena, e eles são milhões. — Mas nós resistimos.

— Até agora.

—- Se Deus quiser, podemos resistir mais.

— Sim. Mas pense nos mortos.

Outra voz tomou a palavra.

— Os mortos — disse. — Pensem nos que não nasceram... — Irmão — veio a voz do jovem Redwood —, que podemos fazer, a não ser lutar contra eles e, se os vencermos, obrigarmos a que tomem o Alimento? Não poderão deixar de tomá-lo então. E se renunciarmos à nossa herança e fizermos essa loucura que Caterham sugere! Suponham que pudéssemos. Suponham que desistamos dessa grande coisa que se agita dentro de nós, repudiemos essa coisa que nossos pais fizeram por nós, que o senhor, pai, fez por nós, e passemos, quando chegar a nossa hora, à decomposi ção e ao nada! Que haverá então? Esse mundinho deles va i ser o que era antes? Eles podem combater o grandismo em nós, que somos filhos de homens, mas poderão vencer? Mesmo que destruam até o último de nós, que haverá então? Isso os salvará? Não! Pois o grandismo está lá fora, não apenas em nós, não apenas no Alimento, mas no propósito de todas as coisas! É da natureza de todas as coisas, é parte do espaço e do tempo. Crescer e continuar crescendo, do primeiro ao último que existe, eis a lei da vida. Que outra lei pode haver agora? — Ajudar aos outros?

— Crescer. Ainda é crescer. A menos que os ajudemos a

fracassar...

— Eles lutarão duro para vencer-nos — disse uma voz. E outra: — E daí?

— Eles lutarão — disse o jovem Redwood. — Se recusarmos esses termos, não duvido de que lu tarão. Na verdade espero que se abram e lutem. Se afinal oferecem paz, é apenas para melhor nos pegar desprevenidos. Não se enganem, Irmãos; de um modo ou de outro eles lutarão. A guerra começou, e devemos combater até o fim. A menos que sejamos sábios, podemos acabar descobrindo que vivemos apenas para fazer- lhes armas melhores contra nossos filhos e nossa espécie. Isso, até agora, foi apenas o alvorecer da batalha. Todas as nossas vidas serão uma batalha. Alguns de nós morrerão na batalha, alguns de nós serão emboscados. Não existe vitória fácil, nenhuma vitória que não seja mais que meia derrota para nós. Fiquem certos disso. E daí? Se mantivermos nosso reduto, se ao menos deixarmos atrás de nós uma hoste combatente para lutar quando nos formos!

— E amanhã?

— Espalharemos o Alimento, saturaremos o mundo com o Alimento.

— E se eles chegarem a termos?

— Nossos termos são o Alimento. Não é como se grandes e pequenos pudessem viver juntos num acordo perfeito. É uma coisa ou outra. Que direito têm os pais de dizer: meu filho não terá outra luz além daquela que eu tive, não crescerá mais do que o que eu cresci? Falo por vocês, Irmãos? Responderam-lhe murmúrios de assentimento. — E aos filhos que serão mu lheres, assim como aos que serão homens — disse uma voz das trevas.

— Mais ainda... serão mães de uma nova raça... — Mas na próxima geração deverá haver grandes 6 pequenos -— disse Redwood, com os olhos no rosto do filho. — Por muitas gerações. E os pequenos atrapalharão os

grandes, e os grandes pressionarão os pequenos. Assim tem de ser, pai.

— Haverá conflito.

— Conflito interminável. Mal-entendido interminável. Toda a vida é isso. Grandes e pequenos não se entendem um ao outro. Mas em todo filho nascido de ho mem, pai Redwood, oculta-se uma semente de grandismo...

à espera do Alimento. — Então vou voltar a Caterham e dizer a ele... — O senhor vai ficar conosco, pai Redwood. Nossa resposta seguirá para Caterham ao amanhecer.

— Ele diz que lutará....

— Que seja — disse o jovem Redwood, e os irmãos murmuraram seu assentimento.

— O ferro espera — gritou uma voz, e os dois gigantes que trabalhavam no canto começaram um rítmico martelar que criava uma poderosa música para a cena. O metal fulgurava muito mais luminoso que antes, e dava a Redwood uma visão mais clara do acampamento que a que já tivera. Viu o espaço oblongo em toda a sua extensão, com as grandes máquinas de guerra prontas e à disposição. Adiante, num nível mais alto, ficava a casa de Cossar. À sua volta mexiam-se os jovens gigantes, imensos e belos, reluzindo em suas malhas, em meio aos preparativos para o amanhã. A visão deles exaltou-lhe o coração. Eram tão fortes, e tão à vontade! Tão altos e graciosos! Tão firmes em seus movimentos! Lá estava seu filho entre eles, e a primeira das gigantes, a Princesa...

Brotou-lhe dentro da mente o mais curioso contraste, uma lembrança de Bensington, mu ito brilhante e pequeno — Bensington com a mão no meio da macia plumagem do peito do primeiro pinto grande, de pé naquele seu quarto comodamente mobili ado, ol hando dubiamente por cima dos óculos enquanto a prima Jane batia na porta... Tudo isso ocorrera num on tem de vinte e um anos. E então, de repente, uma estranha dúvida assaltou-o, a de

que aquele lugar ali e o grandismo eram apenas o material de um sonho; que sonhava e acordaria num instante, descobrindo-se de novo em seu gabinete, os gigantes massacrados, o Alimento suprimido, e ele próprio um prisioneiro trancafiado. Na verdade, que mais era a vida além daquilo — ser sempre um prisioneiro trancafiado! Aquilo era a culminação e o fim de um sonho. Acordaria em meio à sangueira e à batalha, para de scobrir que seu Alimento era a mais tola das fantasias, e suas esperanças e fé num mundo melhor não passavam de uma película colorida sobre um fosso de insondável decomposição. A pequenez invencível!... Tão forte e profunda foi essa onda de desalento, essa sugestão de desilusão iminente,

que ele se levantou. Ficou de pé e comprimiu os punhos fechados contra os olhos, e assim quedou- se por um momento, temendo tornar a abri-los e ver, para que o sonho já não tivesse passado...

As vezes dos filhos gigantes fa lavam-se umas às outras, um subtom à clangorosa melodia de ferreiros. Sua maré de dúvida refletiu. Ouvia as vozes dos gigantes; ainda ouvia seus movimentos em volta. Era real, sem dúvida era real — tão real quanto atos de despeito. Mais real, pois essas coisas grandes, pode ser, são coisas que vêm, e a pequenez, a bestialidade e a enfermidade dos homens são coisas que vão. Abriu os olhos. — Pronto! — gritou um dos dois ferreiros, e ambos soltaram seus martelos.

Uma voz soou acima. O filho de Cossar, de pé no grande barranco, voltara-se e falava agora a todos eles. — Não é que queiramos expulsar o povinho do mundo —- disse — a fim de que nós, que não estamos mais que um passo além da pequenez deles, possamos ter o mundo deles para sempre. É pelo passo que lutamos, e não por nós mesmos... Para que fim, Irmãos, estamos aqui? Para servir ao espírito e ao propósito que foi instilado em nossas vidas. Lutamos não por nós mesmos... pois somos apenas as mãos e olhos momentâneos da vida do mundo. Assim nos ensinou o

senhor, pai Redwood. Através de nós e do povinho o espírito vê e aprende. De nós, pela palavra, nascimento e atos, ele deve passar... para vidas ainda maiores. Esta terra não é local de repouso; esta terra não é lugar de diversão, senão deveríamos na verdade entregar nossas gargantas à faca do povinho, pois não teríamos mais direito a viver que eles. E eles, por sua vez, deviam ceder às formigas e aos répteis. Lutamos não por nós mesmos, mas pelo crescimento, crescimento que prossegue para sempre. Amanhã, quer vivamos ou morramos, o crescimento vencerá através de nós. Esta é a lei do espírito para todo o sempre. Crescer segundo a vontade de Deus! Crescer para fora dessas fendas e gretas , para sair dessas sombras e trevas, para a grandeza e a luz! Maiores! — disse, falando com lenta deliberação. — Maiores, meus irmãos! E depois... ainda maiores. Crescer e tornar a crescer. Crescer finalmente até a companhia e compreensão de Deus. Crescer... até que a terra não passe de um escabelo... Até que o espírito tenha expulsado o temor para o nada, e se espalhado ... — Girou o braço para o céu — até lá!

Sua voz calou-se. O branco clarão de um dos holofotes girou e por um momento caiu sobre ele, de pé e gigantesco, com a mão erguida contra o céu.

Por um instante brilhou, olhando lá em cima, destemidamente, as profundezas estreladas, vestido de malha, jovem e forte, decidido e imóvel. Depois a luz passou e ele não era mais que uma grande silhueta negra contra o céu estrelado, uma grande sil hueta negra que ameaçava com um gesto poderoso o firmamento do céu e toda sua multidão de estrelas.

# LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

**www.literamundo.com.br**